

Sidney Sheldon

Autor de O OUTRO LADO DA MEIA-NOITE e ESCRITO NAS ESTRELAS

Nada dura para sempre

EDIÇÃO

*Para
Médicos*

ESPECIAL





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Nada Dura Para Sempre

Sidney Sheldon

Titulo original: NOTHING LASTS FOREVER

Para Anastasia e Roderick Nlann,
com amor

O que não se pode curar com medicamentos, cura-se com a faca; o que a faca não consegue curar, cura-se com o ferro cauterizador; e tudo o que isto não consegue curar deve ser considerado incurável.

HIPÓCRATES, SÉCULO V A.C.

Existem três classes de seres humanos: homens, mulheres e médicas.

SIR WILLIAM OSLER

O autor deseja expressar os seus mais sinceros agradecimentos a todos os médicos, enfermeiras e pessoal que com ele partilharam os seus conhecimentos.

O promotor público Carl Andrews estava furioso:

— Que raio se passa aqui? — perguntou. — Temos três médicas vivendo juntas e trabalhando no mesmo hospital. Uma delas quase consegue fechar um hospital inteiro, a segunda mata um doente por um milhão de dólares e a terceira é assassinada! — Interrompeu-se para tomar fôlego: — E todas são mulheres! Três malditas médicas! A comunicação social trata-as como celebridades. São vistas em todos os canais. O Sessenta Minutos mostrou um programa sobre elas. Barbara Walters fez um especial sobre elas. Não consigo pegar em um jornal ou revista sem ver a fotografia ou ler artigos sobre elas. O Two to one, de Hollywood, vai fazer um filme sobre elas e transformar as putas em espécie de heroínas! Não me espantava nada que o Governo pusesse a cara delas em selos de correio, tal como Presley. Ora, valha-me Deus, eu não suporto isso! — Deu um murro na fotografia da mulher da capa de uma revista Time. A legenda dizia: “Dra. Paige Taylor: Anjo da Misericórdia ou Discípula do Diabo?”

— Doutora Paige Taylor — disse o promotor público cheio de asco. — Voltou-se para Gus Venable, o seu melhor advogado de acusação: — Vou entregar-te este caso, Gus. Quero uma condenação. Assassinato de primeiro grau! Câmara de gás!

— Não se preocupe — disse Gus Venable, baixinho — Eu tratarei disso.

Sentado na sala do tribunal olhando para a Dra. Paige Taylor, Gus Venable pensou: “Ela é à prova de júri.” Depois, sorriu-se: “Ninguém é à prova de júri.” Era alta e esbelta, com penetrantes olhos castanhos num rosto pálido. Um observador desinteressado tê-la-ia considerado uma mulher atraente. Outro mais atento teria notado algo mais — que todas as diferentes fases da sua vida coexistiam nela. Notava-se a alegria da infância, sobreposta pela incerteza tímida da adolescência e a sabedoria e dor da mulher adulta. Exibia um aspecto inocente. “É o tipo de garota”, pensou cinicamente Gus Venable, “que um homem apresentaria com orgulho à mãe. Se a mãe apreciasse assassinas a sangue-frio.”

Notava-se um ar longínquo, quase misterioso, nos seus olhos, um olhar que dizia que a Dra. Paige Taylor, bem lá no íntimo, tinha se retirado para um lugar diferente, numa época diferente, longe da fria e asséptica sala de tribunal onde estava encurralada.

O julgamento tinha lugar no velho Palácio da Justiça de São Francisco, na Bryant Street. O edifício, que albergava o Tribunal Superior e a Cadeia Municipal, era uma construção de mau aspecto, com sete andares e feito de blocos quadrados de pedra cinzenta. Os visitantes do tribunal tinham de passar por postos de segurança eletrônicos. Em cima, no terceiro andar, encontrava-se o Tribunal

Superior. Na Sala 121, onde se julgavam os assassinos, a cadeira do juiz estava encostada à parede traseira, com uma bandeira americana como pano de fundo. À esquerda da cadeira encontrava-se a bancada do júri e ao centro estavam duas mesas separadas por uma passagem: uma para o advogado de acusação e a outra para o advogado de defesa.

A sala do tribunal estava repleta de jornalistas e do tipo de espectadores amantes de acidentes de aviação fatais e de julgamentos por assassinato. Relativamente aos julgamentos por assassinato, este era espetacular. Gus Venable, o advogado de acusação, era por si só um espetáculo. Era um homem gordo, muito gordo, de cabelo grisalho comprido e com os modos característicos de um fazendeiro do Sul. Nunca esteve no Sul. Exibia um ar desganhado, mas o cérebro de um computador. A sua marca registrada, quer no Verão quer no Inverno, era um terno branco com uma camisa antiquada de colarinho engomado.

O advogado de Paige Taylor, Alan Penn, era o oposto de Venable, um tubarão compacto e enérgico, que criou a fama de conseguir a absolvição para os seus clientes.

Os dois homens já tinham se enfrentado antes e o relacionamento entre eles era de respeito relutante e desconfiança total. Para surpresa de Venable, Alan Penn tinha ido visita-lo uma semana antes de o julgamento ter início.

— Vim aqui para te fazer um favor, Gus.

“Cuidado com os advogados de defesa que levam presentes.”

— O que é que tem em mente, Alan?

— Ouve com atenção... Ainda não discuti isto com a minha cliente, mas supõe, supõe apenas... que consigo persuadi-la a confessar-se culpada para reduzir a pena e poupar ao Estado o custo de um julgamento...

— Está pedindo-me para negociar?

— Sim.

Gus Venable dirigiu-se à secretária para procurar algo.

— Não encontro o raio do meu calendário. Sabe que dia é hoje?

— Um de junho. Porquê?

— Por um minuto, pensei que já estávamos no Natal, ou não me pediria tal presente.

— Gus... — Venable inclinou-se na cadeira

— Sabe, Alan, normalmente sentir-me-ia inclinado a concordar com você. Para dizer a verdade, neste preciso momento gostaria de estar no Alasca pescando. Mas a resposta é não. Você está defendendo uma assassina a sangue-frio que, por dinheiro, matou um doente indefeso. Vou exigir a pena de morte.

— Penso que ela é inocente, e eu...

Venable soltou uma enorme gargalhada:

— Não, não pensa nada. E ninguém mais pensa assim. Este é um caso de abrir e fechar. A sua cliente é tão culpada quanto Caim.

— Só será quando o júri o decidir, Gus.

— Decidi-lo-á. — Fez uma pausa. — Decidi-lo-á.

Depois de Alan Penn ter saído, Gus Venable sentou-se pensando na conversa. A visita de Penn era sinal de fraqueza.

Penn sabia que não tinha chance de ganhar o julgamento. Gus Venable pensou nas provas irrefutáveis que possuía e nas testemunhas que iria chamar, e sentiu-se satisfeito.

Não havia qualquer dúvida. A Dra. Paige Taylor iria para a câmara de gás. Não foi fácil escolher o júri. O caso tinha ocupado as primeiras páginas durante meses. O sangue-frio da assassina havia desencadeado uma onda de fúria.

A juíza era Vanessa Young, uma inflexível e brilhante jurista negra que, segundo constava, era a próxima indicada para o Tribunal Supremo dos Estados Unidos. Sabia-se que era pouco tolerante com os advogados e temperamental. Havia um adágio entre os advogados de São Francisco: “Se o seu cliente é culpado e pretende pedir clemência, fique afastado da sala de tribunal da juíza Young.”

No dia anterior ao início do julgamento, a juíza Young chamou os dois advogados ao seu gabinete.

— Senhores, vamos estabelecer algumas regras básicas. Devido à grave natureza deste caso, estou disposta a fazer determinadas concessões para que a ré obtenha um julgamento justo. Mas aviso-vos de que não podem aproveitar-se disso. Entenderam bem?

— Sim, meritíssima.

— Sim, meritíssima.

Gus Venable estava terminando o discurso de abertura:

— E assim, senhores jurados, o Estado irá provar, sim, provar sem a mínima dúvida — que a doutora Paige Taylor matou o seu doente, John Cronin. E não só cometeu assassinato, mas fê-lo por dinheiro... muito dinheiro. Matou John Cronin por um milhão de dólares. Acredito que depois de considerarem todas as provas, não vos será difícil declarar a doutora Paige Taylor culpada de assassinato em primeiro grau. Obrigado.

O júri ficou silencioso, imóvel, mas na expectativa.

Gus Venable voltou-se para a juíza:

— Meritíssima, se me permitir, gostaria de chamar Gary Williams como primeira testemunha de acusação.

Após o juramento da testemunha, o advogado perguntou:

— Você é funcionário do Embarcadero County Hospital?

— Sim, sou.

— Estava trabalhando na ala três quando John Cronin deu entrada, no ano passado?

— Sim.

— Pode dizer-nos quem era o médico encarregado deste caso?

— A doutora Taylor.

— Como descreveria o relacionamento entre a doutora Taylor e John Cronin?

— Protesto! — Alan Penn levantou-se. — Ele está obrigando a testemunha a tirar conclusões.

— Concedido.

— Permita-me que pergunte de outra maneira. Alguma vez ouviu qualquer conversa entre a doutora Taylor e John Cronin?

— Certamente. Não pude evitar. Trabalhei sempre nessa ala.

— Pode descrever essas conversas como amigáveis?

— Não, senhor.

— Verdade? Porque diz isso?

— Bem, lembro-me que no primeiro dia em que o senhor Cronin deu entrada e a doutora Taylor começou a examiná-lo, ele disse-lhe... — hesitou. — Não sei se posso repetir a linguagem.

— Continue, senhor Williams. Penso que não há crianças nesta sala de tribunal.

— Bem, ele disse-lhe que tirasse a merda das mãos dela de cima dele.

— Ele disse isso à doutora Taylor?

— Sim, senhor.

— Por favor diga ao tribunal tudo o que viu ou ouviu.

— Bem, ele tratava-a sempre por “aquela puta”. Não queria que ela se aproximasse dele. Sempre que entrava no quarto, dizia-lhe coisas como “Aqui vem de novo aquela puta!” e “Digam àquela puta para me deixar em paz” e “Porque é que não me mandam um verdadeiro médico?”.

Gus Venable fez uma pausa, a fim de olhar para onde a Dra. Taylor estava sentada. Os olhos dos jurados seguiram-no.

Venable abanou a cabeça como se tivesse ficado triste e, em seguida, voltou-se novamente para a testemunha:

— Parecia-lhe que o senhor Cronin era uma pessoa que queria dar um milhão de dólares à doutora Taylor?

Alan Penn levantou-se de novo:

— Protesto! Mais uma vez, ele está pedindo uma opinião.

Ajuíza Young respondeu:

— Rejeitado. A testemunha pode responder à pergunta.

Alan Penn olhou para Paige Taylor e voltou a sentar-se:

— Diabo, não. Ele odiava-a.

O Dr. Arthur Kane estava no banco das testemunhas.

Gus Venable disse:

— Doutor Kane, o senhor era o médico de plantão quando se descobriu que John

Cronin tinha sido assass... — olhou para a juíza Young. —... morto com insulina por via intravenosa. Está correto?

— Sim.

— E, subsequentemente, o senhor descobriu que a médica era a responsável.

— Correto.

— Doutor Kane, vou mostrar-lhe a certidão de óbito do hospital, assinada pela doutora Taylor. — Pegou numa folha de papel e entregou-a a Kane. — Por favor, leia-a em voz alta.

Kane começou a ler:

— “John Cronin. Causa da morte: A parada respiratória ocorreu como resultado de um infarto do miocárdio originado por uma embolia pulmonar.”

— E em linguagem corrente?

— O relatório diz que o doente morreu de ataque cardíaco.

— E o papel está assinado pela doutora Taylor?

— Sim.

— Doutor Kane, foi essa a verdadeira causa de morte de John Cronin?

— Não. A injeção de insulina foi a causa da morte.

— Então a doutora Taylor administrou uma dose fatal de insulina e depois falsificou o relatório.

— Sim.

— E o senhor comunicou-o ao doutor Wallace, administrador do hospital, que por sua vez alertou as autoridades.

— Sim. Julguei ser o meu dever. — A voz soou indignada. — Sou médico. Não acredito ser possível tirar a vida de outro ser humano, qualquer que seja a circunstância.

A testemunha seguinte foi a viúva de John Cronin.

Hazel Cronin era quase quarentona, de cabelos cor de fogo e um corpo voluptuoso que o vestido preto não conseguia dissimular.

Gus Venable disse:

— Sei o quão doloroso isto deve ser para você, senhora Cronin, mas tenho de lhe pedir que descreva ao júri o seu relacionamento com o seu falecido marido.

A viúva Cronin limpou os olhos com um enorme lenço rendado:

— Era um homem maravilhoso. Dizia muitas vezes que eu lhe tinha dado a única e verdadeira alegria que ele jamais sentira.

— Quantos anos esteve casada com John Cronin?

— Dois anos, mas John dizia sempre que eram como dois anos no paraíso.

— Senhora Cronin, o seu marido alguma vez lhe falou da doutora Taylor? Que grande médica ele pensava que ela era? Ou como ela lhe tinha sido prestável? Ou o quanto gostava dela?

— Ele nunca falou dela.

— Nunca?

— Nunca.

— Alguma vez John disse que iria retirar você e aos seus irmãos do testamento?

— Absolutamente, não. Ele era o homem mais generoso do mundo. Dizia-me sempre que não havia nada que eu não pudesse ter e que, quando morresse... — soluçou, — que quando morresse, eu seria uma mulher rica e... — não conseguiu continuar.

Ajuíza Young interveio:

— Faremos um intervalo de quinze minutos.

Sentado no fundo da sala de tribunal encontrava-se Jason Curtis, cheio de fúria. Não acreditava no que as testemunhas estavam dizendo sobre Paige. “Trata-se da mulher que eu amo”, pensou. “A mulher com quem vou casar.”

Logo após a prisão de Paige, Jason Curtis foi visitá-la à cadeia.

— Vamos lutar — garantiu-lhe. — Vou arranjar-te o melhor advogado criminal do país.

Veio-lhe imediatamente um nome à memória. Alan Penn. Jason foi visitá-lo.

— Tenho seguido o caso através dos jornais — disse Penn. — A imprensa já a julgou e condenou pelo assassinato de John Cronin a troco de um punhado de notas. E mais, ela admite que o matou.

— Eu conheço-a — disse-lhe Jason Curtis. — Acredite-me, em hipótese alguma Paige faria o que fez por dinheiro.

— Uma vez que ela admite que o matou — disse Penn — então estamos lidando com um caso de eutanásia. As mortes misericordiosas são contra a lei na Califórnia, como na maioria dos estados, mas há muitos sentimentos confusos sobre isso. Posso arranjar um caso muito bom sobre Florence Nightingale que ouvia uma voz superior e todas essas merdas, mas a questão é que a sua querida senhora matou um doente que lhe deixou um milhão de dólares em testamento. O que é que surgiu primeiro, a galinha ou o ovo? Ela soube do milhão antes de o matar, ou depois?

— Paige nada sabia acerca do dinheiro — disse Jason com firmeza.

A voz de Penn não era condenadora:

— Certo. Foi apenas uma coincidência feliz. O promotor público apela por assassinato em primeiro grau e quer a sentença de morte.

— Aceita este caso?

Penn hesitou. Era óbvio que Jason Curtis acreditava na Dra. Paige. “Tal como Sansão acreditou em Dalila.” Olhou para Jason e pensou: “Será que o desgraçado do filho da puta cortou o cabelo sem saber?” Jason esperava uma resposta.

— Aceito, desde que saiba que é um caso complicado. Vai ser difícil ganhar.

A afirmação de Alan Penn acabou por ser demasiado otimista. Quando o julgamento recomeçou na manhã seguinte, Gus Venable chamou uma série de

novas testemunhas.

Uma enfermeira depunha:

“Ouvi John Cronin dizer “Sei que vou morrer na mesa de operações. Você vai matar-me. Espero que a condenem por assassinato.” Chegou a vez de um advogado, Roderick Pelham, testemunhar. Gus Venable interrogou-o.

— Quando informou a doutora Taylor sobre o milhão de dólares de John Cronin, o que é que ela respondeu?

— Ela disse algo como “Parece contrário à ética. Ele era meu paciente.”,

— Ela admitiu ser contrário à ética?

— Sim.

— Mas concordou em ficar com o dinheiro?

— Oh, sim. Absolutamente.

Alan Penn estava contra-interrogando.

— Senhor Pelham, a doutora Taylor esperava a sua visita?

— Porquê, não, eu...

— O senhor não lhe telefonou e disse “John Cronin deixou-lhe um milhão de dólares”?

— Não, eu...

— Então, quando lhe disse, o senhor estava na verdade cara a cara com ela?

— Sim.

— Em posição de ver a reação dela perante as notícias.

— Sim.

— E quando a informou do dinheiro, como é que ela reagiu?

— Bem... ela... parecia surpreendida, mas...

— Obrigado, senhor Pelham. É tudo.

O julgamento estava agora na quarta semana. Tanto os assistentes como a imprensa achavam o advogado de acusação e o advogado de defesa fascinantes de se ver. Gus Venable trajava-se de branco e Alan Penn de preto, e ambos movimentavam-se pela sala do tribunal como jogadores de uma partida de xadrez mortal e coreografada, sendo Paige Taylor o peão a sacrificar.

Gus Venable estava unindo as pontas soltas.

— Se me permitirem, gostaria de chamar Alma Rogers ao banco das testemunhas.

Depois do juramento da testemunha, Venable perguntou:

— Senhora Rogers, qual é a sua profissão?

— Miss Rogers.

— Peço-lhe perdão.

— Trabalho na Corniche Travel Agency.

— A sua agência reserva viagens para vários países, reserva hotéis e presta outros serviços aos vossos clientes?

— Sim, senhor.

— Quero que olhe para a ré. Já a tinha visto antes?

— Oh, sim. Ela veio à nossa agência de viagens há dois ou três anos.

— E o que queria?

— Disse estar interessada numa viagem a Londres e Paris e, julgo eu, a Veneza.

— Pediu informações sobre pacotes de viagens?

— Oh, não. Ela disse que queria tudo em primeira classe: avião, hotel. Julgo que estava interessada em alugar um iate.

A sala de tribunal ficou silenciosa. Gus Venable dirigiu-se à mesa da acusação e ergueu alguns desdobráveis.

— A polícia encontrou estas brochuras no apartamento da doutora Taylor. Isto são itinerários de viagem a Paris, Londres e Veneza, brochuras de hotéis e linhas aéreas dispendiosos e uma delas contém uma lista de preços de aluguel de iates privados.

Levantou-se um murmúrio na sala.

O advogado de acusação abriu uma das brochuras.

— Aqui estão alguns dos iates listados para aluguel. — Leu em voz alta. — O Christina O... vinte e seis mil dólares por semana, mais despesas de navegação... o Resolute Time, vinte e quatro mil e quinhentos dólares por semana... o Lucky Dream, vinte e sete mil e trezentos dólares por semana. — Olhou para cima. — Há uma marca de verificação à frente do Lucky Dream. Paige Taylor já tinha selecionado o iate de vinte e sete mil e trezentos dólares por semana. Mas ainda não tinha selecionado a vítima. — Olhou para o júri e terminou: — Gostaríamos que marcassem isto como prova A. — Virou-se para Alan Penn e sorriu.

Alan Penn olhou para Paige. Esta estava pálida e cabisbaixa.

— A testemunha é sua.

Penn levantou-se, evasivo, mas pensando velozmente.

— Como vai atualmente o negócio das viagens, Miss Rogers?

— Desculpe?

— Perguntei como ia o negócio. A Corniche é uma grande agência de viagens?

— É bastante grande, sim.

— Imagino que muita gente entra para obter informações sobre viagens.

— Claro.

— Diria cinco ou seis pessoas por dia?

— Não! — respondeu, indignada. — Falamos com cerca de cinquenta pessoas por dia acerca de marcação de viagens.

— Cinquenta pessoas por dia? — Parecia impressionado. — E o dia de que estamos falando foi há dois ou três anos. Se multiplicar cinquenta por novecentos dias, dá cerca de quarenta e cinco mil pessoas.

— Creio que sim.

— E, no entanto, no meio de toda essa gente, você lembrou-se da doutora Taylor.

Como?

— Bem, ela e as suas amigas estavam muito entusiasmadas com a ideia de viajarem para a Europa. Achei encantador. Pareciam garotas de escola. Lembro-me muito bem delas, em particular porque não pareciam ter condições para alugar um iate.

— Entendi. Suponho que quem quer que entre e peça uma brochura vai viajar?

— Bem, é claro que não. Mas...

— Na realidade, a doutora Taylor não reservou qualquer viagem, não é assim?

— Bem, não. A nós, não. Ela...

— Nem a mais ninguém. Ela simplesmente pediu para ver algumas brochuras.

— Sim. Ela...

— Isso não é o mesmo que ir a Paris ou a Londres, não é verdade?

— Bem, não, mas...

— Obrigado. Pode retirar-se.

Venable voltou-se para a juíza Young:

— Gostaria de chamar o Dr. Benjamin Wallace ao banco das testemunhas...

— Doutor Wallace, o senhor é o responsável pela administração do Embarcadero County Hospital?

— Sim.

— Assim sendo, conhece bem a doutora Taylor e o seu trabalho?

— Sim, conheço.

— Ficou surpreendido quando foi acusada de assassinato?

Penn ergueu-se:

— Protesto, meritíssima. A resposta do doutor Wallace será irrelevante.

— Se me permitirem — interrompeu Venable. — Será bastante relevante, se me deixarem...

— Bem, vejamos no que é que isto irá desenvolver — concedeu a juíza Young.

— Mas sem disparates, senhor Venable.

— Permitam-me que faça a pergunta de outro modo — continuou Venable. — Doutor Wallace, todos os médicos são obrigados a fazer o juramento hipocrático, não é assim?

— Sim.

— E parte desse juramento é... — o advogado de acusação começou a ler um papel que tinha nas mãos — “Devo abster-me de qualquer ato de maldade ou corrupção”?

— Sim.

— Houve alguma coisa no passado da doutora Taylor que o levasse a pensar que ela seria capaz de quebrar o juramento hipocrático?

— Protesto!

— Rejeitado.

- Sim, houve.
- Explique-se, por favor.
- Tivemos um doente que, segundo a decisão da doutora Taylor, precisava de uma transfusão sanguínea. A família não quis autorizar.
- E o que aconteceu?
- A doutora Taylor tomou a decisão e, de qualquer modo, fez a transfusão de sangue.
- Isso é legal?
- É claro que não. Não sem a decisão do tribunal.
- E depois, o que é que a médica fez?
- Obteve mais tarde a ordem do tribunal e alterou a data que lá constava.
- Então, ela agiu ilegalmente e falsificou o registro hospitalar para o encobrir?
- Exatamente.

Alan Penn olhou furioso para Paige. “Que mais terá ela escondido de mim”, pensou.

Se os assistentes estavam à procura de algum sinal revelador de emoção no rosto de Paige Taylor, ficaram desapontados.

“Fria como gelo”, pensava o primeiro jurado.

Gus Venable voltou-se para a juíza:

— Meritíssima, como sabe, uma das testemunhas que esperava chamar é um tal doutor Lawrence Barker. Infelizmente, ainda está sofrendo os efeitos de um infarto e não pode estar presente nesta sala de tribunal para testemunhar. No seu lugar, irei interrogar algumas pessoas do hospital que tem trabalhado com o doutor Barker.

Penn levantou-se:

— Oponho-me. Não vejo a relevância. O doutor Barker não está aqui, nem sequer está sendo julgado. Se...

Venable interrompeu:

— Meritíssima, garanto-lhe que o meu questionário é bastante relevante para o testemunho que acabamos de ouvir. Está também ligado à competência da ré como médica.

A juíza Young respondeu cética:

— Vejamos. Isto é uma sala de tribunal e não um rio. Não irei permitir pescarias. Pode chamar as suas testemunhas.

— Obrigado.

Gus Venable voltou-se para o oficial de diligências:

— Gostaria de chamar o doutor Mathew Peterson.

Um sexagenário, de aspecto elegante, dirigiu-se ao banco das testemunhas. Fez o juramento e, quando se sentou, Gus Venable perguntou:

- Doutor Peterson, há quanto tempo trabalha no Embarcadero County Hospital?
- Oito anos.

— E qual é a sua especialidade?

— Sou cirurgião cardíaco.

— E desde que trabalha no Embarcadero County Hospital, teve a oportunidade de trabalhar com o doutor Lawrence Barker?

— Muitas vezes.

— O que pensa dele?

— O mesmo que toda a gente. Provavelmente, à exceção de De Bakey e Cooley, o doutor Barker é o melhor cirurgião do mundo.

— Estava presente na sala na manhã em que a doutora Taylor operou um doente chamado... — fingiu consultar uma folha de papel — Lance Kelly? — O tom de voz da testemunha alterou-se:

— Sim, estava.

— É capaz de descrever o que aconteceu nessa manhã? — Peterson respondeu com relutância:

— Bem, as coisas começaram a correr mal. Começamos a perder o doente.

— Quando diz “perder o doente...”...

— O coração dele parou. Estávamos tentando reanimá-lo e...

— O doutor Barker tinha sido chamado?

— Sim.

— E ele entrou na sala de operações enquanto a operação decorria?

— Próximo do fim. Sim. Mas já era tarde para fazer o que quer que fosse. Não conseguimos reanimar o doente.

— E nessa altura, o doutor Barker disse alguma coisa à doutora Taylor?

— Bem, estávamos todos bastante transtornados, e...

— Perguntei-lhe se o doutor Barker disse alguma coisa à doutora Taylor.

— Sim.

— E o que é que ele disse?

Houve uma pausa e, a meio desta, caiu lá fora um relâmpago, como se fosse a voz de Deus. Um instante mais tarde, rebentou a tempestade e a chuva batia fortemente no telhado do tribunal.

— O doutor Barker disse: “Mataste-o”.

Houve um alvoroço entre os espectadores. A juíza Young bateu com o martelo:

— Basta! Será que vivem nas cavernas? Mais uma explosão como esta e serão todos postos lá fora à chuva.

Gus Venable esperou que a barulheira terminasse.

Quando o silêncio retornou, perguntou:

— Tem a certeza de que foi isso que o doutor Barker disse à doutora Taylor? “Mataste-o”.

— Sim.

— E o senhor testemunhou que o doutor Barker era um homem cuja opinião médica tinha valor?

— Oh, sim.

— Obrigado. É tudo, doutor. — Virou-se para Alan Penn: — A testemunha é sua. Penn ergueu-se e aproximou-se do banco das testemunhas.

— Doutor Peterson, nunca assisti a uma operação, mas imagino que existe muita tensão, em especial quando se refere a algo tão sério quanto uma operação no coração.

— Existe uma grande tensão.

— Num momento como esse quantas pessoas se encontram na sala? Três ou quatro?

— Não. Sempre meia dúzia ou mais.

— Verdade?

— Sim. Normalmente estão dois cirurgiões, um assistente, por vezes dois anestesistas, uma enfermeira para limpar e pelo menos uma enfermeira que circula de um para o outro lado.

— Entendi. Então, deve haver muito barulho e excitação. Pessoas dando instruções, etc.

— Sim.

— E, pelo que sei, é prática vulgar haver música durante a operação.

— É.

— Quando o doutor Barker entrou e viu que Lance Kelly estava morrendo, talvez isso tenha aumentado a confusão.

— Bem, todos estavam bastante ocupados tentando salvar o doente.

— Fazendo muito barulho?

— Havia muito barulho, sim.

— E contudo, no meio de tanta confusão e barulho, sem esquecer a música, o senhor conseguiu ouvir o doutor Barker dizer que a doutora Taylor tinha matado o doente. Com tanta excitação, pode estar errado, não pode?

— Não, senhor. Não posso estar errado.

— Como é que pode ter tanta certeza?

O doutor Peterson suspirou:

— Porque eu estava mesmo ao lado do doutor Barker quando ele o disse. Não havia qualquer possível saída airosa.

— Não tenho mais perguntas.

O caso desmoronava-se e ele nada podia fazer. E estava prestes a piorar. Denise Berry subiu ao banco das testemunhas.

— É enfermeira no Embarcadero County Hospital?

— Sim.

— Há quanto tempo trabalha lá?

— Cinco anos.

— Durante esse tempo, alguma vez ouviu conversas entre a doutora Taylor e o

doutor Barker?

— Sim. Várias vezes.

— É capaz de repetir alguma delas?

A enfermeira olhou para a Dra. Taylor e hesitou:

— Bem, por vezes o doutor Barker era muito ríspido...

— Não foi isso que perguntei, enfermeira Berry. Pedi-lhe que nos contasse coisas específicas que tenha ouvido dizer à doutora Taylor.

Houve uma pausa prolongada:

— Bem, uma vez ele disse que ela era incompetente e...

Gus Venable mostrou-se surpreendido:

— A senhora ouviu o doutor Barker dizer que a doutora Taylor era incompetente?

— Sim, senhor. Mas ele estava sempre...

— Que outros comentários o ouviu fazer acerca da doutora Taylor?

A testemunha estava relutante em falar:

— Não consigo lembrar-me.

— Miss Berry, a senhora encontra-se sob juramento.

— Bem, uma vez ouvi-o dizer... — O resto da frase foi um murmúrio.

— Não conseguimos ouvi-la. Fale mais alto, por favor. Ouviu-o dizer o quê?

— Disse... que não deixaria a doutora Taylor operar o cão dele.

Houve uma exclamação coletiva na sala.

— Mas tenho a certeza que ele apenas queria dizer...

— Julgo que podemos deduzir que o doutor Barker queria dizer o que disse.

Todos tinham os olhos postos em Paige Taylor.

O caso da acusação contra Paige parecia esmagador.

Contudo, Alan Penn tinha a reputação de ser mestre da magia na sala de tribunal.

Era agora a sua vez de apresentar o caso da ré. Conseguiria ele retirar outro coelho do seu chapéu? Paige Taylor encontrava-se no banco das testemunhas, sendo questionada por Alan Penn. Este era o momento que todos esperavam.

— John Cronin era seu paciente, doutora Taylor?

— Sim, era.

— E o que pensava dele?

— Gostava dele. Sabia que estava muito doente, mas era bastante corajoso. Tinha sido operado de um tumor cardíaco.

— Foi a senhora quem procedeu à operação cardíaca?

— Sim.

— E que descobriu durante a operação?

— Quando lhe abrimos o tórax, descobrimos que sofria de melanoma, que tinha se disseminado por metástase.

— Por outras palavras, câncer que tinha se alastrado por todo o organismo.

— Sim. Tinha se disseminado por metástase através de todas as glândulas linfáticas.

— Isso significa que não havia esperança para ele? Nenhuma medida heróica que pudesse fazê-lo voltar a ser saudável?

— Nenhuma.

— John Cronin foi ligado a sistemas de suporte de vida?

— Sim, foi isso.

— Doutora Taylor, a senhora administrou deliberadamente uma dose fatal de insulina, a fim de acabar com a vida de John Cronin?

— Sim.

Houve um murmúrio súbito na sala de tribunal.

“Ela é mesmo fria”, pensou Gus Venable. “Fala de uma maneira que até parece que lhe deu uma xícara de chá.

— É capaz de dizer ao júri porque é que acabou com a vida de John Cronin?

— Porque ele me pediu. Ele implorou-me. Mandou me chamar no meio da noite, sob dores terríveis. Os medicamentos que lhe dávamos já não atuavam. — A voz soava calma: — Disse que não queria sofrer mais. A sua morte só aconteceu alguns dias mais tarde. Implorou-me para que acabasse com a sua vida. Eu assim o fiz.

— Doutora, sentiu relutância em deixá-lo morrer? Qualquer sentimento de culpa? A Dra. Paige Taylor abanou a cabeça:

— Não. Se o tivessem visto... Simplesmente não havia razão para deixar que continuasse sofrendo.

— Como é que administrou a insulina?

— Injetei-a nas veias.

— E isso causou-lhe qualquer dor suplementar?

— Não. Simplesmente fechou os olhos para dormir.

Gus Venable levantou-se:

— Protesto! Penso que a ré quer dizer que ele foi arrastado para a morte! Eu...

A juíza Young bateu com o martelo na mesa:

— Doutor Venable, o senhor esgotou o seu tempo. Ainda terá a oportunidade de contra-interrogar a testemunha. Sente-se.

O advogado de acusação olhou para o júri, abanou a cabeça e voltou a sentar-se.

— Doutora Taylor, quando a senhora administrou insulina a John Cronin, sabia que ele a tinha incluído no testamento e receberia um milhão de dólares?

— Não. Fiquei espantada quando soube.

“O nariz dela deveria crescer,” pensou Gus Venable.

— Até essa altura, nunca tinha falado de dinheiro ou presentes ou pedido alguma coisa a John Cronin?

Um leve rubor atingiu-lhe as faces:

— Nunca!

— Mas tinha um relacionamento amigável com ele?

— Sim. Quando um paciente está naquele estado, a relação médico-doente

muda. Falávamos de problemas relacionados com os negócios e com a família dele.

— Mas tinha algum motivo para esperar algo dele?

— Não.

— Ele deixou-lhe esse dinheiro por ter aprendido a respeitá-la e a confiar em você. Obrigado, doutora Taylor. — Penn voltou-se para Gus Venable: — A testemunha é sua.

Enquanto Penn regressava à mesa da defesa, Paige Taylor olhou para o fundo da sala. Ali estava Jason sentado, esforçando-se por parecer encorajador. Ao seu lado encontrava-se Honey. Ao lado desta estava um desconhecido, sentado no lugar que deveria ser ocupado por Kat. “Se ela ainda fosse viva. Mas Kat morrerá”, pensou Paige. “Também a matei.”

Gus Venable levantou-se e dirigiu-se lentamente ao banco das testemunhas. Olhou para as fileiras da imprensa. Não havia lugares vagos e todos os jornalistas estavam ocupados escrevendo. “Vou lhes dar algo sobre o qual poderão escrever”, pensou Venable.

Permaneceu diante da ré durante um longo momento, estudando-a. Depois disse casualmente:

— Doutora Taylor... John Cronin foi o primeiro doente que a senhora matou no Embarcadero County Hospital?

Alan Penn pôs-se em pé, furioso:

— Meritíssima, eu...

A juíza Young já fizera soar o martelo:

— Protesto aceito! — Voltou-se para os dois advogados:

— Vamos fazer um intervalo de quinze minutos. Quero reunir-me convosco no meu gabinete.

Quando os dois advogados já se encontravam no gabinete, a juíza Young virou-se para Gus Venable:

— Você tirou mesmo o curso de direito, ou não, Gus?

— Peço desculpa, meritíssima. Eu...

— Viu alguma tenda lá fora?

— Perdão?

A voz soou zangada:

— A minha sala de tribunal não é um circo e não tenciono permitir que a transforme em um. Com que direito faz uma pergunta tão explosiva como essa?

— Peço desculpa, meritíssima. Farei a pergunta de outro modo e...

— Irá fazer mais do que isso! — afirmou Young. — Vai mudar a sua atitude. Estou avisando-lhe, dá mais um golpe destes e declaro o processo nulo.

— Sim, meritíssima.

Quando regressaram à sala de tribunal, a juíza Young disse ao júri:

— O júri irá ignorar completamente a última pergunta da acusação. — E, virando-se para o advogado de acusação: — Pode continuar.

Gus Venable tornou a dirigir-se ao banco das testemunhas:

— Doutora Taylor, deve ter ficado muito surpreendida quando foi informada de que o homem que matou lhe tinha deixado um milhão de dólares.

Alan Penn levantou-se:

— Protesto!

— Aceito. — A juíza Young virou-se para Venable: — O senhor está testando a minha paciência.

— Peço desculpa, meritíssima. — Voltando-se de novo para a testemunha: — Deve ter tido uma relação muito amigável com o seu paciente. Quero dizer, não é todos os dias que uma pessoa quase totalmente estranha nos deixa um milhão de dólares, não é assim?

Paige Taylor corou ligeiramente:

— A nossa amizade acontecia apenas no contexto da relação médico-paciente.

— Será que não foi algo mais do que isso? Um homem não retira a esposa e a família do testamento para deixar um milhão de dólares a uma estranha, sem qualquer tipo de persuasão. As conversas sobre problemas de negócios que afirmou ter tido com ele...

A juíza inclinou-se para a frente e disse em tom de aviso:

— Doutor Venable...

O advogado ergueu as mãos em sinal de rendição. Voltou-se de novo para a ré:

— Assim, a senhora e John Cronin tiveram uma conversa amigável. Ele contou-lhe coisas pessoais, gostava de você e respeitava-a. Diria que isto é um resumo justo, doutora?

— Sim.

— E por fazer isso, ele deu-lhe um milhão de dólares?

Paige olhou para a sala do tribunal. Nada disse. Não tinha resposta.

Venable começou a caminhar em direção à mesa da acusação e, subitamente, tornou a virar-se para a ré.

— Doutora Taylor, há pouco a senhora afirmou que desconhecia que John Cronin iria deixar-lhe dinheiro, ou que iria retirar a família do testamento.

— Sim, afirmei.

— Quanto ganha um médico residente no Embarcadero County Hospital?

Alan Penn levantou-se:

— Protesto! Não vejo...

— É uma pergunta correta. A testemunha pode responder.

— Trinta e oito mil dólares por ano.

Venable replicou compreensivamente:

— Não é muito para os dias de hoje, ou é? E desse valor são deduzidos os impostos e as despesas do dia-a-dia. Não poderá sobrar o suficiente para fazer

uma viagem de luxo, digamos, a Londres, Paris ou Veneza, não é assim?

— Suponho que não.

— Não. Então, a senhora não planejou fazer umas férias destas, porque sabia que não conseguia pagá-las.

— Sim.

Alan Penn levantou-se novamente:

— Meritíssima...

A juíza Young voltou-se para o advogado de acusação:

— Aonde é que isto vai dar, doutor Venable?

— Quero apenas sublinhar que a ré não podia planejar uma viagem de luxo sem obter o dinheiro de alguém.

— Ela já respondeu à pergunta.

Alan Penn sabia que tinha de fazer qualquer coisa.

Não sentia o que pensava, mas aproximou-se do banco das testemunhas, com o aspecto alegre de um homem que acabou de ganhar a loteria.

— Doutora Taylor, lembra-se de ter ido buscar estas brochuras de viagens?

— Sim.

— Planejava ir à Europa ou alugar um iate?

— É claro que não. Tudo isso faz parte de uma espécie de brincadeira, de um sonho impossível. Eu e as minhas amigas julgamos que iria nos levantar o espírito. Estávamos muito cansadas... na época, parecia uma boa ideia. — A voz foi-se extinguindo.

Alan Penn olhou disfarçadamente para o júri. Os rostos registravam a descrença total.

Gus Venable questionava a ré num novo exame:

— Doutora Taylor, conhece o doutor Lawrence Barker?

A imagem veio-lhe subitamente à memória. “Vou matar Lawrence Barker. Fá-lo-ei lentamente. Deixá-lo-ei sofrer primeiro... e depois matá-lo-ei.”

— Sim, conheço o doutor Barker.

— Com que ligação?

— Eu e o doutor Barker trabalhamos muitas vezes juntos durante os últimos dois anos.

— Diria que ele é um médico competente?

Alan Penn deu um salto da cadeira:

— Oponho-me, meritíssima. A testemunha...

Mas, antes de poder acabar ou a juíza Young determinar, Paige respondeu:

— É mais do que competente. É brilhante.

Penn voltou a sentar-se, demasiado estupefato para falar.

— Importa-se de se explicar?

— O doutor Barker é um dos mais famosos cirurgiões cardiovasculares do mundo. Tem uma enorme atividade privada, mas dispensa três dias por semana

ao Embarcadero County Hospital.

— Então, a senhora tem em grande consideração os juízos emitidos pelo doutor Barker relativamente a assuntos médicos.

— Sim.

— Acha que ele seria capaz de julgar a competência de outro médico?

Penn esperou que Paige respondesse “Não sei”.

Ela hesitou:

— Sim.

Gus Venable virou-se para o júri:

— Ouviram a ré dizer que tinha em grande consideração os juízos médicos do doutor Barker. Espero que ela tenha escutado atentamente o juízo do doutor Barker sobre a sua própria competência... Ou a falta dela.

Alan Penn levantou-se, furioso:

— Objeção!

— Concedida.

Mas já era tarde. O mal estava feito.

No intervalo seguinte, Alan Penn empurrou Jason para banheiro masculino.

— Em que é que me meteste? — perguntou Penn zangado. — John Cronin odiava-a, Barker odiava-a. Insisto que os meus clientes me digam a verdade, toda a verdade. Só assim os posso ajudar. Bem, não posso ajudá-la. A sua amiga encarregou-me de um trabalho sobre neve tão profunda que preciso de esquis. Sempre que abre a boca, coloca mais um prego no caixão dela. A merda deste caso está em queda livre.

Nessa tarde, Jason Curtis foi visitar Paige.

— Tem uma visita, doutora Paige.

Jason entrou na cela de Paige.

— Paige...

Voltou-se para ele, tentando esconder as lágrimas:

— Está feito, não está?

Jason esboçou um sorriso:

— Conhece aquele provérbio... “Até ao lavar dos cestos é vindima”.

— Jason, você não acredita que matei John Cronin por dinheiro, acredita? O que fiz, foi apenas para o ajudar.

— Acredito em você — disse Jason, baixinho. — Amo-te.

Tomou-a nos braços. “Não quero perdê-la”, pensou Jason. “Não posso. Ela é a melhor coisa da minha vida — Tudo há-de acabar bem. Prometi-te que ficaríamos juntos para sempre.

Paige abraçou-o com força e pensou: “Nada é eterno. Nada. Como é que tudo começou a correr tão mal... tão mal... tão mal...”.

- Hunter, Kate.
- Presente.
- Taft, Betty Lou.
- Estou aqui.
- Taylor, Paige.
- Presente.

Elas eram as únicas mulheres entre o enorme grupo de residentes do primeiro ano, reunidos no amplo e enfadonho auditório do Embarcadero County Hospital. O Embarcadero County era o hospital mais antigo de São Francisco e de todo o país. Durante o terremoto de 1989, Deus pregou uma peça aos habitantes de São Francisco e deixou o hospital de pé. Era um complexo feio que ocupava mais de três quarteirões, com edifícios de tijolo e pedra já escurecidos pela sujidade acumulada durante anos.

No interior da entrada dianteira do edifício principal encontrava-se uma enorme sala de espera, com bancos de madeira para pacientes e visitas. As paredes escamavam devido a demasiadas décadas de camadas de tinta e os corredores estavam gastos e irregulares devido aos milhares de doentes em cadeiras de rodas e muletas. Todo o complexo estava coberto pela pátina bolorenta do tempo. O Embarcadero County Hospital era uma cidade dentro da cidade. Mais de nove mil pessoas trabalhavam no hospital, incluindo quatrocentos médicos internos, cento e cinquenta médicos voluntários em tempo parcial, oitocentos residentes, três mil enfermeiras, mais os técnicos, unidades auxiliares e outros ajudantes. Os andares superiores continham um complexo de doze salas de operações, abastecimento central, banco de ossos, central de programação, três enfermarias de urgência, uma enfermaria de Primeiros Socorros e mais de duas mil camas. No primeiro dia da chegada dos novos residentes, em Julho, o Dr. Benjamin Wallace, administrador do hospital, ergueu-se para lhes dirigir a palavra. Wallace era um político perfeito, um homem alto de aspecto impressionante, com conhecimentos gerais e charme suficiente para conseguir subir e ocupar a atual posição.

— Esta manhã quero dar as boas-vindas a todos vocês, novos residentes. Durante os dois primeiros anos na faculdade de medicina vocês trabalharam com cadáveres.

Nos dois últimos anos trabalharam com doentes hospitalizados, sob orientação de médicos chefes. Agora, vocês mesmos serão os responsáveis pelos vossos doentes. É uma responsabilidade aterradora e é preciso dedicação e perícia.

O olhar percorreu o auditório:

— Alguns de vós pretendem especializar-se em cirurgia. Outros, em medicina

interna. A cada grupo será atribuído um residente mais antigo, que irá explicar-vos a rotina diária. De agora em diante, tudo o que possam fazer poderá ser um caso de vida ou de morte.

Todos escutavam com a máxima atenção, procurando captar cada palavra dita.

— O Embarcadero é um hospital municipal. Isso significa que admitimos todos aqueles que nos batem à porta. A maior parte dos doentes são pobres. Vêm aqui porque não podem pagar um hospital particular. As nossas salas de urgência estão ocupadas vinte e quatro horas por dia. Irão ter muito trabalho e sentir que são mal pagos. Num hospital particular, o vosso primeiro ano consistiria em trabalho de rotina de pouca importância. No segundo ano, ser-vos-ia permitido fazer cirurgias menores, supervisionadas. Bem, podem esquecer tudo isso. O nosso lema aqui é “Examinar, fazer, ensinar”. Temos muita falta de pessoal e quanto mais rápido vos conseguirmos meter nas salas de operações, melhor. Alguma pergunta?

Havia milhares de perguntas que os novos residentes desejavam fazer.

— Nenhuma? Muito bem. Oficialmente, o vosso primeiro dia começa amanhã. Terão de se apresentar ao balcão da recepção principal, amanhã de manhã às cinco e meia. Boa sorte!

A reunião estava terminada. Houve um êxodo geral em direção às portas e um murmurinho de conversas excitadas. As três mulheres viram-se reunidas.

— Onde estão todas as outras mulheres?

— Penso que somos só nós.

— É muito parecido com a faculdade de medicina, oh? O clube dos rapazes. Tenho a sensação de que este lugar pertence à Idade Média.

A pessoa que falava era uma perfeita e bela mulher negra, com cerca de um metro e setenta de altura, ossos largos, mas bastante graciosa. Tudo nela, o andar, a postura, o olhar frio e irônico que possuía, transmitia uma mensagem de indiferença.

— Chamo-me Kate Hunter. Todos me tratam por Kat.

— Paige Taylor. — Jovem e social, de olhar inteligente e segura de si. Voltaram-se para a terceira mulher.

— Betty Lou Taft. Todos me tratam por Honey. — Falou com um ligeiro sotaque do Sul. Possuía um rosto aberto e sincero, olhos cinzentos claros e um sorriso caloroso.

— De onde você é? — perguntou Kat.

— Mênfis, Tennessee.

Olharam para Paige. Esta decidiu responder simplesmente:

— Boston.

— Minneapolis — disse Kat. “Fica suficientemente perto”, pensou.

— Pelos visto estamos todas longe de casa — observou Paige.

— Onde está vivendo?

— Estou num hotel barato — disse Kat. — Ainda não tive tempo de procurar um lugar para morar.

Honey afirmou:

— Nem eu.

Paige alegrou-se:

— Esta manhã fui ver alguns apartamentos. Um deles era espantoso, mas está fora das minhas possibilidades. Tem três quartos.

Olharam umas para as outras.

— Se as três o compartilhássemos... — disse Kat.

O apartamento situava-se no distrito da Marina, na Filbert Street. Era perfeito para elas. Três quartos, dois banheiros, sala, cozinha, lavanderia, garagem. Era mobilado no estilo Sears Roebuck, mas estava bastante limpo.

Quando as três mulheres terminaram de o inspecionar, Honey disse:

— Acho-o maravilhoso.

— Também eu! — concordou Kat.

Olharam para Paige.

— Vamos ficar com ele.

Nessa tarde mudaram-se para o apartamento. O porteiro ajudou-as a levar a bagagem para cima.

— Então vocês vão trabalhar no hospital — disse. — Enfermeiras, hem?

— Médicas — corrigiu Kat.

Olhou para ela incrédulo:

— Médicas? Quer dizer, como verdadeiras médicas?

— Sim, verdadeiras médicas — respondeu-lhe Paige.

Ele resmungou:

— Para dizer a verdade, se eu precisar de um médico, penso que não havia de querer que uma mulher examinasse o meu corpo.

— Teremos isso em mente.

— Onde está o aparelho de televisão? — perguntou Kat. — Não vejo nenhum.

— Se quiserem um, terão de o comprar. Aproveitem o apartamento, senhoras enf..., doutoras. — Deu um risinho.

Elas ficaram vendo-o ir embora.

Kat disse, imitando-lhe a voz:

— Enfermeiras, eh? — Riu com desdém. — Macho chauvinista. Bom, vamos escolher os nossos quartos.

— Qualquer um está bem para mim — disse gentilmente Honey.

Examinaram os três quartos. O quarto de casal era maior do que os outros dois.

Kat sugeriu:

— Porque você não fica com ele, Paige? Você encontrou este lugar.

Paige abanou a cabeça:

— Está bem.

Dirigiram-se todas aos respectivos quartos e começaram a arrumar as coisas. Cuidadosamente, Paige retirou da mala uma fotografia emoldurada de um homem com cerca de trinta anos.

Era atraente e usava óculos de armação preta, o que lhe dava um ar estudantil. Paige colocou a fotografia na cabeceira, juntamente com um monte de cartas.

Kat e Honey entraram:

— Que tal sairmos para jantar qualquer coisa?

— Estou pronta — disse Paige.

Kat viu a fotografia:

— Quem é?

Paige sorriu:

— É o homem com quem vou casar. É um médico que trabalha para a Organização Mundial de Saúde. Chama-se Alfred Turner.

Neste momento está na África, mas virá a São Francisco para estarmos juntos.

— Sorte a sua — disse Honey, tristonha. — É bonito.

Paige olhou para ela:

— Está envolvida com alguém?

— Não. Acho que não tenho muita sorte com os homens.

— Talvez a sua sorte mude no Embarcadero — disse Kat.

As três jantaram no Tarantino's, próximo do apartamento.

Durante o jantar conversaram sobre o passado e a vida de cada uma, mas sentia-se inibição na conversa, uma barreira. Eram três estranhas examinando e conhecendo cuidadosamente umas às outras. Honey falou pouco. “É envergonhada,” pensou Paige. “E vulnerável. Provavelmente algum homem de Mênfis despedaçou-lhe o coração.”

Paige olhou para Kat. “Segura de si. Muita dignidade. Gosto do modo como fala. Vê-se que vem de boa família.”

Entretanto, Kat estava estudando Paige. “Uma garota rica que nunca teve de lutar por nada na vida. É isso que aparenta ser.

Honey estava olhando para as outras duas. “São tão confiantes, tão seguras de si mesmas. Ser-lhes-á fácil adaptarem-se a esta vida.”

Todas estavam erradas.

Quando regressaram ao apartamento, Paige estava demasiado excitada para adormecer. Deitou-se na cama pensando no futuro.

Lá fora, na rua, ouviu-se o estrondo de um acidente de automóvel e depois pessoas gritando, mas, na mente de Paige, tudo se dissolveu na lembrança de nativos africanos gritando e cantando melancolicamente enquanto se disparavam tiros. Foi transportada pelo tempo para a pequena aldeia da selva da África

Oriental, no meio de uma mortífera guerra tribal. Paige estava aterrorizada:

— Vão nos matar!

O pai abraçou-a:

— Querida, ninguém irá fazer-nos mal. Estamos aqui para os ajudar. Eles sabem que somos amigos.

E, sem aviso prévio, o chefe de uma das tribos penetrou na cabana...

Honey deitou-se, pensativa: “Isto é realmente muito longe de Mênfis, Tennessee, Betty Lou. Acho que nunca mais vou poder voltar para lá. Nunca mais.” Ainda ouvia a voz do xerife dizendo-lhe:

— Por respeito à família dele, vamos declarar a morte do reverendo Douglas Lipon como “suicídio por razões desconhecidas”, mas sugiro que você saia imediatamente desta cidade e não volte nunca mais...

Kat olhava para a janela do quarto, escutando os ruídos da cidade. Conseguia ouvir a chuva murmurar: “Você conseguiu... Conseguiu... Provou a todos que estavam enganados. Quer ser médica? Uma médica negra?” E as rejeições das faculdades de medicina. “Obrigada por nos ter enviado a sua proposta. Desta vez, infelizmente, as matrículas estão completas.”; “Tendo em conta o seu passado, pensamos que talvez se sentisse melhor numa universidade menor.” Tinha tido notas elevadas, mas, das vinte e cinco escolas a que concorreu, só uma a aceitou. O reitor da escola tinha-lhe dito:

— Nos dias de hoje, é bom ver alguém com um passado normal e decente.

“Se ele tivesse sabido a terrível verdade.”

Às cinco e meia da manhã seguinte, quando os novos residentes deram entrada, já lá se encontravam membros do pessoal hospitalar a fim de os conduzir aos respectivos encargos. Mesmo àquela hora da manhã já havia confusão.

Os doentes deram entrada durante toda a noite, chegando de ambulância, carros da polícia e a pé. O pessoal chamava-os de “N’s e A’s” — os náufragos e despojados que corriam para as salas de urgência, feridos e sangrando, vítimas de tiros, facadas e acidentes de automóvel, os feridos na carne e espírito, os desalojados e indesejáveis, o fluxo e refluxo da humanidade que corriam pelos esgotos escuros de qualquer cidade grande. Tinha-se uma profunda sensação de caos organizado, movimentos frenéticos e sons esganiçados e dúzias de crises inesperadas que tinham de ser atendidas de imediato.

Os novos residentes mantiveram-se em grupo preventivo, procurando familiarizar-se com o novo ambiente e escutando os misteriosos sons à sua volta.

Honey levantou a cabeça e disse:

— Sou eu.

O residente sorriu e estendeu a mão:

— É uma honra conhecê-la. Pediram-me que a procurasse. O nosso chefe de pessoal diz que a senhora tem as notas mais altas de medicina desde sempre neste hospital. Estamos satisfeitos por a termos aqui.

Honey sorriu, embaraçada:

— Obrigada.

Kat e Paige olharam para Honey, boquiabertas.

“Nunca pensei que fosse assim tão brilhante,” pensou Paige.

— Está pensando em seguir medicina interna, doutora Taft?

— Sim.

O residente voltou-se para Kat.

— Doutora Hunter?

— Sim.

— A senhora está interessada em neurocirurgia.

— Sim, estou.

Consultou uma lista:

— Ficaré ao serviço do doutor Lewis.

— Voltou-se para Paige:

— Doutora Taylor?

— Sim.

— A senhora vai seguir cirurgia cardíaca.

— Sim.

— Certo. Iremos integrá-la a si e à doutora Hunter nas rondas operatórias. Podem dirigir-se ao gabinete da enfermeira-chefe, Margaret Spencer. Ao fundo do vestíbulo.

— Obrigada.

Paige olhou para as colegas e respirou profundamente:

— Aqui vou eu! Desejo boa sorte a todas nós!

Margaret Spencer era mais um tanque de guerra do que uma mulher, de aspecto pesado e severo, com modos bruscos. Estava ocupada atrás do balcão da enfermaria quando Paige se aproximou.

— Por favor...

A enfermeira Spencer levantou a cabeça:

— Sim?

— Mandaram-me apresentar aqui. Sou a doutora Taylor.

A enfermeira Spencer consultou uma folha de papel:

— Um momento. — Entrou por uma porta e regressou um minuto mais tarde com alguns artigos de limpeza e uma capa branca.

— Aqui está. Os artigos são para utilizar na sala de operações e sobre ferimentos. E quando estiver de plantão, cubra-os com uma capa branca.

— Obrigada.

— Oh. E isto aqui. — Baixou-se e entregou a Paige uma placa metálica que dizia “Paige Taylor, M. D.” — Eis a placa com o seu nome, doutora.

Paige segurou-a na mão e olhou para ela durante um longo período de tempo. “Paige Taylor, M. D. Teve a sensação de que tinham lhe dado a medalha de honra.

Todos os longos e duros anos de trabalho e estudos tinham-se resumido naquelas breves palavras: “Paige Taylor, M. D.”

A enfermeira Spencer olhava para ela:

— Sente-se bem?

— Estou bem. — Paige sorriu. — Estou bem, obrigada. Onde posso...

— O vestiário dos médicos fica ao fundo do corredor, à esquerda. Irá fazer rondas e, por isso, quererá trocar de roupa.

— Obrigada.

Paige percorreu o corredor, admirada com a grande atividade à sua volta. O corredor estava cheio de médicos, enfermeiras, ajudantes e doentes, que se dirigiam com rapidez para vários destinos. As insistentes chamadas do sistema de alto-falantes aumentavam a algazarra.

“Doutor Keenan... SO Três... Doutor Keenan... SO Três;” “Doutor Talbot... Sala de Urgências Um. Stat... Doutor Talbot... Sala de Urgências Um. Stat;” “Doutor Engel... Quarto 212... Dr. Engel... Quarto 212.

Paige aproximou-se de uma porta onde se lia VESTIÁRIO DOS MÉDICOS e abriu-a. No interior encontrava-se uma dúzia de médicos trocando de roupa, uns mais despidos que outros. Dois deles estavam completamente nus. Voltaram-se para olharem para Paige quando a porta se abriu.

— Oh! Peço... Peço desculpa — murmurou Paige, fechando a porta à pressa. Permaneceu ali, sem saber o que fazer. Alguns metros mais abaixo viu uma porta onde se lia VESTIÁRIO DAS ENFERMEIRAS. Encaminhou-se para ela e abriu a porta. Lá dentro, várias enfermeiras vestiam o uniforme. Uma delas olhou para cima:

— Olá. É uma das enfermeiras novas?

— Não — respondeu Paige, envergonhada. — Não sou. — Fechou a porta e regressou ao vestiário dos médicos. Permaneceu ali por um momento, em seguida respirou fundo e entrou. A conversa parou.

Um dos homens observou:

— Desculpa, querida. Este quarto é para médicos.

— Eu sou médica — respondeu Paige.

Olharam uns para os outros:

— Oh? Bem, hum... bem-vinda.

— Obrigada. — Hesitou um momento e depois dirigiu-se a um local livre. Olhou por um instante para os homens e depois, lentamente, começou a desabotoar a blusa.

Os médicos ali ficaram, sem saber o que fazer. Um deles disse:

— Talvez devêssemos hum... dar à senhorita um pouco de privacidade, meus senhores.

A senhorita!

— Obrigada — agradeceu Paige. Ali ficou, à espera, enquanto os médicos acabavam de se vestir e abandonavam o quarto.

“Terei de passar por isto todos os dias?”, interrogou-se.

Nas rondas hospitalares existe uma formação que nunca varia. O médico de plantão está sempre à cabeça, seguido do residente chefe, depois os outros residentes e um ou dois estudantes de medicina. O médico de plantão a quem Paige fora atribuída era o Dr. William Radnor. Paige e cinco outros residentes estavam reunidos no vestíbulo, à espera dele. No grupo encontrava-se um jovem médico chinês. Estendeu a mão:

— Tom Chang — disse. — Espero que todos estejam tão nervosos quanto eu.

Paige gostou imediatamente dele.

Um homem aproximou-se do grupo:

— Bom dia — disse. — Sou o doutor Radnor. — Era uma pessoa de fala mansa e cintilantes olhos azuis.

Cada um dos residentes apresentou-se.

— Este é o vosso primeiro dia de rondas. Quero que prestem muita atenção a tudo o que virem e ouvirem, mas, ao mesmo tempo, é muito importante que tentem parecer calmos.

Paige fez um apontamento mental: “Presta muita atenção, mas tenta parecer calma.”

— Se os pacientes notarem que estão tensos também ficarão tensos e, provavelmente, pensarão que estão padecendo de alguma doença que vocês lhes querem omitir. — “Não tornem os pacientes tensos.” — Lembrem-se, daqui em diante serão responsáveis pela vida de outros seres humanos. — “Agora é responsável por outras vidas.” Oh, meu Deus! Quanto mais o Dr. Radnor falava, mais nervosa Paige ficava e, quando este terminou, a sua autoconfiança tinha desaparecido totalmente. “Não estou pronta para isto!” Pensou. “Não sei o que estou fazendo. Quem disse que eu podia ser médica? E se eu matar alguém?”

O Dr. Radnor continuou:

— Ficarei à espera de relatórios pormenorizados de cada um dos vossos pacientes... análises, eletrólitos, tudo. Entendido?

Houve um murmúrio de “Sim, doutor.”

— Há sempre trinta a quarenta doentes operados de cada vez. É vosso dever certificarem-se de que tudo está devidamente organizado para eles. Vamos agora dar início à ronda da manhã. À tarde repetiremos a ronda.

Tudo parecia ser tão fácil na faculdade de medicina.

Paige pensou nos quatro anos que ali passou. Eram cento e cinquenta estudantes, entre os quais apenas quinze mulheres.

Nunca mais iria esquecer a primeira aula de Anatomia Macroscópica. Os estudantes tinham entrado numa enorme sala de azulejos brancos, com vinte mesas dispostas em filas, cada uma das quais coberta com uma toalha de papel amarelo. A cada grupo de cinco estudantes fora atribuída uma mesa.

O professor disse:

— Bom, retirem as toalhas.

E ali, à frente de Paige, encontrava-se o seu primeiro cadáver. Ela temia desmaiar ou sentir-se indisposta, mas sentira-se estranhamente calma. O cadáver tinha sido conservado, o que de certo modo o tinha afastado um passo da humanidade.

No início, os estudantes tinham procurado ser silenciosos e respeitosos no laboratório de anatomia. Mas, incrivelmente para Paige, ao fim de uma semana comiam sanduíches durante as dissecações e faziam brincadeiras atrevidas. Era uma forma de autodefesa, uma recusa da sua própria mortalidade. Davam nomes aos cadáveres e tratavam-nos como velhos amigos. Paige esforçou-se por agir do mesmo modo que os outros alunos, mas foi-lhe difícil. Olhou para o cadáver sobre o qual trabalhava e pensou: “Eis aqui um homem que tinha casa e família. Ia diariamente para um escritório e, uma vez por ano, gozava férias com a mulher e os filhos. Provavelmente adorava o desporto e gostava de cinema e teatro, e ria e chorava, e via os filhos crescerem e partilhava as alegrias e tristezas deles, e tinha grandes e maravilhosos sonhos. Espero que os tenha realizado a todos...” Uma tristeza agri-doce apoderara-se dela, pois ele estava morto e ela estava viva.

Com o tempo, até mesmo para Paige as dissecações se tornaram rotina. “Abram o tórax, examinem as costelas, os pulmões, o pericárdio que envolve o coração, as veias, as artérias e os nervos.”

Grande parte dos primeiros dois anos de medicina foram passados a memorizar longas listas, a que os alunos se referiam como recital orgânico. Primeiro, os nervos cranianos: olfatório, óptico, oculomotor, troclear, trifacial, abducente, facial, auditivo, glossofaríngeo, vago, raquidiano e hipoglóssico.

Os alunos utilizavam mnemônicas para os ajudar a lembrar.

Uma das clássicas era: “Ora olhem os típicos topos alvos, feitos de argila e granito, das velhas ruínas holandesas.”, A moderna versão masculina era: “Oh, oh, oh, tomar e tocar a fofa aba gorda vaginal da garota do hospital.”

Os dois últimos anos de medicina foram mais interessantes, com cursos de medicina interna, cirurgia, pediatria e obstetrícia, e trabalhando no hospital local. “Lembro-me da época...”, pensava Paige.

— Doutora Taylor... — O residente chefe olhava para ela.

Paige avançou. Os outros já iam a meio do corredor.

— Vou já — respondeu precipitadamente.

A primeira parada foi numa ala ampla e retangular, com fileiras de camas em ambos os lados do quarto e um pequeno estrado próximo de cada cama. Paige esperara ver cortinas separando as camas, mas aqui não havia privacidade.

O primeiro paciente era um homem idoso de tez pálida.

Estava dormindo e respirava profundamente. O Dr. Radnor aproximou-se dos pés da cama, estudou o prontuário ali colocado, em seguida dirigiu-se para o lado do doente e, suavemente, tocou-lhe no ombro:

— Senhor Potter?

O doente abriu os olhos:

— Huh?

— Bom dia. Sou o doutor Radnor. Estou apenas verificando como vai o senhor. Passou bem a noite?

— Foi razoável.

— Sente dores?

— Sim. Dói-me o peito.

— Deixe-me ver. — Quando terminou o exame, disse:

— Está recuperando-se bem. Mandarei a enfermeira dar-lhe algo para as dores.

— Obrigado, doutor.

— Logo à tarde voltaremos a vê-lo.

Afastaram-se da cama. O Dr. Radnor voltou-se para os residentes:

— Procurem fazer perguntas que obtenham como resposta um sim ou um não, para que o paciente não se canse. E procurem animá-lo. Quero que estudem o prontuário e façam apontamentos. Voltaremos aqui esta tarde para ver como ele está. Mantenham um registro constante das queixas mais importantes de cada paciente, a atual doença, doenças anteriores, história familiar e história social. Se bebe, fuma, etc. Quando tornarmos a fazer a ronda, terão de me entregar um relatório do progresso de cada paciente.

Avançaram para a cama do paciente seguinte, um homem com cerca de quarenta anos.

— Bom dia, senhor Rawlings.

— Bom dia, doutor.

— Esta manhã sente-se melhor?

— Nem por isso. Durante a noite, acordei várias vezes. Dói-me o estômago.

O Dr. Radnor voltou-se para o residente chefe:

— O que é que a proctoscopia mostrou?

— Não há sinais de qualquer problema.

— Faça-lhe um enema a bário e um GI superior, stat.

O residente chefe anotou no bloco.

O residente que se encontrava ao lado de Paige segredou-lhe ao ouvido:

— Julgo que sabe o que significa stat. É Shake that ass, tootsie!, cuja tradução é Mexe-me esse cu, filho!

O Dr. Radnor ouviu:

— Stat vem do latim, statim. “Imediatamente”.

Nos anos futuros, Paige iria ouvi-lo muitas vezes.

O paciente seguinte era uma mulher idosa que tinha sido submetida a uma operação de by pass.

— Bom dia, senhora Turkel.

— Quanto tempo irão manter-me aqui?

— Não muito tempo. A operação foi um êxito. Em breve irá para casa.

E dirigiram-se ao paciente seguinte.

Repetiram a rotina vezes sem conta e a manhã passou rapidamente. Viram trinta pacientes. Após cada paciente, os residentes escreviam freneticamente notas, esperando ser capazes de as decifrar mais tarde.

Uma paciente era um quebra-cabeças para Paige. Parecia estar de perfeita saúde.

Quando se afastaram desta, Paige perguntou:

— Qual é o problema dela, doutor?

O Dr. Radnor suspirou:

— Não tem qualquer problema. Ela é uma smsu. E para aqueles que esqueceram o que lhes foi ensinado na faculdade, smsu é um acrônimo de “Sai da minha sala de urgências!” Os SMSUS são pessoas que gostam de ter uma má saúde. É o seu passatempo favorito. Dei-lhe alta seis vezes no ano passado.

Avançaram para o paciente seguinte, uma idosa com máscara respiratória que estava em coma.

— Teve um ataque cardíaco massivo — explicou o Dr. Radnor aos residentes.

— Está em coma há seis semanas. Os sinais vitais estão enfraquecendo. Nada mais podemos fazer por ela. Esta tarde vamos desligar a máquina.

Paige olhou chocada para ele:

— Desligar?

O Dr. Radnor disse, gentilmente:

— A comissão de ética do hospital tomou a decisão esta manhã. Ela é um vegetal. Tem oitenta e sete anos e está cerebralmente morta. É uma crueldade mantê-la viva e, por outro lado, está acabando com as finanças da família. Vê-los-ei a todos na ronda desta tarde.

Ficaram vendo-o afastar-se. Paige voltou-se para olhar novamente para a paciente. Ela estava viva. “Dentro de algumas horas estará morta. Iremos desligar a máquina esta tarde.”, “Isso é assassinato!”, pensou Paige.

Nessa tarde, depois de a ronda terminar, os novos residentes reuniram-se na saleta do andar superior. A sala continha oito mesas, um velho televisor preto e branco e duas máquinas que forneciam sanduíches já ressequidos e café

amargo.

As conversas de cada mesa eram quase idênticas.

Um dos residentes disse:

— Examinem a minha garganta, por favor. Está inflamada?

— Penso que tenho febre. Sinto-me mal.

— O meu abdome está inchado e mole. Sei que tenho apendicite.

— Sinto uma dor esmagadora no peito. Só peço a Deus para que não esteja tendo um ataque cardíaco!

Kat sentou-se a uma mesa com Paige e Honey:

— Como é que correu? — perguntou.

— Penso que correu tudo bem — respondeu Honey.

Ambas olharam para Paige:

— Eu estava tensa, mas relaxada. Estava nervosa, mas aparentei calma. — Suspirou: — Foi um dia longo. Ficarei feliz por sair daqui e ir divertir-me logo à noite.

— Também eu — concordou Kat. — Que tal jantarmos e depois irmos ao cinema?

— Parece-me bom.

Um funcionário aproximou-se da mesa:

— Doutora Taylor?

Paige levantou a cabeça:

— Sou eu a doutora Taylor.

— O doutor Wallace quer vê-la no gabinete dele.

O administrador do hospital! “O que é que eu fiz?” pensou Paige. O funcionário ficou à espera:

— Doutora Taylor...

— Vou já. — Respirou profundamente e levantou-se:

— Vejo-vos mais tarde.

— Por aqui, doutora.

Paige seguiu o funcionário. Entraram no elevador e subiram até ao quinto andar, onde se situava o gabinete do Dr. Wallace.

Benjamin Wallace estava sentado à secretária. Levantou a cabeça quando Paige entrou:

— Boa tarde, doutora Taylor.

— Boa tarde.

Wallace suspirou:

— Bem! É o seu primeiro dia e já causou uma enorme impressão.

Paige olhou para ele, intrigada:

— Não... Não compreendo.

— Soube que esta manhã teve um pequeno problema no vestiário dos médicos.

— Oh. — “Então é este o problema!”

Wallace olhou para ela e sorriu:

— Suponho que tenho de organizar alguma coisa para você e para as outras garotas.

— Nós... “Nós não somos garotas”, — começou Paige a dizer. — Ficar-lhe-íamos muito gratas.

— Entretanto, se não quiser vestir-se com as enfermeiras...

— Não sou enfermeira — respondeu Paige com firmeza. — Sou médica.

— Claro, claro. Bem, iremos tratar das vossas acomodações, doutora.

— Obrigada.

Entregou a Paige uma folha de papel:

— Entretanto, este é o seu horário. Ficaré de plantão nas próximas vinte e quatro horas, a começar a partir das seis. — Olhou para o relógio. — O que quer dizer, daqui por meia hora.

Paige olhou para ele, boquiaberta. O dia dela tinha-se iniciado às cinco e meia da manhã:

— “Vinte e quatro horas?”

— Bom, trinta e seis, na verdade. Uma vez que, de manhã, irá fazer novamente a ronda.

“Trinta e seis horas! Será que irei aguentar? Em breve iria saber.”

Paige foi procurar Kat e Honey.

— Vou ter de esquecer o jantar e o cinema — disse Paige. — Estou de plantão por trinta e seis horas.

Kat abanou a cabeça:

— Acabamos de receber as nossas más notícias. Eu estarei de plantão amanhã e a Honey na quarta-feira.

— Não vai ser assim tão mau — respondeu Paige, mais animada. — Soube que existe um quarto de dormir para quem está de plantão. Vou gostar disto.

Estava errada.

Um funcionário acompanhou Paige ao longo do corredor.

— O doutor Wallace informou-me que estarei de plantão durante trinta e seis horas — disse Paige. — Todos os residentes trabalham durante tantas horas?

— Apenas nos primeiros três anos — garantiu-lhe o funcionário.

“Que ótimo!”

— Mas terá muitas oportunidades para descansar, doutora.

— Terei?

— Aqui. Este é o quarto de quem está de plantão. — Abriu a porta e Paige entrou. O quarto fazia lembrar a cela de um monge em algum mosteiro muito pobre. Continha nada mais do que uma maca com um colchão, um lavatório rachado e uma mesinha-de-cabeceira onde se encontrava um telefone. — Pode dormir aqui, nos intervalos das chamadas.

— Obrigada.

As chamadas começaram quando Paige se encontrava na cafeteria, mal tinha começado a jantar.

— Doutora Taylor... SU Três... Doutora Taylor... SU Três.

E estava sempre sendo perseguida por enfermeiras.

— Temos um paciente com uma costela partida...

— O senhor Henegan queixa-se de dores no peito...

— O paciente da ala dois está com dores de cabeça. Posso dar-lhe acetaminofena...?

À meia-noite, Paige tinha acabado de adormecer quando o telefone tocou.

— Apresente-se na SU Um.

Tratava-se de um ferimento causado por faca e, quando Paige acabou de o tratar, já era uma e meia da manhã. Às duas e um quarto foi novamente acordada.

— Doutora Taylor... Sala de Urgências Um. Stat.

Paige respondeu, ensonada:

— Tudo bem. — “O que é que ele disse que significava? Mexe esse cu, filho.”

Fez um esforço por se levantar e percorrer o corredor até à sala de urgências. Tinha dado entrada um paciente com a perna partida. Este gritava de dores.

— Façam uma radiografia — ordenou Paige. — E dêem-lhe Demerol, cinquenta miligramas. — Pousou a mão no ombro do paciente. — Vai ficar bom. Procure descansar.

No sistema de alto-falantes, uma metálica voz desincorporada disse:

— Doutora Taylor... Ala Três. Stat.

Paige olhou para o paciente queixoso, sem vontade de o deixar. Tornou-se a ouvir a voz:

— Doutora Taylor... Ala Três. Stat.

— Já vou — murmurou Paige. Apressou-se a sair e atravessou o corredor correndo, até à Ala Três. Um paciente tinha vomitado, aspirado e estava engasgado.

— Ele não consegue respirar — disse a enfermeira.

— Façam-lhe uma sucção — ordenou Paige. Enquanto verificava o paciente recuperando a respiração, ouviu novamente o seu nome no sistema de alto-falantes:

— Doutora Taylor... Ala Quatro. Ala Quatro.

Paige abanou a cabeça e correu para a Ala Quatro, para um paciente que gritava de espasmos abdominais. Paige fez-lhe um exame rápido.

— Pode ser uma disfunção intestinal. Façam uma ecografia — disse Paige.

Quando voltou para junto do paciente com a perna partida, o analgésico já tinha atuado. Mandou que o levassem para a sala de operações e tratou-lhe da perna.

Quando estava terminando, ouviu de novo o seu nome:

— Doutora Taylor, dirija-se à Sala de Urgências Dois. Stat.

— A úlcera gástrica da Ala Quatro está causando dores...

Às três e meia da manhã:

— Doutora Taylor, o paciente do quarto 310 está com uma hemorragia...

Houve um ataque cardíaco numa das alas e Paige ouvia, nervosa, a batida cardíaca do paciente quando escutou o seu nome sendo chamado no sistema de alto-falantes:

— Doutora Taylor... SU Dois. Stat... Doutora Taylor... SU Dois. Stat.

“Não posso entrar em pânico”, pensou Paige. “Devo manter-me calma.” Estava assustada. Quem era mais importante, o paciente que estava examinando ou o paciente seguinte?

— Fique aqui — disse futilmente. — Já volto.

Quando Paige se dirigia à SU Dois, ouviu de novo o seu nome:

— Doutora Taylor... SU Um. Stat... Doutora Taylor... SU Um. Stat.

“Oh, meu Deus!”, pensou Paige. Teve a sensação de ter sido apanhada no meio de um terrível e interminável pesadelo.

Durante o que sobrou da noite, Paige foi acordada para atender um caso de intoxicação alimentar, um braço partido, uma hérnia hiatal e uma costela partida. Quando conseguiu regressar ao quarto dos médicos de plantão, estava tão exausta que mal conseguia mexer-se. Cambaleou até à maca e mal fechara os olhos o telefone tocou.

Pegou nele, com os olhos fechados:

— Es... tá...

— Doutora Taylor, estamos à sua espera.

— O quê? — Permaneceu deitada, tentando lembrar-se de onde estava.

— A sua ronda está começando, doutora.

— A minha ronda? — “Esta é uma espécie de brincadeira de mau gosto”, pensou Paige. “É desumano. Não podem obrigar ninguém a trabalhar assim!” Mas estavam à sua espera.

Dez minutos mais tarde, Paige estava de novo fazendo a ronda, meio adormecida. Deu um encontrão no doutor Radnor:

— Perdão — murmurou —, mas não consegui dormir...

Este deu-lhe umas palmadinhas amigáveis no ombro:

— Irá habituar-se a isso.

Quando finalmente Paige saiu, dormiu durante catorze horas seguidas.

A pressão intensa e o ritmo de trabalho provaram ser demais para alguns dos residentes, os quais simplesmente desapareceram do hospital. “Isso não irá acontecer comigo”, jurou Paige.

A pressão era implacável. No final de uma das rendições de Paige, após trinta e seis esgotantes horas, estava tão exausta que não fazia ideia de onde se encontrava.

Cambaleou para o elevador e permaneceu ali, com a mente entorpecida. Tom Chang aproximou-se dela:

— Sente-se bem?

— Estou bem — murmurou Paige.

— Está com mau aspecto — observou ele.

— Obrigada. Porque é que agem assim conosco? — perguntou Paige.

Chang deu um risinho:

— A teoria é a de que isso nos mantém em contato com os nossos pacientes. Se formos para casa e os deixarmos aqui, não sabemos o que se passa com eles enquanto estivermos fora.

— Tem lógica — anuiu ela. Não tinha nenhuma. — Como é que podemos cuidar deles se estamos dormindo em pé?

Chang tornou a rir-se:

— Não sou eu que imponho as regras. É assim que todos os hospitais trabalham.

—

Olhou para Paige de perto:

— Vai conseguir chegar em casa?

Paige olhou para ele e afirmou arrogantemente:

— Claro que sim.

— Passe bem. — Chang desapareceu pelo corredor abaixo.

Paige esperou que o elevador chegasse. Quando finalmente chegou, ali estava ela em pé, dormindo profundamente.

Dois dias mais tarde, Paige tomava o café da manhã com Kat:

— Quer ouvir uma confissão terrível? — perguntou Paige. — Por vezes, quando me acordam às quatro da manhã para dar uma aspirina a alguém, vou cambaleando pelo corredor abaixo ainda meio dormindo e passo pelos quartos onde todos os pacientes estão bem aconchegados e tendo uma boa noite de sono e fico com vontade de atirar com todas as portas e gritar “Toca a acordar!”

Kat estendeu-lhe a mão:

— Junta-te ao clube.

Os pacientes eram de todos os feitios, tamanhos, idades e raças. Uns estavam assustados, outros eram corajosos, gentis, arrogantes, exigentes, compreensivos. Eram seres humanos que sofriam.

A maioria dos médicos eram dedicados aos pacientes.

Tal como em qualquer profissão, havia bons médicos e maus médicos. Eram jovens e idosos, desajeitados e competentes, atenciosos e desagradáveis. Alguns deles, em uma ou em outra hora, assediaram sexualmente Paige. Alguns eram sutis, outros rudes.

— De noite, nunca se sente sozinha? Eu sei que eu sinto. Será que...

— Estas horas matam-nos, não concorda? Sabe que descobri o que me dá energia? Uma boa vida sexual. Porque é que nós...?

— A minha mulher foi passar uns dias fora da cidade. Tenho uma cabana próximo de Carmel. Este fim-de-semana podíamos...

E os pacientes.

— Então, a senhora é que é a minha médica, hem? Sabe o que havia de me curar...?

— Aproxime-se da cama, querida. Quero ver se isso aí é verdadeiro...

Paige cerrava os dentes e ignorava-os a todos. “Quando eu e o Alfred nos casarmos, isto irá parar.” O simples fato de pensar em Alfred deixou-a radiante. Iria regressar da África em breve. Em breve.

Uma manhã, antes da ronda, Paige e Kat conversaram sobre o assédio sexual de que estavam sendo alvo.

— Grande parte dos médicos comportam-se como perfeitos cavalheiros, mas alguns deles parecem julgar que somos gratificações ligadas à profissão e que estamos aqui para os servir — disse Kat. — Não há semana em que pelo menos um dos médicos não me faça convites. “Porque não vem beber um copo em minha casa? Tenho alguns CD’s ótimos.” Ou que na sala de operações, quando estou ajudando, o cirurgião esfregue o braço no meu peito. Um tarado disse-me: “Sabe, sempre que peço frango, prefiro a carne escura.”

Paige suspirou:

— Julgam que estão lisonjeando-nos, tratando-nos como objetos sexuais. Antes nos tratassem como médicas.

— Muitos deles nem sequer nos querem por perto. Ou querem nos foder ou nos querem foder. Sabe, não é justo. As mulheres são consideradas inferiores até provarem o contrário, e os homens são considerados superiores até provarem ser os merdas que são.

— É a velha teoria machista — disse Paige. — Se fôssemos mais, poderíamos iniciar uma nova teoria feminina.

Paige ouvira falar de Arthur Kane. Era o assunto da bisbilhotice constante do hospital. Tinha a alcunha do “Dr. 007 autorizado a matar”. Para ele, a solução para qualquer problema era operar e a sua taxa de operações era superior à de qualquer outro médico do hospital.

Também lhe pertencia a maior taxa de mortalidade.

Era careca e baixo, tinha nariz de papagaio e dentes manchados pelo tabaco e muitos quilos a mais.

Incrivelmente, julgava-se desejado pelas mulheres. Gostava de considerar as novas enfermeiras e residentes femininas como “carne nova”.

Paige Taylor era carne nova. Viu-a na saleta do andar superior e sentou-se à sua mesa, sem ter sido convidado.

— Tenho-a tido debaixo de olho.

Paige levantou a cabeça, espantada:

— Como?

— Sou o doutor Kane. Os meus amigos tratam-me por Arthur. — A voz soou maliciosa.

Paige pensou em quantos amigos poderia ele ter.

— Como se tem adaptado a isto aqui?

A pergunta apanhou Paige desprevenida:

— Eu... Bem, penso eu.

Ele inclinou-se para a frente:

— Este é um hospital grande. É fácil perdermo-nos aqui. Percebe o que quero dizer?

Paige respondeu cautelosamente:

— Não entendi muito bem.

— Você é demasiado bonita para ser apenas mais um rosto no meio da multidão. Se quiser dirigir-se a qualquer lugar, irá precisar que alguém a ajude. Alguém que conheça os caminhos.

A conversa estava tornando-se cada vez mais desagradável.

— E o senhor gostaria de me ajudar.

— Correto. — Mostrou os dentes manchados pelo tabaco. — Porque não falamos disso ao jantar?

— Nada tenho para falar, doutor Kane — respondeu Paige. — Não estou interessada.

Arthur Kane, com uma expressão maléfica no rosto, ficou vendo Paige levantar-se e ir embora.

Os residentes do primeiro ano de cirurgia encontravam-se em regime de rotação por dois meses, alternando entre obstetrícia, ortopedia, urologia e cirurgia.

Paige aprendeu que era perigoso entrar num hospital de treino durante o Verão devido a doença grave, uma vez que muitos dos médicos internos se encontravam de férias e os pacientes ficavam à mercê dos jovens e inexperientes residentes.

Quase todos os cirurgiões gostavam de ter música na sala de operações. Um dos médicos foi alucinado de Mozart e outro de Axl Rose, devido aos respectivos gostos musicais.

Por algum motivo, as operações pareciam causar sempre fome a todos. Falavam constantemente de comida.

Um cirurgião podia estar a meio da remoção de uma vesícula biliar gangrenada de um paciente e dizer:

— Ontem jantei muito bem no Bardelli's. A melhor comida italiana em toda a São Francisco.

— Já experimentou os bolos de caranguejo do Cypress Club?

— Se gosta de um bom bife, experimenta a House of Prime Rib, na Van Ness.

Entretanto, uma enfermeira estaria limpando o sangue do paciente.

Quando não falavam de comida, os médicos discutiam basebol ou raguebi.

— Você viu o jogo do quarenta e nove no domingo passado? Aposto que sentem a falta de Joe Montana. Ele entrava sempre nos dois últimos minutos de jogo.

E lá sairia um apêndice rebentado.

“Kafka”, pensou Paige. “Kafka teria gostado disto.”

Às três da manhã, quando Paige dormia no quarto dos médicos de plantão, foi acordada pelo telefone.

Uma voz grossa disse:

— Doutora Taylor... Quarto quatrocentos e dezenove... um ataque cardíaco. Terá de se apressar! — A linha caiu.

Paige sentou-se na borda da cama, lutando contra o sono e procurando erguer-se. “Terá de se apressar!” Foi para o corredor, mas não havia tempo para esperar pelo elevador.

Subiu apressadamente as escadas e atravessou correndo o corredor do quarto andar até ao quarto 419, o coração quase saindo-lhe pela boca. Abriu a porta e ali ficou, olhando.

O quarto 419 era uma arrecadação.

Kat Hunter estava fazendo a ronda com o Dr. Richard Hutton, um quarentão brusco e rápido. Não ficava mais de dois a três minutos com cada paciente, estudando o prontuário para depois dar ordens aos residentes cirúrgicos, de uma forma disparada, de tipo staccato.

— Verifiquem a hemoglobina dela e marquem a operação para amanhã...

— Estejam atentos ao prontuário de temperaturas dele...

— Comparem quatro análises sanguíneas...

— Retirem estes pontos...

— Façam algumas radiografias ao tórax...

Kat e os outros residentes estavam ocupados anotando tudo, esforçando-se por o acompanharem.

Aproximaram-se de um paciente com febre alta, que tinha dado entrada no hospital há uma semana e sido submetido a uma série de análises, sem qualquer resultado.

Quando se encontravam no corredor, Kat perguntou:

— O que se passa com ele?

— É um “SDS” — disse um residente. — “Só Deus sabe.” Fizemos radiografias, ecografias, MRIs, exames à coluna, biopsia ao fígado. Tudo. Desconhecemos que doença terá.

Avançaram para uma ala onde um jovem, com a cabeça ligada depois de ter

sido operado, se encontrava dormindo.

Quando o Dr. Hutton começou a retirar as ataduras, o paciente acordou, sobressaltado:

— O que... O que se passa?

— Sente-se — disse o Dr. Hutton em tom brusco.

O jovem começou a tremer.

“Nunca tratarei assim os meus pacientes”, pensou Kat.

O paciente seguinte era um homem de cerca de setenta anos, de aspecto saudável. Assim que o Dr. Hutton se aproximou da cama, o paciente gritou:

— Gonzo! Vou processá-lo, seu grandessíssimo filho da puta.

— Bem, senhor Sparolini...

— Não me chame senhor Sparolini! Você transformou-me na merda de um eunuco!

“É um oximoro”, pensou Kat.

— Senhor Sparolini, o senhor anuiu em fazer a vasectomia e...

— Essa ideia foi da minha mulher. Grande sujeito! Esperem até que eu regresse para casa.

Deixaram-no resmungando sozinho.

— O que é que ele tem? — perguntou um dos residentes.

— O problema dele é ser um velho rabugento. A sua jovem esposa já tem seis filhos e não quer ter mais.

A seguir, era uma menina de dez anos. O Dr. Hutton olhou para o prontuário dela:

— Vamos dar-te uma injeção para os bichos maus irem embora.

Uma enfermeira encheu a seringa e dirigiu-se à menina.

— Não! — gritou ela. — Vai doer!

— Isto não dói, querida — garantiu-lhe a enfermeira.

As palavras soaram a eco escuro na mente de Kat.

“Isto não dói, querida...”. Era a voz do padrasto a sussurrar-lhe na escuridão assustadora.

— Isto é bom. Afasta as pernas. Vamos, sua putinha! — Afastou-lhe as pernas e penetrou nela, à força, o seu membro masculino, tapando-lhe a boca a fim de evitar que gritasse de dor. Ela tinha treze anos. Depois disso, as visitas dele transformaram-se num ritual noturno aterrorizante.

— Tem sorte em ter um homem como eu para te ensinar a foder — dizia-lhe ele.

— Sabe o que significa Kat? Significa gato... que persegue ratinhas. E eu quero a sua. — Depois caía-lhe em cima e prendia-a, sem que o choro ou os apelos o fizessem parar.

Kat nunca conheceu o pai. A mãe era uma mulher que trabalhava num edifício de escritório, próximo do seu minúsculo apartamento em Gary, Indiana. O padrasto de Kat era um homem grande que se aleijara num acidente num moinho de aço e passava a maior parte do tempo em casa, bebendo. À noite,

quando a mãe de Kat saía para o trabalho, ele entrava no quarto:

— Diz alguma coisa à sua mãe ou ao seu irmão, e eu mato-o — disse a Kat.

“Não posso deixar que ele magoe Mike”, pensou Kat. O irmão era cinco anos mais novo e Kat adorava-o. Ela cuidava dele, protegia-o e até lhe resolvia as brigas. Ele era o seu único motivo de alegria.

Uma manhã, aterrada como estava devido às ameaças do padrasto, decidiu que tinha de contar à mãe tudo o que estava acontecendo. A mãe iria pôr um fim, iria protegê-la.

— Mamã, o seu marido vem todas as noites para a minha cama enquanto está fora e obriga-me a ter relações.

Por um momento, a mãe ficou olhando para ela e depois deu-lhe uma bofetada na cara.

— Como se atreve a inventar mentiras dessas, sua peste!

Kat nunca mais tocou no assunto. Apenas ficou em casa por Mike. “Sentir-se-ia perdido sem mim”, pensou ela. Mas quando soube que estava grávida, fugiu para a casa de uma tia que vivia em Minneapolis. A partir de então, a sua vida mudou completamente.

— Não precisa me contar o que aconteceu — dissera-lhe a tia Sophie. — Conhece aquela canção que eles cantam na Sesame Street? “Não é Fácil Ser Verde”? Bem querida, mas também não é fácil ser negro. Tem duas escolhas. Continua a fugir, a esconder e a culpar o mundo dos seus problemas, ou levanta-se sozinha e decide ser alguém importante.

— O que é que tenho de fazer?

— Tem de saber que é importante. Primeiro, crie na sua mente uma imagem de quem gostaria de ser e o que gostaria de ser, filha. E depois esforce-se por se tornar essa pessoa.

— Não quero ter este bebê — decidiu Kat. — Quero fazer um aborto.

Este foi calmamente efetuado durante um fim-de-semana, por uma parteira amiga da tia de Kat. Quando tudo acabou, Kat pensou ferozmente: “Nunca mais deixarei que um homem me toque. Nunca mais!”

Para Kat, Minneapolis era um país de fadas. Próximo de quase todas as casas havia lagos, fontes e rios. E havia mais de 320 hectares de zonas verdes. Velejou nos lagos da cidade e fez passeios de barco no Mississipi. Visitou o Great Zoo com a tia Sophie e passou vários domingos no Valley fair Amusement Park. Participou em corridas de sacos no Cedar Creek Farm e viu combates de cavaleiros com armadura no Shakopee Renaissance Festival.

A tia Sophie olhou para Kat e pensou: “Esta garota nunca teve uma infância”.

Kat estava aprendendo a divertir-se mas a tia Sophie sentia que bem lá no íntimo da sobrinha, havia um lugar que ninguém conseguia alcançar, uma barreira que ela mesma levantara para não voltar a sofrer.

Fez amizades na escola. Mas nunca com rapazes. As amigas saíam com rapazes, mas Kat era uma solitária e demasiado orgulhosa para explicar a alguém o porquê.

Olhou para a tia, de quem gostava muito.

Kat estava pouco interessada na escola ou em ler livros, mas a tia Sophie alterou tudo isso. A casa estava repleta de livros e o entusiasmo de Sophie relativamente a eles era contagiante.

— Ali há palavras maravilhosas — disse à garota.

— Lê e ficará sabendo de onde vem e para onde irá. Tenho o palpite de que um dia será famosa, querida. Mas primeiro terá de estudar. Isto é a América. Pode vir a ser tudo o que quiser. Pode ser negra e pobre, mas também o eram algumas das nossas congressistas e estrelas de cinema, cientistas e heróis esportistas. Um dia teremos um presidente negro. Pode ser tudo o que quiser. Tudo depende de você.

Era o começo.

Kat tornou-se a melhor aluna da turma. Era uma leitora ávida. Um dia, na biblioteca da escola, pegou por acaso uma cópia de Arro Smith, de Sinclair Lewis, e ficou fascinada com a história do jovem e dedicado médico.

Leu *Promises to Keep* de Agnes Cooper, que lhe abriu um mundo novo. Descobriu que neste mundo havia pessoas que se dedicavam a ajudar os outros, a salvar-lhes a vida. Um dia, quando Kat regressou da escola, disse à tia Sophie:

— Vou ser médica. E famosa.

Na segunda-feira de manhã, os prontuários de três pacientes de Paige tinham desaparecido e ela foi dada como culpada.

Na quarta-feira, Paige foi acordada às quatro da manhã.

Sonolenta, pegou no telefone:

— Doutora Tay lor...

Silêncio.

— Está?... Está?...

Ouvia a respiração de alguém no outro lado da linha.

Em seguida, ouviu um click

Paige permaneceu acordada durante o resto da noite.

De manhã, disse a Kat:

— Ou estou ficando paranóica ou alguém me odeia. — E contou-lhe o que se passara.

— Por vezes, os pacientes guardam rancor aos médicos — disse Kat. — Sabe de alguém que...?

Paige lamentou:

— Dúzias.

— Tenho a certeza de que não é caso para se preocupar.

Paige desejou poder acreditar nisso.

No final do verão chegou o telegrama mágico. Ali ficou à espera que Paige chegasse ao apartamento, já noite adiantada.

Dizia: “Chego São Francisco ao meio-dia de domingo. Anseio ver-te. Amor. Alfred.”

Finalmente regressava para junto dela! Paige leu o telegrama vezes sem conta, ficando cada vez mais animada.

Alfred! O nome dele evocava um caleidoscópio confuso de recordações excitantes...

Paige e Alfred cresceram juntos. Os pais faziam parte de uma equipe de médicos da OMS que viajara para países do Terceiro Mundo, a fim de lutarem contra doenças exóticas e virulentas.

Paige e a mãe acompanharam o Dr. Taylor, que chefiava a equipe. Paige e Alfred tiveram uma infância de fantasia. Na Índia, Paige aprendeu a falar hindi. Aos dois anos, sabia que o nome para a cabana de bambu onde viviam era basha. O pai era gorashaib, homem branco, e ela era nani, irmãzinha. Tratavam o pai de Paige como abadhan, o chefe, ou baba, pai. Quando os pais de Paige não estavam por perto, ela bebia bhangra, uma bebida intoxicante feita com folhas de haxixe, e comia chapati com ghi. Depois, foram para África. Partiram para outra aventura.

Paige e Alfred habituaram-se a nadar em rios onde havia crocodilos e hipopótamos. Os animais de estimação eram filhotes de zebras, chitas e cobras. Cresceram em cabanas redondas e sem janelas, feitas de adobe, com chão de terra batida e telhados cônicos de colmo. “Um dia”, prometeu Paige a si própria, “irei viver numa verdadeira casa no meio de uma bonita quinta, com relva verdinha e paliçada branca.” Tanto para os médicos como para as enfermeiras, a vida era dura e frustrante, mas para as duas crianças, viver na terra dos leões, girafas e elefantes era uma aventura constante.

Frequentaram escolas primitivas, feitas de adobes, e, quando não havia uma por perto, tinham preceptores.

Paige foi uma criança inteligente e o cérebro era uma esponja que absorvia tudo. Alfred adorava-a.

— Um dia casarei contigo, Paige — disse-lhe quando ela tinha doze anos e ele catorze.

— Também irei casar-me contigo, Alfred.

Eram duas crianças sérias, determinadas em passar o resto da sua vida juntos.

Os médicos da OMS eram homens generosos e dedicados e mulheres devotas ao seu trabalho. Muitas vezes trabalhavam em circunstâncias quase impensáveis. Na África, tinham de competir com os zeogeshas — praticantes de medicina nativa cujos remédios primitivos foram transmitidos de pais para filhos, muitas vezes

com efeitos letais.

O remédio tradicional dos Masai para feridas abertas era o olkilorite, uma mistura de sangue de boi, carne crua e essência de uma raiz misteriosa. O remédio dos Kikuyu para a varíola era obrigar a doença a sair das crianças, batendo-as com paus.

— Têm de parar com isso — dizia-lhes o Dr. Taylor. — Isso não ajuda.

— É melhor do que vos deixar espetar agulhas na nossa pele — respondiam eles.

Os dispensários eram mesas alinhadas sob as árvores, onde se efetuavam as operações. Os médicos viam centenas de pacientes por dia e havia sempre uma enorme fila à espera de serem vistos — leprosos, nativos com tuberculose, coqueluche, varíola, disenteria.

Paige e Alfred eram inseparáveis. Quando cresceram, fizeram caminhadas até ao mercado, numa aldeia situada a alguns quilómetros. E conversaram sobre planos para o futuro de ambos.

A medicina fez parte da vida de Paige, desde muito cedo.

Aprendeu a cuidar de pacientes, a dar injeções e a receitar medicamentos e antecipou formas de ajudar o pai.

Paige gostava do pai. Curt Taylor era o homem mais cuidadoso e generoso que jamais conhecera. Gostava genuinamente das pessoas, dedicando a sua vida a ajudar os que precisassem dele; transmitiu essa paixão a Paige. Apesar das longas horas de trabalho, arranjava sempre tempo para estar com a filha.

Tornou agradável o desconforto dos lugares primitivos onde viveram. A relação de Paige com a mãe era algo diferente. Esta era uma beldade vinda de uma classe social abastada.

A sua fria indiferença mantinha Paige afastada. Casar com um médico que iria trabalhar em lugares distantes e exóticos tinha-lhe parecido romântico, mas a realidade dura tornara-a numa pessoa amarga. Não era uma mulher calorosa e meiga e, para Paige, parecia estar sempre a queixar-se.

“Porque é que tivemos de vir para este lugar esquecido por Deus, Curt?”; “Aqui as pessoas vivem como animais. Vamos apanhar algumas das suas terríveis doenças”; “Porque é que não pode praticar medicina nos Estados Unidos e ganhar dinheiro como os outros médicos?”

E de muito mais se queixou ela.

Quanto mais a mãe o criticava, mais Paige gostava do pai.

Quando fez quinze anos, a mãe fugiu com o dono de uma grande plantação de cacau no Brasil.

— Ela não vai voltar, não é? — perguntou Paige.

— Não, querida. Desculpa.

— Fico feliz! — Não foi isso que quis dizer. Estava magoada por a mãe ter se preocupado tão pouco com ela e com o pai, acabando por abandoná-los.

A experiência fez com que Paige se aproximasse ainda mais de Alfred Turner.

Jogavam e assistiam juntos a explicações e até partilhavam os sonhos.

— Também vou ser médico quando crescer — confidenciou Alfred. —
Havemos de nos casar e iremos trabalhar juntos.

— E teremos muitos filhos!

— Certo. Se você quiser...

Na noite em que Paige fez dezesseis anos, a sua perpétua intimidade emocional atingiu uma nova dimensão.

Numa pequena aldeia da África Oriental, os médicos tinham sido chamados de urgência devido a uma epidemia e só Paige, Alfred e uma cozinheira ficaram no acampamento.

Jantaram e foram se deitar. Mas, a meio da noite, Paige foi acordada pelo som distante e ensurdecedor de animais em fuga.

Manteve-se deitada e, à medida que o tempo passava e o som se aproximava, começou a sentir medo.

A respiração tornou-se mais acelerada. Ninguém sabia quando é que o pai e os outros iriam regressar.

Sentou-se. A tenda de Alfred encontrava-se a poucos metros de distância. Aterrorizada, levantou-se, afastou o pano da porta e correu para a tenda de Alfred.

Este dormia.

— Alfred!

Sentou-se e despertou imediatamente:

— Paige? Aconteceu alguma coisa?

— Tenho medo. Posso deitar-me um pouco contigo?

— Claro. — Ficaram deitados a ouvir os animais a passarem a grande velocidade.

Em poucos minutos, o som começou a desaparecer.

Alfred teve consciência do calor emanado pelo corpo de Paige ali deitado junto ao seu.

— Paige, acho que é melhor você regressar à sua tenda.

Paige sentiu a dureza do membro masculino pressionado contra si. Todas as necessidades físicas que se foram formando dentro deles subiram rapidamente à superfície.

— Alfred.

— Sim? — A voz soou rouca.

— Vamo-nos casar, não é?

— Sim.

— Então não há problema.

Os sons da selva à sua volta desapareceram e começaram a explorar e descobrir um mundo que ninguém mais possuía senão eles. Eram os primeiros amantes do mundo e sentiram-se glorificados com tal milagre. Ao amanhecer, Paige

rastejou até à tenda dela e pensou, feliz: “Já sou uma mulher”.

De tempos em tempos, Curt Taylor sugeria que Paige regressasse aos Estados Unidos para viver com o tio na sua bela casa de Deerfield, no norte de Chicago.

— Porquê? — perguntava Paige.

— Para que possa vir a ser uma mulher bem formada.

— Sou uma mulher bem formada.

— As mulheres bem formadas não brincam com macacos selvagens nem tentam montar zebras bebês.

A resposta dela era sempre a mesma:

— Não vou deixar-te.

Quando Paige fez dezessete anos, a equipe da OMS foi para uma aldeia da selva na África do Sul, a fim de lutarem contra uma epidemia de tifo. Para agravar a situação, pouco depois dos médicos terem chegado rebentou a guerra entre duas tribos locais. Curt Taylor foi aconselhado a ir embora.

— Não posso, por Deus. Tenho pacientes que morrerão se eu os abandonar.

Quatro dias depois, a aldeia foi atacada. Paige e o pai esconderam-se na sua pequena cabana, ouvindo lá fora a gritaria e a fuzilaria.

Paige estava aterrorizada;

— Vão nos matar!

O pai abraçou-a:

— Eles não nos farão mal, querida. Estamos aqui para os ajudar. Sabem que somos amigos.

E tinha razão.

O chefe de uma das tribos entrara na cabana com alguns dos seus guerreiros:

— Não se preocupem. Nós proteger-vos-emos.

E assim o fizeram. As lutas e os tiros finalmente pararam, mas, de manhã, Curt Taylor tomara uma decisão.

Enviou um telegrama ao irmão: “Paige segue no próximo avião. Enviarei os pormenores. Por favor, vai buscá-la ao aeroporto.”

Paige ficou furiosa quando soube da notícia. Soluçava fortemente quando foi levada para o pequeno e empoeirado aeroporto onde um Piper Club esperava para a levar para uma cidade onde pudesse apanhar um avião para Joanesburgo.

— Está mandando-me embora porque quer ver-se livre de mim! — disse chorando.

O pai abraçou-a fortemente:

— Amo-te acima de tudo, querida. Vou sentir sempre a sua falta. Mas em breve regressarei aos Estados Unidos e ficaremos juntos de novo.

— Promete?

— Prometo.

Alfred também estava lá para se despedir de Paige.

— Não se preocupe — disse a Paige. — Irei buscar-te assim que puder. Espera

por mim?

Depois de tantos anos, era uma pergunta estúpida.

— É claro que sim.

Três dias depois, quando o avião aterrou no Aeroporto O'Hare de Chicago, lá estava o tio Richard à espera de Paige. Esta ainda não o conhecia. Apenas sabia que era um homem de negócios muito rico cuja esposa tinha falecido há já muitos anos. “É o membro da família mais bem sucedido”, dizia-lhe sempre o pai.

As primeiras palavras do tio deixaram Paige boquiaberta:

— Paige, lamento ter de te dizer isto, mas acabei de saber que o seu pai foi assassinado numa luta nativa.

Num só instante, todo o seu mundo desaparecera.

A dor era tão intensa que ela julgou não ser capaz de a suportar. “Não deixarei que o meu tio me veja chorando”, decidiu Paige. “Não deixarei. Não devia ter saído de lá. Vou regressar.”

No trajeto para casa, Paige viu através da janela o enorme trânsito da cidade.

— Detesto Chicago.

— Porquê, Paige?

— É uma selva.

Richard não permitiu que Paige regressasse a África para assistir ao funeral do pai e isso enfureceu-a. Tentou que ela compreendesse:

— Paige, o seu pai já foi enterrado. Não há motivo para regressar.

Contudo, havia um motivo: Alfred estava lá.

Alguns dias após a chegada de Paige, o tio sentou-se com ela para falarem do futuro.

— Nada tenho para conversar — informou-lhe Paige. — Vou ser médica.

Aos vinte e um anos Paige terminou o colégio, concorreu a dez universidades de medicina e foi aceita por todas elas.

Escolhe uma de Boston.

Foram precisos dois dias para conseguir falar com Alfred, por telefone, no Zaire, onde trabalhava em tempo parcial numa unidade da OMS. Quando Paige lhe deu as notícias, ele respondeu:

— Que bom, querida. Já pouco falta para acabar o meu curso de medicina. Ficarei uns tempos com a OMS, mas dentro de alguns anos iremos exercer juntos a nossa profissão.

“Juntos.” A palavra mágica.

— Paige, estou ansioso por te ver. Se puder ausentar-me por alguns dias, poderá encontrar-se comigo no Havai?

Não houve a menor hesitação:

— Sim.

E ambos conseguiram. Mais tarde, Paige só imaginava o quão difícil deveria ter

sido a viagem de Alfred, mas este nunca o mencionou. Passaram juntos três incríveis dias num pequeno hotel do Havaí, chamado Sunny Cove, e foi como se nunca tivessem estado afastados um do outro. Paige pensou em pedir a Alfred que regressasse a Boston com ela, mas sabia que seria muito egoísta se o fizesse. O trabalho que ele estava fazendo era muito importante.

No último dia que passaram juntos, quando se vestiam, Paige perguntou:

— Para onde será enviado, Alfred?

— Gâmbia, ou talvez Bangladesh.

“Para salvar vidas, para ajudar os que precisam desesperadamente dele.” Abraçou-se a ele com força e fechou os olhos. Não queria deixá-lo partir. Como se lhe tivesse lido os pensamentos, ele disse:

— Nunca irei permitir que me deixe.

Paige começou a faculdade de medicina e tanto ela como Alfred correspondiam-se regularmente. Onde quer que estivesse, Alfred conseguia telefonar a Paige no dia do aniversário e no Natal. Próximo do Ano Novo, quando Paige estava no segundo ano de medicina, Alfred telefonou:

— Paige?

— Querido! Onde você está?

— No Senegal. Calculo que são apenas cerca de treze mil quilômetros do Hotel Sunny Cove.

Foi preciso um minuto para que entendesse o significado.

— Quer dizer...?

— Pode encontrar-se comigo no Havaí no Ano Novo?

— Oh, sim! Sim!

Alfred atravessou quase metade do mundo para se encontrar com ela e desta vez a magia foi ainda maior. O tempo parou para ambos.

— No próximo ano tomarei a direção da minha própria equipe da OMS — disse Alfred. — Quando você terminar os estudos, vamos casar...

Conseguiram juntar-se mais uma vez e quando isso não era possível, as cartas encurtavam o tempo e o espaço.

Todos aqueles anos trabalhou como médico nos países do Terceiro Mundo, tal como o seu pai e o de Paige, fazendo o trabalho maravilhoso que eles tinham feito. Agora, finalmente, regressava de vez para ela. Quando Paige leu pela quinta vez o telegrama de Alfred, pensou: “Vem para São Francisco!”

Kat e Honey estavam nos respectivos quartos, dormindo. Paige acordou-as:

— Alfred chega em breve! Falta pouco tempo! Estará aqui no domingo!

— Que maravilha — murmurou Kat. — Porque não me acorda só no domingo? Acabei de me deitar.

Honey reagiu melhor. Sentou-se e disse:

— Que bom! Estou ansiosa para conhecê-lo. Há quanto tempo não o vê?

— Dois anos — respondeu Paige —, mas mantivemo-nos sempre em contato.

— Você é uma garota de sorte — suspirou Kat. — Bem, já estamos todas acordadas. Vou fazer café.

As três sentaram-se à mesa da cozinha.

— Porque não fazemos uma festa ao Alfred? — sugeriu Honey.

— Uma espécie de festa de “Boas-vindas ao Noivo”?

— É uma boa ideia — concordou Kat.

— Vamos torná-la numa verdadeira celebração... com bolo, balões... e até fogos de artifício!

— Faremos aqui o jantar para ele — disse Honey.

Kat abanou a cabeça:

— Já provei dos seus pratos. Vamos encomendar comida de fora.

Faltavam ainda quatro dias para o domingo e passaram todo o tempo livre falando da chegada de Alfred. Por milagre, as três estavam de folga no domingo. No sábado, Paige conseguiu ir a um salão de beleza.

Fez algumas compras e adquiriu, radiante, um vestido novo.

— Fico bem? Achar que ele irá gostar?

— Você fica sensacional! — garantiu Honey. — Espero que ele te mereça.

Paige sorriu:

— Espero que eu o mereça. Vocês irão gostar dele. Ele é fantástico!

No domingo, o elaborado almoço que elas encomendaram estava disposto na mesa de jantar, com uma garrafa de champanhe gelado. Nervosas, as mulheres permaneceram à espera que Alfred chegasse.

Às duas horas, a campainha tocou e Paige correu para a porta e abriu-a. Ali estava Alfred. Com um aspecto um tanto cansado e ligeiramente mais magro. Mas era o seu Alfred. Ao seu lado encontrava-se uma morena que aparentava ter cerca de trinta anos.

— Paige! — exclamou Alfred.

Paige atirou-se-lhe ao pescoço. Depois, voltou-se para Honey e para Kat e disse com orgulho:

— Este é Alfred Turner. Alfred, estas são as minhas companheiras, Honey Taft e Kat Turner.

— Muito prazer — disse Alfred, voltando-se para a mulher que estava ao seu lado. — E esta é Karen Turner, minha mulher.

As três mulheres ficaram paralisadas.

Paige disse lentamente:

— A sua mulher?

— Sim. — disse, franzindo as sobrancelhas. — Não... não recebeu a minha carta?

— Carta?

— Sim. Enviei-a há várias semanas.

— Não...

— Oh. Eu... lamento sinceramente. Expliquei tudo na minha... mas é claro, se

não a recebeu a... — A voz começou a desaparecer. — Lamento sinceramente, Paige. Nós dois estivemos tanto tempo afastados que eu... e depois conheci a Karen... e sabe como é...

— Eu sei como é — respondeu Paige, ainda não refeita. Voltou-se para Karen e forçou um sorriso: — Eu... espero que ambos sejam felizes.

— Obrigada.

Houve um silêncio embaraçoso.

Karen disse:

— Acho que é melhor irmos embora, querido.

— Sim, acho melhor — respondeu Kat.

Alfred passou a mão pelos cabelos:

— Lamento muito, Paige. Eu... bem... adeus.

— Adeus, Alfred.

As três mulheres ali ficaram vendo partir o casal recém-casado.

— Que grande filho da puta! — disse Kat. — Mas que ato de malvadez.

Os olhos de Paige encheram-se de lágrimas.

— Eu... ele não queria... quero dizer... deve ter explicado tudo na carta.

Honey abraçou Paige:

— Devia haver uma lei que permitisse que todos os homens fossem castrados.

— Brindo a isso — afirmou Kat.

— Desculpem — disse Paige.

Correu para o quarto e fechou a porta atrás de si. Não saiu de lá o resto do dia.

Durante os meses seguintes, Paige poucas vezes esteve com Kat e Honey.

Tomavam juntas um café da manhã rápido na cafeteria e às vezes cruzavam-se nos corredores.

Comunicavam-se principalmente através de notas deixadas no apartamento.

— O jantar está na geladeira.

— O microondas está desligado.

— Desculpem, não tive tempo para limpar tudo.

— Que tal irmos as três jantar fora no sábado?

O horário impossível continuou a ser castigador, pondo à prova a resistência de todos os residentes.

Paige agradeceu a pressão. Não lhe sobrava tempo para pensar em Alfred e no maravilhoso futuro que tinham planejado juntos.

No entanto, não conseguia esquecê-lo.

O que ele fizera tinha-a enchido de uma dor que se recusava a abandoná-la. Ela torturava-se com o jogo fútil de “e se?”.

“E se eu tivesse ficado com o Alfred em África? E se ele tivesse vindo para Chicago comigo? E se ele não tivesse conhecido a Karen? E se...?”

Uma sexta-feira, quando Paige foi ao vestiário para vestir a bata, nesta estava

escrita a palavra “cabra” com marcador preto.

Na manhã seguinte, quando Paige foi procurar o bloco de notas, não conseguiu encontrá-lo. Todos os seus apontamentos tinham desaparecido. “Talvez o tenha deixado em outro lugar”, pensou Paige.

Mas não conseguia acreditar nisso.

O mundo fora do hospital deixara de existir. Paige sabia que o Iraque estava atacando o Kuwait e que isso tinha sido abafado pelos cuidados exigidos por um paciente de quinze anos com leucemia. No dia em que as Alemanhas Oriental e Ocidental se uniram, Paige estava ocupada tentando salvar a vida de um paciente diabético. Margaret Thatcher demitiu-se de primeira-ministra da Grã-Bretanha, mas, ainda mais importante, o paciente do 214 tinha voltado a andar.

O que tornou tudo suportável foram os médicos com quem Paige trabalhava. Com algumas exceções, tinham-se dedicado a sarar os outros, aliviando-lhes as dores e salvando-lhes a vida.

Paige assistiu aos milagres que eles efetuavam todos os dias e isso fê-la sentir-se orgulhosa.

A pressão maior vinha da SU. A sala de urgências estava constantemente cheia de pessoas, que sofriam de todas as formas imaginárias de traumas. As prolongadas horas no hospital e as pressões causavam tensão nos médicos e enfermeiras que ali trabalhavam. A taxa de divórcios entre os médicos era extraordinariamente elevada e as relações extraconjugais eram comuns.

Tom Chang era um dos que tinham problemas. Falou disso a Paige durante a pausa para um café.

— Consigo suportar as horas — confidenciou Chang —, mas a minha mulher não consegue. Queixa-se que já não me vê e que sou um estranho para a minha filhinha. Ela tem razão. Não sei o que fazer.

— A sua mulher já visitou o hospital?

— Não.

— Porque não a convida para almoçar, Tom? Deixa-a ver o que vocÊ faz aqui e a importância que isso tem.

Chang animou-se:

— Boa ideia. Obrigado, Paige. Vou fazer isso. Gostaria que a conhecesse. Quer almoçar conosco?

— Com todo o prazer.

A mulher de Chang, Sye, era uma encantadora jovem de beleza clássica. Chang mostrou-lhe o hospital e depois almoçaram com Paige na cafetaria. Chang disse a Paige que Sye nascera e fora criada em Hong Kong.

— Gosta de São Francisco? — perguntou Paige.

Houve um breve silêncio:

— É uma cidade interessante — respondeu Sye, delicadamente —, mas sinto-me

como se fosse uma estranha aqui. É uma cidade demasiado grande e barulhenta.

— Mas, segundo me disseram Hong Kong também é grande e barulhenta.

— Sou de uma pequena aldeia situada a uma hora de Hong Kong. Ali não há barulho nem automóveis e todos se conhecem uns aos outros. — Olhou para o marido: — Lá, Tom, eu e a nossa filhinha éramos muito felizes. Tudo é muito bonito na ilha de Lamma. Possui praias de areia branca e pequenas quintas e muito próximo encontra-se uma pequena aldeia de pescadores, Sak Kwu Wan. É muito pacífica. — A voz soou muito nostálgica: — Eu e o meu marido ficávamos juntos a maior parte do tempo, tal como deve estar uma família. Aqui, nunca o vejo.

Paige respondeu:

— Senhora Chang, sei que neste momento tudo é difícil para você, mas dentro de alguns anos Tom poderá abrir o seu próprio consultório e então tudo será mais fácil.

Tom Chang pegou na mão da mulher:

— Vê? Tudo ficará bem, Sye. Terá de ter paciência.

— Eu compreendo — respondeu ela, mas não havia convicção na voz.

Enquanto conversavam entrou um homem na cafeteria e, quando este parou junto à porta, Paige apenas conseguiu ver-lhe a parte de trás da cabeça. O coração começou a bater mais depressa. Ele voltou-se. Era um completo estranho.

Chang olhava para Paige:

— Sente-se bem?

— Sim — mentiu Paige. “Tenho de o esquecer. Tudo acabou.” No entanto, as recordações de todos aqueles maravilhosos anos, o divertimento, a excitação, o amor que tinham um pelo outro... “Como é que eu esqueço tudo isso? Será que consigo persuadir um dos médicos daqui a fazer-me uma lobotomia?”

Numa das correrias, Paige encontrou-se com Honey no corredor. Esta arfava e parecia preocupada.

— Está tudo bem? — perguntou Paige.

Honey tentou sorrir:

— Sim. Tudo bem. — E continuou a correr.

Recentemente, Honey fora designada para assistir um médico de nome Charles Isler, conhecido no hospital como o militar severo.

No primeiro dia de rondas de Honey, ele dissera:

— Tenho estado ansioso por trabalhar com você, doutora Taft. O doutor Wallace falou-me do seu registro espetacular na escola de medicina. Foi-me dito que vai praticar medicina interna.

— Sim.

— Muito bem. Então, tê-la-ei aqui por mais três anos.

Começaram a ronda.

O primeiro paciente era um jovem mexicano. O Dr. Isler ignorou os outros residentes e voltou-se para Honey:

— Penso que este será um caso interessante para você, doutora Taft. O paciente possui todos os sinais e sintomas clássicos: anorexia, perda de peso, paladar metálico, fadiga, anemia, hiperirritabilidade e descoordenação. Como diagnosticaria? — sorriu, expectante.

Por um momento, Honey olhou para ele:

— Bem, podem ser uma série de coisas, não é assim?

O Dr. Isler olhou para ela, confuso:

— É um caso claro de...

Um dos outros residentes interrompeu:

— Envenenamento por chumbo?

— Exato — respondeu o Dr. Isler.

Honey sorriu:

— Claro. Envenenamento por chumbo.

O Dr. Isler voltou-se novamente para Honey:

— Como o trataria?

Honey respondeu evasivamente:

— Bem, existem vários métodos de tratamento, não é assim?

Um outro residente afirmou:

— Se o paciente esteve exposto por muito tempo, deverá ser tratado como um caso potencial de encefalopatia.

O Dr. Isler anuiu:

— Exato. É isso que estamos fazendo. Estamos corrigindo a desidratação e os distúrbios por eletrólitos e administrando-lhe terapia de quelação.

O paciente seguinte era um homem de cerca de oitenta anos.

Tinha os olhos vermelhos e as pálpebras praticamente coladas.

— Daqui a pouco iremos tratar-lhe dos olhos — garantiu-lhe o Dr. Isler. — Como se sente?

— Oh, não estou tão mal assim para um velho.

O Dr. Isler puxou o cobertor a fim de destapar os joelhos e tornozelos inchados.

Havia lesões nas solas dos pés.

Voltando-se para os residentes:

— O inchaço é causado pela artrite. — Olhou para Honey: — Em combinação com as lesões e a conjuntivite, tenho a certeza que sabe qual é o diagnóstico.

Honey respondeu lentamente:

— Bem, pode ser... sabe...

— É a síndrome de Reiter — afirmou um dos residentes. — A causa é desconhecida. Normalmente é acompanhada de febres baixas.

O Dr. Isler anuiu:

— Exatamente. — Olhou para Honey: — Qual é o seu prognóstico?

— O prognóstico?

O residente respondeu:

— O prognóstico é incerto. Pode ser tratado com anti-inflamatórios.

— Muito bem — elogiou o Dr. Isler.

Visitaram uma dúzia de pacientes e, quando terminaram, Honey perguntou ao médico:

— Poderei falar um momento a sós com o senhor, doutor Isler?

— Sim. Venha ao meu gabinete.

Quando já se encontravam comodamente sentados, Honey começou:

— Sei que ficou desapontado comigo.

— Admito que fiquei um pouco surpreendido por...

— Eu sei, doutor Isler. — interrompeu Honey. — Não dormi a noite passada. Para dizer a verdade, fiquei tão satisfeita por trabalhar com o senhor que eu... não consegui dormir.

Olhou para ela, surpreendido:

— Oh. Compreendo. Sabia que tinha de haver uma explicação para... quero dizer, o seu registro da faculdade de medicina era tão fantástico. O que a fez decidir ser médica?

Por momentos Honey baixou a cabeça e depois respondeu, suavemente:

— Tive um irmão mais novo que ficou aleijado num acidente. Os médicos fizeram tudo o que puderam para o salvar... mas vi-o morrer. Durou muito tempo e senti-me inútil. Foi então que decidi passar a minha vida ajudando os outros a melhorar. — Os olhos encheram-se de lágrimas.

“É tão vulnerável”, pensou Isler.

— Estou satisfeito por termos tido esta conversa.

Honey olhou para ele e pensou: “Ele acreditou em mim.”

Numa outra zona da cidade, jornalistas e pessoal da televisão esperavam na rua por Lou Dinetto quando este saiu do tribunal, sorrindo e acenando de forma imponente para os que ali se encontravam. Estavam dois guarda-costas ao seu lado: um alto e magro, conhecido por Sombra, e o outro de aspecto pesado, chamado Rhino.

Como sempre, elegante e dispendioso, Lou Dinetto vestia um terno de seda cinzenta com camisa branca, gravata azul e sapatos de pele de crocodilo. As suas roupas tinham de ser cuidadosamente talhadas para o fazerem parecer bem alinhado, uma vez que era baixo e corpulento, com pernas arqueadas.

Tinha sempre um sorriso e um gracejo pronto para a imprensa e estes gostavam de o citar. Dinetto tinha sido indiciado e julgado três vezes por acusações que iam de incêndio premeditado a chantagem e assassinato, livrando-se de todas elas.

Naquele momento, quando ele saía do tribunal, um dos jornalistas gritou:

— Sabia que ia ser absolvido, senhor Dinetto?

Dinetto deu uma gargalhada:

— Claro que sabia. Sou um homem de negócios inocente. O Governo não sabe fazer mais nada senão perseguir-me. Essa é uma das razões por que os nossos impostos são tão elevados.

Uma câmara de televisão estava apontada para ele. Ao saber-se focado, Lou Dinetto deixou de sorrir.

— Senhor Dinetto, pode explicar porque é que duas testemunhas que iriam depor contra si no julgamento por assassinato não compareceram?

— É claro que posso — disse Dinetto. — Eram cidadãos honestos que decidiram não prestar falsos testemunhos.

— O Governo afirma que o senhor é o chefe da máfia da costa ocidental e que foi o senhor que organizou...

— A única coisa que eu organizei foi o lugar onde as pessoas se sentam no meu restaurante. Quero que todos se sintam confortáveis. — Sorriu para o grupo de jornalistas. — A propósito, esta noite estão todos convidados para jantar e beber à borla no restaurante.

Avançou em direção ao passeio, onde uma limusine preta o esperava.

— Senhor Dinetto...

— Senhor Dinetto...

— Senhor Dinetto...

— Vejo-vos logo à noite no meu restaurante, rapazes e garotas. Todos sabem onde fica.

E Lou Dinetto entrou no carro, acenando e sorrindo.

Rhino fechou a porta da limusine e sentou-se no banco da frente. O Sombra sentou-se ao volante.

— Foi fantástico, patrão! — disse Rhino. — O senhor sabe mesmo bem como manobrar-lhes o rabo.

— Aonde vamos? — perguntou o Sombra.

— Para casa. Far-me-á bem tomar um banho quente e comer um bom bife.

O carro partiu.

— Não gostei daquela pergunta sobre as testemunhas — disse Dinetto. — Têm a certeza de que eles nunca...

— A não ser que consigam falar debaixo de água, patrão.

Dinetto anuiu:

— Muito bem.

O carro atravessou veloz a Fillmore Street. Dinetto perguntou:

— Viram o olhar do advogado de acusação quando o juiz se retirou...?

De repente, surgiu um pequeno cão mesmo à frente da limusine. O Sombra virou rapidamente o volante para evitar atropelá-lo e travou a fundo. O carro subiu o passeio e bateu num poste de eletricidade. Rhino bateu com a cabeça no para-brisas.

— Que merda está fazendo? — gritou Dinetto. — Está tentando matar-me?

O Sombra ficou tremendo:

— Desculpe, patrão. Apareceu um cão à frente do carro...

— E você decidiu que a vida dele era mais importante do que a minha? Seu parvalhão!

Rhino gemia. Voltou-se para trás e Dinetto viu sangue correnso de um corte grande na testa.

— Por amor de Deus! — gritou Dinetto. — Vê o que fez?

— Estou bem — murmurou Rhino.

— Uma merda é que está! — Dinetto virou-se para o Sombra.

— Leva-o ao hospital.

O Sombra retirou o carro do passeio.

— O Embarcadero fica a alguns quarteirões daqui. Vamos levá-lo à urgência.

— Certo, patrão.

Dinetto voltou a recostar-se no assento:

— Um cão — disse desgostosamente. — Meu Deus!

Kat estava na urgência quando Dinetto, o Sombra e Rhino entraram. Rhino sangrava muito. Dinetto chamou Kat:

— Hei, você aí?

Kat levantou a cabeça:

— Está falando comigo?

— Com quem julga que estou falando? Este homem está sangrando. Trate imediatamente dele.

— Há meia dúzia de pessoas à frente dele — disse rapidamente Kat. — Terá de esperar pela sua vez.

— Não vai esperar nada — respondeu Dinetto. — Você vai cuidar já dele.

Kat dirigiu-se a Rhino e examinou-o. Pegou um pedaço de algodão e pressionou-o contra o corte.

— Mantenha-o aí. Já volto.

— Disse-lhe que cuidasse já dele — disse Dinetto bruscamente. Kat voltou-se para Dinetto:

— Esta é a ala de urgências do hospital. Sou a médica de plantão. Por isso, fique calado ou saia.

O Sombra disse:

— Minha senhora, não sabe com quem está falando. É melhor fazer o que lhe foi dito. Este é o senhor Lou Dinetto.

— Uma vez que as apresentações terminaram — disse Dinetto, impacientemente —, cuide do meu homem.

— O senhor tem problemas de audição — respondeu Kat. — Vou dizer mais uma vez. Fique calado ou saia daqui. Preciso trabalhar.

Rhino afirmou:

— Não pode falar com...

Dinetto voltou-se para ele:

— Cale-se! — Olhou novamente para Kat e o tom de voz mudou. — Ficar-lhe-ia grato se tratasse dele o mais depressa possível.

— Farei o possível. — Kat sentou Rhino numa maca. — Deite-se. Regressarei em breve. — Olhou para Dinetto. — Há cadeiras ali ao canto.

Dinetto e o Sombra ficaram vendo-a dirigir-se para a outra ponta da sala de urgências para cuidar dos pacientes que ali se encontravam à espera.

— Meu Deus! — disse o Sombra. — Nem sequer sabe quem é o senhor.

— Penso que não iria alterar nada. Ela tem tomates.

Quinze minutos mais tarde, Kat regressou para junto de Rhino e examinou-o.

— Não há contusões — afirmou. — Teve sorte. Mas o corte é feio.

Dinetto ficou vendo Kat suturar habilmente a testa de Rhino. Quando Kat terminou, disse:

— Deve sarar bem. Volte aqui dentro de cinco dias para retirar os pontos.

Dinetto aproximou-se e examinou a testa de Rhino:

— Ficou um ótimo trabalho.

— Obrigada — respondeu Kat. — Bem, se me derem licença...

— Espere um momento — disse Dinetto. Voltou-se para o Sombra. — Dá-lhe uma nota cê.

O Sombra tirou do bolso uma nota de cem dólares:

— Tome.

— A Caixa fica lá fora.

— Isto não é para o hospital. É para você.

— Não, obrigada.

Dinetto ficou vendo Kat afastar-se e começar a tratar de outro paciente. O Sombra aventou:

— Talvez não seja o suficiente, patrão.

Dinetto abanou a cabeça:

— Ela é uma mulher independente. Gosto disso. — Ficou calado por momentos.

— O doutor Evans vai se reformar, não é?

— Sim.

— Certo. Quero que descubra tudo sobre esta médica.

— Para quê?

— Influência. Acho que ela poderá vir a ser muito útil.

Os hospitais são governados por enfermeiras. Margaret Spencer, a enfermeira-chefe, trabalhava no Embarcadero desde há vinte anos e sabia onde estavam enterrados todos os corpos — literal e figurativamente. A enfermeira Spencer estava encarregada do hospital e os médicos que não aceitavam esse fato

metiam-se em encrencas. Sabia quais eram os médicos que se drogavam ou bebiam, quais os incompetentes e quais os que mereciam o seu apoio.

Sob o seu controle estavam todas as enfermeiras-estudantes, enfermeiras registradas e enfermeiras das salas de operações.

Era Margaret Spencer quem as designava para as várias cirurgias e, dado que estas variavam entre indispensáveis e incompetentes, era melhor que os médicos se dessem bem com ela. Tinha poderes para designar uma auxiliar de limpeza para assistir a uma complicada remoção renal ou, se simpatizasse com o médico, enviar a sua enfermeira mais competente para o ajudar num procedimento simples.

Entre os muitos preconceitos de Margaret Spencer, estava a antipatia para com médicas e negros.

Kat Hunter era uma médica negra.

Kat passava um mau bocado. Nada era abertamente dito ou feito e, contudo, a discriminação surgia de maneira demasiado sutil para ser apontada. As enfermeiras que mandava chamar não estavam disponíveis e as que lhe eram designadas eram quase incompetentes. Frequentemente, Kat era enviada para examinar pacientes clínicos masculinos com doenças venéreas.

Aceitou os primeiros casos como rotina, mas quando lhe foram dados meia dúzia para examinar num único dia, ficou desconfiada.

Num intervalo para o almoço, disse a Paige:

— Já atendeu muitos homens com doenças venéreas?

Por um momento, Paige ficou pensativa:

— Um, na semana passada. Um empregado do hospital.

“Vou ter de resolver isto de alguma maneira” — pensou Kat.

A enfermeira Spencer tinha planejado livrar-se da Dra. Hunter dificultando-lhe a vida de tal maneira que esta seria obrigada a desistir, mas não contara com a dedicação ou a habilidade de Kat. Pouco a pouco, Kat foi ganhando a confiança dos colegas com quem trabalhava e dos pacientes. Mas a verdadeira oportunidade surgiu devido ao que acabou por ser conhecido no hospital como a famosa chantagem do sangue de porco. Um dia, durante a ronda da manhã, Kat trabalhava com um residente chefe, chamado Dundas. Encontravam-se junto à cabeceira de um paciente inconsciente.

— O senhor Levy sofreu um acidente de automóvel — informou Dundas aos residentes mais novos. — Perdeu muito sangue e necessita de uma transfusão imediata. Neste momento, o hospital não tem sangue suficiente. Este homem tem família, mas esta recusa-se a doar-lhe sangue. É revoltante.

Kat perguntou:

— Onde está a família dele?

— Na sala de espera das visitas — respondeu o Dr. Dundas.

— Permite-me que fale com eles? — perguntou Kat.

— Não vai adiantar nada. Já falei com eles. Já tomaram a decisão.

Quando a ronda terminou, Kat dirigiu-se à sala de espera das visitas. A esposa do homem e filhos já grandes encontravam-se lá. O filho vestia um solidéu e trajas rituais judeus.

— Senhora Levy? — perguntou Kat, dirigindo-se à mulher.

Ela levantou-se:

— Como está o meu marido? O médico vai operá-lo?

— Sim — respondeu Kat.

— Bem, não nos peça para doarmos sangue. Atualmente é muito perigoso por causa da AIDS e tudo o mais.

— Senhora Levy — disse Kat —, não se apanha AIDS por doação de sangue. Não é possível...

— Não me diga! Eu leio os jornais. Sei o que é.

Kat estudou-a por um momento:

— Já percebi isso. Bom, está bem, senhora Levy. Neste momento o hospital não tem sangue suficiente, mas nós já solucionamos o problema.

— Que bom.

— Vamos dar ao seu marido sangue de porco.

Mãe e filho olharam chocados para Kat:

— O quê?

— Sangue de porco — disse Kat, alegremente. — Provavelmente não irá fazer-lhe mal. — E começou a afastar-se.

— Um momento, por favor! — suplicou a mulher.

Kat parou:

— Sim?

— Eu, am... dêem-nos algum tempo, por favor.

— Com certeza.

Quinze minutos mais tarde, Kat foi ter com o Dr. Dundas:

— Não tem de se preocupar mais com a família do senhor Levy. Todos eles estão dispostos a doar sangue.

No hospital, a história transformou-se imediatamente numa lenda. Os médicos e enfermeiras que antes ignoravam Kat, arranjam maneira de falar com ela.

Alguns dias mais tarde, Kat entrou no quarto particular de Tom Leonard, um paciente com úlcera. Este comia um enorme almoço que trouxera consigo, depois de o ter adquirido em um restaurante muito próximo.

Kat aproximou-se da cama:

— O que está fazendo?

Ele ergueu a cabeça e sorriu:

— Comendo um almoço decente, para variar. Está servida? Há muito aqui.

Kat chamou uma enfermeira.

— Sim, doutora?

— Tire esta comida daqui. O senhor Leonard está sob dieta rigorosa do hospital. Não leu o prontuário?

— Sim, mas ele insistiu...

— Retire tudo, por favor.

— Eh! Espere um momento! — protestou Leonard. — Não consigo comer a papa que este hospital me dá!

— Vai comer, se quiser livrar-se da sua úlcera. — Kat voltou-se para a enfermeira: — Leve isto daqui.

Trinta minutos mais tarde, Kat foi chamada ao gabinete do administrador.

— Mandou me chamar, doutor Wallace?

— Sim. Sente-se. Tom Leonard é um dos seus pacientes, não é assim?

— Exato. Hoje, à hora do almoço, apanhei-o comendo um sanduíche de carne muito condimentada com picles e salada de batata, cheia de especiarias, e...

— E tirou-a das mãos.

— Claro.

Wallace inclinou-se na cadeira:

— Doutora, provavelmente não se deu conta de que Tom Leonard faz parte do quadro supervisor do hospital. Queremos que ele se sinta bem. Percebe o que quero dizer?

Kat olhou para ele e disse, obstinadamente:

— Não, senhor.

Ele pestanejou:

— O quê?

— Parece-me a mim que a maneira de manter Tom Leonard feliz é ajudá-lo a ser saudável. Nunca ficará curado se encher o estômago até rebentar.

Benjamin Wallace forçou um sorriso:

— Porque não o deixamos tomar essa decisão?

Kat levantou-se:

— Porque eu sou a médica dele. Mais alguma coisa?

— Eu... hum... não. É tudo.

Kat saiu do gabinete.

Benjamin Wallace, abismado, manteve-se ali sentado.

Médicas!

Kat estava de plantão à noite quando recebeu uma chamada:

— Doutora Hunter, acho melhor vir ao trezentos e vinte.

— Vou já para aí.

A paciente do quarto 320 era a Sra. Molloy, uma paciente cancerosa com cerca de oitenta anos, de prognóstico muito ruim. Quando Kat se aproximava da porta

ouviu vozes lá dentro, a discutirem alto, mas ela entrou no quarto. A Sra. Molloy estava deitada, cheia de sedativos, mas consciente. O filho e duas filhas encontravam-se no quarto.

O filho disse:

— Acho que devemos dividir os bens por três.

— Não! — afirmou uma das filhas. — Laurie e eu é que cuidamos da mamã. Quem tem limpado e cozinhado para ela? Nós! Bem, temos direito ao dinheiro dela e...

— Sou tão carne e sangue dela como vocês! — gritou o homem.

A Sra. Molloy, indefesa, ouvia. Kat estava furiosa:

— Com licença — disse ela.

Uma das mulheres olhou para ela:

— Venha mais tarde, enfermeira. Estamos ocupados.

Kat disse zangada:

— Esta é minha paciente. Dou-lhes dez segundos para saírem deste quarto. Podem aguardar na sala de espera. Agora saiam, antes que chame a segurança para os tirar daqui. O homem começou a dizer qualquer coisa, mas o olhar de Kat fê-lo interromper. Voltou-se para as irmãs e gesticulou:

— Podemos falar lá fora.

Kat ficou vendo os três abandonarem o quarto. Voltou-se para a Sra. Molloy e abanou a cabeça:

— Eles não quiseram dizer isso — disse Kat, gentilmente.

Sentou-se na borda da cama, pegou na mão da velha e ficou vendo-a chorar até adormecer.

“Todos nós estamos morrendo”, pensou Kat. “Esqueçam o que disse Dylan Thomas. O verdadeiro truque é entrar suavemente nesse sono eterno.”

Kat estava tratando de um paciente quando um empregado entrou na sala.

— Há uma chamada urgente para você na secretaria, doutora.

Kat franziu as sobrancelhas:

— Obrigada. — Voltou-se para o paciente, que tinha gesso em todo o corpo e as pernas suspensas por uma roldana: — Volto já. — No corredor, na área das enfermeiras, levantou o telefone: — Alô?

— Olá, mana!

— Mike! — Ficou eufórica ao ouvi-lo, mas a excitação transformou-se logo em preocupação: — Mike, disse-te para nunca me procurar aqui. Tem o número do apartamento se...

— Eh, desculpa. Isto não podia esperar. Tenho um pequeno problema.

Kat sabia o que ia ouvir.

— Pedi dinheiro a alguém para investir num negócio... — Kat nem quis saber que negócio era. — E fracassou. Sim. E agora ele quer o dinheiro de volta.

— Quanto, Mike?

— Bem, se pudesses mandar cinco mil...

— O quê?

A enfermeira da secretaria olhava curiosamente para Kat.

Cinco mil dólares. Kat baixou a voz:

— Não tenho essa quantia. Posso... Posso enviar metade agora e o restante dentro de algumas semanas. Está bem assim?

— Acho que sim. Detesto aborrecer-te, mana, mas sabe como é.

Kat sabia exatamente como era. O irmão tinha vinte e dois anos e não raro envolvia-se em negócios misteriosos. Estava sempre metido no meio de gangs e só Deus sabia o que faziam, mas Kat sentia uma grande responsabilidade para com ele. “É tudo por minha culpa”, pensou Kat. “Se não tivesse fugido de casa, abandonando-o...”

— Não se metas em confusão, Mike. Gosto muito de você.

— Também gosto de você, Kat.

“De algum modo vou ter de arranjar esse dinheiro”, pensou. “Mike é tudo o que possui no mundo.”

O Dr. Isler estava ansioso por trabalhar novamente com Honey Taft. Tinha perdoado o seu comportamento absurdo e, na realidade, sentia-se lisonjeado com a admiração que esta nutria por ele. Mas desta vez, de novo fazendo a ronda, Honey ficou atrás dos outros residentes e nunca tentou adiantar-se na resposta às perguntas dele.

Trinta minutos depois da ronda, o Dr. Isler estava sentado no gabinete de Benjamin Wallace.

— Qual é o problema? — perguntou Wallace.

— É a doutora Taft.

Wallace olhou para ele, verdadeiramente surpreso:

— A doutora Taft? Tem as melhores recomendações que jamais vi.

— Isso é que me deixa intrigado — afirmou o Dr. Isler. — Tenho recebido relatórios de alguns dos outros residentes. Ela tem feito alguns diagnósticos errados e cometido alguns erros graves. Quero saber que raio se passa aqui.

— Não compreendo. Ela frequentou uma ótima faculdade de medicina.

— Talvez fosse melhor ligar ao reitor da faculdade — sugeriu o Dr. Isler.

— É Jim Pearson. É um bom homem. Vou telefonar-lhe.

Alguns minutos mais tarde, Wallace falava ao telefone com Jim Pearson. Conversaram de banalidades e depois Wallace disse:

— Liguei por causa de Betty Lou Taft.

Houve um breve silêncio:

— Sim?

— Estamos tendo alguns problemas com ela, Jim. Foi admitida aqui devido às

suas maravilhosas recomendações.

— Exato.

— Para ser franco, tenho o seu relatório aqui à minha frente. Diz que ela foi uma das melhores alunas de sempre.

— Está correto.

— E que ela seria um louvor para a profissão médica.

— Sim.

— Houve alguma dúvida sobre...

— Nenhuma — disse o Dr. Pearson com firmeza. — Nenhuma mesmo. Talvez seja um tanto nervosa. Ela é muito sensível, mas se lhe derem uma oportunidade, tenho a certeza que ficará bem.

— Bem, agradeço o conselho. Com certeza que iremos dar-lhe todas as oportunidades. Obrigado.

— De nada. — A linha caiu.

Jim Pearson ficou ali sentado, odiando-se pelo que acabara de fazer. “A minha mulher e os meus filhos estão em primeiro lugar.”

Honey Taft teve a pouca sorte de ter nascido no seio de uma família bem-sucedida. O seu vistoso pai era o fundador e presidente de uma grande empresa de computadores de Mênfis, Tennessee, a sua bela mãe era uma cientista de genética e as irmãs gêmeas mais velhas eram tão atraentes, inteligentes e ambiciosas como os pais. Os Tafts encontravam-se entre as famílias mais proeminentes de Mênfis.

Honey nascera inconvenientemente quando as irmãs tinham seis anos.

— Honey foi o nosso pequeno acidente.” dizia a mãe às amigas. — Eu quis fazer um aborto, mas Fred foi contra. Agora está arrependido.

Onde as irmãs eram espantosas, Honey era vulgar.

Onde elas eram brilhantes, Honey era mediana. As irmãs tinham começado a falar aos nove meses. Honey só disse a primeira palavra quase aos dois anos.

— Chamamos-lhe “a palerma” — troçava o pai. — Honey é o patinho feio da família Taft. Só que acho que ela nunca irá transformar-se num cisne.

Não é que Honey fosse feia, mas também não era bonita. Tinha um aspecto vulgar, com um rosto magro e comprido, cabelo alourado e um corpo pouco invejável.

O que Honey realmente possuía era uma extraordinária e doce disposição, qualidade não muito prezada numa família de pessoas competentes e bem-sucedidas.

Honey lembrava-se que, desde muito cedo, o seu maior desejo era agradar aos pais e às irmãs, fazendo-os gostar dela. Foi um esforço fútil. Os pais estavam ocupados com as respectivas carreiras e as irmãs não tinham tempo para mais nada senão para concursos de beleza e bolsas de estudo. Para agravar a situação,

Honey era invulgarmente envergonhada. Consciente ou inconscientemente, a família tinha-lhe incutido uma profunda sensação de inferioridade.

No colégio, Honey era conhecida como a Solitária. Ia sozinha aos bailes escolares e festas, sorria e procurava esconder as suas tristezas para não estragar a festa dos outros. Via as irmãs saírem com os rapazes mais populares do colégio e, em seguida, subia para o seu solitário quarto para se dedicar aos estudos.

E evitar chorar.

Nos fins-de-semana e durante as férias de Verão, Honey juntava algum dinheiro cuidando de crianças. Gostava de cuidar de crianças e estas adoravam-na.

Quando Honey não estava trabalhando, saía de casa e ia sozinha explorar Mênfis. Visitou Graceland, onde Elvis Presley tinha vivido, e percorreu a Beale Street, onde os blues tiveram início. Visitou o Pink Palace Museum e o Planetarium, com o seu rugidor e assustador dinossauro.

Foi ao aquário.

E Honey estava sempre sozinha.

Não sabia que a sua vida estava prestes a sofrer uma mudança radical. Honey sabia que muitas das suas colegas tinham encontros amorosos. Falavam constantemente disso no colégio:

— Você já foi para a cama com o Ricky? Ele é o melhor...!

— Joe é o máximo em orgasmos...

— Ontem à noite saí com o Tony. Estou exausta. Que animal! Logo à noite vou sair com ele outra vez...

Honey ali ficava ouvindo as conversas e sentia uma inveja doce-amarga e a sensação de que nunca iria saber como era o sexo. “Quem poderá querer-me?”, perguntava-se a si própria.

Numa sexta-feira, houve um baile no colégio. Honey não tencionava ir, mas o pai disse-lhe:

— Sabe, estou preocupado. As suas irmãs disseram-me que você é solitária e que não vai ao baile por não conseguir arranjar um par.

Honey corou:

— Isso não é verdade — disse. — Tenho um par e vou. — “Não o deixes perguntar quem é o par,” rezou Honey.

Ele não perguntou.

Assim, Honey viu-se no baile sentada no canto habitual, vendo os outros dançar e divertirem-se ao máximo.

Foi então que aconteceu o milagre.

Roger Merton, o capitão da equipe de futebol e o rapaz mais popular do colégio, estava na pista de dança discutindo com a namorada. Tinha bebido.

— Você é um parvalhão inútil e egoísta! — disse ela.

— E você é uma vagabunda.

— Vai-te foder.

— Não posso foder sozinho, Sally. Só posso foder alguém mais. Alguém que eu queira.

— Então vai! — Correu para fora da pista de dança.

Honey não pôde deixar de ouvir.

Merton viu-a olhar para ele:

— Para onde pensa que está olhando? — perguntou em tom zangado.

— Nada — respondeu Honey.

— Vou mostrar àquela puta! Julga que não lhe mostro?

— Eu... sim.

— Pode ter certeza. Vamos beber qualquer coisa.

Honey hesitou. Merton estava obviamente bêbado.

— Bem, eu não...

— Ótimo. Tenho uma garrafa no carro.

— Acho que não devo...

Pegou no braço de Honey e puxou-a para fora da sala.

Ela seguiu-o, por não querer armar uma cena e deixá-lo embaraçado. Lá fora, Honey tentou soltar-se:

— Roger, não penso que seja uma boa ideia. Eu...

— O que é que você tem... medo?

— Não, eu...

— Então está bem. Vamos.

Levou-a até ao carro e abriu a porta. Honey manteve-se de pé por um momento.

— Entra.

— Só posso ficar um momento — disse Honey.

Entrou no carro porque não queria aborrecer Roger.

Ele sentou-se ao seu lado.

— Vamos mostrar àquela cabra estúpida, não vamos? — puxou uma garrafa de uísque. — Toma.

Honey já tinha provado uma bebida alcoólica uma vez e detestara-a. Mas não quis magoar os sentimentos de Roger.

Olhou para ele e, com relutância, tomou um pequeno gole.

— Okay! — disse. — É nova no colégio, hem?

Honey fazia parte de três das aulas dele:

— Não — respondeu. — Eu...

Roger inclinou-se e começou a brincar com os seios dela.

Espantada, Honey afastou-se.

— Eh! Vem cá. Não quer me agradar? — perguntou.

E essa foi a frase mágica. Honey queria agradar a todos, e se esta era a maneira de o fazer...

No desconfortável banco de trás do carro de Merton, Honey teve relações pela primeira vez e isso abriu um mundo incrivelmente novo para ela. Não sentiu

muito prazer com o ato sexual, mas isso não foi importante. O importante foi que Merton gostou. Na realidade, Honey ficou admirada com a forma como ele tinha gostado.

Parecia que o tinha deixado extasiado. Nunca vira ninguém gostar tanto de algo. “Então é assim que se satisfaz um homem...”, pensou Honey. Era uma manifestação divina.

Honey não conseguia esquecer o milagre que lhe tinha acontecido. Deitou-se na cama, recordando a dureza do membro de Merton introduzido nela, movimentando-se cada vez mais depressa, e depois os gemidos: “Oh, sim, sim... Jesus, você é fantástica, Sally...”

E Honey nem sequer tinha se importado com isso. Tinha agradado ao capitão da equipe de futebol! O rapaz mais popular do colégio! “E eu na realidade nem sequer sabia o que estava fazendo”, pensou ela. “Se eu soubesse bem como agradar a um homem...”

Foi então que Honey teve a sua segunda manifestação divina.

Na manhã seguinte, Honey dirigiu-se à Pleasure Chest, uma livraria pornográfica da Popular Street, e comprou meia dúzia de livros eróticos. Escondeu-os em casa e leu-os na privacidade do seu quarto.

Ficou espantada com o que lia.

Devorou as páginas de Jardim Perfumado e Kama Sutra, de Artes de Amar Tibetanas, de Alquimia do Êxtase e depois foi comprar mais. Leu as palavras de Gedun Chopel e os contos ocultos de Kanchinatha.

Estudou as fotografias excitantes das trinta e sete posições para fazer amor e aprendeu o significado da meia lua e do círculo, da pétala de lótus e dos pedaços de nuvem e a forma de se mexer.

Honey tornou-se perita nos oito tipos de sexo oral, nos caminhos dos dezesseis prazeres e no êxtase dos vários tipos de sexo. Sabia como ensinar um homem a fazer karuna para aumentar o prazer. Pelo menos teoricamente.

Honey achou que estava apta a pôr em prática os conhecimentos. O Kama Sutra tinha vários capítulos sobre afrodisíacos para excitar um homem, mas uma vez que Honey não sabia onde obter Hedysarum gangeticum, a planta kshirika ou Xanthochymus pictorius, inventou os seus próprios substitutos.

Na semana seguinte, quando Honey encontrou Roger Merton na sala de aula, dirigiu-se a ele e disse:

— Gostei muito da outra noite. Podemos repetir?

Só passado um momento, percebeu quem Honey era.

— Oh. Com certeza. Porque não? Os meus pais vão sair logo à noite. Porque não apareces lá por volta das oito horas?

Nessa noite, quando Honey chegou a casa de Merton levava consigo um pequeno frasco de xarope de bordo.

— Para que é isso? — perguntou ele.

— Já te mostro — respondeu Honey.

E mostrou-lhe.

No dia seguinte, Merton contou aos colegas do colégio tudo sobre Honey.

— Ela é incrível — disse. — Não imaginam o que ela é capaz de fazer com um pouco de xarope de bordo!

Nessa tarde, meia dúzia de rapazes convidaram Honey para sair com eles.

Daí em diante, começou a sair todas as noites.

Os rapazes andavam satisfeitos e isso tornara Honey muito feliz. Os pais dela estavam encantados com a súbita popularidade da filha.

— Foi preciso algum tempo para a nossa filha florescer — disse orgulhosamente o pai —, mas agora ela transformou-se numa verdadeira Taft!

Honey teve sempre notas baixas em matemática e sabia que tinha ido mal no teste final. O professor de matemática, o Sr. Janson, era solteiro e vivia perto do colégio. Uma tarde, Honey foi visitá-lo. Ao abrir a porta ficou admirado de vê-la.

— Honey! O que você faz aqui?

— Preciso da sua ajuda — respondeu ela. — O meu pai vai matar-me se eu reprovar. Trouxe alguns problemas de matemática e venho perguntar-lhe se pode me ajudar a resolvê-los.

Ele hesitou um momento:

— Isto não é normal, mas... muito bem.

O senhor Janson gostou de Honey. Não era como as outras garotas da sua turma. Estas eram ásperas e indiferentes, enquanto Honey era sensível e dedicada, sempre pronta a satisfazer. Desejou que ela tivesse mais aptidões para matemática.

Janson sentou-se no sofá ao lado de Honey e começou a explicar as misteriosas complexidades dos logaritmos.

Honey não estava interessada em logaritmos. Enquanto o professor falava, Honey foi se aproximando cada vez mais dele.

Começou a respirar para cima do pescoço e ouvido dele e, sem perceber o que estava acontecendo, o Sr. Janson deu com as calças desapertadas. Ficou espantado olhando para Honey:

— O que você está fazendo?

— Desejo-o desde o primeiro momento em que o vi — respondeu Honey.

Abriu a bolsa e retirou uma pequena lata de natas batidas.

— O que é isso?

— Já lhe mostro...

Honey obteve ótimas notas em matemática...

Não foram somente os acessórios que Honey utilizava que a tornaram popular, mas também os conhecimentos que obteve de todos os livros antigos sobre erotismo que leu. Ela satisfez os parceiros com técnicas que eles nem sequer

sonhavam, que tinham milhares de anos e estavam há muito esquecidas. Deu um novo significado à palavra “êxtase”. As notas de Honey melhoraram substancialmente e, de um momento para o outro, tornou-se ainda mais popular do que as irmãs quando estavam no colégio. Honey foi convidada para jantar no Private Eye e no Bombay Bicycle Club, bem como no Ice Capades, em Memphis Mall. Os rapazes levaram-na para esquiar no Cedar Cliff e saltar de pára-quedas no Aeroporto Landis.

Os últimos anos de colégio foram igual e socialmente bem sucedidos. Uma noite, ao jantar, o pai disse:

— Em breve você irá terminar o colégio. Está na hora de pensarmos no seu futuro. Já sabe o que pretende fazer da sua vida?

Ela respondeu de imediato:

— Quero ser enfermeira.

O rosto do pai ficou vermelho:

— Quer dizer médica!

— Não, pai. Eu...

— Você é uma Taft. Se quer seguir medicina, será uma médica. Estamos entendidos?

— Sim, pai.

Quando disse ao pai que queria ser enfermeira, Honey dizia a verdade. Gostava de cuidar das pessoas, de as ajudar e alimentar. Ficou assustada com a ideia de se tornar médica e ser responsável pela vida dos outros, mas sabia que não podia desapontar o pai. “Você é uma Taft!,

Conquanto as suas notas não fossem suficientemente boas para ingressar na faculdade de medicina, a influência do pai era-o, dado que se tratava de um dos principais contribuintes da Faculdade de Knoxville, Tennessee. Reuniu-se com o reitor, Dr. Jim Pearson.

— Está pedindo-me um grande favor — disse Pearson —, mas digo-lhe o que vou fazer. Vou admitir Honey numa base experimental. Se no fim de seis meses julgarmos que não está qualificada para continuar, teremos de manda-la embora.

— É justo. Ela irá surpreender-vos.

Ele teve razão.

O pai de Honey organizou tudo de forma a que ela ficasse em Knoxville na casa de um primo seu, o reverendo Douglas Lipton.

Douglas Lipton era padre na Igreja de São João Batista.

Tinha cerca de sessenta anos e era casado com uma mulher dez anos mais velha.

O padre ficou feliz por ter Honey em sua casa.

— Ela é como uma lufada de ar fresco — disse à esposa. Nunca tinha visto ninguém tão ansioso por satisfazer.

Honey saiu-se razoavelmente bem na faculdade de medicina, mas faltava-lhe a dedicação. Estava ali apenas para agradar ao pai.

Os professores simpatizavam com ela. Havia nela uma tal bondade genuína que os professores desejavam que tivesse êxito.

Por ironia, Honey era particularmente fraca em anatomia.

Durante a oitava semana, o professor da disciplina mandou-a chamar.

— Receio ter de reprová-la — disse com ar infeliz.

“Não posso reprovar”, pensou Honey. “Não posso deixar o meu pai ficar mal. O que teria aconselhado Boccaccio?”, Honey aproximou-se do professor:

— Vim para esta escola por sua causa. Ouvi tanta coisa a seu respeito. —

Aproximou-se ainda mais. — Quero ser como o senhor. — E ainda mais perto.

— Ser médica significa tudo para mim. — E mais perto ainda. — Por favor, ajude-me.

Uma hora mais tarde, quando Honey saiu do gabinete, tinha as respostas para o exame seguinte.

Antes de Honey terminar a faculdade de medicina, seduziu vários dos seus professores. Havia em si um ar de desamparo tal que ninguém conseguia resistir. Todos tinham a impressão de que eram eles que a seduziam e sentiam-se culpados por abusarem da sua inocência.

O Dr. Jim Pearson foi o último a sucumbir a Honey.

Ficou intrigado com as informações que ouviu acerca dela; rumores sobre as suas extraordinárias habilidades sexuais. Um dia, mandou chamar Honey para conversarem sobre as notas. Esta levou consigo uma pequena caixa de açúcar em pó e, antes da tarde terminar, o Dr. Pearson estava tão engatado quanto os outros. Honey fê-lo sentir-se jovem e insaciável. Fê-lo pensar que era um rei que a tinha subjugado e tornado sua escrava. Ele procurou não pensar na mulher e nos filhos.

Honey gostava genuinamente do reverendo Douglas Lipton e sentia-se aborrecida por a esposa ser uma mulher fria e frígida que estava sempre criticando-o. Honey sentiu pena do padre. “Ele não merece isso”, pensou. “Precisa de conforto.”

A meio da noite, quando a Sra. Lipton se encontrava em visita à irmã, Honey entrou no quarto do padre. Estava nua.

— Douglas...

Os olhos abriram-se:

— Honey? Sente-se bem?

— Não — respondeu. — Posso conversar com o senhor?

— Claro. — Estendeu o braço para acender o candeeiro.

— Não acenda a luz. — Meteu-se na cama ao seu lado.

— O que se passa? Não se sente bem?

— Estou preocupada.

— Com quê?

— Com o senhor. O senhor merece ser amado. Quero fazer amor com o senhor. Ele ficou totalmente desperto:

— Meu Deus! — disse. — Ainda é uma criança. Não pode estar falando sério.

— Estou. A sua mulher não lhe dá amor...

— Honey, isto é impossível! É melhor regressar já para o seu quarto e...

Sentia o corpo dela contra o seu.

— Honey, não podemos fazer isto. Eu...

Os lábios dela estavam sobre os seus e o corpo em cima do seu, deixando-o completamente extasiado. Honey passou a noite na cama dele. Às seis da manhã, a porta para o quarto abriu-se e a Sra. Lipton entrou. Permaneceu ali, olhando para os dois e seguidamente saiu sem dizer uma palavra.

Duas horas mais tarde, o reverendo Douglas Lipton suicidou-se na garagem.

Quando Honey soube da notícia, ficou devastada e incapaz de acreditar no que sucedera.

O xerife foi até a casa e teve uma conversa com a viúva.

Quando terminou, foi procurar Honey:

— Por respeito à família, vamos declarar a morte do reverendo Douglas Lipton como “suicídio por razões desconhecidas”, mas sugiro que deixe imediatamente a cidade e nunca mais volte aqui.

Honey foi para o Embarcadero County Hospital, em São Francisco. Com as brilhantes recomendações do Dr. Jim Pearson.

Para Paige, o tempo tinha perdido todo o significado.

Não havia princípio nem fim e os dias e as noites sucediam-se no mesmo ritmo. O hospital tinha-se transformado em toda a sua vida. O mundo exterior não era mais do que um planeta estranho e distante. O Natal chegou e passou, dando início ao Ano Novo.

No mundo exterior, as tropas americanas tinham libertado o Kuwait dos Iraquianos.

Nunca mais ouvira nada de Alfred. “Ele vai descobrir que cometeu um erro”, pensou Paige. Vai voltar para mim.”

As irritantes chamadas telefônicas matinais tinham parado tão repentinamente como haviam começado. Paige sentia-se aliviada por nunca mais ter se visto envolvida em incidentes misteriosos ou ameaçadores. Era quase como se tivessem sido apenas um pesadelo... exceto, é claro, o fato de não ter sido assim. A rotina continuou a ser frenética. Não havia tempo para conhecer melhor os pacientes. Eram simplesmente vesículas ou fígados rebentados, fêmures fraturados e costelas partidas.

O hospital era uma selva cheia de demônios mecânicos — respiradores, monitores do ritmo cardíaco, equipamento de ecografia, raios X... E cada um possuía o seu próprio som.

Havia apitos, campainhas e a conversa constante dos sistemas de alto-falantes, todos eles misturando-se numa dissonância ruidosa e louca. O segundo ano de residência foi um ritual de passagem. Os residentes começaram a ter tarefas mais exigentes e a vigiar o novo grupo, sentindo um misto de desprezo e arrogância para com estes.

— Pobres diabos — disse Kat a Paige. — Nem sonham o que lhes espera.

— Em breve irão descobrir.

Paige e Honey começaram a ficar preocupadas com Kat. Estava perdendo peso e parecia deprimida. A meio de uma conversa, deparou-se-lhes Kat olhando para o vazio, semblante vazio. De tempos a tempos recebia uma chamada misteriosa e, após cada uma delas, a sua depressão parecia piorar. Paige e Honey sentaram-se a fim de terem uma conversa com ela.

— Está tudo bem? — perguntou Paige. — Sabe que gostamos de você e se tiver algum problema gostaríamos de ajudar.

— Obrigada. Agradeço a preocupação, mas não há nada que possam fazer. É um problema de dinheiro.

Honey olhou para ela, surpreendida:

— Para que precisa de dinheiro? Nunca saímos. Não temos tempo para comprar nada. Nós...

— Não é para mim. É para o meu irmão. — Kat nunca lhes dissera que tinha um irmão.

— Não sabia que você tem um irmão — disse Paige.

— Vive em São Francisco? — perguntou Honey.

Kat hesitou:

— Não. Vive no leste. Em Detroit. Terão de conhecê-lo, um dia.

— Gostaríamos muito. O que é que ele faz?

— É uma espécie de empresário — respondeu Kat, vagamente. — Neste momento anda com pouca sorte, mas Mike irá recompor-se. Ele consegue sempre. — “Deus queira que esteja certa”, pensou ela.

Harry Bowman tinha sido transferido de um programa residencial de Iowa. Era uma pessoa bem-humorada e sempre bem-disposta, que saíra da rota para ser agradável aos outros.

Um dia, disse a Paige:

— Amanhã à noite darei uma pequena festa. Se a senhora, e as doutoras Hunter e Taft estiverem livres, porque não aparecem por lá? Penso que irão divertir-se.

— Tudo bem — respondeu Paige. — O que devemos levar?

Bowman deu uma gargalhada:

— Não levem nada.

— Tem certeza? — perguntou Paige. — Uma garrafa de vinho ou...

— Esqueçam! Vai ser no meu pequeno apartamento.

O pequeno apartamento de Bowman acabou por ser um apartamento de cobertura com 10 quartos e todo mobilado à moda antiga.

As três mulheres entraram e olharam surpreendidas.

— Meu Deus! — espantou-se Kat. — De onde veio isto tudo?

— Fui suficientemente esperto para ter um pai inteligente — respondeu Bowman.

— Deixou-me todo o seu dinheiro.

— E você trabalha? — perguntou Kat, maravilhada.

Bowman sorriu:

— Gosto de ser médico.

O bufete era constituído por caviar Beluga Malossol, patê de campagne, salmão escocês fumado, ostras na concha, pernas de caranguejo, crudités com molho vinagrete e champanhe Cristal.

Bowman tivera razão. Na realidade, as três divertiram-se bastante.

— Nem sei como agradecer — disse Paige a Bowman no final da noite, quando estavam de saída.

— Estão livres no sábado? — perguntou.

— Sim.

— Tenho um pequeno barco a motor. Vou levá-las para dar um passeio.

— Parece ótimo.

Às quatro da manhã Kat foi acordada, quando dormia profundamente no quarto dos médicos de plantão.

— Doutora Hunter, sala de urgências três... Doutora Hunter, urgências três.

Kat levantou-se, tentando lutar contra o cansaço. Esfregando os olhos para afastar o sono, apanhou o elevador para baixo até à sala de urgências. Um empregado cumprimentou-a à porta:

— Ele está ali no canto. Está cheio de dores.

Kat caminhou para o paciente:

— Sou a doutora Hunter — disse, sonolenta.

Este resmungou:

— Jesus, doutora. Tem de fazer qualquer coisa. As minhas costas estão matando-me.

Kat bocejou:

— Há quanto tempo tem dores?

— Desde há cerca de duas semanas.

Kat olhou para ele, confusa:

— Duas semanas? Porque não veio logo?

O paciente tentou mexer-se e estremeceu:

— Para dizer a verdade, detesto hospitais.

— Então porque veio agora?

Com um ar mais alegre, respondeu:

— Vai haver um grande torneio de golfe e se não tratar das minhas costas não poderei estar presente.

Kat respirou profundamente:

— Um torneio de golfe.

— Sim.

Teve de se esforçar para se controlar:

— Vou dizer-lhe o que deve fazer. Vá para casa. Tome duas aspirinas e, se de manhã não estiver melhor, telefone-me. — Voltou-se e saiu rapidamente da sala, deixando-o a gesticular.

O pequeno barco a motor de Harry Bowman era uma suave lancha-cruzeiro de quinze metros.

— Bem-vindas a bordo! — disse ele, quando cumprimentou Paige, Kat e Honey no cais.

As mulheres olharam com admiração para o barco.

— É lindo — disse Paige.

Deram um passeio pela baía durante três horas, saboreando o dia quente e solarengo. Era a primeira vez que qualquer uma delas descansava desde há semanas.

Enquanto estavam ancorados ao largo da ilha Angel, tendo um almoço delicioso, Kat disse:

— Isto é que é viver. Não vamos regressar para a terra.

— Bem pensado — afirmou Honey.

Em resumo, tinha sido um dia divino.

Quando regressaram ao cais, Paige disse:

— Não encontro as palavras para descrever o quanto me diverti hoje.

— O prazer foi meu — Bowman deu umas palmadinhas no braço dela. — Havemos de repetir. Em qualquer hora. Vocês três são sempre bem-vindas.

“Que homem encantador”, pensou Paige.

Honey gostava de trabalhar na obstetrícia. Era uma ala cheia de vida e esperança novas, num ritual alegre e interminável.

As novas mães estavam ansiosas e apreensivas. As veteranas ansiavam que tudo passasse.

Uma das mulheres que estava prestes a ter o bebê disse a Honey:

— Graças a Deus! Vou poder ver de novo os meus pés.

Se Paige tivesse um diário, teria marcado o dia quinze de agosto como um dia especial. Foi o dia em que Jimmy Ford entrara na sua vida. Jimmy era o empregado do hospital, com o sorriso mais franco e a melhor disposição que Paige jamais vira. Era baixo e magro e parecia ter dezessete anos. Tinha vinte e cinco e movia-se pelos corredores do hospital como um alegre furacão. Para ele, nada representava um problema.

Passava a vida dando recados para todos. Não tinha qualquer senso de condição social e tratava do mesmo modo médicos, enfermeiras e zeladores.

Jimmy Ford adorava contar anedotas.

— Sabe daquela sobre o paciente com o corpo engessado? O paciente da cama ao lado perguntou-lhe o que fazia para viver. Ele respondeu: “Lavava as janelas do Empire State Building.” O outro perguntou: “Quando é que deixou de trabalhar?”

— “Quando estava descendo.”

E Jimmy arreganhava os dentes e apressava-se a ajudar mais alguém. Adorava Paige:

— Um dia serei médico. Quero ser como a senhora.

Levava-lhe pequenos presentes — chocolates e brinquedos insignificantes. A cada um dos presentes juntava uma piada.

— Em Houston, um homem perguntou a um peão: “Qual é o caminho mais rápido para o hospital?” O outro respondeu: “Diga mal do Texas.” As anedotas eram terríveis mas Jimmy contava-as de um modo engraçado. Chegava de moto ao hospital ao mesmo tempo que Paige e aproximava-se rapidamente dela.

— O paciente perguntou: “A minha operação é perigosa?” e o cirurgião respondeu: “Não. Uma operação de dois mil dólares nunca é perigosa.” E depois desaparecia.

Sempre que Paige, Kat e Honey estavam livres no mesmo dia, iam explorar São Francisco. Visitaram o Dutch Mill e o Japanese Tea Garden. Foram ao Fisherman’s Wharf e passearam de trem elétrico. Assistiram a peças de teatro no Curran Theater e jantaram no Maharani, na Post Street. Todos os empregados de mesa eram indianos e, para espanto de Kat e Honey, Paige falava como eles em hindi.

— Hum Hindustani baht bahut ocho bolta hi. — E, a partir desse momento, o restaurante era delas.

— Como diabo você aprendeu a falar indiano? — perguntou Honey.

— Hindi — corrigiu Paige. Hesitou: — Nós... Vivi uns tempos na Índia. — Lembrava-se claramente de tudo.

Ela e Alfred estavam em Agra, a olhar para o Taj Mahal.

“Shah Jahan construiu-o em memória da sua mulher. A construção durou vinte anos, Alfred.”

“Vou construir-te um Taj Mahal. Não interessa o tempo que irei levar!” “Esta é Karen Turner. Minha mulher.”

Ouviu o seu nome e voltou-se.

— Paige... — Havia um olhar de preocupação no rosto de Kat.

— Você está bem?

— Sim. Estou bem.

As horas impossíveis continuaram. Outra véspera de Ano Novo chegou e passou e o segundo ano deslizou para o terceiro sem nada ter mudado. O mundo exterior não afetava o hospital. As guerras, fomes e desastres de países longínquos nada eram em comparação com as crises de vida e morte que tinham de enfrentar vinte e quatro horas por dia.

Sempre que Kat e Paige se encontravam nos corredores do hospital, Kat sorria e dizia:

— Está divertindo-se?

— Quando foi a última vez que dormiu? — perguntava Paige. Kat suspirava:

— Quem se lembra disso?

Passavam os longos dias e noites tentando vencer a incessante e exigente pressão, comendo sanduíches quando tinham tempo e bebendo café frio em copos de papel.

O assédio sexual parecia fazer parte da vida de Kat.

Havia as insinuações constantes, não só de médicos como também de pacientes, que tentavam que ela se metesse na cama com eles. Estes recebiam a mesma resposta que os médicos. “Não há homem no mundo que eu deixe tocar-me.”

E ela assim acreditava.

A meio de uma manhã movimentada, houve outra chamada de Mike.

— Olá, mana.

E Kat sabia o que vinha dali. Tinha-lhe enviado todo o dinheiro que conseguira poupar, mas, bem lá no fundo, sabia que tudo o que pudesse enviar nunca seria o suficiente.

— Detesto incomodar-te, Kat. Realmente detesto. Mas meti-me numa pequena encrenca. — A voz soou constrangida.

— Mike... você está bem?

— Oh, sim. Não é nada de grave. Estou apenas devendo a alguém que está pedindo-me já o dinheiro e eu pergunto...

— Vou ver o que posso fazer — respondeu Kat, saturada.

— Obrigado. Posso sempre contar contigo, não posso, mana? Gosto muito de você.

— Também gosto de você, Mike.

Um dia, Kat disse a Paige e Honey:

— Sabem do que é que todas nós precisamos?
— De um mês dormindo.
— De férias. É como deveríamos estar, passeando pelos Campos Eliseos, vendo todas aquelas coisas caras.
— Exato. E sempre em primeira classe! — disse Paige, sorrindo. — Dormiríamos o dia inteiro e à noite iríamos divertir-nos.
Honey deu uma gargalhada:
— Soa-me bem.
— Dentro de alguns meses teremos umas pequenas férias — afirmou Paige. — Porque não planejamos as três uma ida a qualquer lugar?
— É uma boa ideia — disse Kat, animadamente. — No sábado, vamos a uma agência de viagens.
Entusiasmadas, passaram os três dias seguintes fazendo planos.
— Estou ansiosa por ver Londres. Talvez me encontre com a rainha.
— Paris é para onde eu gostaria de ir. É suposto ser a cidade mais romântica do mundo.
— Eu quero passear ao luar numa gôndola em Veneza.
“Talvez passemos a nossa lua-de-mel em Veneza, Paige”, tinha dito Alfred.
“Gostaria?”, “Oh, sim!” Ficou a pensar se Alfred teria levado Karen a Veneza na lua-de-mel.

No sábado de manhã, as três foram à Corniche Travel Agency, na Powell Street. A mulher atrás do balcão foi cortês:
— Que tipo de viagem vos interessa?
— Gostaríamos de ir à Europa: Londres, Paris, Veneza...
— Ótimo. Temos alguns pacotes econômicos que...
— Não, não, não. — Paige olhou para Honey e sorriu. — Em primeira classe.
— Certo. Viagem aérea em primeira classe — acrescentou Kat.

— Hotéis de primeira — juntou Honey.

— Bem, posso recomendar o Ritz em Londres, o Crillon em Paris, o Cipriani em Veneza e...

Paige disse:

— Porque não levamos algumas brochuras? Podemos estudá-las para depois nos decidirmos.

— Tudo bem — disse a agente de viagens.

Paige olhou para uma brochura:

— Também organizam o aluguel de iates?

— Sim.

— Muito bem. Talvez aluguemos um.

— Excelente. — A agente de viagens juntou algumas brochuras e entregou-as a Paige. — Quando estiverem prontas, digam-me e eu terei o prazer de vos fazer as reservas.

— Diremos alguma coisa — prometeu Honey.

Quando saíram, Kat deu uma gargalhada e disse:

— Não há nada melhor que sonhar alto, não acham?

— Não se preocupe — garantiu-lhe Paige. — Um dia haveremos de poder ir a todos esses lugares.

Seymour Wilson, chefe de medicina do Embarcadero County Hospital, era um homem frustrado com um emprego impossível.

Havia pacientes a mais, médicos e enfermeiras a menos e muito poucas horas por dia. Sentia-se como o comandante de um navio afundando-se, a correr de um lado para o outro para tapar os rombos por onde a água entrava. Nesse momento, a maior preocupação do Dr. Wilson era Honey Taft. Enquanto alguns médicos pareciam gostar muito dela, os residentes e enfermeiras de confiança comunicavam constantemente que a Dra. Taft era incapaz de fazer o seu trabalho.

Por fim, Wilson foi ter com Ben Wallace:

— Quero mandar embora uma das nossas médicas — disse. — Os residentes com quem fazas rondas dizem-me que ela é incompetente.

Wallace lembrou-se de Honey. Era aquela que obtivera notas extraordinariamente altas e recomendações brilhantes.

— Não estou compreendendo — afirmou. — Deve haver algum erro. — Por momentos, ficou pensativo. — Vou dizer-te o que iremos fazer, Seymour. Do seu pessoal, quem é o maior sacana?

— Ted Allison.

— Muito bem. Amanhã de manhã manda Honey Taft fazer a ronda com o doutor Allison. Manda-o fazer um relatório sobre ela. Se ele disser que é incompetente, mandá-la-ei embora.

— Estou plenamente de acordo — anuiu o Dr. Wilson.

— Obrigado, Ben.

Ao almoço, Honey disse a Paige que tinha sido designada para fazer as rondas com o Dr. Allison na manhã seguinte.

— Conheço-o — disse Paige. — Tem uma reputação terrível.

— Foi isso que eu ouvi — disse Honey, pensativa.

Nesse momento, em outra área do hospital, Seymour Wilson conversava com Ted Allison. Este era um veterano inflexível de vinte e cinco anos. Tinha servido a marinha como oficial-médico e ainda sentia orgulho em “dar um pontapé no cu”.

Seymour Wilson dizia:

— Quero que vigie a doutora Taft. Se ela não servir, vai-se embora. Compreendido?

— Compreendido.

Ficou ansioso pelo dia seguinte. Tal como Seymour Wilson, Ted Allison desprezava médicos incompetentes.

Além disso, estava fortemente convicto de que, se as mulheres queriam ter uma profissão médica, deviam ser enfermeiras. Se tinha sido suficientemente bom para Florence Nightingale, também o era para todas as outras.

Às seis da manhã do dia seguinte, os residentes reuniram-se no corredor para dar início às rondas. O grupo era constituído pelo Dr. Allison, Tom Benson, seu assistente-chefe, e cinco residentes, incluindo Honey Taft. Nesse momento, quando Allison olhou para Honey, pensou: “Bem, irmã, vejamos o que sabe fazer.” Voltou-se para o grupo:

— Vamos.

O primeiro paciente da ala um era uma adolescente que estava deitada e coberta com cobertores pesados. Dormia quando o grupo se aproximou dela.

— Bem — disse o Dr. Allison. — Quero que todos vocês vejam o prontuário dela.

— Os residentes começaram a estudar o prontuário da paciente. O Dr. Allison virou-se para Honey: — Esta paciente tem febre, calafrios, mal-estar geral e anorexia. Tem temperatura, tosse e pneumonia. Qual é o seu diagnóstico, doutora Taft?

Honey permaneceu silenciosa, de sobrolho franzido.

— Então?

— Bem — disse Honey, pensativamente. — Diria que provavelmente tem psitacose.

O Dr. Allison olhou para ela, surpreendido:

— O que... o que é que a faz dizer isso?

— Os sintomas são típicos da psitacose e reparei que ela trabalha em regime de tempo parcial numa loja de animais. A psitacose transmite-se através de

papagaios infectados.

Allison anuiu lentamente:

— Muito... muito bem. Sabe qual é o tratamento?

— Sim. Tetraciclina durante dez dias, repouso absoluto e muitos líquidos.

O Dr. Allison voltou-se para o grupo:

— Ouviram bem? A doutora Taft tem toda a razão.

Avançaram para o paciente seguinte.

O Dr. Allison disse:

— Se examinarem o prontuário, verão que tem tumores mesotélios, perda de sangue e fadiga. Qual é o diagnóstico? Um dos residentes disse, esperançoso:

— Parece uma forma de pneumonia.

Um segundo residente afirmou:

— Pode ser câncer.

O Dr. Allison virou-se para Honey:

— Qual é o seu diagnóstico, doutora?

Honey ficou pensativa:

— De imediato, diria que é uma pneumococitose fibrosa, uma forma de envenenamento por inalação de partículas de amianto. O prontuário mostra que ele trabalha numa fábrica de alcatifas.

Ted Allison não conseguiu esconder a sua admiração:

— Excelente! Excelente! Sabe por acaso qual é a terapia?

— Infelizmente, ainda não se sabe qual é a terapia.

Tornou-se tudo ainda mais impressionante. Nas duas horas seguintes, Honey diagnosticou um caso raro de síndrome de Reiter, policitemia deformada por osteíte e malária.

Quando as rondas chegaram ao fim, o médico apertou a mão de Honey:

— Não sou facilmente impressionável, doutora, mas quero dizer-lhe que tem um futuro fabuloso!

Honey corou:

— Obrigada, doutor Allison.

— E tenciono dizer isso a Ben Wallace — disse, enquanto se afastava.

Tom Benson, assistente-chefe de Allison, olhou para Honey e sorriu:

— Querida, encontrar-me-ei contigo dentro de meia hora.

Paige procurou afastar-se do caminho do Dr. Arthur Kane “007”! Mas sempre que surgia uma oportunidade, Kane pedia que Paige o assistisse nas operações. E, em cada uma, tornava-se cada vez mais ofensivo.

— O que quer dizer, nunca sairá comigo? Deve estar aprendendo com mais alguém. — E: — Posso ser pequeno, querida, mas não em tudo. Percebe o que quero dizer?

Paige começou a temer as ocasiões em que tinha de trabalhar com ele.

Quanto mais tempo passava, mais Paige via Kane fazer operações desnecessárias e extirpar órgãos sãos.

Um dia, quando ela e Kane se dirigiam à sala de operações, Paige perguntou:

— Vamos fazer uma operação de quê, doutor?

— À bolsa dele! — Reparou no olhar de Paige. — Estou brincando, querida.

— Ele devia estar trabalhando num talho — disse Paige mais tarde a Honey, zangada. — Não tem o direito de operar pessoas.

Após uma operação ao fígado particularmente absurda, o Dr. Kane virou-se para Paige e, abanando a cabeça, disse:

— É pena. Não sei se ele se safá.

Paige não conseguiu conter a fúria por mais tempo.

Decidiu ter uma conversa com Tom Chang.

— Alguém deveria observar o doutor Kane — disse Paige. — Está assassinando os pacientes dele!

— Tenha calma.

— Não consigo! Não é justo que deixem um homem destes fazer operações. É criminoso. Devia ser denunciado à Ordem dos Médicos.

— O que você ganharia com isso? Teria de arranjar outros médicos que testemunhassem contra ele e ninguém faria uma coisa dessas. Esta é uma comunidade fechada e todos nós temos de viver dentro dela, Paige. É quase impossível fazer com que um médico testemunhe contra outro. Todos somos vulneráveis e precisamos muito uns dos outros. Acalme-se. Venha comigo que eu pago-lhe o almoço.

Paige suspirou:

— Está bem, mas é um sistema repugnante.

Ao almoço, Paige perguntou:

— Como está você e Sye?

Levou um momento a responder:

— Eu... estamos tendo problemas. O meu trabalho está destruindo o nosso casamento. Não sei o que fazer.

— Tenho certeza que irá solucionar-se — disse Paige.

Chang disse com firmeza:

— Será melhor que isso aconteça.

Paige olhou para ele.

— Mataria-me se ela me deixasse.

Na manhã seguinte, Arthur Kane foi designado para fazer uma operação nos rins. O chefe da cirurgia disse a Paige:

— O doutor Kane mandou chama-la, para o assistir na sala de operações quatro.

A garganta de Paige ficou subitamente seca. Odiava a ideia de estar perto dele.

— Não pode pedir a mais alguém para...? — pediu ela.

— Ele está à sua espera, doutora.

Paige suspirou:

— Okay...

Quando finalmente estava preparada, a operação já tinha começado.

— Dê-me uma ajuda aqui, querida — disse Kane a Paige.

O abdome do paciente tinha sido pintado com uma solução de iodo e feita uma incisão no respectivo quadrante superior direito, logo abaixo da caixa torácica.

“Até aqui, tudo bem”, pensou Paige.

— Bisturi! — A enfermeira-ajudante entregou um bisturi ao Dr. Kane, que levantou a cabeça: — Ponham música.

Um momento mais tarde, começou a tocar um CD.

O Dr. Kane continuou a cortar:

— Vamos animar isto um pouco. — Olhou para Paige. — Ligue o bovie, “doçura”.

“Doçura”. Paige cerrou os dentes e pegou num bovie (um cauterizador elétrico). Começou a cauterizar as artérias para reduzir a quantidade de sangue no abdome.

A operação estava correndo bem.

“Graças a Deus”, pensou Paige.

— Esponja.

A enfermeira-ajudante entregou uma esponja a Kane.

— Muito bem. Vamos fazer uma sucção. — Cortou em volta do rim até este ficar exposto. — Aqui está o malandro — disse ele. — Mais sucção. — Levantou o rim com o auxílio de fórceps.

— Bem. Vamos costurá-lo.

Por uma vez tudo corria bem e, contudo, algo preocupava Paige. Examinou melhor o rim. Parecia são. Franziu o sobrolho e ficou a pensar se...

Quando o Dr. Kane começou a costurar o paciente, Paige correu para a radiografia colocada na moldura iluminada.

Estudou-a por momentos e disse baixinho:

— Oh, meu Deus!

A radiografia tinha sido ali colocada ao contrário.

O Dr. Kane tinha extirpado o rim errado.

Trinta minutos mais tarde, Paige encontrava-se no gabinete de Ben Wallace.

— Ele extraiu o rim são e deixou o lesado! — A voz de Paige tremia. — O homem devia ir para a cadeia!

Benjamin Wallace disse, apaziguadoramente:

— Paige, concordo que isto é lamentável. Mas com certeza que não foi intencional. Foi um erro e...

— Um erro? Esse paciente vai ter de viver de diálise durante o resto da vida. Alguém devia pagar por isso!

— Acredite-me, iremos fazer uma avaliação pormenorizada.

Paige sabia o que ele queria dizer: um grupo de médicos iria examinar o sucedido, mas isso iria ser feito confidencialmente. A informação nunca chegaria ao público e ao paciente.

— Doutor Wallace...

— Você faz parte da nossa equipe, Paige. Terá de ser uma jogadora.

— Ele não devia trabalhar neste hospital, nem em nenhum outro.

— Deve examinar todo o quadro. Se fôssemos retirados, haveria uma má publicidade e a reputação do hospital ficaria afetada. Provavelmente teríamos de enfrentar muitas práticas erradas.

— E os pacientes?

— Iremos vigiar melhor o doutor Kane. — Inclinou-se na cadeira. — Vou dar-lhe um conselho. Quando exercer medicina privada, irá necessitar da boa vontade de outros médicos para fornecerem referências. Sem isso, não irá a parte alguma e se tiver a reputação de ser desonesta e falar mal dos seus colegas, nunca obterá boas referências. Garanto-lhe isso.

Paige levantou-se:

— Então não vai fazer nada?

— Já lhe disse, vamos fazer uma avaliação pormenorizada.

— Só isso?

— Só isso.

— Não é justo — disse Paige.

Estava na cafeteria almoçando com Kat e Honey.

Kat abanou a cabeça:

— Ninguém disse que a vida tinha de ser justa.

Paige olhou em volta da sala asséptica, de azulejos brancos.

— Tudo isto deixa-me deprimida. Toda a gente está paciente.

— Ou não estariam aqui — sublinhou Kat.

— Porque não organizamos uma festa? — sugeriu Honey.

— Uma festa? De que é que está falando?

Honey sentiu-se subitamente entusiasmada:

— Podíamos encomendar comida e algumas bebidas e fazer uma grande festa!

Penso que todas nós precisamos de nos animarmos.

Por momentos, Paige ficou pensativa:

— Sabem — disse —, não é uma má ideia. Vamos a isso!

— Combinado. Eu trato de tudo — informou Honey.

— Fica para amanhã, depois das rondas.

Arthur Kane aproximou-se de Paige no corredor.

A voz soou gélida:

— Você tem sido malandra. Alguém devia ensiná-la a manter a boca fechada!

— E afastou-se.

Paige olhou para ele incrédula. “Wallace contou-lhe o que eu disse. Não devia ter feito aquilo.” “Se tiver a reputação de ser desonesta e falar mal dos seus colegas...” “Tornarei a participar?”, ponderou Paige. “É claro que sim!”

A notícia da próxima festa espalhou-se rapidamente.

Todos os residentes contribuíram. Foi encomendado um grande menu ao Restaurante Ernie's e as bebidas em um armazém próximo.

A festa foi marcada para as cinco horas, na sala de reuniões dos médicos. A comida e as bebidas chegaram às quatro e meia.

Foi um banquete: travessas de lagosta e camarão, uma variedade de patês, almôndegas suecas, massa quente, fruta e sobremesas.

Às cinco e quinze, quando Paige, Kat e Honey entraram na sala, esta já estava cheia de residentes, internos e enfermeiras ansiosos, a comer e a divertir-se.

Paige virou-se para Honey:

— Foi uma ótima ideia!

— Obrigada — agradeceu Honey.

Ouviu-se uma voz no alto-falante:

— Doutores Finley e Ketler para SU. Stat. — E os dois médicos, que ainda estavam comendo camarões, olharam um para o outro, suspiraram e abandonaram rapidamente a sala.

Tom Chang aproximou-se de Paige:

— Devíamos fazer isto todas as semanas — disse.

— Okay. É...

Ouviu-se de novo o alto-falante:

— Doutor Chang... Quarto trezentos e dezessete...

Doutor Chang... Quarto trezentos e dezessete.

E um minuto mais tarde:

— Doutor Smythe... SU dois... Doutor Smythe para a SU dois. O alto-falante nunca mais parou. No espaço de trinta minutos, quase todos os médicos e enfermeiras tinham sido chamados para atender uma urgência. Honey ouviu chamarem pelo seu nome, depois foi Paige e a seguir Kat.

— Não acredito no que está acontecendo — disse Kat.

— Sabe o que se diz sobre a existência de um anjo-da-guarda? Bem, penso que nós três encontramos-nos sob o domínio de um guarda demoníaco.

As palavras dela provaram ser proféticas.

Na manhã da segunda-feira seguinte, quando Paige saiu do trabalho e se dirigiu

para o carro, verificou que dois dos pneus haviam sido furados. Olhou para eles, incrédula.

“Alguém devia ensiná-la a manter a boca fechada!” Quando regressou ao apartamento, disse a Kat e a Honey:

— Cuidado com Arthur Kane. É doido.

Kat foi acordada pela campainha do telefone. Sem abrir os olhos, pegou no auscultador e encostou-o ao ouvido.

— Alô?

— Kat? É Mike.

Sentou-se, com o coração a bater desordenadamente:

— Mike, você está bem? — Ouviu-o dar uma gargalhada.

— Nunca estive melhor, mana. Graças a você e ao seu amigo.

— Meu amigo?

— O senhor Dinetto.

— Quem? — Kat tentou concentrar-se apesar de estar tonta de sono.

— O senhor Dinetto. Ele salvou-me mesmo a vida.

Kat não fazia ideia do que é que ele estava falando.

— Mike...

— Lembra-se daqueles fulanos a quem eu devia dinheiro? O senhor Dinetto afastou-os de mim. Ele é um verdadeiro cavalheiro. E pensa o melhor de você, Kat.

Kat tinha se esquecido do incidente com Dinetto, mas, subitamente, este veio-lhe à memória: “Lady, a senhora não sabe com quem está falando. É melhor fazer o que o homem pede. Este é o senhor Lou Dinetto.”

Mike continuou:

— Vou enviar-lhe dinheiro, Kat. O seu amigo arranjou-me um emprego. Tenho um bom ordenado.

“O seu amigo.” Kat estava nervosa:

— Mike, escuta-me. Quero que tenha cuidado.

Ouviu-o dar outra gargalhada:

— Não se preocupe comigo. Não te disse que tudo iria tornar-se num mar de rosas? Bem, assim aconteceu.

— Tenha muito cuidado, Mike. Não...

A ligação foi cortada.

Kat não conseguiu voltar a adormecer. “Dinetto! Como é que ele soube de Mike e porque é que está ajudando-o?”

Na noite seguinte, quando Kat deixou o hospital, uma limusine preta estava à sua espera junto ao passeio.

O Sombra e Rhino estavam encostados ao automóvel.

Quando Kat se aproximou deles, Rhino disse:

— Entre, doutora. O senhor Dinetto quer vê-la.

Ela estudou o homem por um momento. Rhino tinha um aspecto assustador, mas foi o Sombra quem assustou Kat. Havia algo de mortífero na sua imobilidade. Em outras circunstâncias, Kat nunca teria entrado no carro, mas o telefonema de Mike tinha-a deixado confusa. E preocupada. Foi conduzida a um pequeno apartamento nos subúrbios da cidade e, quando lá chegou, Dinetto estava à sua espera.

— Obrigado por ter vindo, doutora Hunter — disse. — Fico-lhe grato. Um amigo meu teve um pequeno acidente. Quero que o veja.

— O que está fazendo com Mike? — perguntou Kat.

— Nada — respondeu, inocentemente. — Soube que tinha um pequeno problema e procurei eliminá-lo.

— Como é que... como é que soube dele? Quero dizer, que era meu irmão e...

Dinetto sorriu:

— No meu negócio, todos somos amigos. Ajudamo-nos uns aos outros. Mike envolveu-se com alguma gente má e, por isso, dei-lhe uma ajuda. Devia estar agradecida.

— E estou — disse Kat. — Estou sinceramente.

— Muito bem! Conhece o ditado “Uma mão lava a outra”?

Kat abanou a cabeça:

— Não farei nada ilegal.

— Ilegal? — interrogou Dinetto. Parecia magoado. — Nunca lhe pediria para fazer algo do gênero. Este meu amigo teve um pequeno acidente e detesta hospitais. Não se importa de o ver? “Onde é que estou me metendo?”, pensou Kat.

— Está bem.

— Ele está no quarto.

O amigo de Dinetto tinha levado uma grande surra.

Estava deitado, inconsciente.

— O que é que lhe aconteceu? — perguntou Kat.

Dinetto olhou para ela e disse:

— Caiu pelas escadas abaixo.

— Devia levá-lo para o hospital.

— Como lhe disse, ele não gosta de hospitais. Posso arranjar-lhe todo e qualquer equipamento hospitalar de que necessite. Tive um médico que tratava dos meus amigos, mas este teve um acidente.

As palavras causaram um arrepio em Kat. Tudo o que queria era sair dali correndo e ir para casa e nunca mais ouvir falar de Dinetto, mas nada na vida era fácil. Kat despiu o casaco e começou a trabalhar.

No início do quarto ano de residência, Paige já tinha assistido a centenas de

operações. Para ela, passaram a ser banais. Sabia quais os procedimentos cirúrgicos para a vesícula biliar, baço, fígado, apêndice e, mais entusiasticamente, o coração. Mas Paige sentia-se frustrada por não ser ela mesma a fazê-las. “O que aconteceu ao “Vigiar, fazer ensinar”?” pensou. A resposta surgiu quando George Englung, chefe de cirurgia, mandou chama-la.

— Paige, amanhã vai haver uma operação de uma hérnia na sala três, às sete e meia.

Apontou no bloco:

— Certo. Quem vai fazer a operação?

— A senhora.

— Certo. Eu... — Subitamente, as palavras desapareceram. — Eu?

— Sim. Algum problema?

O sorriso de Paige iluminou a sala:

— Não, senhor. Eu... muito obrigada!

— A senhora já está apta a isso. Penso que o paciente tem sorte em ter você. Chama-se Walter Herzog. Está no trezentos e catorze.

— Herzog. Quarto trezentos e catorze. Certo. — E saiu.

Paige nunca se sentira tão entusiasmada. “Vou fazer a minha primeira operação! Vou ter nas minhas mãos a vida de um ser humano. E se eu ainda não estiver apta? E se eu cometer algum erro? As coisas podem correr mal. É a lei de Murphy.” Quando Paige acabou de discutir consigo própria, estava em estado de pânico.

Entrou na cafeteria e sentou-se para tomar uma xícara de chá. “Tudo irá correr bem”, procurou convencer-se.

“Já assisti a dúzias de operações de hérnia. Não existem grandes riscos. Ele tem sorte em ter-me.” Quando terminou o café, estava suficientemente calma para enfrentar o seu primeiro paciente.

Walter Herzog era sexagenário, magro, calvo e muito nervoso.

Estava na cama gemendo quando Paige entrou com um ramo de flores. Herzog levantou a cabeça.

— Enfermeira... Preciso de um médico.

Paige aproximou-se da cama e entregou-lhe as flores.

— Eu sou médica. Vou operá-lo.

Olhou para as flores e depois para ela:

— Você é o quê?

— Não se preocupe — disse Paige, tranquilizadamente. — Está em boas mãos.

— Pegou no prontuário colocado aos pés da cama e estudou-o.

— O que é que diz? — perguntou ansioso o homem. “Porque é que me trouxe flores?”

— Diz que o senhor vai ficar bem.

Ele engoliu:

— Você vai mesmo fazer a operação?

— Sim.

— Você parece bastante... bastante jovem.

Paige deu-lhe uma palmadinha no braço.

— Ainda não perdi um paciente. — Olhou em volta do quarto.

— Sente-se confortável? Quer qualquer coisa para ler? Um livro ou uma revista?

Ele ouvia, nervoso:

— Não, estou bem. — “Porque é que ela estava sendo tão simpática? Será que existia alguma coisa que ela não queria lhe dizer?”

— Então, vê-lo-ei de manhã — disse Paige, alegremente. Escreveu algo num pedaço de papel e entregou-lhe. — Aqui está o meu telefone. Ligue se precisar de mim esta noite. Ficarei ao lado do telefone.

Quando Paige saiu, Walter Herzog estava uma pilha de nervos. Alguns minutos mais tarde, Jimmy encontrou Paige na sala de reuniões. Aproximou-se dela com um grande sorriso:

— Parabéns! Soube que vai operar.

“A palavra espalha-se rapidamente”, pensou Paige.

— Sim.

— Quem quer que seja, tem sorte — disse Jimmy. — Se alguma vez me acontecer algo, a senhora é a única pessoa a quem eu deixaria operar-me.

— Obrigada, Jimmy.

E, é claro, com Jimmy havia sempre uma anedota.

— Já sabe daquela sobre o homem que tinha uma dor esquisita nos tornozelos? Era demasiado medroso para ir a um médico; então, quando o amigo lhe contou que tinha exatamente a mesma dor, disse: “Deve ir imediatamente ao médico. E conta-me tudo o que ele te disser.” No dia seguinte, soube que o amigo tinha morrido. Correu para o hospital e gastou cinco mil dólares em exames e análises. Não conseguiram encontrar nada de errado. Ligou à viúva do amigo e perguntou: “Chester sofreu muito antes de morrer?” — “Não”, disse ela. “Nem sequer viu o caminhão que o atropelou!” — E Jimmy desapareceu.

Paige estava demasiado excitada para jantar. Passou o serão a treinar nós cirúrgicos nas pernas das mesas e candeeiros.

“Vou tentar passar uma boa noite de sono”, decidiu, “para estar bonita e fresca de manhã.”

Passou a noite acordada, revendo e tornando a rever mentalmente a operação.

Existem três tipos de hérnia: hérnia redutível, onde é possível voltar a colocar os intestinos no abdome; hérnia irreductível, onde as ligações impedem o retorno do conteúdo para o abdome; e hérnia estrangulada, a mais perigosa, onde o sangue que corre através dela é cortado, lesando os intestinos. A de Walter Herzog era uma hérnia redutível.

Às seis da manhã, Paige conduziu até ao estacionamento do hospital. Um novo Ferrari vermelho encontrava-se ao lado do sua vaga. Em vão, Paige pensou de quem seria, mas quem quer que fosse tinha de ser rico.

Às sete horas, Paige já estava ajudando Walter Herzog a tirar o pijama para vestir uma bata azul do hospital. A enfermeira já tinha lhe dado um sedativo para o acalmar enquanto esperavam pela maca que o iria levar para a sala de operações.

— Esta é a minha primeira operação — disse Walter Herzog.

“Minha também”, pensou Paige.

A maca chegou quando Walter Herzog já se dirigia para a SO três. Paige percorreu o corredor ao seu lado, com o coração batendo tão depressa que temeu que ele pudesse ouvir.

A SO três era uma das maiores salas de operações, albergando um monitor cardíaco, uma máquina cardiopulmonar e uma série de outros acessórios técnicos. Quando Paige entrou na sala, o pessoal já lá se encontrava preparando o equipamento. Havia um médico-assistente, o anestesista, dois residentes, uma enfermeira-assistente e duas enfermeiras auxiliares.

O pessoal olhou esperançosamente para ela, ansiosos por ver como é que iria sair-se na sua primeira operação.

Paige aproximou-se da mesa. Walter Herzog já tinha a virilha rapada e desinfetada. Tinham sido colocados panos esterilizados em volta da área a operar. Herzog olhou para Paige e disse, sonolento:

— Não me vai deixar morrer, vai?

Paige sorriu:

— O quê? E estragar a minha reputação?

Olhou para o anestesista, que deu ao paciente uma anestesia epidural, uma autêntica dose de cavalo. Paige respirou fundo e anuiu com a cabeça. A operação começou.

— Bisturi.

Quando Paige estava prestes a fazer o primeiro corte na pele, a enfermeira auxiliar disse qualquer coisa.

— O quê?

— Quer música, doutora?

Era a primeira vez que lhe faziam semelhante pergunta. Paige sorriu:

— Certamente. Vamos ouvir Jimmy Buffett.

No momento em que Paige fez a primeira incisão, os nervos desapareceram. Era como se tivesse feito isto durante toda a vida. Habilmente, cortou as primeiras camadas de gordura e músculo até chegar à hérnia. Contudo, prestava atenção ao som familiar que ecoava através da sala.

— Esponja...

— Dê-me um bovie...

— Aqui está...

— Parece que chegamos mesmo a tempo...

— Grampo...

— Sucção, por favor...

A mente de Paige estava totalmente concentrada naquilo que estava fazendo. Localizar o saco hernial... libertá-lo... voltar a colocar os órgãos na cavidade abdominal... atar a base do saco... cortar o restante... anel inguinal... suturar... Uma hora e vinte minutos após a primeira incisão, a operação chegou ao fim. Paige devia sentir-se extenuada, mas, em vez disso, sentia-se terrivelmente animada.

Depois de Walter Herzog ter sido costurado, a enfermeira-assistente voltou-se para Paige e disse:

— Doutora Taylor...

Paige levantou a cabeça:

— Sim?

A enfermeira sorriu:

— Foi magnífica, doutora.

Era domingo e as três mulheres tinham o dia livre.

— Que vamos fazer hoje? — perguntou Kat.

Paige não fazia ideia:

— Está um dia tão bonito! Porque não vamos ao Tree Park? Podíamos arranjar qualquer coisa e fazer um piquenique ao ar livre.

— Soa-me bem — respondeu Honey.

— Vamos a isso! — concordou Kat.

O telefone tocou. As três olharam para ele.

— Jesus! — disse Kat. — Pensei que Lincoln nos tivesse liberado. Não atendam. É a nossa folga.

— Não temos folgas — lembrou-lhe Paige.

Kat dirigiu-se ao telefone e levantou-o:

— Doutora Hunter. — Escutou por momentos e entregou o telefone a Paige. — É para você, doutora Taylor.

Paige anuiu, resignadamente:

— Está bem. — Pegou no auscultador e respondeu:

— Doutora Taylor... Olá, Tom... O quê?... Não, estava de saída... Entendi... Está bem. Estarei aí dentro de quinze minutos. — Colocou o auscultador no lugar.

“Lá se vai o piquenique,” pensou.

— É grave? — perguntou Honey.

— Sim, estamos prestes a perder um paciente. Vou tentar estar de volta para jantar.

Quando Paige chegou ao hospital, dirigiu-se ao estacionamento dos médicos e

estacionou ao lado do Ferrari vermelho.

“Quantas operações terão sido precisas para comprar aquilo?”

Vinte minutos mais tarde, Paige dirigia-se à sala de espera das visitas. Um homem de terno escuro estava sentado numa cadeira, a olhar pela janela.

— Senhor Newton?

Este levantou-se:

— Sim?

— Sou a doutora Taylor. Acabei de examinar o seu filhinho. Deu entrada por estar sofrendo de dores abdominais.

— Sim. Vou levá-lo para casa.

— Creio que não. Peter tem uma rotura no baço. Necessita de uma transfusão imediata e de ser operado, ou morrerá.

Newton abanou a cabeça:

— Somos testemunhas de Jeová. Deus não deixará que ele morra e eu não vou permitir que o contaminem com o sangue de mais alguém. Foi a minha mulher quem o trouxe para cá. Será castigada por isso.

— Senhor Newton, penso que não está compreendendo bem a gravidade da situação. Se não operarmos imediatamente, o seu filho morrerá.

O homem olhou para ela e sorriu:

— A senhora não conhece os desígnios de Deus, conhece?

Paige estava furiosa:

— Posso não saber muito acerca dos desígnios de deus, mas sei bastante sobre um baço rebentado. — Pegou numa folha de papel. — Ele é menor; por isso, terá de assinar este termo de responsabilidade. — E entregou-lhe a folha.

— E se eu não assinar?

— Porquê... então não poderemos operar.

Ele anuiu:

— Julga que os seus poderes são mais fortes do que os de Deus?

Paige olhou para ele:

— Não vai assinar, não é assim?

— Não. Um poder mais forte que o seu irá ajudar o meu filho. Verá.

Quando Paige regressou à ala, o pequeno Peter Newton de seis anos tinha perdido a consciência.

— Não vai conseguir salvar-se — disse Chang. — Perdeu muito sangue. O que quer fazer?

Paige tomou a decisão:

— Levem-no para a sala de operações um. Stat.

Chang olhou para ela, surpreendido:

— O pai mudou de ideia?

Paige anuiu:

— Sim. Mudou de ideia. Toca a andar!

— Ainda bem para você! Falei com ele durante uma hora e não consegui convencê-lo. Disse que Deus iria cuidar do caso.

— Deus está tratando do caso — garantiu-lhe Paige.

Duas horas e dois litros de sangue mais tarde, a operação tinha terminado com êxito. Todos os sinais vitais do rapaz eram fortes.

Paige afagou-lhe suavemente a testa:

— Vai ficar bom.

Um empregado entrou precipitadamente na sala de operações:

— Doutora Taylor? O doutor Wallace quer vê-la imediatamente.

Benjamin Wallace estava tão furioso que a voz lhe falhava:

— Como foi capaz de tomar uma atitude tão ultrajante? Fez-lhe uma transfusão de sangue e operou-o sem autorização? Foi contra a lei.

— Salvei a vida do rapaz!

Wallace respirou profundamente:

— Devia ter obtido uma autorização do tribunal.

— Não havia tempo — respondeu Paige. — Mais dez minutos e ele estaria morto. Deus estava ocupado em outro lugar.

Wallace caminhava para a frente e para trás:

— E agora, o que vamos fazer?

— Obter a ordem do tribunal.

— Para quê? A senhora já efetuou a operação.

— Atraso um dia a ordem do tribunal. Ninguém notará a diferença.

Wallace olhou para ela e começou a arfar:

— Jesus! — Franziu as sobrancelhas. — Isto poderá custar-me o emprego.

Paige olhou para ele durante um longo momento. Em seguida, voltou-se e avançou para a porta.

— Paige...

— Sim? — respondeu, parando.

— Nunca mais repita isto, ouviu bem?

— Só se não houver outra solução — garantiu-lhe Paige.

Todos os hospitais têm problemas com roubos de drogas. Por lei, cada narcótico retirado do dispensário tem de ser requisitado, mas, por mais severa que seja a segurança, os toxicodependentes quase invariavelmente descobrem uma maneira de o conseguirem.

O Embarcadero County Hospital estava enfrentando um grande problema. Margaret Spencer foi falar com Ben Wallace.

— Não sei o que fazer, doutor. O nosso fentanil está sempre desaparecendo. (O fentanil é um narcótico que cria grande dependência e uma droga anestésica.)

— Quanto é que desapareceu?

— Uma grande quantidade. Se fossem apenas alguns frascos poderia haver uma explicação inocente para o caso, mas está acontecendo com regularidade. Estão desaparecendo mais de uma dúzia de frascos por semana.

— Tem ideia de quem poderá estar tirando?

— Não, senhor. Já falei com a segurança. Não sabem de nada.

— Quem tem acesso ao dispensário?

— Aí é que está o problema. Grande parte dos anestesistas têm acesso livre, além da maioria das enfermeiras e cirurgiões.

Wallace ficou pensativo:

— Obrigado por me ter informado. Vou tratar do assunto.

— Obrigada, doutor. — E a enfermeira Spencer saiu.

“Só me faltava isto”, pensou Wallace, furioso. Estava aproximando-se uma reunião da direção do hospital e já havia problemas suficientes para serem tratados.

Ben Wallace conhecia bem as estatísticas. Mais de dez por cento dos médicos dos Estados Unidos viciavam-se, em uma ou em outra hora, em drogas ou álcool. O frágil acesso a drogas tornava-as tentadoras. Era fácil um médico abrir um armário, tirar a droga de que necessitava e utilizar um torniquete e seringa para a injetar. Um viciado poderia necessitar de uma quantidade fixa, de duas em duas horas.

Isso estava acontecendo também no seu hospital. Tinha de se fazer qualquer coisa antes da reunião. “Ficaria mal na minha ficha.”

Ben Wallace não sabia bem em quem confiar para o ajudar a encontrar o culpado. Tinha de ser cauteloso. Estava certo de que nem a Dra. Taylor nem a Dra. Hunter estavam envolvidas e, depois de muito pensar, decidiu servir-se delas.

Mandou-as chamar:

— Tenho um pedido para vos fazer — disse-lhes. Explicou tudo sobre o desaparecimento do fentanil. — Quero que mantenham os olhos bem abertos. Se algum dos médicos com quem trabalham, a meio de uma operação, tiver de sair por momentos da sala ou apresentar sinais de vício, quero que me informem. Estejam atentas a quaisquer mudanças de personalidade... depressão ou alterações de disposição... atrasos ou faltas. Peço-vos que mantenham isto estritamente confidencial.

Quando saíram do gabinete, Kat disse:

— Este hospital é enorme. Vamos precisar de Sherlock Holmes.

— Não, não vamos — respondeu Paige com ar infeliz. — Sei quem é.

Mitch Campbell era um dos médicos favoritos de Paige. O Dr. Campbell era um cinquentenário de cabelos grisalhos, sempre bem-disposto e um dos melhores cirurgiões do hospital. Paige reparara que nos últimos tempos chegava sempre

alguns minutos atrasado para uma operação e que tinha desenvolvido uma tremura notável. Servia-se de Paige para o assistir sempre que possível e normalmente deixava-a fazer a maior parte da cirurgia. A meio de uma operação, as mãos começavam a tremer e entregava o bisturi a Paige.

— Não me sinto bem — murmurava. — Não se importa de continuar?

E abandonava a sala de operações.

Paige andava preocupada com o que pudesse estar acontecendo-lhe. Agora já sabia. Pensou no que havia de fazer.

Sabia que se desse essa informação a Wallace, o Dr. Campbell seria despedido, ou pior, a sua carreira ficaria destruída.

Por outro lado, se nada fizesse, colocaria em perigo a vida de alguns pacientes. “Talvez seja melhor falar com ele”, pensou. “Contar-lhe o que sei e insistir para que se trate.” Discutiu o assunto com Kat.

— É um problema — concordou Kat. — É uma pessoa agradável e um bom médico. Se disser alguma coisa acabará com ele, mas se não o fizer terá de pensar no mal que possa vir a fazer. O que achas que irá acontecer se o confrontar?

— Provavelmente irá negá-lo, Kat. É o que geralmente acontece.

— Sim. É um caso difícil.

No dia seguinte, Paige tinha uma operação marcada com o Dr. Campbell. “Queira Deus que esteja errada”, rezou Paige. “Não o deixe chegar atrasado e não permita que saia durante a operação.” Campbell chegou quinze minutos atrasado e a meio da operação disse:

— Por favor, Paige, pode continuar? Já volto.

“Tenho de falar com ele”, decidiu Paige. “Não posso destruir-lhe a carreira.

Na manhã seguinte, quando Paige e Honey estacionaram no estacionamento dos médicos, Harry Bowman parou o Ferrari vermelho ao lado delas.

— Que carro tão bonito — disse Honey. — Quanto custará?

Bowman deu uma gargalhada:

— Como resposta, digo-lhe que não é para a sua bolsa.

Mas Paige não estava ouvindo. Olhava para o carro e pensava no apartamento de cobertura, nas grandes festas e no barco. “Fui suficientemente esperto para ter um pai inteligente. Deixou-me todo o seu dinheiro.”, E, contudo, Bowman trabalhava num hospital estatal. Porquê?

Dez minutos mais tarde, Paige estava na seção de pessoal falando com Karen, a secretária responsável pelas fichas.

— É capaz de me fazer um favor, Karen? Cá para nós, Harry Bowman convidou-me para sair e tenho o pressentimento de que é casado. Deixa-me dar uma vista de olhos na ficha dele?

— Com certeza. Que grandes filhos da mãe! Nunca ficam satisfeitos, não é? Tenho todo o prazer em mostrar-lhe a ficha dele. — Dirigiu-se ao armário e retirou o que procurava.

Entregou alguns papéis a Paige.

Ela deu uma rápida vista de olhos. A candidatura do Dr. Harry Bowman mostrava que vinha de uma pequena universidade do Médio Oeste e que, segundo a ficha, tinha conseguido abrir caminho na faculdade de medicina. Era anestesista.

O pai era barbeiro.

Honey Taft era um enigma para a maioria dos médicos do Embarcadero County Hospital. Durante as rondas da manhã, parecia não estar segura de si própria. Mas nas rondas da tarde, parecia uma pessoa diferente. Surpreendentemente, sabia tudo sobre cada um dos pacientes e era clara e eficiente nos diagnósticos.

Um dos residentes chefes falava dela com um dos colegas.

— Macacos me mordam se compreendo o caso — disse. — De manhã, as queixas sobre a doutora Taft são cada vez maiores. Comete demasiados erros. Conhece a anedota sobre a enfermeira que faz tudo errado? Um médico queixava-se de que lhe disse para dar três comprimidos ao paciente do quarto quatro e ela deu quatro ao paciente do quarto três e, quando estava falando dela, vê-a a correr pelo corredor atrás de um paciente nu, segurando nas mãos uma panela de água fervendo. O médico diz: “Olhem para aquilo! Mande-i-a picar o furúnculo dele!”

O colega desatou a rir:

— Bem, esse é o retrato da doutora Taft. Mas, à tarde, ela é absolutamente brilhante. Os diagnósticos são corretos, os apontamentos são maravilhosos e responde sem a mínima hesitação. Deve tomar algum comprimido milagroso que atua somente à tarde. — Coçou a cabeça. — Estou bastante intrigado.

O Dr. Nathan Ritter era um pedante, um homem que vivia e trabalhava segundo as regras. Embora lhe faltasse o brilho da inteligência, era uma pessoa apta e dedicada que esperava ver as mesmas qualidades naqueles que trabalhavam com ele.

Honey teve o azar de ser designada para a sua equipe.

A primeira parada foi numa ala que continha uma dúzia de pacientes. Um deles estava terminando o jejum. Ritter olhou para o prontuário aos pés da cama.

— Doutora Taft, o prontuário diz que é seu paciente.

— Sim — concordou Honey.

— Ele vai fazer uma broncoscopia esta manhã.

Honey afirmou, abanando a cabeça:

— Correto.

— E permite que ele coma? — perguntou o Dr. Ritter. — Antes de uma

broncoscopia?

Honey respondeu:

— O pobrezinho não come desde...

Nathan Ritter voltou-se para o assistente:

— Adie o exame. — Começou a dizer algo a Honey e depois controlou-se. — Vamos continuar.

O paciente seguinte era um porto-riquenho que tossia muito. O Dr. Ritter examinou-o.

— De quem é este paciente?

— Meu — disse Honey.

Franziu a sobancelha:

— A infecção dele já devia ter melhorado. — Olhou para o prontuário. — Está a dar-lhe cincoenta miligramas de ampicilina quatro vezes ao dia?

— Exato.

— Não é nada exato. Está errado! É suposto ser quinhentos miligramas quatro vezes ao dia. Você cortou um zero.

— Peço desculpa, eu...

— Não é de admirar que o paciente não esteja melhor! Quero que altere isso imediatamente.

— Sim, doutor.

Quando se aproximaram de outro paciente de Honey, o Dr. Ritter disse impacientemente:

— Ele tem uma colonoscopia marcada. Onde está o relatório de radiologia?

— O relatório de radiologia? Oh. Esqueci-me de mandar fazer.

Ritter deitou um longo olhar especulativo a Honey.

A partir daí, a manhã correu normalmente. O paciente que viram a seguir lamentava-se de dores:

— Tenho tantas dores. O que se passa comigo?

— Não sabemos — respondeu Honey.

O Dr. Ritter olhou para ela:

— Doutora Taft, pode chegar um momento aqui fora? — No corredor, disse: — Nunca, nunca diga a um paciente que você não sabe. A senhora é a pessoa que eles esperam que os ajude! E se não souber a resposta, invente uma. Compreendeu?

— Não me parece justo...

— Não lhe perguntei se parecia justo. Faça apenas o que lhe foi dito.

Examinaram uma hérnia hiatal, um paciente hepático, um paciente que sofria da doença de Alzheimer e duas dúzias de outros.

Assim que a ronda terminou, o dr. Ritter dirigiu-se ao gabinete de Benjamin Wallace.

— Temos um problema — disse Ritter.

— O que se passa, Nathan?
— É um dos nossos residentes. Honey Taft.
“Outra vez!”
— O que há com ela?
— É um desastre.
— Mas teve tão boas recomendações!
— Bem, é melhor livrar-se dela antes que o hospital se envolva num problema grave; antes que ela mate um ou dois pacientes.
Wallace pensou nisso durante um momento e depois tomou uma decisão.
— Certo. Vou mandá-la embora.

Paige esteve ocupada operando durante quase toda a manhã.
Assim que ficou livre, foi ter com o Dr. Wallace a fim de o informar das suas suspeitas sobre Harry Bowman.
— Bowman? Tem certeza. Quero dizer... Não vi sinais de vício.
— Ele não a usa — explicou Paige. — Vende-a. Vive como um milionário com um salário de residente.
Ben Wallace concordou:
— Muito bem. Vou verificar. Obrigado, Paige.
Wallace mandou chamar Bruce Anderson, chefe da segurança.
— Talvez já tenhamos identificado o ladrão da droga — disse-lhe Wallace. — Quero que vigie o doutor Harry Bowman.
— Bowman? — Anderson procurou esconder o espanto. O Dr. Bowman estava sempre oferecendo charutos cubanos e outros pequenos presentes. Todos gostavam dele.
— Se ele entrar no dispensário, reviste-o quando sair.
— Sim, senhor.

Harry Bowman dirigia-se ao dispensário. Tinha ordens a cumprir. Muitas ordens. Tudo começara como um acidente oportuno. Trabalhara num pequeno hospital de Ames, Iowa, lutando para sobreviver com o salário de um residente. Gostava de champanhe e de cerveja e, por fim, o destino tinha-lhe sorrido.
Um dos seus pacientes que recebera alta do hospital, telefonara-lhe uma manhã.
— Doutor, estou cheio de dores. Tem de me dar qualquer coisa.
— Quer baixar outra vez?
— Não quero deixar a minha casa. Não me pode trazer qualquer coisa?
Bowman pensou no caso:
— Está bem. Passarei aí quando sair.
Quando visitou o paciente, levava um frasco de fentanil.
O paciente agarrou nele:
— Que maravilha! — disse, sacando um maço de notas. — Tome.

Bowman olhou para ele, surpreso:

— Não tem de me pagar nada.

— Está brincando comigo? Isto aqui é como ouro. Tenho muitos amigos que lhe pagarão uma fortuna se lhes trouxer disto.

E foi assim que tudo começou. No espaço de dois meses, Harry Bowman fazia dinheiro como o jamais tinha sonhado ser possível.

Infelizmente, o diretor do hospital soubera o que estava ocorrendo. Temendo um escândalo público, disse a Bowman que se ele soubesse sem alarde nada ficaria registrado na sua ficha.

“Ainda bem que sai”, pensou Bowman. “São Francisco tem um mercado muito maior.”

Chegou ao dispensário. Bruce Anderson estava de pé no lado de fora. Bowman cumprimentou-o:

— Olá, Bruce.

— Boa tarde, doutor Bowman.

Cinco minutos mais tarde, quando Bowman saiu do dispensário, Anderson disse:

— Desculpe, mas vou ter de o revistar.

Harry Bowman olhou para ele:

— Revistar-me? De que é que está falando, Bruce?

— Peço desculpa, doutor. Temos ordens para revistar todos os que utilizam o dispensário — mentiu Anderson.

Bowman estava indignado:

— Nunca ouvi tal coisa. Recuso-me totalmente!

— Então terei de lhe pedir que me acompanhe ao gabinete do doutor Wallace.

— Tudo bem! Ele vai ficar furioso quando souber disto.

Bowman entrou de rompante no gabinete de Wallace:

— O que se passa, Ben? Este homem quis revistar-me, maldito seja!

— E você recusou-se a ser revistado?

— Com certeza.

— Está bem. — Wallace pegou no telefone. — Vou permitir que seja a polícia de São Francisco a fazê-lo, se preferir. — E começou a discar.

Bowman entrou em pânico:

— Espere! Não é necessário. — O rosto ficou subitamente mais sereno. — Oh! Já sei do que é que se trata! — Meteu a mão no bolso e tirou um frasco de fentanil. — Fui buscar isto para utilizar numa operação e...

Wallace disse calmamente:

— Esvazie os bolsos.

Um olhar de desespero surgiu no rosto de Bowman:

— Não há motivo para...

— Esvazie os bolsos!

Duas horas mais tarde, o gabinete de São Francisco dos Serviços de Combate à

Droga recebia uma confissão escrita e os nomes das pessoas a quem Bowman tinha vendido drogas.

Quando Paige ouviu as notícias, foi ter com Mitch Campbell. Este estava sentado num gabinete, descansando.

Tinha as mãos sobre a mesa quando Paige entrou, podendo ver como estas tremiam.

Rapidamente, Campbell escondeu as mãos:

— Olá, Paige. Como está?

— Bem, Mitch. Quero falar com você.

— Sente-se.

Sentou-se na cadeira em frente:

— Há quanto tempo sofre da doença de Parkinson?

O rosto dele ficou branco:

— O quê?

— É isso, não é? Tem tentado esconder o fato.

Houve um silêncio pesado:

— Eu... eu... sim. Mas eu... não consigo abandonar a medicina. Não consigo mesmo. Isto é toda a minha vida.

Paige inclinou-se para a frente e disse com sinceridade:

— Não tem de abandonar a medicina, mas não devia fazer operações.

Subitamente, ele parecia ter envelhecido:

— Eu sei. Ia deixar de operar no ano passado. — E sorrindo afavelmente: — Penso que agora terei de deixar de operar, não é assim? Você vai informar o doutor Wallace?

— Não — respondeu Paige, gentilmente. — O senhor é que vai dizer ao doutor Wallace.

Paige estava almoçando na cafetaria quando Tom Chang se juntou a ela.

— Soube o que aconteceu — disse. — Bowman! Incrível. Bom trabalho.

Ela abanou a cabeça:

— Quase que acusei a pessoa errada.

Chang sentou-se e ficou calado.

— Sente-se bem, Tom?

— Quer ouvir o “Sim, estou bem” ou quer saber a verdade?

— Somos amigos. Quero a verdade.

— O meu casamento foi pelo cano abaixo. — De repente, os olhos encheram-se de lágrimas. — Sye foi-se embora. Regressou para a casa dela.

— Lamento, sinceramente.

— Não é culpa dela. Há muito tempo que o casamento tinha terminado. Ela disse que eu estou casado com o hospital e tem razão. Passo toda a minha vida aqui cuidando de estranhos, em vez de estar ao lado das pessoas que me são queridas.

— Ela há de voltar. Vai ver que tudo há de se solucionar — disse Paige, procurando confortá-lo.

— Não. Desta vez, não.

— Já pensaram em ouvir os conselhos de um advogado, ou...

— Ela recusa-se.

— Lamento, Tom. Se houver algo que eu... — Ouviu o seu nome sendo chamado.

— Doutora Taylor, quarto quatrocentos e dez...

Paige ficou subitamente alarmada:

— Tenho de ir — disse. Quarto 410. Era o de Sam Bernstein.

Era um dos seus pacientes favoritos, um septuagenário simpático que sofria de um inoperável câncer no estômago. Muitos dos pacientes do hospital estavam sempre queixando-se, mas Sam Bernstein era uma exceção. Paige admirava a sua coragem e dignidade. A mulher e os dois filhos adultos visitavam-no regularmente e Paige simpatizava também com eles. Estava ligado a sistemas de suporte de vida, com um aviso, NR (Não Ressuscitar se o coração parar).

Quando Paige entrou no quarto, estava uma enfermeira ao lado da cama. Esta levantou a cabeça quando ouviu Paige.

— Morreu, doutora. Não comecei os procedimentos de emergência porque... — A voz começou a fugir-lhe.

— Agiu muito bem — disse Paige, lentamente. — Obrigada.

— Posso fazer qualquer...

— Não. Eu trato de tudo. — Paige permaneceu ao lado da cama e olhou para o corpo daquele que havia sido um sorridente ser humano com vida, um homem com família e amigos, alguém que tinha passado a vida trabalhando arduamente, cuidando dos que lhe eram queridos.

E agora...

Aproximou-se da gaveta onde ele guardava os seus haveres.

Havia um relógio barato, um molho de chaves, quinze dólares em dinheiro, a dentadura e uma carta para a mulher. Tudo aquilo recordava a vida de um homem.

Paige não conseguia afastar a sensação de depressão que a oprimia.

— Era uma pessoa tão querida. Porquê...?

— Paige — interveio Kat —, não pode envolver-se emocionalmente com os seus pacientes. Isso far-te-á mal.

— Eu sei. Tem razão, Kat. É que... tudo acabou tão repentinamente, sabe? Esta manhã ele conversou comigo. Amanhã é o seu funeral.

— Não está pensando em ir, está?

— Não.

O funeral teve lugar no Cemitério Hills of Eternity.

Na religião judaica, o enterro deve ser efetuado logo a seguir à morte e

normalmente o serviço é celebrado no dia seguinte.

O corpo de Sam Berstein foi vestido com um takhrikhim, uma túnica branca, e envolto num talit. A família reuniu-se em volta da cama. O rabino entoava “Hamakom y’nathaim etkhem b’tokh sh’ar avilai tziyon veeyerushalayim.” O homem que estava ao lado de Paige reparou na expressão confusa do rosto e traduziu: — “Que Deus te conforte com todos os pranteadores do Reino Unido dos Céus e de Jerusalém.” Para surpresa de Paige, os membros da família começaram a rasgar as roupas que vestiam, enquanto cantavam Kbaruch ata adonai elohainu melech haolam dayan há-met.”

— O quê...?

— Isso demonstra respeito — sussurrou o homem.

— “Do pó vieste e para o pó regressaste, mas o espírito regressa a Deus, que foi quem te ofereceu.” A cerimônia tinha terminado.

Na manhã seguinte, Kat encontrou-se com Honey no corredor.

Esta parecia nervosa.

— O que é que aconteceu? — perguntou Kat.

— O doutor Wallace mandou me chamar. Pediu-me para estar no gabinete dele às duas horas.

— Sabe porquê?

— Julgo que está relacionado com as rondas do outro dia. O doutor Ritter é um monstro.

— Pode ser — disse Kat. — Mas tenho a certeza que tudo irá correr bem.

— Queira Deus que sim, mas estou com um mau pressentimento.

Chegou ao gabinete de Benjamin Wallace às duas horas em ponto, levando na bolsa um pequeno pote de mel.

A recepcionista estava almoçando. A porta do Dr. Wallace estava aberta.

— Entre, doutora Taft — convidou.

Honey entrou no gabinete.

— Feche a porta, por favor.

Honey fechou a porta.

— Sente-se.

Honey sentou-se à frente dele. Quase tremia.

Benjamin Wallace tinha suportado a situação o mais possível. Olhou para ela e pensou: “É como escorraçar um cachorrinho. Mas o que tem de ser feito, tem de ser feito.”

— Lamento informá-la de que tenho uma má notícia para lhe dar — disse.

Uma hora mais tarde, Honey encontrou-se com Kat no solário. Honey aprofundou-se numa cadeira próxima dela, a sorrir.

— Já falou com o doutor Wallace? — perguntou Kat.

— Oh, sim. Tivemos uma longa conversa. Sabia que a mulher o deixou em setembro? Foram casados durante quinze anos. Tem dois filhos adultos de um casamento anterior, mas pouco os vê. O pobrezinho está muito solitário.

Era outra vez Ano Novo e Paige, Kat e Honey entraram em 1994 no Embarcadero County Hospital. Para elas, nada na vida tinha sofrido alterações, à exceção da identidade dos pacientes.

Quando Paige atravessava o estacionamento, lembrou-se de Harry Bowman e do seu Ferrari vermelho.

“Quantas vidas foram destruídas pelo veneno que Harry Bowman vendia?”, pensou. As drogas eram tão sedutoras. E no final, tão mortais.

Jimmy Ford surgiu com pequeno ramo de flores para Paige.

— Para que é isto, Jimmy?

Ele corou:

— Gostaria que ficasse com elas. Sabia que vou me casar?

— Não! Que maravilha. Quem é a sortuda?

— Chama-se Betsy. Trabalha numa loja de roupas prontas. Vamos ter meia dúzia de filhos. A primeira menina terá o nome de Paige. Espero que não se importe.

— Eu, importar-me? Sinto-me lisonjeada.

Ele ficou embaraçado:

— Já sabe daquela sobre o médico que deu duas semanas de vida a um paciente?

“Não posso pagar-lhe já” disse o homem. “Está bem, dou-lhe mais duas semanas.”

E Jimmy desapareceu.

Paige estava preocupada com Tom Chang. Estava sofrendo violentas mudanças de temperamento, desde a euforia à depressão profunda. Numa manhã, durante uma conversa com Paige, disse:

— Já percebeu que se não fôssemos nós, a maioria das pessoas daqui morreriam? Temos o poder de curar o corpo delas e de as tornar completas de novo.

E na manhã seguinte:

— Estamos todos a enganar-nos a nós próprios, Paige. Os nossos pacientes melhorariam mais depressa sem nós. Somos hipócritas ao fingirmos que temos a resposta para todas as perguntas. Bem, não temos.

Paige estudou-o por momentos:

— Como está a Sye?

— Falei com ela ontem. Não quer voltar para cá. Vai pedir o divórcio.

Paige tocou-lhe no braço:

— Lamento, Tom.

Ele encolheu os ombros:

— Porquê? Não me afeta nada. Agora já não me afeta. Encontrarei outra mulher. — Sorriu. — E terei outro filho. Verá.

Havia algo irreal na conversa.

Nessa noite, Paige disse a Kat:

— Estou preocupada com Tom Chang. Tem falado com ele ultimamente?

— Sim.

— Pareceu-te normal?

— Nenhum homem me parece normal — respondeu Kat.

Paige ainda continuava preocupada.

— Vamos convidá-lo para jantar amanhã à noite.

— Está bem.

Na manhã seguinte, quando Paige entrou ao serviço no hospital, recebeu a notícia de que um porteiro tinha encontrado o corpo de Tom Chang. Morrera com uma dose excessiva de barbitúricos.

Paige ficou quase histérica:

— Eu podia tê-lo salvo — disse chorando. — Esteve todo este tempo pedindo ajuda e eu não o ouvi.

Kat disse firmemente:

— De forma alguma o poderia ter ajudado, Paige. Você não era o problema e também não era a solução. Ele não queria viver sem a mulher e a filha. É tão simples como isso.

Paige limpou as lágrimas:

— Maldito seja este lugar! — disse. — Se não fosse a pressão e os horários, a mulher nunca o teria deixado.

— Mas deixou — disse Kat, gentilmente. — Acabou.

Paige nunca assistira a um funeral chinês. Era um espetáculo incrível. Começou muito cedo na Casa Mortuária da Green Street, em Chinatown, onde uma multidão começou a juntar-se no exterior. Foi organizado um cortejo com uma enorme banda musical e, à cabeça, pessoas enlutadas que transportavam uma fotografia ampliada de Tom Chang.

A marcha teve início com a banda tocando alto enquanto atravessavam as ruas de São Francisco e o carro fúnebre na cauda do cortejo. A maioria dos enlutados ia a pé, mas os mais velhos iam de carro.

Para Paige, o cortejo parecia mover-se ao acaso pela cidade. Estava confusa:

— Aonde vamos? — perguntou a um dos enlutados.

Este inclinou-se ligeiramente e disse:

— É nosso costume levar o falecido a alguns dos lugares que tiveram significado

na sua vida... restaurantes onde comia, lojas que utilizava, lugares que visitava...

— Compreendo.

O cortejo terminou em frente ao Embarcadero County Hospital.

O enlutado voltou-se para Paige e disse:

— Foi aqui que Tom Chang trabalhou. Foi aqui que ele encontrou a felicidade.

“Errado”, pensou Paige. “Foi aqui que ele perdeu a felicidade.”

Numa manhã, quando caminhava pela Market Street, Paige viu Alfred Turner. O coração começou a bater mais depressa. Não tinha conseguido esquecê-lo. Ele começava a atravessar a rua quando o sinal mudou. Assim que Paige chegou à esquina, o sinal mudou para vermelho. Ignorou-o e atravessou correndo, ignorando as buzinas e os insultos dos motoristas. Paige chegou ao outro lado e aproximou-se rapidamente de Alfred. Pegou-lhe na manga:

— Alfred...

O homem voltou-se:

— Como?

Era alguém totalmente estranho.

Agora que Paige e Kat já eram residentes há quatro anos, faziam operações numa base regular.

Kat trabalhava com médicos na neurocirurgia e não deixava de ficar admirada perante o milagre das centenas de milhões de complexos computadores digitais, chamados neurônios, que viviam no cérebro. O trabalho era entusiasmante.

Kat tinha um profundo respeito pela maioria dos médicos com quem trabalhava. Eram cirurgiões brilhantes e peritos. Havia alguns que a tinham feito passar um mau bocado. Tentaram sair com ela e quanto mais ela recusava, mais desafiadores se tornavam.

Ouviu um médico dizer:

— Ali vem a famosa calça-de-ferro.

Estava ajudando o Dr. Kibler numa operação no cérebro. Foi feita uma pequena incisão no córtex e o Dr. Kibler introduzia uma cânula de borracha no ventrículo lateral esquerdo, a cavidade central da metade esquerda do cérebro, enquanto Kat mantinha a incisão aberta com o auxílio de um pequeno retrator. Toda a concentração estava focada no que acontecia à sua frente.

O Dr. Kibler olhou para ela e, enquanto trabalhava, disse:

— Já sabe daquela sobre o bêbado que entrou de rompante num bar e disse “Dê-me uma bebida, depressa!” — “Não posso”, disse o empregado. “Você já está bêbado”.

A broca cortava mais fundo.

— “Se não me der uma bebida, mato-me.”

Começou a correr líquido cerebral do ventrículo e a sair pela cânula.

— “Ouça o que vou fazer”, disse o empregado. “Tenho três desejos. Se me satisfizer os três, dar-lhe-ei uma garrafa.”

Enquanto falava, foram injetados mililitros de ar no ventrículo e tiradas radiografias da vista ântero-posterior e da vista lateral.

— “Vê aquele jogador de futebol? Não consigo tirá-lo daqui. Quero que corra com ele. A seguir, tenho um crocodilo de estimação no meu escritório, que está com dores de dentes. É tão mau que não consigo que o veterinário se aproxime dele. Por último, existe uma médica dos Serviços de Saúde que quer fechar este lugar. Foda-a e dar-lhe-ei a garrafa.

Uma enfermeira-assistente fazia sucção para reduzir a quantidade de sangue naquele local.

— O bebêado corre com o jogador de futebol e entra no escritório onde estava o crocodilo. Sai quinze minutos depois, todo sujo de sangue e com a roupa rasgada, e diz “Onde está a médica com dores de dentes?”

Deu uma tremenda gargalhada:

— Entendeu? Ele fodeu o crocodilo em vez da médica. Se calhar foi uma experiência melhor!

Kat permaneceu ali, furiosa, com vontade de lhe dar uma bofetada.

Quando a operação chegou ao fim, Kat dirigiu-se ao quarto dos médicos de plantão, para tentar acalmar-se.

“Não vou deixar que estes filhos da mãe me derrotem. Isso é que não.”

De tempos em tempos Paige saía com médicos do hospital, mas recusava envolver-se emocionalmente com qualquer deles. Alfred Turner tinha-a magoado profundamente e ela estava decidida a nunca mais passar pelo mesmo. A maior parte dos dias e das noites eram passados no hospital. O horário era estafante, mas Paige fazia e gostava da cirurgia geral. Uma manhã, George Englund, chefe da cirurgia, mandou-a chamar.

— Este ano vai começar a sua especialidade. Cirurgia cardiovascular.

Ela anuiu:

— Sim.

— Bem, tenho um pato para si. Já ouviu falar do doutor Barker?

Paige olhou para ele, surpreendida:

— O doutor Lawrence Barker?

— Sim.

— Claro que sim.

Todos tinham ouvido falar de Lawrence Barker. Era um dos mais famosos cirurgiões cardiovasculares do mundo.

— Bem, na semana passada voltou da Arábia Saudita, onde operou o rei. O doutor Barker é um velho amigo meu e concordou em ceder-nos três dias por semana. Pro bono.

— Fantástico! — exclamou Paige.

— Vou colocá-la na equipe dele.

Por um momento Paige ficou muda:

— Eu... não sei o que dizer. Fico-lhe muito agradecida.

— É uma bela oportunidade para você. Pode aprender muito com ele.

— Tenho certeza que sim. Obrigada, George. Fico-lhe bastante grata por isto.

— Irá começar as suas rondas com ele amanhã de manhã, às seis horas.

— Estou ansiosa por isso.

“Estou ansiosa por isso” foi uma forma incompleta de dizer o que sentia. Paige tinha sonhado trabalhar com alguém como o Dr. Lawrence Barker. “Que quero dizer com alguém como o Dr. Barker? Só existe um Dr. Lawrence Barker.” Nunca tinha visto uma fotografia dele, mas imaginava o seu aspecto: devia ser alto e bonito, com cabelos cinza-prata, magro e mãos sensíveis. Um homem caloroso e gentil. “Iremos trabalhar juntos”, pensou ela “e vou tornar-me absolutamente indispensável. Será que é casado?”

Nessa noite, Paige teve um sonho erótico com o Dr. Barker. Ambos estavam nus fazendo uma operação. A meio desta, o Dr. Barker disse: “Quero-a.” Uma enfermeira tirou o paciente da maca e o Dr. Barker levantou Paige, deitou-a e fez amor com ela.

Quando Paige acordou, estava quase a caindo da cama.

Às seis horas da manhã seguinte, Paige esperava nervosa no corredor do segundo andar, juntamente com Joel Lips, o residente chefe, e cinco outros residentes, quando um homem baixo e carrancudo começou a dirigir-se a eles num passo curto e rápido. Caminhava inclinado para a frente, como se estivesse lutando contra o vento.

Ele aproximou-se do grupo:

— Por que raio estão todos aqui parados? Vamos embora!

Foi preciso um momento para Paige se recompor.

Correu para se juntar aos outros elementos do grupo. Enquanto atravessavam o corredor, o Dr. Barker atirou:

— Todos vocês têm trinta a trinta e cinco pacientes para cuidar por dia. Espero que tomem notas pormenorizadas de cada um deles. Entendido?

Houve um murmúrio de “Sim, senhor”.

Tinham chegado à primeira ala. O Dr. Barker aproximou-se da cama de um paciente, um homem com cerca de quarenta anos. O ar rude e modos grosseiros de Barker desapareceram num instante.

Tocou suavemente no ombro do paciente e sorriu:

— Bom dia. Sou o doutor Barker.

— Bom dia, doutor.

— Como se sente hoje?

— Dói-me o peito.

O Dr. Barker estudou o prontuário aos pés da cama e depois voltou-se para o Dr. Philips:

— O que mostra esta radiografia?

— Nenhuma alteração. Está sarando bem.

— Vamos fazer outro CBC.

O Dr. Philips tomou nota.

O Dr. Barker deu uma palmadinha no braço do homem e sorriu:

— Tem bom aspecto. Vê-lo-emos sair daqui dentro de uma semana. — E, virando-se para os residentes, disse: — Mexam-se! Temos muitos pacientes para ver.

“Meu Deus!”, pensou Paige. “E há quem fale do Dr. Jekyll e do Mr. Hyde!”

O paciente seguinte era uma mulher obesa em que fora implantado um marca-passo. O Dr. Barker estudou o prontuário dela:

— Bom dia, senhora Shelby. — A voz era agradável — Sou o doutor Barker.

— Quanto tempo irão manter-me neste lugar?

— Bem, a senhora é tão encantadora que gostaria de a manter aqui para sempre, mas eu tenho mulher.

A Sra. Shelby deu uma risada reprimida:

— É uma mulher sortuda.

Barker examinou novamente o prontuário:

— Posso dizer que está quase indo para casa.

— Que bom.

— Logo à tarde vê-la-ei outra vez. — Lawrence Barker virou-se para os residentes. — Avancem.

Seguiram obedientemente o médico até um quarto semiprivado onde um jovem guatemalteco se encontrava deitado e rodeado pela família.

— Bom dia — disse calorosamente o Dr. Barker enquanto examinava o prontuário do paciente. — Como se sente esta manhã?

— Sinto-me bem, doutor.

Virando-se para Philips, o médico perguntou:

— Alguma alteração nos eletrólitos?

— Não, doutor.

— Essa é uma boa notícia. — Tocou no braço do rapaz:

— Mantenha-se aí, Juan.

A mãe perguntou, ansiosamente:

— O meu filho vai ficar bem?

O Dr. Barker sorriu:

— Vamos fazer tudo o que pudermos por ele.

— Obrigada, doutor.

O Dr. Barker saiu para o corredor e os outros seguiram-no.

Parou.

— O paciente sofre de miocardiopatia, tremores de febre irregular, dores de cabeça e edema localizado. Pode algum de vocês, gênios, dizer qual é a causa comum?

Houve silêncio. Hesitando, Paige respondeu:

— Creio que é congênito... hereditário.

O Dr. Barker olhou para ela e anuiu encorajadoramente.

Satisfeita, Paige continuou:

— Salta... espere... — Procurou lembrar-se: — Salta uma geração e é transmitida através do genes da mãe. — Interrompeu, corou e sentiu-se orgulhosa.

O Dr. Barker olhou um momento para ela:

— Que disparate! É a doença de Chagas. Afeta os habitantes dos países latino-americanos. — Olhou desgostoso para Paige.

— Jesus! Quem foi que lhe disse que era médica?

O rosto dela corou intensamente.

Para ela, o resto da ronda foi um castigo. Viram vinte e quatro pacientes e Paige ficou com a impressão de que o Dr. Barker tinha passado a manhã tentando humilhá-la. Era sempre ela a quem fazia perguntas, testando-a. Quando respondia certo, nunca a elogiava. Quando errava, dava-lhe um berro. A dada altura, quando Paige cometeu um erro, Barker resmungou:

— Nunca a deixaria operar o meu cão!

Quando finalmente a ronda chegou ao fim, o Dr. Philips, residente chefe, disse:

— Faremos outra ronda às duas horas. Peguem nos vossos blocos, tomem notas sobre cada um dos pacientes e não deixem nada de fora.

Deitou um olhar piedoso a Paige, começou a dizer algo e depois virou as costas para se juntar ao Dr. Barker.

Paige pensou: “Nunca mais quero ver esse animal.”

Na noite seguinte, Paige estava de plantão. Correu de uma crise para outra, procurando acudir prontamente à maré de desastres que inundou as salas de urgências.

À uma da manhã, finalmente adormeceu. Não ouviu o som estridente de uma sirena anunciando a parada de uma ambulância à frente da entrada da urgência do hospital. Dois paramédicos abriram a porta da ambulância, passaram o paciente inconsciente da maca para outra e atravessaram correndo as portas de entrada para a sala de operações um. O pessoal tinha sido alertado através de radiofonia.

Uma enfermeira corria ao lado do paciente, enquanto uma segunda esperava no topo da rampa. Sessenta segundos mais tarde, o paciente foi transferido da maca para uma mesa de exame.

Era um jovem e tinha tanto sangue no rosto que mal se lhe viam as feições. Uma enfermeira começou a trabalhar, cortando-lhe com uma tesoura grande as roupas rasgadas.

— Parece que tem tudo partido.

— Sangra como um porco no matadouro.

— Não sinto a pulsação.

— Quem está de plantão?

— A doutora Taylor.

— Chame-a. Se vier depressa, talvez ele ainda esteja vivo.

Paige foi acordada pela campainha do telefone.

— Está...

— Temos uma urgência na sala um, doutora. Penso que não se salva.

Paige sentou-se imediatamente:

— Está bem. Vou já para aí.

Olhou para o relógio de pulso. Uma e meia da manhã.

Saiu da cama e dirigiu-se ao elevador.

Um minuto mais tarde, estava entrando na sala um.

A meio da sala, na mesa de exame, encontrava-se o paciente coberto de sangue.

— Que temos aqui? — perguntou Paige.

— Um acidente de moto. Foi atropelado por um ônibus. Não usava capacete.

Paige aproximou-se da figura inconsciente e, mesmo antes de ver-lhe o rosto, sentia que sabia quem era.

Ficou subitamente bem desperta:

— Coloquem nele três linhas IV! — ordenou Paige. — Dêem-lhe oxigênio.

Mandem vir sangue para baixo stat. Liguem para o arquivo para saber o grupo sanguíneo.

A enfermeira olhou para ela, surpreendida:

— Conhece-o?

— Sim. — Teve de se esforçar para falar. — Chama-se Jimmy Ford.

Paige passou os dedos pelos cabelos dele:

— Tem um edema profundo. Quero uma ecografia e radiografias à cabeça.

Vamos ter de fazer tudo por tudo. Quero-o vivo!

— Sim, doutora.

Paige passou as duas horas seguintes a certificar-se de que se fazia tudo o que era possível por Jimmy Ford. As radiografias mostraram uma fratura no crânio, uma contusão cerebral, um úmero partido e diversas dilacerações.

Mas tudo teria de esperar até que ele estabilizasse.

Às três e meia Paige decidiu que, de momento, nada mais podia fazer. Ele respirava melhor e a pulsação era mais forte. Olhou para a figura inconsciente. “Vamos ter meia dúzia de filhos. A primeira menina irá chamar-se Paige. Espero que não se importe.”

— Chame-me se houver alguma alteração — disse Paige.

— Não se preocupe, doutora — disse uma das enfermeiras.

— Cuidaremos bem dele.

Paige regressou ao quarto dos médicos de plantão. Estava exausta, mas demasiado preocupada com Jimmy para voltar a adormecer.

O telefone voltou a tocar. Mal tinha forças para o atender:

— Está.

— Doutora, é melhor vir ao terceiro andar. Stat. Acho que um dos pacientes do doutor Barker está sofrendo um ataque cardíaco.

— Vou já — respondeu Paige. “Um dos pacientes do Dr. Barker”.

Paige respirou fundo, saltou da cama, lavou o rosto com água fria e correu para o terceiro andar.

Uma enfermeira esperava do lado de fora de um quarto privado:

— É a senhora Hearn. Parece que está tendo outro ataque cardíaco.

Paige entrou no quarto.

A Sra. Hearn era uma mulher de cerca de cinquenta anos. No rosto ainda se viam traços de uma antiga beleza, mas o corpo era gordo e inchado. Tinha as mãos sobre o peito e gemia:

— Estou morrendo — disse. — Estou morrendo. Não consigo respirar.

— Vai ficar boa — disse Paige em tom confortante.

Virou-se para a enfermeira.

— Fez-lhe um eletrocardiograma?

— Ela não me deixa tocar-lhe. Diz que está muito nervosa.

— Temos de fazer um ECG — informou Paige à paciente.

— Não! Não quero morrer. Por favor, não me deixe morrer...

Paige disse à enfermeira:

— Chame o doutor Barker. Peça-lhe para vir aqui imediatamente.

A enfermeira desapareceu.

Paige colocou o estetoscópio no peito da Sra. Hearn.

Escutou. O ritmo cardíaco parecia normal, mas Paige não podia correr riscos.

— O doutor Barker estará aqui dentro de instantes — disse a Mrs. Hearn. — Tente descansar.

— Nunca me senti assim tão mal. Sinto um peso tão grande no peito. Por favor, não me deixe sozinha.

— Não vou deixa-la sozinha — prometeu Paige.

Enquanto esperava pelo Dr. Barker, Paige telefonou para a unidade de cuidados intensivos. Não havia alterações no estado de Jimmy. Ainda estava em coma.

Trinta minutos mais tarde, apareceu o Dr. Barker.

Obviamente, tinha-se vestido à pressa:

— O que se passa? — perguntou.

Paige respondeu:

— Penso que a senhora Hearn está sofrendo outro ataque cardíaco.

O médico aproximou-se da cama:

— Fez um ECG?

— Ela não nos deixa.

— Pulsação?

— Normal. Não tem febre.

O Dr. Barker colocou o estetoscópio nas costas da Sra. Hearn:

— Respire fundo.

Ela assim o fez.

— Outra vez.

A Sra. Hearn deu um grande arrote.

— Perdão — sorriu. — Oh. Estou muito melhor.

Ele estudou-a por momentos:

— O que é que comeu ao jantar, senhora Hearn?

— Comi um hamburger.

— Só um hamburger? Só isso? Apenas um?

— Dois.

— Mais alguma coisa?

— Bem, sabe... cebolas e batatas fritas.

— E para beber?

— Uma batida de chocolate.

O Dr. Barker olhou para a paciente:

— O seu coração está bom. É com o seu apetite que temos de nos preocupar. —

Voltou-se para Paige. — O que vê aqui é um caso de azia. Quero falar consigo lá fora, doutora.

Quando se encontravam no corredor, resmungou:

— Que raio lhe ensinaram na faculdade de medicina? Nem sequer consegue distinguir a diferença entre azia e um ataque cardíaco?

— Pensei...

— A questão é que você não conseguiu! Se voltar a acordar-me a meio da noite por causa de um caso de azia, está feita comigo. Percebeu bem?

Paige ficou estática, com o rosto a arder.

— Dê-lhe um antiácido, doutora — disse Lawrence Parker com sarcasmo —, e verá que fica curada. Vê-la-ei na ronda das seis e meia.

Paige ficou a vê-lo partir.

Quando voltou a deitar-se no quarto dos médicos de plantão, pensou: “Vou matar Lawrence Barker. Fá-lo-ei certamente. Ficaré muito paciente. Terá uma dúzia de tubos metidos ao corpo. Irá implorar-me para que acabe com o sofrimento, mas não o farei. Deixá-lo-ei sofrer e depois quando se sentir melhor... será então que o matarei!”

Paige estava fazendo a ronda da manhã com a Besta, como intimamente

chamava ao Dr. Barker. Tinha-o assistido em três cirurgias cardiorácicas e, apesar de não simpatizar com ele, não conseguia deixar de admirar as suas incriveis capacidades.

Olhou estupefata quando ele abriu um paciente, substituiu habilmente o coração velho pelo de um dador e costurou. A operação demorou menos de cinco horas.

“Dentro de cinco semanas” pensou Paige, “esse paciente poderá voltar a ter uma vida normal. Não é de admirar que os cirurgiões julguem ser deuses. Ressuscitam mortos.”

Hora após hora, Paige via um coração parar e transformar-se num pedaço de carne inerte. E então acontecia o milagre e o órgão sem vida começava a bater de novo e a enviar sangue para um corpo que tinha estado morrendo.

Uma manhã, tinha sido marcada uma pequena cirurgia para inserção de um balão intra-aórtico num paciente. Paige estava na sala de operações assistindo o Dr. Barker.

Quando estavam prestes a começar, o Dr. Barker ordenou:

— Faça você!

Paige olhou para ele:

— Desculpe?

— É um processo simples. Acha que consegue fazê-lo?

Notava-se um certo desdém na voz.

— Sim — respondeu Paige, timidamente.

— Bem, então comece.

Era uma pessoa enervante.

Barker viu como Paige inseria habilmente um tubo na artéria do paciente e o introduzia no coração. Tudo correu perfeitamente. Barker manteve-se ali, sem dizer uma única palavra.

“Que vá para o inferno”, pensou Paige. “Nada do que faço ou possa fazer irá satisfazê-lo.”

Paige injetou um líquido radiopaco através do tubo.

Olharam para o monitor enquanto o líquido corria para as artérias coronárias. Surgiram imagens num ecrã fluoroscópico que mostraram o grau de bloqueio e a respectiva localização na artéria, enquanto uma câmara de filmar automática gravava as radiografias para um registo permanente. O residente-chefe olhou para Paige e sorriu:

— Bom trabalho.

— Obrigada. — Voltou-se para o Dr. Barker.

— Foi demasiado lenta — resmungou.

E saiu.

Paige agradecia os dias em que o Dr. Barker estava fora do hospital, trabalhando

na sua clínica privada. Disse a Kat:

— Estar um dia longe dele é como passar uma semana no campo.

— Tu odeia-o mesmo, não é?

— É um médico brilhante, mas um ser humano miserável. Já notaste como os nomes encaixam tão bem em determinadas pessoas? Se o doutor Barker [em inglês: que ladra] não parar de ladrar para as pessoas, vai ter um infarto.

— Vê bem as maravilhas que tenho de enfrentar — disse Kat a rir. — Todos pensam que são uma dádiva divina para as ratinhas. Que bom seria se não houvessem homens no mundo!

Paige olhou para ela, mas não disse nada.

Paige e Kat foram examinar Jimmy Ford. Ainda estava em coma. Não podiam fazer nada.

Kat suspirou:

— Merda. Porque é que isto acontece às pessoas boas?

— Quem me dera saber.

— Você acha que se salva?

Paige hesitou:

— Fizemos tudo o que podíamos. Agora está tudo nas mãos de Deus.

— Engraçado. Pensei que éramos Deus.

No dia seguinte, quando Paige estava encarregada da ronda da tarde, Kaplan, um residente-chefe, encontrou-se com ela no corredor:

— Hoje é o seu dia de sorte — sorriu. — Vai ter um novo aluno de medicina por companhia.

— Verdade?

— Sim, o SI.

— SI?

— “Sobrinho idiota”. A mulher do doutor Wallace tem um sobrinho que quer ser médico. Foi expulso das duas últimas faculdades. Vai ter de o suportar. Hoje é a sua vez.

Paige replicou:

— Não tenho tempo para isso. Estou cheia até...

— A opção é sua. Seja boazinha e o doutor Wallace tê-la-á em consideração. — Kaplan retirou-se.

Paige suspirou e dirigiu-se ao lugar onde os novos residentes se encontravam reunidos para dar início à ronda.

“Onde está o SI?” Olhou para o relógio. Ele já estava atrasado três minutos. “Vou dar-lhe mais um minuto”, decidiu Paige, “depois que vá para o inferno.”

Foi então que o viu, um homem alto e bem-apeadoado que corria na sua direção.

A arfar, aproximou-se de Paige e disse:

— Desculpe. O doutor Wallace pediu-me para...

— Está atrasado — respondeu friamente.

— Eu sei. Peço desculpa. Estava na...

— Não interessa. Como se chama?

— Jason. Jason Curtis. — Vestia um casaco esportivo.

— Onde está a sua bata branca?

— A minha bata branca?

— Ninguém lhe disse para vestir uma bata branca durante as rondas?

Ele ficou embaraçado:

— Não. Lamento mas eu...

Paige disse, irritada;

— Volte ao gabinete da enfermeira-chefe e peça-lhe uma bata branca. Também não tem um bloco de apontamentos?

— Não.

“Sobrinho idiota” define-o bem.

— Venha ter conosco à ala um.

— Tem a certeza? Eu...

— Faça o que lhe disse! — Paige e os outros partiram, deixando Jason Curtis olhando para eles.

Estavam examinando o terceiro paciente quando Jason Curtis surgiu correndo. Vestia uma bata branca. Paige dizia: “... os tumores do coração podem ser primários, e são raros, ou secundários, que são muito mais comuns”. — Voltou-se para Curtis: — Pode dizer os nomes dos três tipos de tumores?

Olhou para ela:

— Lamento, mas não... não posso.

“É claro que não.”

— Epicardial. Miocardial, Endocardial.

Olhou para Paige e sorriu:

— É muito interessante.

“Meu Deus!”, pensou Paige. “Com o Dr. Wallace ou sem o Dr. Wallace, vou livrar-me dele o mais depressa possível.” Avançaram para o paciente seguinte e, assim que Paige acabou de o examinar, levou o grupo para o corredor a fim de não serem ouvidos.

— Este é um caso relacionado com a tiroide, com febre e taquicardia extrema. Surgiu após a operação. — Virou-se para Jason Curtis. — Como trataria o paciente?

Ficou momentaneamente pensativo. Depois disse:

— Suavemente?

Paige procurou controlar-se:

— Você não é a mãe dele, é o médico! Ele necessita de líquidos para combater a desidratação, bem como de iodo e de medicamentos anti-tiróide e sedativos para

as convulsões.

Jason anuiu:

— Isso parece correto.

A ronda não melhorou. Quando chegaram ao fim, Paige chamou Jason Curtis:

— Posso ser franca com você?

— Pode. Claro que pode — respondeu, agradavelmente. — Agradeço-lhe muito.

— Procure outra profissão.

Ele franziu as sobrancelhas:

— Acha que não sirvo para isto?

— Muito honestamente, não. Você não gosta disto, gosta?

— Nem por isso.

— Então porque escolheu a medicina?

— Para dizer a verdade, fui obrigado.

— Bem, diga ao doutor Wallace que está cometendo um erro. Acho que deve procurar fazer outra coisa na sua vida.

— Agradeço muito que tenha me dito isso — disse com sinceridade, Jason Curtis.

— Gostaria de saber se podíamos discutir isto mais profundamente. Se não tiver nada para fazer ao jantar...

— Não temos mais nada para discutir — respondeu Paige, secamente. — Pode dizer ao seu tio...

Nesse momento apareceu o Dr. Wallace:

— Jason! — chamou. — Procurei-te por todo o lado. — Voltou-se para Paige. — Vejo que já se conhecem.

— Sim, já nos conhecemos — respondeu Paige, carrancuda.

— Muito bem. Jason é o arquiteto responsável pela nova ala que estamos construindo.

Paige ficou estática:

— Ele é... o quê?

— Sim. Ele não lhe disse?

Sentiu o rosto ficar vermelho. “Ninguém lhe disse para vestir uma bata branca durante a ronda? Porque escolheu a medicina? Para dizer a verdade, fui obrigado.” *Por mim!*

Paige queria enfiar-se num buraco. Ele troçara dela.

Voltou-se para Jason:

— Porque não me disse quem era?

Olhou para ela, divertido:

— Bem, na verdade você não me deu essa oportunidade.

— Ela não te deu uma oportunidade para quê? — perguntou o Dr. Wallace.

— Se me permitem... — disse Paige, envergonhada.

— Que tal jantarmos esta noite?

— Eu não como. Estou ocupada. — E Paige desapareceu.

Jason olhou para ela com admiração.

— Que grande mulher!

— É, não é? Que tal irmos para o meu gabinete e conversarmos sobre o novo projeto?

— Okay! — Mas o pensamento estava em Paige.

Era Julho, época do ritual que tinha lugar de doze em doze meses em todos os hospitais dos Estados Unidos, época em que entravam novos residentes para iniciar o caminho para a vida de verdadeiros médicos.

As enfermeiras ansiavam pela chegada do novo grupo de residentes, provocando aqueles que julgavam poder vir a ser bons amantes ou maridos. Neste dia particular, assim que os novos médicos apareceram, quase todos os olhos femininos se fixaram no Dr. Ken Mallory. Ninguém sabia porque é que Ken Mallory tinha sido transferido de um hospital totalmente privado de Washington.

Era residente há cinco anos e cirurgião geral. Havia boatos de que fora obrigado a deixar Washington à pressa devido a uma ligação com a mulher de um congressista.

Outro rumor afirmava que uma enfermeira se suicidara por sua causa e ele fora convidado a sair. A única certeza que as enfermeiras tinham era a de que Ken Mallory era, sem sombra de dúvida, o homem mais bonito que jamais viram. Era alto e tinha um físico atlético, cabelos loiros ondulados e feições que ficariam bem num galã de cinema.

Mallory integrou-se na rotina do hospital como se tivesse lá estado desde sempre. Era uma pessoa encantadora e, quase desde o início, as enfermeiras lutavam por chamar a sua atenção.

Noite após noite, os outros médicos viam Mallory desaparecer dentro do quarto de plantão com uma enfermeira diferente. A sua reputação de ganhão estava a tornar-se lendária no hospital.

Paige, Kat e Honey conversavam sobre ele.

— Imagina aquelas enfermeiras a atirarem-se a ele? — disse Kat a rir. — Na verdade lutam para serem o petisco da semana!

— Tem de admitir que ele é atraente — sublinhou Honey.

Kat abanou a cabeça

— Não, não admito.

Uma manhã, estavam meia dúzia de residentes no vestiário dos médicos quando Mallory entrou.

— Estávamos mesmo a falar de você — disse um deles. — Deve estar exausto.

Mallory sorriu:

— Não foi uma noite má. — Tinha passado a noite com duas enfermeiras.

Grundy, um dos residentes, disse:

— Você está fazendo com que todos nós pareçamos eunucos, Ken. Existe alguém do hospital que não consiga engatar?

Mallory deu uma gargalhada:

— Duvido.

Grundy pensou por momentos:

— Aposto que posso mencionar um nome.

— Verdade? Quem é?

— Uma das residentes chefe. Chama-se Kat Hunter.

Mallory concordou:

— A boneca negra. Já a vi. É muito atraente. O que é que o leva a pensar que não consigo seduzi-la?

— Porque todos nós já tentamos. Acho que ela não gosta de homens.

— Ou talvez ainda não tenha encontrado o certo — sugeriu Mallory.

Grundy abanou a cabeça:

— Não. Não terá chance.

Era um desafio.

— Aposto que está errado.

Um dos outros residentes disse:

— Quer dizer que deseja fazer uma aposta?

Mallory sorriu:

— Claro. Porque não?

— Está bem. — O grupo começou a juntar-se à volta de Mallory. — Aposto quinhentos dólares em como não consegue deitar-se com ela.

— Apostado.

— Eu aposto trezentos.

Um outro disse:

— Também entro nessa. Aposto seiscentos.

No final, a aposta era de cinco mil dólares.

— Qual é o tempo-limite? — perguntou Mallory.

Grundy pensou um momento:

— Digamos trinta dias. Chega?

— É mais do que suficiente. Não será preciso tanto tempo.

Grundy observou:

— Mas terá de prová-lo. Ela terá de admitir que foi para a cama com você.

— Não há problema. — Mallory olhou para o grupo e sorriu:

— Malandros!

Quinze minutos mais tarde, Grundy estava na cafeteria onde Kat, Paige e Honey tomavam o café da manhã.

Dirigiu-se à mesa delas:

— Posso juntar-me a vós, senhoras... doutoras... por um momento?

Paige levantou a cabeça:

— Claro que sim.

Grundy sentou-se. Olhou para Kat e disse em tom de desculpa:

— Odeio ter de vos dizer isto, mas estou furioso e penso que é justo que saibam...

Kat olhou para ele, confusa:

— Saibamos o quê?

Grundy suspirou:

— Aquele novo residente chefe que entrou... Ken Mallory?

— Sim. O que há com ele?

Grundy respondeu:

— Bem, eu... meu Deus, isto é embaraçoso. Apostou cinco mil dólares com alguns dos médicos em como irá conseguir convencê-la a ir para a cama com ele dentro dos próximos trinta dias.

Kat ficou roxa de raiva:

— Apostou, não foi?

Grundy respondeu submissamente:

— Não a condeno por ficar furiosa. Senti-me enojado quando soube.

Bem, só quis avisá-la. Ele vai convidá-la para sair e achei ser meu dever contar-lhe qual o motivo.

— Obrigada — respondeu Kat. — Agradeço que me tenha dito.

— Era o mínimo que podia fazer.

As três ficaram vendo Grundy ir-se embora.

No corredor, fora da cafeteria, os outros residentes esperavam por ele.

— Como é que correu? — perguntaram.

Grundy deu uma gargalhada:

— Perfeito. Ficou furiosa com tudo. O filho da puta está feito!

Na mesa, Honey dizia:

— Acho isso terrível.

Kat concordou:

— Alguém devia fazer-lhe uma “pilatomia”. Irão ter de esquiar no gelo do inferno para que eu saia com aquele filho da mãe.

Paige ficou pensativa. Pouco depois disse:

— Sabe uma coisa, Kat? Seria interessante que saísse mesmo com ele.

Kat olhou para ela, surpreendida:

— O quê?

Os olhos de Paige brilhavam:

— Porque não? Já que ele quer jogar, vamos ajudá-lo... só que irá fazer o nosso jogo.

Kat inclinou-se para a frente:

— Continua.

— Ele tem trinta dias, certo? Quando ele te convidar, será calorosa, amorosa e carinhosa. Quero dizer, mostrar-se-á totalmente louca por ele. Vai deixá-lo doido de alegria. A única coisa que não irá fazer, que Deus te abençoe, é ir para a cama com ele. Iremos dar-lhe uma lição de cinco mil dólares.

Kat lembrou-se do padrasto. Era uma forma de se vingar.

— Gosto disso — replicou.

— Quer dizer que aceita? — perguntou Honey.

— Sim.

E Kat não fazia ideia de que, com essa palavra, assinara a sua sentença de morte.

Jason Curtis não tinha conseguido tirar Paige da cabeça.

Telefonou à secretária de Ben Wallace:

— Olá. Sou Jason Curtis. Preciso do telefone de casa da doutora Paige Taylor.

— Com certeza, senhor Curtis. Só um momento. — Deu-lhe o número. Honey atendeu o telefone:

— Doutora Taft.

— Sou Jason Curtis. A doutora Taylor está?

— Não, não está. Está de plantão no hospital.

— Oh, que pena.

Honey percebeu o desapontamento na voz dele:

— Se for alguma urgência, eu...

— Não, não.

— Posso dar-lhe o recado e ela liga para você.

— Muito obrigado. — Jason deu-lhe o número de telefone.

— Dar-lhe-ei o recado.

— Obrigado.

— Jason Curtis telefonou — disse Honey quando Paige voltou ao apartamento. — Pareceu-me simpático. Está aqui o telefone dele.

— Queima-o.

— Não vai lhe telefonar?

— Não. Nunca.

— Ainda está presa a Alfred, não está?

— Claro que não.

E foi tudo o que Honey conseguiu obter dela.

Passados dois dias, Jason tornou a ligar.

Desta vez foi Paige quem atendeu o telefone:

— Doutora Taylor.

— Olá! — disse Jason. — Sou o doutor Jason Curtis.

— Doutor...?

— Talvez não se lembre de mim — disse Jason, lentamente — mas fiz a ronda com você no outro dia e convidei-a para jantar. Você respondeu...

— Que estava ocupada. Ainda estou. Adeus, senhor Curtis. — E desligou o telefone.

— O que foi tudo isto? — perguntou Honey.

— Nada.

Às seis da manhã do dia seguinte, quando os residentes se juntaram a Paige para a ronda da manhã, apareceu Jason Curtis.

Vestia uma bata branca.

— Espero não ter chegado atrasado — disse alegremente. — Tive de ir buscar uma bata branca. Sei que fica aborrecida quando não visto uma.

Paige respirou fundo, furiosa:

— Chegue aqui — disse. Empurrou Jason para dentro do vestiário dos médicos.

— O que está fazendo aqui?

— Para dizer a verdade, tenho estado preocupado com alguns dos pacientes que vimos no outro dia — respondeu com sinceridade. — Vim ver se estavam todos bem.

O homem estava a enfurecê-la:

— Porque não está construindo qualquer coisa?

Jason olhou para ela e disse baixinho:

— Estou tentando. — Tirou do bolso um monte de bilhetes.

— Veja, não sei do que gosta, por isso comprei bilhetes para esta noite para o jogo dos Giants, teatro, ópera e um concerto. Escolha.

Estava a pô-la fora de si:

— Joga sempre o seu dinheiro fora desta forma?

— Só quando estou apaixonado — respondeu Jason.

— Alto a...

Ele estendeu-lhe os bilhetes:

— Escolha.

Paige arrancou-os todos da mão:

— Obrigada — respondeu, afável. — Vou dá-los aos meus pacientes externos. A maioria deles não tem a possibilidade de ir a um teatro ou ópera.

Ele sorriu:

— Ótimo! Espero que se divirtam. Janta comigo?

— Não.

— De qualquer modo, tem de comer. Não muda de ideia?

Paige ficou um tanto envergonhada por causa dos bilhetes:

— Penso que não seria muito boa companhia. Ontem à noite estive de plantão e...

— Faremos um serão mais cedo. Palavra de escoteiro.

Ela suspirou:

— Está bem, mas...

— Maravilha! Onde posso apanhá-la?

— Saio daqui às sete.

— Então, apanho-a aqui — afirmou sorrindo. — Agora vou para casa e volto para a cama. Que hora tão perversa para estar de pé! O que a obriga a fazê-lo? Paige viu-o afastar-se e não pôde evitar um sorriso.

Às sete horas dessa tarde, quando Jason chegou ao hospital para apanhar Paige, a enfermeira-chefe disse:

— Penso que encontrará a doutora Taylor no quarto dos médicos de plantão.

— Obrigado. — Jason atravessou o corredor para o quarto de plantão. A porta estava fechada. Bateu. Ninguém respondeu.

Tornou a bater e depois abriu a porta e olhou para dentro.

Paige estava deitada, dormindo profundamente. Jason aproximou-se da cama e permaneceu ali muito tempo, olhando para ela. “Vou casar contigo, lady,” pensou. Saiu nas pontas dos pés e, sem fazer barulho, fechou a porta atrás de si.

Na manhã seguinte, Jason estava numa reunião quando a secretária entrou com um pequeno ramo de flores.

No cartão lia-se: “Desculpe. RIP.”

Jason deu uma gargalhada.

Telefonou para Paige, no hospital:

— É o seu parceiro quem fala.

— Peço desculpa por ontem à noite — disse Paige. — Estou envergonhada.

— Não esteja. Mas tenho uma pergunta.

— Sim?

— RIP significa “Repouse em Infinita Paz ou “Rip van Winkle?”

Paige riu:

— Escolha.

— A minha escolha é jantar logo à noite. Podemos tentar de novo?

Ela hesitou: “Não quero envolver-me.” “Ainda está presa a Alfred, não está?”

— Está? Está aí?

— Sim. — “Uma noite não faz mal a ninguém”, decidiu Paige.

— Sim. Podemos jantar.

— Maravilha!

Nessa noite, enquanto Paige se vestia, Kat observou:

— Parece que vai sair com alguém muito importante. Quem é?

— É um médico-arquiteto — respondeu Paige.

— Um quê?

Paige contou-lhe a história.

— Parece divertido. Está interessada nele?

— Nem por isso.

A noite passou alegremente. Paige achou que Jason era uma pessoa agradável. Falaram de tudo um pouco e as horas pareceram voar:

— Fala-me de você — pediu Jason. — Onde cresceu?

— Não vai acreditar em mim.

— Prometo que vou.

— Está bem. No Congo, Índia, Birmânia, Nigéria, Quênia...

— Não acredito em você.

— É verdade. O meu pai trabalhava para a OMS.

— Quem? Desisto. Vai ser uma reposição de Abbott e Costello.

— Organização Mundial de Saúde. Ele era médico. Passei a infância viajando com ele para a maior parte dos países do Terceiro Mundo.

— Deve ter sido difícil para você.

— Era entusiasmante. A parte mais difícil era que eu nunca podia ficar o tempo suficiente para fazer amizades.

“Não precisamos de mais ninguém, Paige. Teremos sempre um ao outro...”

“Esta é a minha mulher, Karen.” Afastou as lembranças:

— Aprendi muitas línguas estranhas e costumes exóticos.

— Por exemplo?

— Bem, por exemplo, eu... — pensou por momentos. — Na Índia acreditavam na vida depois da morte e que a vida seguinte depende de como se comporta nesta. Se fosse mau, voltará sob a forma de animal. Lembro-me que, numa aldeia, tivemos um cão e eu costumava pensar em quem ele fora e que teria feito de tão mau.

Jason interrompeu:

— Provavelmente ladrou para a árvore errada.

Paige sorriu:

— E depois havia o gherao.

— O gherao?

— É uma forma poderosa de castigar. Uma multidão rodeia um homem. — Calou-se.

— E?

— É tudo.

— É tudo?

— Não dizem nem fazem nada. Mas ele não consegue mexer-se nem fugir. Fica encurralado até aceder àquilo que eles pretendem. Tudo pode durar muitas e muitas horas. Ele permanece no meio do círculo, mas a multidão faz turnos. Uma vez vi um homem tentando escapar do gherao. Deram-lhe uma surra de

morte.

A lembrança do caso fez Paige estremecer. As pessoas normalmente pacíficas tinham-se transformado numa multidão enfurecida.

“Vamo-nos afastar daqui”, dissera Alfred.

Abraçara-a e levava-a para uma rua sossegada.

— Isso é terrível — disse Jason.

— No dia seguinte, fomo-nos embora.

— Quem me dera ter conhecido o seu pai.

— Era um médico maravilhoso. Poderia ter tido muito êxito na Park Avenue, mas não estava interessado em dinheiro. O seu único interesse era ajudar os outros. — “Tal como Alfred”, pensou.

— O que é que lhe aconteceu?

— Foi morto numa guerra tribal.

— Lamento.

— Ele gostava de fazer o que fez. No início, os nativos lutavam contra ele. Eram muito supersticiosos. Nas aldeias indianas mais afastadas todos têm um jatak, um horóscopo feito pelo astrólogo da aldeia, e vivem de acordo com ele — sorriu. — Gostei muito de ter um só para mim.

— E disseram-te que você ia casar com um jovem e belo arquiteto?

Paige olhou para ele e respondeu com firmeza:

— Não. — A conversa estava a tornar-se demasiado íntima. — Você é arquiteto, por isso irá gostar disto. Cresci em cabanas feitas de adobe, com solos de terra batida e telhados de palha, onde ratos e morcegos gostavam de habitar. Vivi em tukuls, com telhados de capim e sem janelas. O meu sonho era viver um dia em uma casa confortável de dois pisos, com varanda, um jardim relvado e uma vedação branca, e... — Paige calou-se. — Desculpa. Não pretendia continuar deste modo, mas você perguntou.

— Ainda bem que perguntei — disse Jason.

Paige olhou para o relógio:

— Não pensei que fosse tão tarde.

— Podemos repetir?

“Não quero alimentar-lhe as esperanças,” pensou Paige. “Isto não vai resultar em nada.” Lembrou-se de algo que Kat lhe tinha dito. “Está presa a um fantasma. Solta-o.” Olhou para Jason e disse:

— Sim.

Na manhã seguinte, muito cedo, chegou um mensageiro com um pacote. Paige abriu-lhe a porta.

— Tenho uma coisa para a doutora Taylor.

— Sou a doutora Taylor.

O mensageiro olhou para ela, surpreendido:

— É médica?

— Sim — respondeu Paige, pacientemente. — Sou médica. Importa-se?

Ele encolheu os ombros:

— Não, senhora. De modo algum. Importa-se de assinar aqui, por favor?

O pacote era surpreendentemente pesado. Curiosa, Paige transportou-o para a mesa da sala e desembalou-o. Era uma miniatura de uma bonita casa de dois pisos com varanda.

Em frente da casa havia um pequeno jardim relvado, rodeado por uma vedação branca. “Deve ter passado toda a noite acordado para fazer isto.” Havia um cartão onde se lia:

Minha ()

Nossa ()

Por favor, coloca uma cruz.

Ficou muito tempo sentada olhando para a casa. Era a casa certa, mas o homem errado.

“O que é que se passa comigo?”, perguntou-se a si própria. “Ele é inteligente, atraente e encantador.” Mas sabia qual era o problema. Ele não era Alfred.

O telefone começou a tocar.

Era Jason.

— Recebeu a sua casa? — perguntou.

— É linda! — respondeu Paige. — MUITÍSSIMO obrigada.

— Gostaria de te construir a verdadeira. Colocou a cruz?

— Não.

— Sou um homem paciente. Está livre ao jantar?

— Sim, mas devo avisar-te que vou fazer operações durante todo o dia e, à noite, estarei exausta.

— Jantaremos cedo. A propósito, vai ser em casa dos meus pais.

Paige hesitou um momento:

— Oh?

— Contei-lhes tudo sobre você.

— Está bem — disse Paige. As coisas estavam andando depressa de mais. Isso deixava-a nervosa.

Quando Paige desligou, pensou: “Não devia estar fazendo isto. Logo à noite estarei demasiado cansada para fazer o que quer que seja a não ser dormir.” Sentiu vontade de ligar para Jason e cancelar o jantar. “Já é tarde para isso. Jantaremos cedo.”

Nessa noite, enquanto Paige se vestia, Kat observou:

— Parece exausta.

— E estou.

— Porque vai sair? Devia ir para a cama. Ou isso é redundante?

— Não. Hoje não.
— Outra vez Jason?
— Sim. Vou conhecer os pais dele.
— Ah! — Kat abanou a cabeça.
— Não é nada disso — disse Paige. “Realmente não é”.

Os pais de Jason moravam numa antiga e encantadora casa, no distrito de Pacific Heights. O pai era um septuagenário de aspecto aristocrático. A mãe era uma mulher simpática e realista. Fizeram com que Paige se sentisse instantaneamente em casa.

— Jason falou-nos tanto de você — disse a Sra. Curtis. — Mas não nos disse que era assim tão bonita.

— Obrigada.

Foram para a biblioteca, que estava repleta de miniaturas de construções que Jason e o pai tinham desenhado.

— Cá entre nós, julgo que Jason, o avô e eu somos os responsáveis por grande parte da paisagem de São Francisco — disse o pai de Jason. — O meu filho é um gênio.

— É isso que eu estou sempre a dizer a Paige.

Paige riu:

— Acredito. — Os olhos começaram a pesar e ela lutava por mantê-los abertos.

Jason olhava para ela, preocupado:

— Vamos jantar — sugeriu.

Foram para uma ampla sala de jantar. Estava revestida com painéis de madeira e mobilada com antiguidades atrativas e retratos pendurados na parede. Uma criada começou a servir.

O pai de Jason disse:

— Aquela pintura além é o avô de Jason. Todos os edifícios que construiu foram destruídos no terremoto de mil novecentos e seis. É pena. Eram relíquias. Depois do jantar, mostrar-lhe-ei algumas fotografias se...

A cabeça de Paige tombara sobre a mesa. Dormia profundamente.

— Ainda bem que não servi a sopa — disse a mãe de Jason.

Ken Mallory tinha um problema. Assim que se soube no hospital do dinheiro apostado em Kat, as apostas subiram rapidamente para dez mil dólares. Mallory estava tão confiante no êxito que apostara mais do que poderia pagar.

“Se falhar, estou metido numa grande encrenca. Mas não. Chegou o momento de o mestre entrar em ação.”

Kat estava almoçando na cafeteria com Paige e Honey, quando Mallory se aproximou da mesa.

— Posso juntar-me a vocês, doutoras?

“Nem senhoras, nem meninas. Doutoradas. O tipo sensibilizante”, pensou Kat, cinicamente.

— Com certeza. Sente-se — respondeu.

Paige e Honey trocaram olhares.

— Bem, tenho de ir embora — disse Paige.

— Eu também. Até logo.

Mallory viu Paige e Honey retirarem-se.

— Uma manhã muito movimentada? — perguntou.

Disse-o de maneira a parecer que estava preocupado.

— Não são todas? — Kat fez um sorriso acolhedor e promotor.

Mallory tinha planejado cuidadosamente a estratégia.

“Vou fazer com que saiba que estou interessado nela como pessoa e não apenas como mulher. Elas detestam que as considerem objeto sexual. Conversarei com ela sobre medicina. Tenho de levar isto com calma. Tenho um mês inteiro para a meter no papo.”

— Soube da autópsia da senhora Turnball? — começou Mallory. — A mulher tinha uma garrafa de Coca-Cola no estômago! Imagina como...?

Kat inclinou-se para a frente:

— Tem algum compromisso no sábado à noite, Ken?

Mallory foi totalmente apanhado de surpresa:

— O quê?

— Pensei que gostaria de me levar a jantar fora.

Ele quase corou. “Meu Deus!”, pensou. “Venham pedir-me para dar um tiro num peixe dentro de um barril! Ela não é lésbica. A malta diz isso só porque não foi capaz de se meter nela. Bem, eu serei. Na verdade, ela está mesmo pedindo isso!” Tentou lembrar-se da pessoa com quem tinha um compromisso no sábado. “Sally, a pequena enfermeira da SO. Mas ela pode esperar.”

— Nada de importante — disse Mallory. — Gostaria muito de a levar para jantar fora.

Kat pousou uma mão sobre a dele:

— Maravilha! — disse suavemente. — Ficarei ansiosa por isso.

Ele sorriu:

— Eu também. — “Nem sabe quanto, querida. Você vale dez mil dólares!”

Nessa tarde, Kat contou tudo a Paige e Honey.

— Ficou de boca aberta! — disse Kat rindo. — Deviam ter visto a cara dele!

Parecia o gato que engoliu o canário.

Paige disse:

— Lembra-se, você é o gato (kat, em inglês). Ele é o canário.

— O que vai fazer no sábado à noite? — perguntou Honey.

— Alguma sugestão?

— Eu tenho — respondeu Paige.

Eis que no sábado à noite, Kat e Ken Mallory jantaram no Emilio's, um restaurante da baía.

Tinha-se arrumado cuidadosamente para ele, usando um vestido de algodão branco que caía pelos ombros.

— Você está sensacional — disse Mallory. Teve o cuidado de dar a entoação certa. “Aprecia, mas não pressione. Admira, mas não seja sugestivo”. Mallory estava determinado a ser o mais encantador possível, mas tal não era necessário. Cedo se tornou óbvio que Kat tencionava impressioná-lo.

Enquanto tomavam uma bebida, Kat disse:

— Todos falam da maravilha de médico que você é, Ken.

— Bem — disse Mallory, modestamente. — Tive um ótimo treino e preocupo-me muito com os meus pacientes. São muito importantes para mim. — A voz soou sincera.

Kat pousou a mão sobre a dele:

— Tenho certeza disso. De onde é? Quero saber tudo sobre você. O seu verdadeiro eu.

“Jesus!”, pensou Mallory. “Essa é a frase que eu emprego.” Não conseguia acreditar o quão fácil iria ser. Era perito em matéria de mulheres. O seu radar conhecia todos os sinais que elas utilizavam. Podiam dizer sim com um olhar, um sorriso, um tom de voz. Os sinais de Kat interferiam no seu radar.

Ela inclinou-se mais para ele e a voz soou rouca:

— Quero saber tudo.

Ele falou de si durante o jantar e, sempre que quis mudar de assunto, Kat dizia:

— Não, não. Quero saber mais. Teve uma vida tão fascinante!

“Ela está louca por mim”, decidiu Mallory. Nesse momento desejou ter aceitado mais apostas. “Se calhar saio vencedor esta noite”, pensou. E teve a certeza disso quando, no momento em que tomavam o café, Kat convidou:

— Quer subir ao meu apartamento para uma última bebida?

Bingo! Mallory pegou-lhe no braço e disse suavemente:

— Gostaria muito.

“A malta estava toda doida”, decidiu Mallory. “É a maior puta que jamais conheci.” Tinha a sensação de que estava prestes a ser violado. Trinta minutos mais tarde entravam no apartamento de Kat.

— Bonito — disse Mallory, olhando em volta. — Muito bonito. Você vive sozinha?

— Não. As doutoras Taylor e Taft vivem comigo.

— Oh! — Pode ouvir o tom desgostoso na voz dele.

Kat fez-lhe um enorme sorriso:

— Mas só chegarão em casa muito mais tarde.

Mallory sorriu:

— Ainda bem.

— Quer beber alguma coisa?

— Gostaria muito. Uísque com água gaseificada, por favor. — Olhou para Kat enquanto esta se dirigia ao pequeno bar e preparava duas bebidas. “Tem uma bela bunda” — pensou Mallory. “E é muito bonita e eu vou receber dez mil dólares para a meter debaixo de mim.” Riu alto.

Kat voltou-se:

— Qual é a piada?

— Nada. Estava pensando na sorte que tenho em estar aqui sozinho com você.

— Eu é que tenho sorte — disse Kat, calorosamente.

Entregou-lhe a bebida.

Mallory ergueu o copo e começou a dizer:

— À você...

Kat interrompeu:

— À nossa! — disse.

— Brindo a isso — concordou ele.

Ja dizer “Que tal um pouco de música?”, mas, assim que abriu a boca, Kat perguntou:

— Gostaria de ouvir música?

— Sabe ler o pensamento.

Kat colocou um velho disco de Cole Porter. Sorrateiramente, olhou para o relógio e voltou-se para Mallory;

— Gosta de dançar?

Mallory aproximou-se mais dela:

— Depende da pessoa com quem danço. Gostaria de dançar com você.

Kat meteu-se nos braços dele e ambos começaram a dançar ao som da música lenta e romântica. Ele sentiu o corpo de Kat contra o seu e que estava excitando-se.

Apertou-a mais e Kat sorriu.

“Chegou o momento da machadada final”, pensou.

— É um amor, sabe? — disse Mallory em voz rouca.

— Quero-te desde o primeiro momento em que te vi.

Kat olhou-o nos olhos:

— Também senti o mesmo em relação a você, Ken. — Os lábios dele aproximaram-se dos dela, dando-lhe um beijo quente e apaixonado.

— Vamos para o quarto — disse Mallory. Subitamente, estava cheio de pressa.

— Oh, sim!

Pegou no braço de Kat e ela começou a conduzi-lo para o quarto. Nesse momento, a porta de entrada abriu-se e Paige e Honey entraram.

— Olá, pessoal! — disse Paige. Olhou surpreendida para Ken Mallory. — Oh, doutor Mallory! Não esperava vê-lo aqui.

— Bem, eu... eu...

— Fomos jantar fora — disse Kat.

Mallory estava roxo de fúria. Procurou controlar-se.

Voltou-se para Kat e disse:

— Tenho de ir embora. Já é tarde e amanhã tenho muito trabalho.

— Oh. Que pena — disse Kat. Havia um mundo de promessas nos seus olhos.

Mallory perguntou:

— Que tal sairmos amanhã à noite?

— Gostaria muito...

— Ótimo!

— Mas não posso.

— Oh! Bem, e na sexta-feira?

Kat franziu as sobrancelhas:

— Deixa ver. Lamento, mas na sexta também não pode ser.

Mallory começava a ficar desesperado:

— Sábado?

Kat sorriu:

— Sábado está ótimo.

Ele concordou, aliviado:

— Muito bem. Então fica para sábado. — Voltou-se para Paige e Honey: — Boa noite.

— Boa noite.

Kat acompanhou Mallory até à porta.

— Sonhos cor-de-rosa — disse suavemente. — Vou sonhar com você.

Mallory apertou-lhe a mão:

— Acredito em tornar os sonhos realidade. Havemos de compensar o dia de hoje no sábado à noite.

— Mal posso esperar.

Nessa noite, Kat deitou-se na cama pensando em Mallory.

Odiava-o. Mas, para sua surpresa, tinha gostado da noite.

Estava certa de que Mallory também tinha gostado, apesar do fato de tudo ter sido um jogo. “Se, pelo menos, isto fosse realmente verdade”, pensou Kat, “e não um jogo.” Não fazia ideia do quão perigoso era o jogo.

“Talvez seja do tempo”, pensou Paige, fatigada. Lá fora estava frio e escuro e caía uma chuva cinzenta que deprimia os espíritos. O dia dela tinha começado às seis horas da manhã e estava repleto de problemas constantes.

O hospital parecia estar cheio de SMSUS e todos se queixavam ao mesmo tempo. As enfermeiras estavam mal-humoradas e desatentas. Tiraram sangue de pacientes errados, perderam radiografias que eram urgentes e responderam rudemente aos pacientes. Além disso, havia falta de pessoal, devido a uma

epidemia de gripe. Era um daqueles dias. A única coisa boa foi a chamada telefônica de Jason Curtis.

— Olá — disse alegremente. — Achei que devia telefonar para saber como vão todos os nossos pacientes.

— Sobrevivem.

— Há alguma possibilidade para o nosso almoço?

Paige riu:

— Que almoço? Se tiver sorte, poderei comer um sanduíche por volta das quatro da tarde. Isto aqui está bastante agitado.

— Está bem. Não te empato mais. Posso telefonar-te mais tarde?

— Está bem. — “Não há nada de mal nisso.”

— Adeus.

Paige trabalhou até à meia-noite sem descansar um só momento e, quando por fim teve sossego, estava demasiado cansada para se mexer. Pensou em ficar no hospital e dormir no quarto dos médicos de plantão, mas era tentadora a lembrança da sua própria cama acolhedora. Mudou de roupa e dirigiu-se ao elevador.

O Dr. Peterson foi ter com ela.

— Meu Deus! — disse. — Onde está o gato que a encurralou?

Paige forçou um sorriso:

— Tenho um aspecto assim tão mau?

— Pior — sorriu Peterson. — Vai agora para casa?

Paige abanou a cabeça.

— Tem sorte. Eu entrei agora.

O elevador chegou. Paige manteve-se ali, meio dormindo.

Peterson disse com suavidade:

— Paige?

Ela deu um salto:

— Sim?

— Vai conseguir chegar em casa?

— Claro — murmurou Paige. — E quando lá chegar, vou dormir vinte e quatro horas seguidas.

Dirigiu-se ao estacionamento e entrou no carro.

Manteve-se algum tempo sentada, inerte, pois estava demasiado cansada para ligar a ignição. “Não posso dormir aqui. Vou dormir em casa.” Paige saiu do estacionamento e dirigiu-se ao apartamento.

Não percebeu que estava conduzindo desordenadamente, até um condutor lhe gritar:

— Eh, sai da estrada, puta bêbada!

Procurou concentrar-se. “Não posso adormecer... Não posso adormecer.” Ligou

o rádio e subiu o volume.

Quando chegou ao edifício, manteve-se muito tempo sentada no carro até retomar forças suficientes para subir.

Kat e Honey estavam deitadas, dormindo. Paige olhou para o relógio da mesa-de-cabeceira. “Uma da manhã.”

Entrou no quarto e começou a despir-se, mas o esforço era excessivo para ela. Deixou-se cair na cama, vestida, e num instante dormia profundamente.

Foi acordada pela campainha insistente de um telefone que parecia estar num planeta muito distante. Paige procurou continuar dormindo, mas a campainha parecia agulhas a penetrarem no cérebro. Ainda tonta, sentou-se e levantou o telefone:

— Tá?

— Doutora Taylor?

— Sim. — A voz era apenas um murmúrio.

— O doutor Barker quer que o venha assistir na sala de operações quatro, stat.

Paige engoliu em seco:

— Deve haver um engano — murmurou. — Acabei de sair do plantão.

— Sala de operações quatro. Ele está à espera. — E a linha caiu.

Ainda tonta, Paige sentou-se na borda da cama com a mente nublada pelo sono. Olhou para o relógio da mesa-de-cabeceira.

Quatro e quinze. “Porque é que o Dr. Barker a chamava a meio da noite?” Havia apenas uma resposta. Tinha acontecido algo a um dos seus pacientes. Paige enfiou-se no banheiro e lavou o rosto com água fria. Olhou-se no espelho e pensou: “Meu Deus! Parece que tenho oitenta anos.” Dez minutos mais tarde, Paige dirigia-se ao hospital.

Ainda estava meio dormindo quando apanhou o elevador até ao quarto andar para ir à SO quatro. Entrou no vestiário e mudou de roupa, depois desinfetou-se e entrou na sala de operações.

Estavam três enfermeiras e um residente assistindo o Dr. Barker.

Este levantou a cabeça quando Paige entrou e gritou:

— Por amor de Deus, vestiu uma bata do hospital! Ninguém lhe informou que deve vestir roupa desinfetada numa sala de operações?

Paige ficou abismada, totalmente desperta, de olhos esbugalhados:

— Escute-me — disse, furiosa. — É suposto estar fora de plantão. Vim fazer-lhe um favor. Eu não...

— Não discuta comigo — disse o Dr. Barker, bruscamente. — Chegue aqui e segure neste retrator.

Paige aproximou-se da mesa de operações e olhou para baixo.

Não era seu o paciente que ali se encontrava. Era um estranho.

“Barker não tinha motivos para me chamar. Está tentando obrigar-me a deixar o hospital. Bem, raios o partam se saio!” Deitou-lhe um olhar de ódio, pegou no

retrator e começou a trabalhar. Tratava-se de uma operação urgente de enxerto de bypass na artéria coronária. A incisão cutânea já tinha sido feita no centro do tórax até ao esterno, o qual fora separado a meio com uma serra elétrica. O coração e principais vasos sanguíneos estavam expostos.

Paige inseriu o retrator metálico entre os lados cortados do esterno, obrigando-os a afastarem-se. Viu como o Dr. Barker abria habilmente o saco pericárdico, expondo o coração.

Ele apontou para as artérias coronárias:

— Aqui está o problema — disse Barker. — Vamos fazer um enxerto. Já tinha retirado um longo pedaço de veia de uma perna.

Costurou uma das extremidades à artéria principal que sai do coração. Ligou a outra a uma das artérias coronárias para além da área obstruída, enviando sangue através do enxerto e desviando-o da obstrução.

Paige via um mestre a trabalhar. “Se pelo menos não fosse tão filho da mãe!” Quando chegou ao fim, Paige estava apenas meio consciente. Assim que a incisão foi costurada, o Dr. Barker virou-se para o pessoal e disse:

— Quero agradecer a todos vocês. — Não olhou para Paige.

Esta cambaleou para fora da sala sem dizer uma palavra e dirigiu-se ao gabinete do Dr. Benjamin Wallace.

Wallace acabava de chegar:

— Parece exausta — disse. — Devia ir descansar.

Paige respirou fundo para controlar a fúria:

— Quero ser transferida para outra equipe cirúrgica.

Wallace estudou-a por momentos:

— A senhora foi designada para assistir o doutor Barker, certo?

— Certo.

— Qual é o problema?

— Pergunte a ele. Odeia-me. Só ficará satisfeito quando me vir daqui para fora. Assistirei qualquer outro médico. Qualquer um.

— Terei uma conversa com ele — respondeu Wallace.

— Obrigada.

Paige deu meia volta e saiu do gabinete. “É melhor que me afastem dele. Se o vir de novo, mato-o!”

Paige foi para casa e dormiu doze horas seguidas.

Acordou com a sensação de que tinha acontecido algo maravilhoso e depois lembrou-se. “Nunca mais tornarei a ver a Besta!” Conduziu até ao hospital, assobiando.

Quando Paige percorria o corredor, um empregado aproximou-se dela:

— Doutora Taylor...

— Sim?

— O doutor Wallace quer vê-la no gabinete.

— Obrigada — agradeceu Paige.

Tentou imaginar quem seria o novo cirurgião-chefe. “Qualquer um seria um melhoramento”, pensou. Entrou no gabinete de Benjamin Wallace.

— Bem, tem um aspecto muito melhor, Paige.

— Obrigada. Sinto-me muito melhor. — E era verdade.

Sentia-se ótima, com uma enorme sensação de alívio.

— Falei com o doutor Barker.

Paige sorriu:

— Obrigada. Agradeço sinceramente.

— Ele não a libera.

O sorriso desapareceu:

— O quê?

— Diz que foi designada para a equipe dele e, por isso, terá de permanecer lá.

Não conseguia acreditar no que ouvia:

— Mas porquê? — Ela sabia a resposta. O sádico filho da mãe precisava de um bode expiatório, de alguém a quem humilhar. — Não vou ficar impávida e serena.

O Dr. Wallace afirmou com tristeza:

— Lamento, mas não tem outra escolha possível. A não ser que queira deixar o hospital. Quer pensar nisso?

Paige não precisava pensar:

— Não. — Não ia deixar que o Dr. Barker a obrigasse a desistir. Esse era o plano dele. — Não — repetiu lentamente. — Eu fico.

— Muito bem. Então é assunto resolvido.

“Não por muito tempo”, pensou ela. “Hei de descobrir uma maneira de o fazer pagar por isto.”

No vestiário dos médicos, Ken Mallory preparava-se a iniciar a ronda. Entrou o Dr. Grundy e três outros.

— Eis o nosso homem! — disse Grundy. — Como vai, Ken?

— Bem — respondeu Mallory.

Grundy voltou-se para os outros:

— Não tem ar de ter estado em cima de alguém, tem? — E, voltando-se de novo para Mallory: — Espero que tenha o nosso dinheiro de lado. Estou pensando comprar um carro pequeno.

Um outro médico acrescentou:

— Eu vou comprar roupas novas.

Mallory abanou piedosamente a cabeça:

— Eu não contaria com isso, seus palermas. Preparem-se para me pagar!

Grundy estudou-o e perguntou:

— O que quer isso dizer?

— Se ela é lésbica, eu sou eunuco. Ela é a maior puta que eu conheci. Na outra noite, quase tive de a afastar de mim!

Os homens olharam uns para os outros, preocupados.

— Mas já a meteu na cama?

— A única razão por que não o fiz, meus amigos, foi porque fomos interrompidos a caminho do quarto. Vou sair com ela no sábado à noite e é assunto resolvido. — Mallory acabou de se vestir. — Agora, cavalheiros, se me permitem...

Uma hora mais tarde, Grundy encontrou-se com Kat no corredor.

— Tenho andado à sua procura — disse. Parecia zangado.

— Alguma coisa errada?

— É aquele filho da mãe do Mallory. Está tão seguro de si que diz a todos que vai conseguir levá-la para a cama no sábado à noite.

— Não se preocupe — disse Kat, implacavelmente. — Ele vai perder.

Nesse sábado à noite, quando Ken Mallory foi buscar Kat, ela usava um vestido curto que acentuava o seu corpo voluptuoso.

— Está linda — disse com admiração.

Colocou os braços à volta dele:

— Quero estar bonita para você — disse, colando-se a ele.

“Meu Deus, ela quer mesmo!” Quando Mallory falou, a voz soou rouca:

— Olha, Kat. Tive uma ideia. Antes de irmos jantar, porque não vamos para o quarto e...

Ela tocava-lhe no rosto:

— Oh, querido, quem me dera podermos. Paige está em casa.

Na verdade, a amiga estava no hospital, trabalhando.

— Oh.

— Mas depois do jantar... — Deixou que a sugestão pairasse no ar.

— Sim?

— Podíamos ir para sua casa.

Mallory abraçou-a e beijou-a:

— Que bela ideia!

Levou-a ao Iron Horse, onde jantaram deliciosamente.

Apesar de tudo, Kat estava divertindo-se muito. Ele era encantador, divertido e muito atraente. Parecia genuinamente interessado em saber tudo sobre ela. Sabia que a estava adulando, mas o olhar fazia com que os elogios parecessem reais.

“Se eu não soubesse bem...”

Mallory mal tocou na comida. Só conseguia pensar: “Dentro de duas horas ganharei dez mil dólares... Dentro de uma hora ganharei dez mil dólares... Dentro de trinta minutos...”

Terminaram o café.

— Está pronta? — perguntou Mallory.

Kat pousou a mão sobre a dele:

— Nem sabe como, querido. Vamos.

Pegaram um táxi até ao apartamento de Mallory.

— Estou louco por você — murmurou ele. — Nunca conheci ninguém como você.

E ela lembrou-se de Grundy: “Está tão seguro de si que diz que a vai meter na cama no sábado à noite.” Quando chegaram ao apartamento, Mallory pagou ao taxista e conduziu Kat até o elevador. Teve a sensação de que este nunca mais chegava ao seu apartamento. Abriu a porta e disse impacientemente:

— Chegamos.

Kat entrou.

Era um apartamento de solteiro que necessitava desesperadamente do toque de uma mulher.

— Oh, é bonito — suspirou Kat. Virou-se para Mallory. — É a sua pessoa.

Ele sorriu:

— Vou mostrar-lhe o nosso quarto. Vou pôr música.

Quando se aproximou da aparelhagem de som, Kat olhou para o relógio. A voz de Barbra Streisand encheu a sala.

Mallory pegou na mão dela e disse:

— Vamos, querida.

— Espera um pouco — disse Kat, suavemente.

Olhou confuso para ela:

— Para quê?

— Quero apenas aproveitar este momento com você. Percebe, antes de...

— Porque não aproveitamos no quarto?

— Gostaria de beber qualquer coisa.

— Beber? — Tentou esconder a impaciência. — Tem razão, o que prefere?

— Um vodca com água tônica, por favor.

Ele sorriu:

— Acho que se pode arrumar — disse, dirigindo-se ao pequeno bar e, apressadamente, preparou duas bebidas.

Kat olhou de novo para o relógio.

Mallory regressou com as bebidas e entregou uma a Kat.

— Aqui está, querida. — Ergueu o copo: — Ao nosso encontro.

— Ao nosso encontro — disse Kat, molhando os lábios na bebida. — Oh, meu Deus.

Olhou para ela, abismado:

— Qual é o problema?

— Isto é vodca!

— Foi o que pediu.

— Pedi? Desculpa. Detesto vodka! — E afagou-lhe o rosto.

— Posso beber um uísque com água gaseificada?

— Claro. — Engoliu em seco e foi de novo até ao bar para preparar outra bebida.

Kat olhou outra vez para o relógio.

Ken Mallory regressou:

— Toma.

— Obrigada, querido.

Deu dois goles. Mallory tirou-lhe o copo da mão e pousou-o na mesa. Colocou os braços em volta dela e abraçou-a com força, permitindo que ela sentisse que estava excitado.

— Bem — disse Ken, suavemente —, vamos fazer história.

— Oh, sim! — disse Kat. — Sim!

Deixou-se conduzir até ao quarto.

“Consegui!”, regozijou-se Mallory. “Consegui! Aqui vão as muralhas de Jericó!”

Voltou-se para Kat.

— Despe-se, querida.

— Despe-se você primeiro, querido. Quero ver você se despir. Isso excita-me.

— Sim? Bom, está bem.

Enquanto Kat ficou vendo-o, Mallory tirou lentamente a roupa. Primeiro o casaco, depois a camisa e a gravata, a seguir os sapatos e as meias e por fim as calças. Possuía a figura típica de um atleta.

— Isto excita-te, querida?

— Oh, sim. Agora tira as cuecas.

Lentamente, Mallory deixou cair a cueca no chão.

Tinha uma ereção túrgida.

— Que beleza — disse Kat.

— Agora é a sua vez.

— Certo.

E nesse momento o bíp de Kat começou a tocar.

Mallory ficou espantado:

— Que raio...

— Estão chamando-me — disse Kat. — Posso usar o seu telefone?

— Agora?

— Sim. Deve ser uma urgência.

— Agora? Isso não pode esperar?

— Querido, conhece bem as regras.

— Mas...

Sob o olhar de Mallory, Kat aproximou-se do telefone e discou um número.

— Doutora Hunter. — Calou-se. — Verdade? Claro. Vou já para aí.

Mallory olhava para ela, estupefato:

— O que é que se passa?
— Tenho de ir ao hospital, meu anjo.
— Agora?
— Sim. Um dos meus pacientes está morrendo.
— Ele não pode esperar até...?
— Desculpa. Faremos isto uma outra noite.

Ken Mallory permaneceu ali, completamente nu, vendo Kat deixar o seu apartamento e, quando a porta se fechou, pegou no copo dela e atirou-o contra a parede. “Putá... puta... puta...”.

Quando Kat voltou ao apartamento, Paige e Honey estavam ansiosas à sua espera.

— Como é que correu? — perguntou Paige. — Cheguei a tempo?

Kat deu uma gargalhada:

— Chegou na hora agá!

Começou a descrever a noite. Quando chegou ao momento referente a Mallory, todo nu no quarto, ereto, desataram a rir até às lágrimas. Kat teve a tentação de lhes contar que realmente gostara de Ken Mallory, mas sentiu que seria uma tolice. Afinal, ele só tinha saído com ela para ganhar uma aposta.

Por qualquer razão, Paige pareceu ter percebido o que Kat estava sentindo.

— Tem cuidado com ele, Kat.

Kat sorriu:

— Não se preocupe. Mas admito que se não tivesse sabido da aposta... Ele é venenoso, mas o seu veneno é agradável.

— Quando vai voltar a vê-lo? — perguntou Honey.

— Vou dar-lhe uma semana para acalmar os ânimos.

Paige estudou-a e perguntou:

— A ele ou a você?

A limusine preta de Dinetto esperava por Kat, à frente do hospital. Desta vez, o Sombra estava sozinho. Kat desejou que Rhino lá estivesse. Havia algo no Sombra que a deixava petrificada. Nunca sorria e raramente falava, mas transpirava perigo.

— Entre — disse quando Kat se aproximou do carro.

— Olhe — disse Kat, indignada —, diga ao senhor Dinetto que ele não pode me dar ordens. Não trabalho para ele. Só porque lhe fiz um favor uma vez..

— Entre. Pode dizer-lhe isso pessoalmente.

Kat hesitou. Seria fácil afastar-se e não se envolver mais, mas até que ponto isso iria afetar Mike? Kat entrou no carro.

Desta vez a vítima tinha sido muito espancada e chicoteada com uma corrente. Lou Dinetto estava ali com ele.

Kat olhou para o paciente e disse:

— Têm de o levar imediatamente para o hospital.

— Kat — disse Dinetto —, tem de o tratar aqui.

— Porquê? — perguntou Kat. Mas sabia a resposta e isso deixava-a aterrorizada.

Era um daqueles belos dias de São Francisco em que corria magia no ar. O vento noturno tinha afastado as nuvens de chuva, produzindo uma bonita e radiosa manhã de domingo.

Jason tinha combinado ir buscar Paige no apartamento.

Quando lá chegou, ficou surpreendido ao perceber o quanto ficara satisfeita de o ver.

— Bom dia — disse Jason. — Você está linda.

— Obrigada.

— O que gostaria de fazer hoje?

Paige respondeu:

— A cidade é sua. Você indica, eu sigo.

— De acordo.

— Se não se importa — pediu Paige —, gostaria de fazer uma breve parada no hospital.

— Pensei que fosse o seu dia de folga.

— E é, mas há um paciente que me deixa preocupada.

— Não há problema. — Jason levou-a ao hospital.

— Não me demoro — prometeu Paige quando saiu do carro.

— Fico aqui à sua espera.

Paige dirigiu-se ao terceiro andar e entrou no quarto de Jimmy Ford. Ainda estava em coma, ligado a uma série de tubos que o alimentavam por via intravenosa.

Estava também com uma enfermeira. Levantou a cabeça quando Paige entrou.

— Bom dia, doutora Taylor.

— Bom dia. — Paige aproximou-se da cabeceira da cama. — Houve alguma alteração?

— Até agora, nenhuma.

Paige tomou a pulsação de Jimmy e escutou os batimentos cardíacos.

— Já passaram várias semanas — disse a enfermeira, — Isto está mal, não está?

— Ele irá sair do coma — disse Paige com firmeza.

Voltou-se para o vulto inconsciente que estava na cama e disse em voz alta:

— Ouve-me? Vai ficar bom! — Não houve reação.

Fechou os olhos por momentos e rezou baixinho: “Dê-me imediatamente um sinal se houver alguma chance.”

— Sim, doutora.

“Ele não vai morrer” pensou Paige. “Não o deixarei morrer...”

Jason saiu do carro quando viu Paige aproximar-se.

— Está tudo bem?

Não havia motivo para o incomodar com os seus problemas.

— Tudo bem — respondeu Paige.

— Hoje, vamos fazer de conta que somos verdadeiros turistas — disse Jason. — Existe uma lei estatal que diz que todos os tours têm de começar no Fisherman's Wharf.

Paige sorriu:

— Não devemos ir contra a lei.

Fisherman's Wharf era como um carnaval ao ar livre.

Estava repleto de artistas de rua que trabalhavam a todo o gás. Havia mímicos, palhaços, dançarinos e músicos. Os vendedores ambulantes vendiam caldeirões fumegantes de caranguejos Dungeness e ensopado de marisco com pão fresco.

— Não há lugar como este em todo o mundo — disse Jason, calorosamente. Paige emocionou-se com o entusiasmo dele. Já tinha estado no Fisherman's Wharf e na maioria dos outros lugares turísticos de São Francisco, mas não queria estragar a alegria dele.

— Já andou de trem elétrico? — perguntou Jason.

— Não. — “Não desde a semana passada.”

— Não tem vivido! Anda daí.

Foram até à Power Street e entraram num trem elétrico.

Assim que começou a subir a rampa, Jason disse:

— Isto era conhecido por Hallidie's Folly. Ele construiu-o em mil oitocentos e setenta e três.

— E apostou que disseram que não iria durar!

Jason riu:

— Exato. Quando frequentei o colégio, trabalhava aos fins-de-semana como guia turístico.

— Tenho certeza que era bom.

— O melhor. Gostaria de ouvir alguns dos meus discursos?

— Gostaria muito.

Jason adotou o tom nasalado de um guia turístico:

— Senhoras e senhores, para vossa informação, a rua mais antiga de São Francisco é a Grant Avenue, a mais comprida é a Mission Street (com onze quilômetros de comprimento), a mais larga é a Van Ness Avenue, com trinta e oito metros, e ficarão surpreendidos quando souberem que a mais estreita, DeForest Street, tem apenas um metro e meio de largura. Exato, senhoras e senhores, um metro e meio. A rua mais íngreme que podemos oferecer-lhes é a

Filbert Street, com uma inclinação de trinta e oito por cento. — Olhou para Paige e sorriu.

— Estou espantado por ainda me lembrar de tudo isto.

Quando desceram do trem elétrico, Paige olhou para Jason e sorriu:

— Onde vamos a seguir?

— Vamos dar um passeio de carruagem.

Dez minutos mais tarde, estavam sentados numa carruagem puxada a cavalo, que os transportou desde Fisherman's Wharf a Ghirardelli Square e a North Beach. Durante o trajeto, Jason indicou os lugares de maior interesse e Paige ficou admirada consigo própria por estar divertindo-se tanto. “Não se deixe levar.”

Subiram a Coit Tower para verem a cidade de cima.

Enquanto subiam, Jason perguntou:

— Você está com fome?

O ar puro fez Paige sentir muita fome.

— Sim.

— Ainda bem. Vou levar-te a um dos melhores restaurantes chineses do mundo: o Tommy Toy's.

Paige já tinha ouvido o pessoal do hospital falar dele. A refeição acabou por ser um banquete. Começaram com pedaços de lagosta e molho picante e sopa de marisco agridoce. A seguir comeram bifes de frango com purê de ervilhas e nozes, vitela com molho Szechuan e arroz frito de quatro sabores. Como sobremesa, mousse de pêssego.

A comida estava maravilhosa.

— Você vem aqui muitas vezes? — perguntou Paige.

— Sempre que posso.

Havia uma qualidade juvenil em Jason que Paige achou muito atraente.

— Dize-me — pediu Paige —, quiseste desde sempre ser arquiteto?

— Não tive outra escolha — respondeu Jason, sorrindo. — Os meus primeiros brinquedos foram conjuntos Eretor. É tão bom sonhar com alguma coisa e depois ver esse sonho transformar-se em cimento, tijolos e pedras e erguer-se para o céu para fazer parte da cidade onde você vive.

“Vou construir-te um Taj Mahal. Não importa o tempo que levar!”

— Sou um dos sortudos, Paige, pois passo a vida fazendo aquilo que gosto. Quem foi que disse que “Grande parte das pessoas vivem uma vida de desespero abafado”? “Faz-me lembrar muitos dos meus pacientes”, pensou Paige.

— Não existe mais nada que queira fazer, nem nenhum outro lugar onde queira viver. Esta é uma cidade fabulosa. — A voz estava cheia de entusiasmo. — Tem tudo o que uma pessoa pode querer. Nunca me canso dela.

Paige estudou-o por um momento, divertindo-se com o entusiasmo dele.

— Nunca se casou?

Jason encolheu os ombros:

— Uma vez. Éramos ambos demasiado jovens. Não durou.

— Lamento.

— Você não tem de lamentar. Ela casou-se com um fabricante muito rico de carne enlatada. Você já foi casada?

“Também vou ser médico, quando crescer. Havemos de nos casar e trabalharemos juntos.”

— Não.

Fizeram um passeio de barco pela baía, passando sob a Golden Gate e a Bay Bridge. Jason assumiu de novo a voz de guia turístico.

— E ali está, senhoras e senhores, a Prisão de Alcatraz, antiga residência de alguns dos criminosos mais abomináveis do mundo: Machine Gun Kelly, Al Capone e Robert Stroud, mais conhecido por Birdman! “Alcatraz” significa pelicano em espanhol. Originariamente chamava-se Isla de los Alcatraces, nome dos pássaros que constituíam os únicos habitantes. Sabe porque tinham diariamente banho quente para os prisioneiros?

— Não.

— Para que não se habituassem à água fria da baía quando tentavam fugir.

— Isso é verdade? — perguntou Paige.

— Já alguma vez menti para você?

A tarde estava quase no fim, quando Jason disse:

— Já foi ao Noe Valley?

— Não — disse Paige.

— Gostaria de lhe mostrar. Antigamente eram quintas e riachos. Agora está cheio de casas vitorianas de cores vivas e jardins. As casas são muito velhas, pois foi praticamente a única zona que sobreviveu ao terremoto de mil novecentos e seis.

— Parece bonito.

Jason hesitou:

— Vivo lá. Quer ir lá? — Ele reparou na reação de Paige. — Paige, estou apaixonado por você.

— Nós mal nos conhecemos. Como você pode...?

— Soube-o desde o momento em que você disse “Não sabe que é suposto vestir uma bata branca durante as rondas?” Foi nesse momento que me apaixonei por você.

— Jason...

— Acredito firmemente no amor à primeira vista. O meu avô viu a minha avó andando de bicicleta no parque e seguiu-a; casaram-se três meses depois. Viveram juntos durante cinquenta anos, até ele morrer. O meu pai viu a minha mãe atravessando uma rua e soube que seria a sua mulher. Estão casados há quarenta e cinco anos. Como vê, é um mal de família. Quero casar-me com

você.

Tinha chegado o momento da verdade.

Paige olhou para Jason e pensou: “É o primeiro homem por quem me sinto atraída desde Alfred. É adorável, inteligente e genuíno. É tudo o que uma mulher pode desejar em um homem. O que é que se passa comigo? Estou presa a um fantasma.” No entanto, bem no íntimo, ainda tinha a sensação de que um dia Alfred iria voltar para ela.

Olhou para Jason e tomou uma decisão:

— Jason...

Nesse momento, o bip de Paige começou a tocar.

— Paige...

— Tenho de encontrar um telefone. — Dois minutos mais tarde, falava com o hospital.

Jason viu o rosto de Paige empalidecer.

Gritava para o telefone:

— Não! Decididamente, não! Diga-lhes que vou já para aí. — E desligou.

— O que é que se passa? — perguntou Jason.

Voltou-se para ele, com os olhos cheios de lágrimas.

— É Jimmy Ford, meu paciente. Vão desligar a máquina. Vão deixá-lo morrer.

Quando Paige chegou ao quarto de Jimmy Ford, havia três pessoas além do paciente deitado, em coma: George Englund, Benjamin Wallace e um advogado, Silvester Damone.

— O que é que se passa aqui? — perguntou Paige.

Benjamin Wallace respondeu:

— Na reunião da Comissão de Ética hospitalar desta manhã, foi decidido que Jimmy Ford não tem salvação. Decidimos retirar...

— Não! — disse Paige. — Não podem! Eu sou a médica dele. Digo que ele tem chance de sair do coma! Não vamos deixá-lo morrer.

Silvester Damone entrevistou:

— Não cabe a você tomar essa decisão, doutora.

Paige olhou para ele com ar de desafio:

— Quem é o senhor?

— Sou o advogado da família. — Puxou um documento e entregou-o a Paige.

— Este é o testamento de Jimmy Ford. Ele sublinha que, se sofrer de um trauma perigoso, não quer ser mantido vivo através de meios mecânicos.

— Mas eu tenho controlado o estado dele — implorou Paige. — Está estável desde há semanas. Pode sair do coma a qualquer momento.

— Garante isso? — perguntou Damone.

— Não, mas...

— Então terá de fazer o que lhe foi ordenado, doutora.

Paige olhou para Jimmy:

— Não! Terão de esperar um pouco mais.

O advogado disse persuasivamente:

— Doutora, tenho certeza que manter os pacientes aqui o mais possível beneficia o hospital, mas a família não tem meios para pagar durante mais tempo as despesas hospitalares. Ordeno-lhe agora que desligue a máquina.

— Só mais um ou dois dias — pediu Paige, desesperada —, e tenho certeza de que...

— Não — disse Damone, firmemente. — Hoje.

George Englund voltou-se para Paige:

— Lamento, mas parece que não temos outra alternativa.

— Obrigado, doutor — disse o advogado. — Tenho a certeza de que cumprirá o seu dever. Vou comunicar à família que isso será feito imediatamente, para que possam começar a tratar dos preparativos para o funeral. — Voltou-se para Benjamin Wallace: — Obrigado pela sua cooperação. Bom dia.

Viram-no abandonar o quarto.

— Não podemos fazer isto a Jimmy! — protestou Paige.

O Dr. Wallace aclarou a voz:

— Paige...

— E se o tirarmos daqui e escondermos em outro quarto? Deve haver alguma coisa que deixamos escapar. Algo que...

Benjamin Wallace disse:

— Isto não é um pedido. É uma ordem. — Virou-se para George Englund: — Quer ser o senhor a...?

— Não! — disse Paige. — Eu... faço-o.

— Muito bem.

— Se não se importam, gostaria de ficar a sós com ele.

George Englund apertou-lhe o braço:

— Lamento, Paige.

— Eu sei.

Paige viu os dois homens abandonarem o quarto.

Ficou sozinha com o rapaz inconsciente. Olhou para a máquina que o mantinha vivo e para os tubos que alimentavam o seu corpo. Era tão simples desligar a máquina e acabar com uma vida... Mas ele tinha tido sonhos tão lindos, esperanças tão boas.

“Um dia serei médico. Quero ser como a senhora. Sabia que me vou casar?... O nome dela é Betsy... Vamos ter meia dúzia de filhos. A primeira menina chamar-se-á Paige.” Tinha tanto por que viver.

Paige permaneceu ali olhando para ele, as lágrimas a correrem pelo rosto.

— Maldito seja! — disse. — Não é um lutador! — Agora estava exaltada. — O que aconteceu aos seus sonhos? Pensei que quisesse ser médico! Responde-me!

Está ouvindo? Abre os olhos! — Olhou para a figura pálida. Não havia reação. — Desculpa — disse Paige. — Peço mil desculpas. — Ajoelhou-se para lhe dar um beijo na face e, quando lentamente se endireitou, estava olhando para os seus olhos abertos.

— Jimmy! Jimmy!

Ele pestanejou e tornou a fechar os olhos. Paige apertou-lhe a mão. Inclinou-se para a frente e disse entre os soluços:

— Jimmy, você sabe daquela sobre o paciente que era alimentado por via intravenosa? Pediu ao médico uma garrafa extra. Tinha um convidado para o almoço!

Honey estava mais feliz do que nunca. Poucos eram os médicos que tinham uma relação tão calorosa com os pacientes como ela.

Preocupava-se com eles, genuinamente.

Trabalhava nas alas de geriatria, pediatria e em muitas outras e o Dr. Wallace fez com que lhe dessem trabalhos que a mantivessem afastada de caminhos perigosos. Queria ter a certeza de que ela permanecia no hospital e estava à sua disposição.

Honey invejava as enfermeiras. Eram capazes de cuidar dos pacientes sem se preocuparem com a maior parte das decisões médicas. “Nunca quis ser médica”, pensou Honey. “Sempre quis ser enfermeira. Não existem enfermeiras na família Taft.” À tarde, quando Honey saía do hospital, ia fazer compras na Bay Company e Streetlight Records e adquiria presentes para as crianças da pediatria.

— Adoro crianças — disse a Kat.

— Pretende ter uma família grande?

— Um dia — respondeu Honey, melancólica. — Primeiro terei de encontrar o pai delas.

Um dos pacientes favoritos de Honey da ala de geriatria era Daniel McGuire, um homem alegre com cerca de noventa anos e que sofria de uma doença hepática. Quando jovem, fora apostador e gostava de fazer apostas com Honey:

— Aposto cinquenta cêntimos em como a enfermeira vai atrasar-se com o café da manhã; aposto um dólar em como vai chover esta tarde; aposto que os Giants vão ganhar.

Honey aceitava sempre as apostas dele.

— Aposto dez contra um em como vou vencer esta coisa — disse.

— Desta vez não vou apostar contra — disse-lhe Honey. — Estou do seu lado.

Pegou na mão dela:

— Eu sei que está. — Sorriu. — Se fosse alguns meses mais novo...

Honey riu:

— Não faz mal. Gosto de homens mais velhos.

Uma manhã, chegou ao hospital uma carta para ele. Honey levou-a ao quarto.

— É capaz de a ler, por favor? — Já não conseguia ler.

— Claro — respondeu Honey. Abriu o sobrescrito, passou os olhos pela carta e deu um grito: — Ganhou na loteria! Cinquenta mil dólares! Parabéns!

— Esta agora! — gritou. — Sempre soube que um dia iria ganhar na loteria! Dê-me um abraço.

Honey inclinou-se e deu-lhe um abraço.

— Sabe uma coisa, Honey? Sou o homem mais sortudo do mundo.

Nessa tarde, quando Honey foi visitá-lo de novo, ele tinha falecido. Perdera a aposta mais importante da sua vida.

Honey encontrava-se na sala de reuniões dos médicos quando o Dr. Stevens entrou:

— Está aí uma Virgem?

Um dos médicos deu uma gargalhada:

— Se quer dizer uma virgem, duvido.

— Uma virgem — repetiu Stevens. — Preciso de uma virgem.

— Eu sou virgem — disse Honey. — Qual é o problema?

Aproximou-se dela:

— O problema é que tenho uma maldita maníaca nas minhas mãos. Não deixa ninguém aproximar-se dela a não ser uma virgem.

Honey levantou-se:

— Vou vê-la.

— Obrigado. O nome dela é Frances Gordon.

Frances Gordon tinha sido submetida a uma correção da anca. Assim que Honey entrou no quarto, a mulher levantou a cabeça e disse:

— Você é virgem. Nasceu no vértice, certo?

Honey sorriu:

— Certo.

— Os aquários e os leões não sabem o que fazem. Tratam dos pacientes como se estivessem tratando de carne.

— Aqui os médicos são muito bons — protestou Honey. — Eles...

— Ah! A maioria exerce medicina pelo dinheiro. — Examinou melhor Honey:

— Você é diferente.

Honey olhou para o prontuário aos pés da cama e mostrou-se surpreendida.

— O que se passa? Para onde está olhando?

Honey pestanejou:

— Diz aqui que a senhora é uma... uma médium.

Frances Gordon anuiu:

— Exato. Não acredita em médiuns?

Honey abanou a cabeça:

— Lamento, mas não.

— É pena. Sente-se um minuto.

Honey puxou uma cadeira.

— Deixe-me pegar na sua mão.

Honey abanou a cabeça:

— Eu realmente não...

— Vamos lá, dê-me a sua mão.

Com relutância, Honey estendeu-a.

Frances Gordon segurou-a por momentos e fechou os olhos. Quando os abriu, disse:

— Tem tido uma vida difícil, não tem?

“Todos têm tido uma vida difícil”, pensou Honey. E a seguir vai dizer-me que vou atravessar a água.”

— Tem-se servido de muitos homens, não tem?

Honey sentiu-se rígida.

— Houve uma espécie de mudança em você... muito recentemente..., não houve?

Honey só queria sair do quarto. A mulher estava deixando-a nervosa. Começou a afastar-se.

— Você vai se apaixonar.

Honey disse:

— Lamento, mas tenho de...

— Ele é artista.

— Não conheço nenhum artista.

— Irá conhecer. — Frances Gordon soltou a mão. — Venha ver-me mais tarde — ordenou.

— Claro.

Honey fugiu.

Honey foi fazer uma visita à Sra. Owens, uma nova paciente, uma mulher magra que aparentava ter quarenta e muitos anos. O prontuário dizia que tinha vinte e nove. Tinha o nariz partido e os olhos roxos e o rosto estava inchado e cheio de nódoas negras.

Honey aproximou-se da cama:

— Sou a doutora Taft.

A mulher olhou para ela, com olhos mortiços e sem expressão. Manteve-se calada.

— O que é que lhe aconteceu?

— Cai das escadas.

Quando abriu a boca, viu-se um espaço onde faltavam dois dentes. Honey olhou para o prontuário:

— Diz aqui que tem duas costelas partidas e a bacia fraturada.

— Sim. Cai mal.

— Como é que ficou com os olhos roxos?

— Quando caí.

— É casada?

— Sim.

— Tem filhos?

— Dois.

— O que é que o seu marido faz?

— Vamos deixar o meu marido fora disto, está bem?

— Lamento, mas não está bem — disse Honey. — Foi ele quem lhe bateu?

— Ninguém me bateu.

— Vou ter de preencher o relatório da polícia.

Subitamente, a Sra. Owens entrou em pânico:

— Não! Por favor não faça!

— Porque não?

— Ele mata-me! A senhora não o conhece!

— Ele já tinha lhe batido antes?

— Sim, mas... não é intenção dele. Fica bêbado e perde a cabeça.

— Porque é que não o deixou?

A Sra. Owens encolheu os ombros e o movimento causou-lhe dor.

— Eu e os meus filhos não temos para onde ir.

Honey ouvia, furiosa:

— Sabe, não tem de suportar isso. Existem abrigos e agências que cuidarão de você e protegerão as crianças.

A mulher abanou a cabeça em desespero:

— Não tenho dinheiro. Perdi o meu emprego de secretária quando ele começou... — Não conseguiu continuar.

Honey apertou-lhe a mão:

— A senhora vai ficar boa. Vou arranjar alguém para cuidar da senhora.

Cinco minutos mais tarde, Honey entrava no gabinete de Benjamin Wallace. Este ficou feliz quando a viu. Imaginou o que teria ela trazido desta vez. Das outras vezes tinha trazido mel quente, água quente, chocolate derretido e — o seu favorito — xarope de bordo. A ingenuidade dela era ilimitada.

— Tranca a porta, querida.

— Não posso ficar, Ben. Tenho de regressar.

Contou-lhe tudo sobre a paciente.

— Terá de preencher o relatório da polícia — disse Wallace. — É de lei.

— A lei não a protegeu antes. Olha, tudo o que ela quer é afastar-se do marido.

Trabalhou como secretária. Você não disse que precisava de outra secretária para o arquivo?

— Bem, sim, mas... espera um minuto!

— Obrigada — disse Honey. — Vamos tratar dela e encontrar-lhe um lugar para viver, e irá ter um novo emprego!

Wallace suspirou:

— Vou ver o que posso fazer.

— Sabia que podia contar contigo — disse Honey.

Na manhã seguinte, Honey foi ver a Sra. Owens.

— Como se sente hoje? — perguntou Honey.

— Melhor, obrigada. Quando posso ir para casa? O meu marido não gosta que eu...

— O seu marido não vai agredi-la mais — disse Honey, com firmeza. — Ficará aqui até lhe arranjarmos um lugar para você e para os seus filhos e, quando estiver suficientemente bem, irá trabalhar aqui no hospital.

A paciente olhou para ela, incrédula:

— Isso é... mesmo verdade?

— Totalmente. Irá ter o seu próprio apartamento para morar com seus filhos. Não tem de suportar o horror em que tem vivido e terá um emprego decente e respeitável.

A Sra. Owens apertou a mão de Honey:

— Nem sei como agradecer — murmurou. — Nem calcula o que tenho passado.

— Faço uma ideia — disse Honey. — A senhora vai ficar boa.

A mulher anuiu com a cabeça, pois estava demasiado chocada para falar. No dia seguinte, quando Honey foi ver de novo a Sra. Owens, o quarto estava vazio.

— Onde está ela? — perguntou Honey.

— Oh — disse a enfermeira —, saiu esta manhã com o marido.

Ouviu o seu nome no sistema de altofalantes.

— Doutora Taft... Quarto duzentos e quinze... Doutora Taft... Quarto duzentos e quinze.

No corredor, Honey encontrou-se com Kat.

— Como corre o seu dia? — perguntou Kat.

— Você não acreditaria! — respondeu Honey.

O Dr. Ritter estava à sua espera no quarto 215. Na cama encontrava-se um indiano de vinte e muitos anos.

Ritter perguntou-lhe:

— Este paciente é seu?

— Sim.

— Diz aqui que ele não fala inglês. Certo?

— Sim.

Mostrou-lhe o prontuário:

— E esta caligrafia é sua? Vômitos, câibras, sede, desidratação...

— Exato — disse Honey.

— Ausência de pulsação periférica...

— Sim.

— E qual foi o seu diagnóstico?

— Constipação do estômago.

— Fez uma análise às fezes?

— Não. Para quê?

— Porque o seu paciente tem cólera, é só por isso! — disse aos gritos. — Vamos ter de fechar a merda do hospital!

— Cólera? Está dizendo-me que este hospital tem um paciente com cólera? — perguntou Benjamin Wallace, aos gritos.

— Temo que sim.

— Está absolutamente certo disso?

— Sem dúvida alguma — asseverou o Dr. Ritter. — As fezes dele estão infestadas de embriões. Tem o pH arterial muito baixo, como hipotensão, taquicardia e cianose.

— Por lei, todos os casos de cólera e outras doenças infecciosas têm de ser imediatamente comunicadas ao Serviço Nacional de Saúde e ao Centro de Controle de Doenças, em Atlanta.

— Vamos ter de o comunicar, Ben.

— Eles vão fechar o hospital. — Wallace levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. — Não podemos permitir que isso aconteça. Que Deus me castigue se puser todos os pacientes deste hospital sob quarentena. — Por momentos parou de andar. — O paciente sabe o que tem?

— Não. Não fala inglês. É da Índia.

— Quem tem estado em contato com ele?

— Duas enfermeiras e a doutora Taft.

— E a doutora Taft diagnosticou uma constipação de estômago?

— Exato. Suponho que vai manda-la embora.

— Bem, não — disse Wallace. — Qualquer um pode errar. Não vamos nos precipitar. O prontuário do paciente diz que tem constipação de estômago?

— Sim.

Wallace tomou uma decisão:

— Vamos deixar tudo como está. Ouve bem o que quero você que faça. Comece a hidratar por via intravenosa... utiliza a solução láctea de Ringer. Dá-lhe também tetraciclina. Se conseguirmos normalizar imediatamente o volume sanguíneo e os líquidos, ficará perto dos níveis normais dentro de poucas horas.

— Não vamos comunicar isto? — perguntou o outro.

Wallace olhou bem para ele:

— Comunicar um caso de constipação de estômago?

— E relativamente às enfermeiras e à doutora Taft?

— Dá-lhes também tetraciclina. Como se chama o paciente?

— Pandit Jawah.

— Põe-no de quarentena durante quarenta e oito horas. Nessa altura estará curado ou morto.

Honey estava em pânico. Foi procurar Paige.

— Preciso da sua ajuda.

— Qual é o problema?

Honey contou-lhe:

— Gostaria que falasse com ele. Não fala inglês e você fala indiano.

— Hindi.

— Seja o que for. Fala com ele?

— Claro que sim.

Dez minutos mais tarde, Paige conversava com Pandit Jawah.

— Aap ki tabyat kaisi hai?

— Karab bai.

— Aap jald acha ko kum kardenge.

— Bhagzean aap ki soney ga.

— Aap ka ilaj jalb shuroo kardenge — Shukria.

— Dost kiss liay hain?

Paige levou Honey para o corredor.

— O que é que ele disse?

— Disse que se sente muito mal. Eu disse-lhe que iria ficar bom. Ele pediu para dizer isso a Deus. Eu respondi-lhe que vamos começar imediatamente o tratamento. Ele agradeceu.

— E eu também te agradeço.

— Para que servem os amigos?

A cólera é uma doença que pode causar morte no espaço de vinte e quatro horas devido à desidratação, ou ser curada no espaço de algumas horas. Cinco horas depois de o tratamento ter começado, o estado de Pandit Jawah estava quase normal.

Paige foi ver Jimmy Ford.

A cara iluminou-se quando a viu:

— Olá. — A voz era fraca, mas tinha melhorado miraculosamente.

— Como se sente? — perguntou Paige.

— Ótimo. Sabe daquela sobre o médico que disse ao paciente: “O melhor que

tem a fazer é deixar de fumar, deixar de beber e reduzir a vida sexual”? O paciente respondeu: “Sei que não mereço o melhor. Qual é o segundo melhor?” E Paige soube que Jimmy Ford iria ficar bom.

Ken Mallory estava saindo do plantão e ia encontrar-se com Kat quando ouviu o seu nome ser chamado. Hesitou entre desaparecer dali ou não. Ouviu de novo o seu nome.

Relutante, atendeu o telefone:

— Doutor Mallory.

— Doutor, pode vir à sala de urgências dois, por favor? Temos aqui um paciente que...

— Peça desculpa — disse Mallory —, mas acabei de sair. Peça a mais alguém.

— Não está aqui mais ninguém que possa cuidar deste caso. É uma úlcera rebentada e o estado do paciente é crítico. Julgo que o vamos perder se... “Merda!”

— Está bem. Vou já para aí. — “Vou ter de telefonar a Kat e dizer-lhe que chegarei atrasado.”

O paciente da sala de urgências era um homem de sessenta anos. Estava semiconsciente, branco como a cal, transpirando, respirando mal e obviamente cheio de dores.

Mallory examinou-o e disse:

— Levem-no para uma sala de operações, stat!

Quinze minutos mais tarde, Mallory tinha o paciente sobre a mesa de operações. O anestesista controlava a pressão arterial.

— Está caindo muito depressa.

— Dêem-lhe mais sangue.

Ken Mallory começou a operar, trabalhando contra o tempo.

Cortou rapidamente a pele e, depois desta, a camada de gordura, a fáscia, o músculo e finalmente o macio e translúcido peritônio, o revestimento do abdome.

O sangue corria para o estômago.

— Bovie! — pediu Mallory. — Peçam quatro bolsas de sangue ao banco de sangue. — Começou a cauterizar os vasos sanguíneos.

A operação demorou quatro horas e, quando chegou ao fim, Mallory estava exausto. Olhou para o paciente e disse:

— Ele vai viver.

Uma das enfermeiras sorriu calorosamente para Mallory,

— Ainda bem que estava aqui, doutor Mallory.

Olhou para ela. Era jovem e bonita e obviamente aberta a um convite. “Apanhote mais tarde, querida.”

E, virando-se para um residente novo, disse:

— Costure-o e levem-no para um quarto de recuperação. De manhã irei vê-lo.
Mallory ficou indeciso entre telefonar a Kat ou não, mas já era meia-noite.
Enviou-lhe duas dúzias de rosas.

Quando Mallory entrou de plantão às seis da manhã, foi ao quarto de recuperação para ver o seu novo paciente.

— Está acordado — disse a enfermeira.

Mallory aproximou-se da cama:

— Sou o doutor Mallory. Como se sente?

— Quando penso na alternativa, sinto-me bem — respondeu o paciente, ainda fraco. — Dizem eles que o senhor salvou a minha vida. Foi a pior coisa que me aconteceu. Estava no carro a caminho de um jantar e senti subitamente esta dor. Julgo que desmaiei. Felizmente, estávamos apenas a poucos metros do hospital e trouxeram-me para a urgência.

— Teve muita sorte. Perdeu muito sangue.

— Disseram que mais dez minutos e teria morrido. Quero agradecer-lhe, doutor.

Mallory encolheu os ombros:

— Apenas fiz o meu trabalho.

O paciente estudou-o cuidadosamente:

— Sou Alex Harrison.

O nome nada significava para Mallory:

— Prazer em conhecê-lo, senhor Harrison. — Estava verificando-lhe a pulsação.

— Ainda sente dores?

— Um pouco, mas julgo que eles têm me mantido bastante entorpecido.

— A anestesia irá passar — garantiu-lhe Mallory. — Tal como as dores. O senhor vai ficar bem.

— Quanto tempo terei de ficar no hospital?

— Vê-lo-emos sair daqui dentro de alguns dias.

Entrou um funcionário da secretaria com alguns formulários para preencher:

— Senhor Harrison, para o nosso registro, o hospital precisa de saber se o senhor tem seguro médico.

— Isto é, querem saber se posso pagar a minha conta?

— Bem, não poria desse modo, senhor.

— Pode verificar no São Francisco Fidelity Bank — disse, secamente. — Sou o dono.

À tarde, quando Mallory foi ver Alex Harrison, estava com ele uma mulher atraente. Tinha cerca de trinta anos, era loira e magra, de aspecto elegante. Trazia um vestido Adolf, que Mallory calculou ter custado mais do que o seu salário mensal.

— Ah! Aqui está o nosso herói — disse Alex Harrison. — É o doutor Mallory, não

é?

— Sim. Ken Mallory.

— Doutor Mallory. Apresento-lhe a minha filha, Lauren.

Estendeu uma mão magra e bem tratada:

— O pai disse-me que lhe salvou a vida.

— É para isso que servem os médicos — sorriu ele.

Lauren olhou para ele com ar de aprovação:

— Nem todos os médicos.

Aos olhos de Mallory, era óbvio que estes dois não pertenciam a um hospital estatal. Disse a Alex Harrison:

— O senhor está recuperando-se bem, mas talvez se sentisse mais confortável se chamasse o seu próprio médico.

Alex Harrison abanou a cabeça:

— Não será necessário. Ele não me salvou a vida. Foi o senhor. Gosta de estar aqui?

Era uma pergunta estranha:

— É interessante, sim. Porquê?

Harrison sentou-se na cama:

— Bem, estava só pensando. Um homem bem-apegoado e tão capaz como o senhor podia ter um futuro verdadeiramente brilhante. Penso que o seu futuro não será grande coisa, em um lugar como este.

— Bem, eu...

— Talvez tenha sido o destino que me trouxe aqui.

Lauren interferiu:

— Penso que o que o meu pai quer dizer, é que gostaria de lhe manifestar o seu agradecimento.

— Lauren está certa. Nós dois teremos uma conversa séria quando sair daqui. Quero que vá jantar lá a casa.

Mallory olhou para Lauren e disse lentamente

— Com todo o prazer.

E isso mudou-lhe a vida.

Ken Mallory estava tendo uma dificuldade surpreendente para se reunir a Kat.

— Que tal domingo à noite, Kat?

— Maravilhoso.

— Ainda bem. Vou buscar-te às...

— Espera! Acabei de me lembrar. Nessa noite chega uma prima de Nova Iorque.

— Bem, e na terça-feira?

— Na terça estou de plantão.

— Que tal quarta?

— Prometi a Paige e a Honey que sairíamos juntas na quarta-feira.

Mallory estava ficando desesperado. O tempo estava passando muito depressa.

— Quinta?

— Quinta, está bem.

— Ótimo. Posso ir buscar-te?

— Não. Porque não nos encontramos no Chez Panisse?

— Muito bem. Às oito?

— Perfeito.

Mallory esperou no restaurante até às nove e depois telefonou para Kat. Ninguém respondeu. Esperou mais meia hora.

“Se calhar compreendeu mal”, pensou. “Ela não iria faltar deliberadamente.”

Na manhã seguinte, viu Kat no hospital. Esta correu para ele.

— Oh, Ken. Desculpa! Aconteceu a coisa mais estúpida. Decidi dormir um pouco antes de sairmos. Adormeci e, quando acordei, já era noite cerrada. Pobre querido. Esperou muito tempo por mim?

— Não, não. Não faz mal. — “Que mulher estúpida!” Aproximou-se dela. — Quero acabar o que começamos, querida. Fico doido quando penso em ti.

— Eu também — disse Kat. — Mal posso esperar.

— Talvez no próximo fim de semana pudéssemos...

— Oh, que pena. Estou ocupada no fim-de-semana.

E assim continuou.

O tempo corria.

Kat estava contando o sucedido a Paige, quando o bip começou a tocar.

— Desculpa. — Kat levantou o telefone. — Doutora Hunter. — Ouviu um momento. — Obrigada. Vou já para aí. — Pousou o telefone. Tenho de ir. É uma urgência.

Paige suspirou:

— Que mais há de novo?

Kat atravessou o corredor e apanhou o elevador até à sala de urgências. No interior havia uma dúzia de camas de lona, todas ocupadas. Kat achava que era a sala do sofrimento, dia e noite, sempre cheia de vítimas de acidentes de viação, ferimentos de tiros ou faca e membros fraturados. Um caleidoscópio de vidas partidas. Para Kat, não passava de um pequeno canto do inferno.

Um empregado aproximou-se dela correndo:

— Doutora Hunter...

— O que é que aconteceu? — perguntou Kat. Dirigiram-se para uma cama no extremo oposto do quarto.

— Está inconsciente. Parece que alguém lhe deu uma surra. Tem o rosto e a cabeça amassados, o nariz partido, uma omoplata deslocada, pelo menos duas fraturas diferentes no braço direito e...

— Porque é que me chamaram?

— Os paramédicos julgam que tem um ferimento na cabeça. Pode haver lesão cerebral.

Chegaram à cama onde se encontrava a vítima. O rosto estava coberto de sangue, inchado e cheio de nódos negros. Calçava sapatos de pele de crocodilo e... O coração de “Kat parou momentaneamente. Inclinou-se para ver melhor. Era Lou Dinetto.

Kat passou as mãos pelos cabelos dele e examinou-lhe os olhos. Definidamente, havia uma concussão.

Correu para um telefone e discou:

— Sou a doutora Hunter. Preciso de uma radiografia da cabeça. O nome do paciente é Lou Dinetto. Lou Dinetto. Mandem uma maca, stat.

Kat pousou o telefone e tornou a concentrar-se em Dinetto.

Disse ao empregado:

— Fique com ele. Quando a maca chegar, leve-o para o terceiro andar. Estarei à espera.

Trinta minutos mais tarde, no terceiro andar, Kat examinava a radiografia que tinha pedido.

— Tem hemorragia cerebral, febre alta e está em estado de choque. Quero-o estabilizado durante vinte e quatro horas. Nessa altura decidirei quando iremos operá-lo.

Kat pensou se o que tinha acontecido a Dinetto poderia afetar Mike. E como.

Paige foi ver Jimmy. Sentia-se muito melhor.

— Sabe daquela sobre o vendedor da zona de roupa prontas? Aproximou-se de uma velhinha e abriu a capa de chuva. Ela estudou-o um momento e disse: “Chama revestimento a isso?

Kat estava jantando com Mallory num pequeno e íntimo restaurante, próximo da baía. Sentada à frente de Mallory, estudando-o, Kat sentiu-se culpada. “Nunca devia ter começado isto”, pensou. “Sei o que ele é, no entanto, divirto-me bastante. Maldito homem! Mas não posso interromper agora o nosso plano.”

Tinham terminado o café.

Kat inclinou-se para a frente:

— Podemos ir para a sua casa, Ken.

— Pode crer! — “Finalmente”, pensou Mallory.

Kat começou a mexer-se desconfortavelmente na cadeira e franziu as sobrancelhas:

— Uh, oh!

— Sente-se bem? — perguntou Mallory.

— Não sei. Desculpa-me um momento?

— Com certeza. — Viu-a levantar e dirigir-se banheiro feminino. Quando voltou, disse:

— É o momento errado, querido. Peço desculpa. É melhor levar-me para casa. Ele olhou para ela, tentando esconder a frustração. A maldita sina estava conspirando contra ele.

— Está bem — respondeu Mallory, bruscamente. Estava prestes a explodir. Ia perder cinco preciosos dias.

Cinco minutos depois de Kat ter voltado ao apartamento, a campainha da porta começou a tocar. Kat sorriu.

Mallory tinha encontrado uma desculpa para voltar e ela odiava-se a si própria por ficar tão satisfeita.

Dirigiu-se à porta e abriu-a.

— Ken...

Eram Rhino e o Sombra. Kat sentiu uma súbita onda de medo. Os dois empurraram-na para dentro do apartamento; Rhino perguntou-lhe:

— É você quem vai operar o senhor Dinetto?

— Sim — esclareceu Kat, e engoliu em seco.

— Não queremos que lhe aconteça nada.

— Nem eu — disse Kat. — Agora, se me derem licença, estou cansada e...

— Ele corre o risco de morrer? — perguntou o Sombra.

Kat hesitou:

— Na cirurgia cerebral existe sempre o risco de...

— É melhor que não deixe que isso aconteça.

— Acreditem, eu...

— Não deixe que isso aconteça. — Olhou para Rhino. — Vamos.

Kat viu-os prepararem-se para sair.

À porta, o Sombra voltou-se e disse:

— Diga “olá” a Mike por nós.

Kat ficou subitamente imóvel:

— Isto... isto é alguma espécie de ameaça?

— Nós não ameaçamos ninguém, doutora. Nós estamos dizendo-lhe. Se o senhor Dinetto morrer, você e a merda da sua família desaparecerão da face da Terra.

No vestiário, meia dúzia de médicos esperavam que Ken Mallory aparecesse.

Quando este entrou, Grundy saudou:

— Ave ao herói conquistador! Queremos ouvir todos os pormenores lúbricos. — Sorriu. — Mas, tal como foi combinado, irmão, queremos ouvir da boca dela.

— Tive um pouco de má sorte — lamentou-se Mallory sorrindo. — Mas todos vocês podem começar a pôr dinheiro de lado.

Kat e Paige estavam preparando-se para operar.

— Já alguma vez operou um médico? — perguntou Kat.

— Não.

— Tem sorte. São os piores pacientes do mundo. Sabem demais.

— Quem vai operar?

— O doutor Mervyn “Não Me Magoe,” Franklin.

— Boa sorte.

— Bem preciso dela.

O Dr. Mervyn Franklin era sexagenário, magro, calvo e irascível. Quando Kat entrou no quarto, ele disse bruscamente:

— Já era tempo de ter chegado. Já tem o resultado dos malditos eletrólitos?

— Sim — disse Kat. — São normais.

— Quem é que o diz? Não confio na merda do laboratório. Cinquenta por cento das vezes não sabem o que fazem. E certifique-se de que não há misturas na transfusão de sangue.

— Certificar-me-ei — respondeu Kat, pacientemente.

— Quem vai fazer a operação?

— O doutor Jurgenson e eu. Doutor Franklin, prometo-lhe que não tem de se preocupar com nada.

— Qual é o cérebro que vai ser operado, o meu ou o seu? Todas as operações são arriscadas. Sabe porquê? Porque metade dos malditos cirurgiões escolheram a profissão errada. Deviam antes ter sido carnicheiros.

— O doutor Jurgenson é uma pessoa muito capaz.

— Sei que é, ou não o deixaria tocar-me. Quem é o anestesista?

— Julgo que é o doutor Miller.

— Esse charlatão? Não o quero. Arranje-me outro.

— Doutor Franklin...

— Arranje-me outro. Veja se Haliburton está disponível.

— Está bem.

— E traga-me o nome das enfermeiras da sala de operações. Quero saber quem são.

Kat olhou-o nos olhos:

— Prefere ser o senhor a fazer a operação?

— O quê? — Olhou um momento para ela e depois sorriu envergonhado. — Acho que não.

Kat disse suavemente:

— Então, porque não nos deixa tratar de tudo?

— Certo. Sabe uma coisa? Gosto de você.

— Também gosto de você. A enfermeira já lhe deu um sedativo?

— Sim.

— Bem. Estaremos prontos dentro de alguns minutos. Posso fazer alguma coisa por você?

— Sim. Ensine à estúpida da minha enfermeira onde estão localizadas as minhas veias.

Na sala de operações quatro, a cirurgia cerebral do dr. Mervyn Franklin corria perfeitamente. Tinha-se queixado durante todo o trajeto desde o quarto até à sala.

— Agora, se não se importa — disse —, dê-me o mínimo de anestesia. O cérebro não possui sensibilidade e por isso, assim que lá chegarem, não irão precisar de uma grande quantidade.

— Eu sei disso — disse Kat, impacientemente.

— E procure manter a temperatura abaixo dos quarenta graus. É o máximo.

— Certo.

— Ponha música mexida durante a operação. Isso manter-vos-á bem despertos.

— Okay!

— E certifique-se de que tem aqui a melhor enfermeira-assistente.

— Tudo bem.

E continuou por aí fora.

Quando foi feita a incisão no cérebro do Dr. Franklin, Kat disse:

— Estou vendo o coágulo. Não parece muito mau. — E continuou trabalhando. Três horas mais tarde, quando começavam a costurar a incisão, George Englund, chefe de cirurgia, entrou na sala de operações e aproximou-se de Kat.

— Kat, falta muito para terminar aqui?

— Estamos só tapando o corte.

— Deixe o doutor Jurgenson terminar. Precisamos urgentemente de você. Temos uma emergência.

Kat anuiu:

— Vou já. — E voltou-se para Jurgenson: — Importa-se de terminar?

— Não há problema.

Kat saiu com George Englund.

— O que se passa?

— Tem marcada outra operação para mais tarde, mas o seu paciente começou a ter hemorragias. Estão agora transportando-o para a sala três. Tudo indica que não se salva. Vai ter de o operar imediatamente.

— Quem...

— Um tal senhor Dinetto.

Kat olhou para ele, aterrorizada:

— Dinetto? — “Se o senhor Dinetto morrer, você e toda a merda da sua família desaparecerão da face da Terra.

Kat atravessou correndo o corredor que conduzia à sala de operações três. Na sua direção vinham Rhino e o Sombra.

— O que se passa? — indagou Rhino.

A boca de Kat estava tão seca que tinha dificuldade em falar.

— O senhor Dinetto começou a ter hemorragia. Temos de o operar imediatamente.

O Sombra pegou-lhe no braço.

— Então faça-o! Mas lembre-se do que lhe dissemos. Mantenha-o vivo.

Kat afastou-se e correu para a sala de operações.

O Dr. Vance faria a operação com Kat. Era um bom cirurgião.

Kat iniciou o ritual de desinfecção: primeiro, meio minuto em cada braço e depois meio minuto em cada mão. Repetiu e depois desinfetou as unhas. O Dr. Vance entrou e começou a fazer o mesmo.

— Como se sente hoje?

— Bem — mentiu Kat.

Lou Dinetto foi transportado numa maca, semiconsciente, para a sala de operações e cuidadosamente transferido para a mesa operatória. A sua cabeça rapada foi desinfetada e pincelada com solução de mertiolate, que se tornava laranja brilhante sob as lâmpadas operatórias. Estava branco como a morte.

A equipe já tinha tomado as posições: o Dr. Vance, outro residente, um anestesista, duas enfermeiras-assistentes e uma enfermeira auxiliar. Kat procurou certificar-se de que tinha à mão tudo o que pudesse precisar. Olhou para os monitores de parede — saturação de oxigénio, dióxido de carbono, temperatura, estimuladores musculares, estetoscópio precordial, ECG, pressão arterial automática e alarmes desligados. Tudo estava em ordem. O anestesista apertou o punho de medição da pressão arterial no braço de Dinetto e depois colocou uma máscara de borracha sobre o rosto do paciente.

— Muito bem. Agora, respire fundo. Respire profundamente três vezes. Dinetto adormeceu antes de inspirar a terceira vez.

A operação começou.

Kat relatava em voz alta:

— Existe uma área lesada no meio do cérebro, causada por um coágulo que rebentou a válvula aórtica. Está bloqueando um pequeno vaso sanguíneo do lado direito do cérebro, estendendo-se ligeiramente para a metade esquerda. — Examinou mais para baixo: — Está localizado na zona inferior do aqueduto de Sílvio. Bisturi.

Com o auxílio de uma serra elétrica, foi feita uma pequena incisão do tamanho de uma moeda de escudo para expor a dura-máter. Em seguida, Kat abriu a dura para expor o segmento do córtex cerebral que se encontra por baixo.

— Fórceps.

A enfermeira-assistente entregou-lhe o fórceps elétrico.

A incisão foi mantida aberta com o auxílio de um pequeno retrator, que, por si só, se conservava imóvel.

— Há uma grande quantidade de hemorragia — disse Vance.

Kat pegou no bovie e começou a cauterizar as veias sangrentas.

— Vamos controlar a hemorragia.

O Dr. Vance começou a limpar com a ajuda de pedaços de algodão, colocados sobre a dura. As veias que se esvaíam na superfície da dura foram identificadas e coaguladas.

— Tem bom aspecto — disse Vance. — Ele vai salvar-se.

Kat deu um suspiro de alívio.

E, nesse instante, Lou Dinetto ficou rígido e o corpo entrou em espasmo. O anestesista declarou:

— A pressão arterial está caindo!

Kat ordenou:

— Façam uma transfusão de sangue!

Todos olhavam para o monitor. A curva estava rapidamente transformando-se em linha reta. Havia duas rápidas batidas cardíacas seguidas de fibrilação ventricular.

— Dar choques! — ordenou Kat. Rapidamente, colocou as almofadas elétricas no corpo dele e ligou a máquina.

O peito de Dinetto subiu e depois desceu.

— Dar uma injeção de epinefrina! Rápido!

— Não há batida cardíaca! — disse o anestesista pouco depois. Kat fez uma nova tentativa, aumentando a intensidade.

Mais uma vez, houve um rápido movimento convulsivo.

— Não há batida cardíaca! — gritou o anestesista. — Assístole. Não há qualquer ritmo.

Desesperadamente, Kat fez uma última tentativa. Desta vez o corpo subiu ainda mais e tornou a cair. Nada.

— Morreu — disse o Dr. Vance.

O código vermelho é um alerta, que faz com que toda a assistência médica tente tudo para salvar a vida de um paciente. Quando o coração de Lou Dinetto parou a meio da operação, a equipe de código vermelho da sala de operações correu a ajudar.

No sistema de alto-falantes, Kat ouviu: “Código vermelho”, sala de operações três... Código vermelho...” Vermelho é sinônimo de morte. Kat estava em pânico. Aplicou novamente o eletrochoque. Não era somente a vida dele que tentava salvar, era a de Mike e a sua própria. O corpo de Dinetto elevou-se no ar e depois tornou a cair, inerte.

— Tente mais uma vez! — sugeriu o Dr. Vance.

“Nós não ameaçamos ninguém, doutora. Estamos a dizer-lhe. Se o senhor Dinetto morrer, você e a merda da sua família desaparecerão da face da Terra.” Kat carregou no botão e aplicou de novo a máquina no peito de Dinetto. Mais uma vez, o corpo elevou-se no ar alguns centímetros e tornou a cair.

— Outra vez!

“Não vai acontecer”, pensou Kat, desesperada. “Vou morrer com ele.”

Subitamente, a sala de operações encheu-se de médicos e enfermeiras.

— Do que é que estão à espera? — perguntou alguém.

Kat respirou fundo e tornou a aplicar a máquina. Por um instante, nada aconteceu. Surgiu então um ligeiro blip no monitor. Falhou um momento, em seguida tornou a surgir e a falhar e depois começou a tornar-se cada vez mais intenso, até se transformar num ritmo estável e equilibrado. Kat olhou incrédula.

Na sala ouviu-se um grito de alegria:

— Vai salvar-se!

— Jesus, foi por um triz!

“Nem fazem ideia como”, pensou Kat.

Duas horas mais tarde, Lou Dinetto tinha sido removido da mesa, colocado sobre uma maca e estava sendo transportado novamente para os cuidados intensivos. Kat estava ao seu lado.

Rhino e o Sombra estavam no corredor.

— A operação foi bem sucedida — disse Kat. — Vai ficar bom.

Ken Mallory estava metido num grande encrenca. Só tinha mais aquele dia para ganhar a aposta. O problema tinha crescido tão gradualmente que ele mal dera por isso. Quase desde a primeira noite que tivera a certeza de que não iria ter problemas em levar Kat para a cama.

“Problemas? Ela está ansiosa por isso!” Agora, o tempo estava chegando ao fim e ele enfrentava um desastre.

Mallory pensou em tudo o que tinha corrido mal — as companheiras de Kat entrando no preciso momento em que se preparava para se deitar com ele, a dificuldade em saírem juntos, Kat sendo chamada pelo bip e deixando-o de pé todo nu, a chegada da prima, o fato de ter adormecido, a menstruação. Parou subitamente e pensou: “Espera aí! Não pode ser tudo coincidência!”

Kat estava fazendo tudo deliberadamente! De algum modo veio a saber da aposta e decidiu fazer troça dele, pregar-lhe uma peça, peça essa que iria custar-lhe dez mil dólares que não possuía. “Grande puta!” Estava tão longe de vencer como quando começou. Ela tinha-o ludibriado deliberadamente. “Como é que caí numa coisa destas?”

Sabia que não tinha qualquer chance de arranjar o dinheiro.

Quando Mallory entrou no vestiário dos médicos, os outros estavam à sua espera.

— Dia de pagamento! — cantou Grundy.

Mallory esforçou um sorriso:

— Tenho até à meia-noite, não é assim? Acreditem-me, ela está pronta, amigos.

Alguém disse rindo:

— Sim. Sim. Acreditaremos quando ouvirmos isso dela própria. Tenha o dinheiro pronto amanhã de manhã.

Mallory riu-se:

— Tenham vocês o vosso pronto!

Ele tinha de descobrir uma saída. E subitamente encontrou a solução.

Ken Mallory encontrou Kat na sala de reuniões. Sentou-se à frente dela e disse:

— Soube que salvou a vida de um paciente.

— E a minha própria.

— O quê?

— Nada.

— Que tal salvar a minha?

Olhou para ela, intrigada.

— Janta comigo hoje.

— Estou muito cansada, Ken. — Sabia perfeitamente o jogo que fazia com ele.

“Basta”, pensou ela. “Chegou o momento de parar. Terminou. Caí na minha própria armadilha.” Desejou que ele fosse um homem diferente. Se pelo menos tivesse sido honesto com ela. “Podia ter mesmo gostado dele”, concluiu Kat.

De modo algum Mallory iria deixar que Kat escapasse.

— Jantaremos cedo — afirmou. — Vai ter de jantar em algum lugar. Relutantemente, Kat concordou. Sabia que iria ser a última vez. Dir-lhe-ia que sabia da aposta. Acabaria com o fogo.

— Está bem.

Honey terminou o turno às quatro da tarde. Olhou para o relógio e decidiu que tinha o tempo suficiente para fazer umas compras rápidas. Foi ao Candelier comprar velas para o apartamento, depois ao São Francisco Tea and Coffee Company para que não faltasse café para o café da manhã e, por último, foi ao Chris Kelly para comprar toalhas.

Cheia de pacotes, Honey dirigiu-se ao apartamento.

“Eu mesma vou fazer um jantar em casa”, decidiu. Sabia que Kat ia sair com Mallory e que Paige estava de plantão.

Carregando atabalhoadamente os pacotes, Honey entrou no apartamento e fechou a porta atrás de si. Acendeu a luz. Um negro enorme saía do banheiro pingando sangue sobre o piso branca. Apontava uma pistola para ela.

— Se fizer um só ruído, rebento-lhe os miolos!

Honey gritou.

Mallory estava sentado à frente de Kat no restaurante Shroeder, na Front Street.

O que aconteceria se não pudesse pagar os dez mil dólares? O caso espalhar-se-ia rapidamente pelo hospital e ele ficaria com fama de caloteiro, uma brincadeira de mau gosto.

Kat falava de um dos seus pacientes e Mallory olhava-a nos olhos, sem ouvir uma só palavra do que ela dizia. Tinha coisas mais importantes em que pensar.

O jantar estava quase terminando e o empregado servia o café. Kat olhou para o relógio:

— Tenho de me levantar cedo, Ken. Acho melhor irmos embora.

Ele manteve-se sentado, olhando para a mesa:

— Kat... — disse, levantando a cabeça. — Tenho uma coisa para te dizer.

— Sim?

— Tenho uma confissão a fazer — respirou fundo. — Não é fácil para mim.

Olhou para ele, confusa:

— O que é?

— Tenho vergonha de dizer — afirmou, escolhendo as palavras. — Eu... fiz uma aposta estúpida com alguns dos médicos... de que havia de te levar para a cama.

Kat olhou para ele:

— Você...

— Não diga nada. Sinto vergonha do que fiz. Tudo começou com uma brincadeira, mas o centro fui eu. Aconteceu algo que não esperava. Apaixonei-me por você.

— Ken...

— Nunca tinha me apaixonado antes, Kat. Conheci muitas mulheres, mas nunca senti nada por elas. Não tenho conseguido deixar de pensar em você. — Deu um suspiro. — Quero casar-me com você.

A mente de Kat começou a rodopiar. Estava tudo virando de pernas para o ar.

— Eu... eu não sei o que...

— É a única a quem me declarei. Por favor, aceita. Casa comigo, Kat?

Então ele sentira mesmo tudo o que lhe tinha dito! O coração batia mais depressa. Era como um sonho maravilhoso que subitamente se tornava real. Tudo o que quis dele era honestidade. E agora ele estava sendo honesto com ela. Todo esse tempo tinha-se sentido culpado pelo que fizera. Não era como os outros. Era genuíno e sensível.

Quando Kat olhou para ele, os olhos brilhavam.

— Sim, Ken. Oh, sim!

A alegria dele iluminou a sala:

— Kat... — Inclinou-se e deu-lhe um beijo. — Perdoa aquela aposta estúpida. — Abanou a cabeça, em sinal de escárnio por si próprio. — Dez mil dólares. Poderíamos ter utilizado esse dinheiro na nossa lua-de-mel. Mas vale a pena perdê-lo para ter você.

Kat ficou pensativa. “Dez mil dólares!”

— Fui um autêntico tolo.

— Qual é o prazo-limite?

— A meia-noite de hoje, mas isso já não tem importância. A coisa mais importante somos nós. Que nos vamos casar. Nós...

— Ken?

— Sim, querida?

— Vamos para sua casa. — Havia um olhar malicioso nos olhos de Kat. — Ainda tem tempo para ganhar a aposta.

Kat foi violenta na cama.

“Meu Deus! Valeu a pena esperar...”, pensou Mallory.

Todos os sentimentos que Kat tinha guardado ao longo dos anos explodiram subitamente. Era a mulher mais apaixonada que Ken Mallory jamais conhecera. Ao cabo de duas horas, ele estava exausto. Abraçou-a e disse:

— Você é incrível.

Apoiou-se nos cotovelos e olhou para ele.

— Você também é, querido. Sou tão feliz.

Mallory sorriu:

— E eu também. — “Um prêmio de dez mil dólares!” pensou. “E um sexo fantástico.”

— Promete-me que será sempre assim, Ken.

— Prometo — disse com a voz mais sincera possível.

Kat olhou para o relógio.

— É melhor vestir-me.

— Não pode passar aqui a noite?

— Não, tenho de ir muito cedo com Paige para o hospital. — Deu-lhe um beijo quente. — Não se preocupe. Teremos toda a nossa vida para passarmos juntos.

Ele ficou vendo-a vestir-se.

— Mal posso esperar para receber o dinheiro da aposta. Vamos fazer uma grande lua-de-mel. — Franziu as sobrancelhas. — E se os rapazes não acreditarem em mim? Não vão acreditar na minha palavra.

Kat ficou um momento pensativa. Por fim disse:

— Não se preocupe. Farei com que saibam.

Mallory sorriu:

— Volta para a cama.

O negro, de pistola apontada para Honey, gritou:

— Disse-lhe para ficar calada!

— Des... culpe — disse Honey. Estava tremendo. — O que... que quer daqui?

Com a mão, tentava estancar o sangue.

— Quero a minha irmã.

Honey olhou para ele, confusa. Ele estava obviamente louco.

— Sua irmã?

— Kat — a voz começou a desvanecer

— Oh, meu Deus! Você é Mike!

— Sim.

A arma caiu e ele escorregou para o chão. Honey correu para ele. O sangue

corria de um ferimento que mais parecia ter sido causado por uma bala.

— Fique quieto — disse Honey. Correu para o banheiro e pegou água oxigenada e uma toalha grande.

Voltou para junto de Mike.

— Isto vai doer — avisou.

Ele permaneceu ali, demasiado fraco para se mexer.

Deitou água oxigenada no ferimento e pressionou a toalha sobre este. Mike mordeu a mão para não gritar.

— Vou chamar uma ambulância e levá-lo para o hospital — disse Honey.

Ele pegou-lhe num braço e disse:

— Não! Nada de hospitais. Nada de polícia. — A voz estava cada vez mais fraca.

— Onde está Kat?

— Não sei — respondeu Honey, impotentemente. Sabia que Kat estava com Mallory, mas não sabia onde.

— Deixe-me chamar uma pessoa minha amiga.

— Paige? — perguntou ele.

Honey concordou:

— Sim. — “Então Kat falou-lhe de nós”.

No hospital, só conseguiram encontrar Paige dez minutos depois.

— É melhor você vir a casa — disse Honey.

— Estou de plantão, Honey. Estou a meio de...

— O irmão de Kat está aqui.

— Oh, bem, diga-lhe...

— Levou um tiro.

— Ele o quê?

— Levou um tiro!

— Vou mandar os paramédicos e...

— Ele não quer nada com hospitais ou polícia. Não sei o que fazer.

— É muito grave?

— Bastante.

Houve uma pausa:

— Vou procurar alguém para me substituir. Estarei aí dentro de meia hora.

Honey pousou o telefone e voltou-se para Mike.

— Paige vem aí.

Duas horas mais tarde, de volta ao apartamento, Kat tinha uma enorme sensação de bem-estar. Estivera nervosa por ter de fazer amor, com medo de o detestar depois da terrível experiência que tinha vivido, mas, em vez disso, Ken Mallory transformara o ato em algo maravilhoso. Tinha soltado emoções nela que nunca pensara que existissem.

Sorrindo consigo mesma ao pensar no modo como, no último momento, tinham

passado a perna aos médicos e vencido a aposta, Kat abriu a porta do apartamento e ali permaneceu, chocada. Paige e Honey estavam ajoelhadas ao lado de Mike.

Este estava deitado no chão, com uma almofada debaixo da cabeça, uma toalha colocada contra o lado do corpo e as roupas sujas de sangue. Paige e Honey levantaram a cabeça quando Kat entrou.

— Mike! Meu Deus! — Correu para ele e ajoelhou-se ao seu lado. — O que aconteceu?

— Olá, mana — a voz mal se ouvia.

— Levou um tiro — disse Paige. — Está com hemorragia.

— Vamos levá-lo para o hospital — disse Kat.

Mike abanou a cabeça:

— Não — murmurou. — Você é médica. Cuida de mim.

Kat olhou para Paige.

— Estanquei o sangue o melhor que pude, mas a bala ainda lá está. Não temos aqui os instrumentos para...

— Ainda está perdendo sangue — disse Kat. Pegando na cabeça de Mike, disse.

— Ouve bem, Mike. Se não obtiver ajuda, vai morrer.

— Não... podem... comunicar... isto... não quero a polícia.

Kat perguntou-lhe baixinho:

— Em que é que se meteu, Mike?

— Nada. Estava num... negócio... que correu mal... e um fulano ficou enfurecido e deu-me um tiro.

Era o tipo de história que Kat ouvira durante anos a fio. Mentiras. Tudo mentiras. Já na época sabia disso e agora também, mas tinha procurado esconder a verdade de si própria.

Mike pegou-lhe em um braço:

— Ajuda-me, mana?

— Sim. Vou ajudar-te, Mike. — Kat ajoelhou-se e deu-lhe um beijo na face. Em seguida, dirigiu-se ao telefone. Levantou o auscultador e discou o número da urgência do hospital.

— Sou a doutora Hunter — disse com a voz tremendo. — Preciso imediatamente de uma ambulância...

No hospital, Kat pediu a Paige para fazer a operação e remover a bala.

— Ele perdeu muito sangue — disse Paige. Voltou-se para o cirurgião assistente:

— Dê-lhe mais uma unidade.

Já era de madrugada quando a operação terminou.

A cirurgia foi bem sucedida.

Quando tudo acabou, Paige chamou Kat de lado:

— Como quer que eu comunique isto? — perguntou. — Posso mencionar que foi

um acidente ou...

— Não — disse Kat. A voz soou magoada. — Já devia ter feito isto há muito tempo. Quero que comunique que foi um ferimento de bala.

Mallory esperava por Kat fora da sala de operações.

— Kat! Soube do seu irmão e... — Kat abanou a cabeça, fatigada.

— Lamento. Ele vai ficar bem?

Kat olhou para Mallory e respondeu:

— Sim. Pela primeira vez na vida, Mike vai ficar bem.

Mallory apertou a mão de Kat.

— Quero que saiba que a noite passada foi maravilhosa. Você foi um milagre. Oh, lembrei-me agora. Os médicos com quem fiz a aposta estão à espera na sala de reuniões, mas suponho que, com tudo o que aconteceu, não vai querer entrar e...

— Porque não?

Pegou-lhe no braço e os dois entraram na sala. Os médicos ficaram vendo-os aproximarem-se.

Grundy disse:

— Olá, Kat. Precisamos de a ouvir dizer algo.

— O doutor Mallory afirma que você e ele passaram a noite juntos e que tinha sido ótima.

— Foi mais do que ótima — disse Kat. — Foi fantástica! — Beijou o rosto de Mallory. — Vejo-te mais tarde amor.

Os homens ficaram sentados, boquiabertos, enquanto Kat se afastava.

No vestiário, Kat disse a Paige e a Honey:

— Com toda esta excitação, não tive a oportunidade de vos dar a notícia.

— Que notícia? — perguntou Paige.

— Ken pediu-me em casamento.

Houve olhares incrédulos nos seus rostos.

— Está brincando! — disse Paige.

— Não. Declarou-se na noite passada. Eu aceitei.

— Mas você não pode casar-se com ele! — exclamou Honey. — Sabe como ele é. Quero dizer, tentou leva-la para a cama devido a uma aposta!

— E conseguiu — disse Kat sorrindo.

Paige olhou para ela:

— Estou confusa.

— Estávamos erradas quanto a ele. — Afirmou Kat. — Completamente erradas. Foi o próprio Ken que me contou tudo sobre a aposta. Todo este tempo isso tem estado a perturbar-lhe a consciência. Percebem o que aconteceu? Saí com ele para o castigar e ele saiu comigo para ganhar dinheiro, e acabamos os dois

apaixonados um pelo outro. Oh, nem calculam como me sinto feliz.

Honey e Paige entreolharam-se:

— Quando se casam? — perguntou Honey.

— Ainda não falamos disso, mas tenho certeza que será em breve. Quero que vocês duas sejam as minhas damas de honra.

— Pode contar com isso — respondeu Paige. — Lá estaremos. — Mas havia uma certa dúvida na sua mente. — Bocejou e disse: — Foi uma longa noite. Vou para casa dormir.

— Eu fico aqui com Mike — disse Kat. — Quando acordar, a polícia quer falar com ele. — Pegou nas mãos das amigas. — Obrigada por serem tão amigas.

A caminho de casa, Paige pensou no que acontecera nessa noite. Sabia o quanto Kat adorava o irmão. Foi preciso muita coragem para o entregar à polícia. “Devia ter feito isto há muito tempo.”

O telefone tocava quando Paige entrou no apartamento. Correu a atender. Era Jason.

— Olá! Telefonei apenas para te dizer que estou cheio de saudades. O que aconteceu na sua vida?

Paige sentiu-se tentada a contar-lhe, a partilhar com alguém, mas era muito pessoal. Era algo que dizia respeito a Kat.

— Nada — respondeu Paige. — Está tudo bem.

— Ainda bem. Você está livre para jantar?

Paige sabia que era mais do que um convite para jantar. “Se o tornar a ver, vou-me envolver”, pensou. Sabia que era uma das decisões mais importantes da sua vida.

Respirou fundo:

— Jason... —A campainha da porta começou a tocar. — Espera um minuto, está bem, Jason?

Paige pousou o telefone, dirigiu-se à porta e abriu-a.

Era Alfred Turner.

Paige ficou gelada.

Alfred sorriu:

— Posso entrar?

Ela ficou atropalhada:

— Cla... claro — respondeu ela tentando esconder o espanto. — Des... culpa. — Ficou vendo Alfred entrar na sala e sentiu-se cheia de emoções conflituosas. Estava feliz e excitada e ao mesmo tempo furiosa. “Porque é que estou assim?”, pensou. “Provavelmente, só passou aqui para me cumprimentar.”

Alfred voltou-se para ela e declarou:

— Deixei a Karen. — As palavras foram um choque. Alfred aproximou-se mais:

— Cometi um grande erro, Paige. Nunca devia ter te deixado. Nunca.

— Alfred... — Paige lembrou-se subitamente. — Desculpa. — Correu para o telefone e levantou-o: — Jason?

— Sim, Paige. Sobre logo à noite, podemos...

— Não... não posso sair com você.

— Oh. Se hoje é mau dia, que tal amanhã à noite?

— Não... não tenho certeza.

Jason sentiu tensão na voz dela e perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Está tudo bem. Amanhã telefono-te e explico tudo.

— Está bem. — Parecia confuso.

Paige colocou o auscultador no lugar.

— Tenho sentido muitas saudades suas, Paige — disse Alfred. — Acontece o mesmo com você?

“Não. Apenas sigo estranhos na rua e chamo-os de Alfred.”

— Sim — admitiu Paige.

— Ainda bem. Pertencemos um ao outro, você sabe. Desde sempre.

“Será? Foi por isso que você casou com a Karen? Julga que pode entrar e sair da minha vida sempre que lhe apeteça?” Alfred encontrava-se junto de Paige:

— Não é assim?

Paige olhou para ele e respondeu:

— Não sei. — Tudo aconteceu muito depressa.

Alfred pegou-lhe na mão:

— Claro que sabe.

— O que se passou com Karen?

Alfred encolheu os ombros:

— Karen foi um erro. Continuei a pensar em você e em todos os bons momentos que passamos juntos. Fomos sempre bons um para o outro.

Estava olhando para ele, de sobreaviso:

— Alfred...

— Estou aqui para ficar, Paige. Quando digo “aqui”, não quer dizer exatamente isso. Vamos para Nova Iorque.

— Nova Iorque?

— Sim. Já te conto tudo. Sairia-me bem uma xícara de café.

— Claro. Vou fazer. Leva apenas uns minutos.

Alfred seguiu-a até à cozinha, onde Paige começou a preparar o café. Ela procurava ordenar as ideias. Tinha querido tão desesperadamente que Alfred voltasse e agora que ele ali estava...

Alfred dizia:

— Aprendi muito nos últimos anos, Paige. Cresci.

— Oh?

— Sim. Sabe que tenho trabalhado para a OMS durante todos estes anos.

— Eu sei.

— Esses países não mudaram nada desde que eram crianças. Na realidade, alguns até pioraram. Existem mais doenças, mais pobreza...

— Mas você estava lá ajudando — disse Paige.

— Sim, e de um momento para o outro, despertei.

— Despertou?

— Percebi que estava desperdiçando a minha vida. Estava lá vivendo na miséria e trabalhando vinte e quatro horas por dia para ajudar aqueles selvagens ignorantes, quando podia estar aqui fazendo um monte de dinheiro. — Paige escutava, incrédula. — Conheci um médico que tem um consultório na Park Avenue, em Nova Iorque. Sabe quanto ele ganha por ano? Mais de quinhentos mil dólares! Ouviu bem? Quinhentos mil dólares por ano! — Paige olhava para ele. — Disse para comigo mesmo: “Onde esteve esse dinheiro durante toda a minha vida?” Ofereceu-me um lugar como associado — disse Alfred com orgulho — e eu aceitei. É por isso que você e eu vamos para Nova Iorque.

Paige não conseguia acreditar no que acabara de ouvir,

— Conseguirei pagar um apartamento de cobertura para nós e poderei comprar-te vestidos bonitos e tudo o que sempre te prometi. — Sorria. — Bem, está surpresa?

A boca de Paige estava seca:

— Eu... nem sei o que dizer, Alfred.

— É claro que não — riu. — Quinhentos mil dólares por ano é suficiente para deixar qualquer um sem palavras.

— Não estava pensando no dinheiro — afirmou Paige, lentamente.

— Não?

Estudou-o como se o tivesse visto pela primeira vez.

— Alfred, quando trabalhava para a OMS não sentia que estava ajudando os outros?

Ele encolheu os ombros:

— Nada pode ajudar aquela gente. E quem se importa realmente com isso? Acredita que Karen queria que eu ficasse em Bangladesh? Disse-lhe que não havia chance, por isso ela voltou. — E, pegando na mão de Paige, disse: — Assim, aqui estou eu... Você ficou um tanto calada. Penso que está um tanto acabrunhada com tudo isto, hem?

Paige lembrou-se do pai: “Teria tido muito êxito na Park Avenue, mas não estava interessado em dinheiro. Tudo o que queria era ajudar os outros.”

— Já me divorciei de Karen e por isso podemos casar imediatamente. — Tocou-lhe na mão. — O que acha da ideia de vivermos em Nova Iorque?

Paige respirou fundo:

— Alfred...

Havia no rosto dele um sorriso de expectativa:

— Sim?

— Vá embora.

O sorriso desapareceu lentamente:

— O quê?

Paige levantou-se:

— Quero que saia imediatamente.

Ficou confuso:

— Para onde quer que eu vá?

— Não vou te dizer — replicou Paige. — Magoaria os teus sentimentos.

Depois de Alfred ter saído, Paige sentou-se a pensar. Kat tinha razão. Tinha estado presa a um fantasma. “A ajudar aqueles selvagens ignorantes, quando podia ter estado fazendo um monte de dinheiro aqui... Quinhentos mil dólares por ano! “

“Foi a isso que estive presa”, pensou Paige. Podia ter-se sentido deprimida, mas, em vez disso, estava muito animada. Subitamente, sentiu-se livre. Sabia agora o que ele queria. Dirigiu-se ao telefone e discou o número de Jason.

— Estou.

— Jason, aqui é Paige. Lembra-se de me ter falado sobre a sua casa em Noe Valley?

— Sim...

— Gostaria muito de a conhecer. Você está livre esta noite, Jason? — perguntou, lentamente:

— Quer dizer-me o que está acontecendo, Paige? Estou confuso.

— Eu é que estou confusa. Pensei que estava apaixonada por um homem que conheci há muito tempo, mas ele já não é a mesma pessoa. Agora sei o que quero.

— Sim?

— Quero ver a sua casa.

Noe Valley pertencia a outro século. Era um oásis colorido, no coração de uma das mais cosmopolitas cidades do mundo.

A casa de Jason era um reflexo dele: confortável, arrumada e encantadora. Conduziu Paige pela casa:

— Aqui é a sala de estar, a cozinha, o banheiro das visitas, a biblioteca... — Olhou para ela e disse: — O quarto fica lá em cima. Quere vê-lo?

Paige respondeu baixinho:

— Quero muito.

Subiram até ao quarto. O coração de Paige batia desordenadamente. Mas o que estava acontecendo parecia inevitável. “Devia ter sabido desde o início”, pensou.

Paige nunca soube quem tinha dado o primeiro passo, mas subitamente

encontravam-se nos braços um do outro e os lábios de Jason estavam sobre os seus, parecendo ser a coisa mais natural do mundo. Começaram a despir-se e ambos pareciam estar cheios de pressa. Pouco depois, estavam na cama e ele fazia amor com ela.

— Meu Deus — sussurrou ele. — Amo-te tanto.

— Eu sei — brincou Paige. — Desde que te mandei vestir uma bata branca.

Depois de terem feito amor, Paige disse:

— Gostaria de passar a noite aqui.

Jason sorriu:

— E não vai me odiar de manhã?

— Prometo.

Paige passou a noite com Jason, conversando... fazendo amor... conversando. De manhã, fez-lhe o café da manhã.

Jason ficou vendo-a e disse:

— Não sei como tive tanta sorte, mas obrigado.

— Eu é que sou a sortuda — respondeu-lhe Paige.

— Sabe uma coisa? Ainda não recebi a resposta ao meu pedido.

— Terá uma resposta esta tarde.

Nessa tarde, chegou ao escritório de Jason um mensageiro com um sobrescrito. Dentro, encontrava-se o cartão que Jason tinha enviado com a casa-modelo.

Minha ()

Nossa (x)

Coloca uma cruz.

Lou Dinetto ia ter alta do hospital. Kat foi ao quarto dele para se despedir. Rhino e o Sombra estavam lá. Quando entrou, Dinetto voltou-se para eles e ordenou:

— Desapareçam!

Kat ficou a vê-los deixarem o quarto. Dinetto olhou para ela e disse:

— Fico em dívida para com você.

— Não me deve nada.

— É esse o valor que dá à minha vida? Soube que vai se casar.

— Exato.

— Com um médico.

— Sim.

— Bem, diga-lhe para cuidar bem de você, ou terá de se haver comigo.

— Dir-lhe-ei.

Houve uma pequena pausa:

— Lamento o que sucedeu a Mike.

— Ele vai ficar bom — disse Kat. — Tive uma longa conversa com ele. Ficará bem.

— Ainda bem. — Dinetto estendeu-lhe um sobrescrito volumoso:

— Um pequeno presente de casamento para você.

Kat abanou a cabeça:

— Não, obrigada.

— Mas...

— Cuide bem de você.

— Você, também. Sabe uma coisa? A senhora é uma mulher às direitas. Vou dizer-lhe algo que quero que se lembre sempre. Se alguma vez precisar de um favor, seja ele qual for, procure-me. Entendido?

— Entendido.

Sabia que ele dizia a verdade. E também sabia que nunca iria procurá-lo.

Durante as semanas que se seguiram, Paige e Jason falavam por telefone três ou quatro vezes ao dia e viam-se sempre que ela não estava de plantão. O hospital estava mais movimentado do que nunca.

Paige tinha estado de plantão trinta e seis horas, cheia de urgências. Tinha acabado de adormecer no quarto dos médicos de plantão quando foi acordada pela campainha do telefone.

Encostou o auscultador ao ouvido:

— Alô?

— Doutora Taylor, pode vir ao quarto quatrocentos e vinte e dois, stat?

Paige procurou despertar. “Quarto 422. Um dos pacientes do Dr. Barker. Lance Kelly. Tinha acabado de fazer uma substituição da válvula mitral. Qualquer coisa deve ter corrido mal.” Paige levantou-se e saiu para o corredor deserto. Decidiu não esperar pelo elevador e subiu as escadas correndo. “Talvez seja apenas uma enfermeira nervosa. Se for grave, telefonarei ao Dr. Barker”, pensou.

Entrou no quarto 422 e ficou à entrada, olhando.

O paciente tentava respirar e gemia. A enfermeira voltou-se para Paige, obviamente aliviada:

— Não sabia o que fazer, doutora. Eu...

Paige correu para junto da cama.

— O senhor vai ficar bom — disse, tentando tranquilizá-lo.

Tomou-lhe o pulso. A pulsação estava bastante irregular e rápida. A válvula mitral estava funcionando mal.

— Vamos dar-lhe um sedativo — ordenou Paige. A enfermeira estendeu uma seringa e Paige injetou-a numa veia.

Paige voltou-se para a enfermeira:

— Peça à enfermeira-chefe para reunir uma equipe operatória, stat. E mande chamar o doutor Barker!

Quinze minutos mais tarde, Kelly estava na mesa de operações. A equipe era

constituída por duas enfermeiras-assistentes, uma auxiliar e dois residentes. Havia um monitor colocado ao alto do canto da sala, para mostrar o ritmo cardíaco, o ECG e a pressão arterial.

O anestesista entrou e Paige teve vontade de o insultar.

A maioria dos anestesistas do hospital eram médicos peritos, mas Herman Koch era uma exceção. Paige já tinha trabalhado com ele antes e tentava evitá-lo o mais possível. Não confiava em Koch. Agora, não tinha outra opção.

Viu-o prender um tubo à garganta do paciente, enquanto ela desdobrava um pedaço de papel com uma janela recortada e o colocava sobre o peito do paciente.

— Metam um fio na veia jugular — pediu Paige.

Koch anuiu:

— Certo.

Um dos residentes perguntou:

— Qual é o problema?

— Ontem o doutor Barker substituiu a válvula mitral. Penso que rebentou. — Paige olhou para o Dr. Koch. — Já está inconsciente?

Koch anuiu:

— Dormindo como se estivesse em casa, na sua própria cama.

“Quem me dera que você estivesse” pensou Paige.

— O que é que está utilizando?

— Propofol.

Ela concordou:

— Está bem.

Viu Kelly ser ligado ao pulmão artificial para que ela pudesse efetuar o desvio cardiopulmonar. Paige estudou os monitores da parede. Pulsação 140... saturação de oxigênio no sangue 92 por cento... pressão arterial 80/60.

— Vamos — disse.

Um dos residentes ligou a música.

Paige aproximou-se da mesa de operações, colocada sob mil e cem watts de luz quente, e pediu à enfermeira-assistente:

— Bisturi, por favor.

A operação começou.

Paige retirou todas as ligações externas que tinham sido feitas no dia anterior. Em seguida, cortou desde a base do pescoço até à extremidade inferior do esterno, enquanto um residente limpava o sangue com compressas de gaze.

Cuidadosamente, atravessou as camadas de gordura e músculo e, à sua frente, surgiu o coração, que batia irregularmente.

— Aqui está o problema — disse Paige. — O átrio está perfurado. O sangue está acumulando-se em volta do coração, comprimindo-o. — Paige olhou para o monitor da parede. A pressão tinha caído perigosamente.

— Aumentem a intensidade — ordenou Paige.

A porta da sala de operações abriu-se para dar passagem a Lawrence Barker. Aproximou-se de um dos lados para ver o que estava acontecendo. Paige perguntou:

— Doutor Barker. Quer fazer...?

— A operação é sua.

Paige verificou rapidamente o que Koch estava fazendo:

— Tenha cuidado. Vai anestesiá-lo demais, merda! Tenha calma!

— Mas eu...

— Ele entrou em choque! A pressão está caindo!

— O que quer que eu faça? — perguntou Koch, impotente.

“Devia saber”, pensou Paige furiosa.

— Dê-lhe lidocaína e epinefrina! Já! — gritou.

— Certo.

Paige viu Koch pegar numa seringa e injetá-la no paciente.

Um residente olhou para o monitor e disse em voz alta:

— A pressão arterial está caindo.

Paige tentava freneticamente estancar o sangue. Olhou para Koch e disse:

— Intensidade a mais! Disse-lhe para...

O ruído da batida cardíaca no monitor tornou-se subitamente caótico.

— Meu Deus! Alguma coisa correu mal!

— Passem-me o desfibrilador! — gritou Paige.

A enfermeira auxiliar retirou o desfibrilador do carrinho de mão, abriu duas almofadas esterilizadas e aplicou-as no devido lugar. Rodou os botões para as carregar e, dez segundos mais tarde, entregou-as a Paige. Esta pegou nas almofadas e colocou-as diretamente sobre o coração de Kelly. O corpo do paciente deu um solavanco e depois caiu.

Paige tentou novamente, esperando que ele voltasse a viver, esperando que ele voltasse a respirar. Nada. O coração continuou parado: um órgão morto e inútil.

Paige estava furiosa. O seu papel na operação tinha sido bem sucedido, mas Koch anestesiara demais o paciente.

Enquanto Paige aplicava o desfibrilador no corpo de Lance Kelly pela terceira e inútil vez, o Dr. Barker aproximou-se da mesa de operações e voltou-se para

Paige:

— Você matou-o.

Jason estava a meio de uma reunião de design quando a secretária informou:

— A doutora Taylor está ao telefone. Digo que lhe ligará mais tarde?

— Não, eu atendo. — Paige levantou o telefone. — Paige?

— Jason... preciso de você! — soluçava.

— O que foi que aconteceu?

— Pode vir ao meu apartamento?

— Claro. Vou já para aí. — Levantou-se. — A reunião está terminada. Amanhã de manhã continuaremos.

Meia hora mais tarde, Jason chegava ao apartamento.

Paige abriu-lhe a porta e atirou-se ao pescoço dele. Tinha os olhos vermelhos de chorar.

— O que foi que aconteceu? — perguntou Jason.

— É horrível! O doutor Barker disse que eu... eu matei um paciente e, sinceramente, não tive culpa! — A voz começou a fugir. — Não consigo suportar mais nenhuma das suas...

— Paige — disse Jason, suavemente —, você contou-me como ele é sempre mau. É o caráter dele.

Paige abanou a cabeça:

— É mais do que isso. Tem tentado obrigar-me a abandonar tudo, desde o dia em que comecei a trabalhar com ele. Jason, se ele fosse um mau médico e pensasse que eu não servia para nada, não me importaria tanto; mas o homem é brilhante. Tenho de respeitar a sua opinião. Penso somente que não sou suficientemente boa para isto.

— Disparate — disse Jason, zangado. — Claro que você é boa. Todos com quem conversei me disseram que você é uma médica maravilhosa.

— Mas não Lawrence Barker.

— Esquece o Barker.

— Vou esquecer — disse Paige. — Vou deixar o hospital.

Jason abraçou-a.

— Paige, sei que gosta demais da sua profissão para desistir dela.

— Não vou desistir. Só não quero ver mais aquele hospital. — Jason tirou o lenço e limpou as lágrimas de Paige.

— Perdoa-me por te incomodar com tudo isto — disse Paige.

— É para isso que servem os futuros maridos, não é? — Conseguiu sorrir:

— Gosto de ouvir isso. Está bem. — Paige respirou fundo. — Já me sinto melhor. Obrigada por ter conversado comigo. Telefonei ao doutor Wallace e disse-lhe que me retirava. Vou agora falar com ele.

— Vemo-nos logo ao jantar.

Paige atravessou os corredores do hospital, sabendo que os via pela última vez. Ali estavam os sons familiares e as pessoas a correrem ao longo dos corredores, de um lado para o outro. Para ela, tinha-se transformado mais num lar do que aquilo que imaginava. Lembrou-se de Jimmy e de Chang, bem como de todos os médicos maravilhosos com quem tinha trabalhado. O querido Jason fazendo a ronda com ela na sua bata branca. Passou pela cafeteria, onde ela, Honey e Kat tinham tomado centenas de cafés da manhã e pela sala de reuniões, onde tentaram fazer uma festa. Os corredores e os quartos estavam repletos de tantas recordações. “Vou ter saudades disto”, pensou, “mas recuso-me trabalhar debaixo do mesmo teto que aquele monstro.”

Dirigiu-se ao gabinete do Dr. Wallace. Ele esperava-a.

— Bem, devo dizer que a sua chamada telefônica surpreendeu-me, Paige! Está completamente decidida?

— Sim.

Benjamin Wallace suspirou:

— Muito bem. Antes de ir, o doutor Barker quer vê-la.

— Eu é que o quero ver. — Toda a fúria reprimida subiu à superfície.

— Ele está no laboratório. Bem... boa sorte.

— Obrigada. — Paige começou a caminhar em direção ao laboratório. O Dr. Barker estava examinando alguns exemplares sob o microscópio, quando Paige entrou. Ele levantou a cabeça.

— Disseram-me que decidi deixar o hospital.

— Exato. Finalmente conseguiu o que queria.

— E o que foi que eu quis? — perguntou Barker.

— Quis-me fora daqui desde o primeiro momento em que me viu. Bem, venceu. Já não consigo lutar mais contra você. Quando disse que matei o paciente, eu...

— a voz de Paige começou a falhar. — Penso que é um sádico filho da puta com coração de pedra e eu odeio-o.

— Sente-se — disse o Dr. Barker.

— Não. Não tenho mais nada para dizer.

— Bom, mas eu tenho. Quem diabo julga que...? — Parou subitamente e começou a ficar sufocado.

Enquanto Paige olhava horrorizada, ele agarrou-se ao peito e conseguiu sentar-se na cadeira, com o rosto torcido para um lado num grito pavoroso. Paige aproximou-se de imediato:

— Doutor Barker! — Pegou no telefone e gritou: — Código vermelho! Código vermelho!

O Dr. Peterson disse:

— Sofreu um infarto massivo. É muito cedo para dizer se irá conseguir superar.

“A culpa é minha”, pensou Paige. “Quis que morresse.” Sentiu-se miserável.

Voltou ao gabinete do Dr. Wallace:

— Lamento o que sucedeu — disse Paige. — Era um bom médico.

— Sim. É lamentável. Muito... — Wallace estudou-a por momentos. — Paige, se o doutor Barker não puder exercer mais, não quer pensar em continuar aqui?

Paige hesitou:

— Sim. Claro.

No prontuário lia-se: “John Cronin, sexo masculino, raça branca, idade 70. Diagnóstico: Tumor cardíaco.” Paige ainda não conhecia John Cronin. Estava marcado para uma cirurgia cardíaca. Ela entrou no quarto juntamente com uma enfermeira e um médico auxiliar. Sorriu cortesmente e saudou:

— Bom dia, senhor Cronin.

Tinham acabado de retirar os tubos e havia marcas de adesivo à volta da boca. Os frascos de soro estavam suspensos sobre a cabeça e os tubos foram inseridos no braço esquerdo.

Cronin olhou para Paige:

— Quem diabo é a senhora?

— Sou a doutora Taylor. Vou examiná-lo e...

— O diabo é que vai! Mantenha a merda das suas mãos longe de mim. Porque é que não me mandaram um verdadeiro médico?

O sorriso de Paige desvaneceu-se:

— Sou cirurgiã cardíaca. Vou fazer tudo o que puder para que volte a ficar bem.

— A senhora vai operar o meu coração?

— Exato. Eu...

John Cronin olhou para o médico auxiliar e disse:

— Por amor de Deus, isto é o melhor que este hospital pode fazer?

— Garanto-lhe que a doutora Taylor é bastante qualificada — respondeu o médico.

— Também o meu cu.

Paige perguntou em tom seco:

— Quer mandar vir o seu próprio cirurgião?

— Não tenho nenhum. Não posso pagar o que eles pedem. Vocês médicos são todos iguais. Só vos interessa o dinheiro. Querem lá saber das pessoas. Para vocês, nós somos apenas uns pedaços de carne, não é assim?

Paige tentava conservar a calma:

— Sei que neste preciso momento o senhor está nervoso, mas...

— Nervoso? Só porque vai me cortar o coração? — gritou. — Sei que vou morrer na mesa de operações. Você vai matar-me e espero que a condenem por assassinato!

— Basta! — disse Paige.

Ele sorriu maliciosamente:

— Não ficaria bem na sua ficha se eu morresse, não é, doutora? Talvez resolva deixar que me opere.

Paige sentiu que começava a arfar. Voltou-se para a enfermeira:

— Quero um eletrocardiograma e um painel químico. — Olhou pela última vez para John Cronin e, em seguida, voltou-se e saiu do quarto.

Quando Paige regressou uma hora mais tarde com os relatórios dos exames, John Cronin afirmou:

— Oh, a puta está de volta!

Paige operou John Cronin às seis horas da manhã seguinte.

Assim que o abriu, soube que não havia esperança.

O problema principal não era o coração. Os órgãos de Cronin apresentavam sinais de melanoma.

Um residente disse:

— Oh, meu Deus! O que podemos fazer?

— Podemos rezar para que não viva assim muito tempo.

Quando Paige saiu da sala de operações, uma mulher e dois homens esperavam-na no corredor. A mulher tinha trinta e muitos anos. Era ruiva, estava demasiado maquiada e usava um perfume barato e muito intenso. Trazia um vestido justo, que acentuava a sua figura voluptuosa. Os homens estavam na casa dos quarenta anos e eram ambos ruivos. Para Paige, os três pareciam fazer parte de um grupo de circo.

A mulher disse a Paige:

— A doutora Taylor é a senhora?

— Sim.

— Sou a senhora Cronin. Estes são os meus irmãos. Como está o meu marido?

Paige hesitou. Disse, cuidadosamente:

— A operação correu tão bem quanto esperávamos.

— Oh, graças a Deus! — disse melodramaticamente a Sra. Cronin, limpando os olhos com um lenço. — Morreria se acontecesse algo a John!

Paige sentiu que estava presenciando uma cena de teatro, representada por uma atriz barata.

— Já posso ver o meu querido?

— Ainda não, senhora Cronin. Ele está na sala de recuperação. Sugiro que volte amanhã.

— Voltarei. — Voltou-se para os homens: — Venham daí, filhos.

Paige ficou a vê-los afastarem-se. “Pobre John Cronin”, pensou.

Paige recebeu o relatório na manhã seguinte. O câncer tinha se disseminado por todo o corpo do paciente. Já era demasiado tarde para um tratamento de irradiação.

O oncologista disse a Paige:

- Só nos resta tentar fazer com que se sinta confortável. Vai ter dores infernais.
- Quanto tempo lhe resta?
- De uma a duas semanas no máximo.

Paige foi visitar John Cronin nos cuidados intensivos.

Estava dormindo. Já não era um homem amargo e mordaz, mas um ser humano lutando desesperadamente pela vida.

Estava ligado ao pulmão artificial e sendo alimentado por via intravenosa. Paige sentou-se ao lado, observando-o. Parecia cansado e derrotado. “É um dos azarados”, pensou Paige. “Mesmo com todos os milagres da medicina, nada podemos fazer para o salvar.”

Paige tocou-lhe suavemente no braço. Após algum tempo, saiu.

Mais tarde, Paige tornou a visitar John Cronin. Já não estava ligado ao pulmão artificial. Quando abriu os olhos e viu Paige, perguntou ainda tonto:

— A operação já terminou, hem?

Paige sorriu tranquilizadamente:

— Sim. Passei por aqui só para saber se se sente confortável.

— Confortável? — desdenhou. — O que é que isso lhe interessa?

Paige afirmou:

— Por favor. Não vamos brigar.

Cronin ficou silencioso, estudando-a:

— O outro médico disse-me que você fez um bom trabalho. — Paige nada disse.

— Tenho câncer, não é?

— Sim.

— Qual é a gravidade?

A pergunta colocou um dilema que todos os cirurgiões tinham de enfrentar, mais cedo ou mais tarde.

Paige respondeu:

— É bastante grave.

Houve um longo silêncio.

— E a irradiação ou quimioterapia?

— Lamento. Faria com que se sentisse ainda pior e isso não ajudaria em nada.

— Compreendi. Bem... tive uma vida boa.

— Tenho certeza que sim.

— Talvez julgue que não, olhando para mim agora; mas tive muitas mulheres.

— Acredito.

— Sim. Mulheres... bons bifes... bons charutos... É casada?

— Não.

— Devia ser. Todos deviam casar. Fui casado. Duas vezes. Primeiro, durante trinta e cinco anos. Ela era uma mulher maravilhosa. Morreu de ataque cardíaco.

— Lamento.

— Está tudo bem — suspirou. — Depois fui obrigado a casar com uma bimba. Ela e os seus dois famintos irmãos. Errei por ter sido tão estúpido, julgo eu. O cabelo ruivo dela excitava-me. Ela é um pedaço de mulher.

— Tenho certeza que ela...

— Sem ofensas, mas sabe porque é que estou nesta merda de hospital? Foi ela quem me trouxe para cá. Não queria gastar dinheiro com um hospital particular.

— Olhou para Paige.

— Quanto tempo tenho ainda?

— Quer ouvir a verdade?

— Não... sim.

— De uma a duas semanas.

— Meu Deus! As dores vão piorar, não é?

— Vou tentar mantê-lo o mais confortável possível, senhor Cronin.

— Trate-me por John.

— John.

— A vida é uma merda, não é?

— O senhor disse que teve uma boa vida.

— Tive. Torna-se cômico saber que tudo acabou. Para onde julga que vamos?

— Não sei.

Forçou um sorriso:

— Dir-lhe-ei quando lá chegar.

— Vem aí o medicamento. Posso fazer alguma coisa para o tornar mais confortável?

— Sim. Volte logo à noite para conversar comigo.

Era a folga de Paige e ela estava exausta.

— Voltarei logo mais.

Quando nessa noite Paige foi visitar John Cronin, este estava acordado.

— Como se sente?

Ele estremeceu:

— Terrível. Nunca suportei muito bem as dores. Acho que sou um fracote.

— Eu compreendo.

— Sei que já conhece a Hazel, hem?

— Hazel?

— A minha mulher. A bimba. Ela e os irmãos vieram ver-me. Disseram-me que tinham falado com você.

— Sim.

— Ela é boazona, não é? Tenho certeza que me meti num monte de encrencas por causa dela. Estão só à espera que eu bata as botas.

— Não diga isso.

— É verdade. A única razão por que Hazel se casou comigo foi por dinheiro.

Para dizer a verdade, não me importei muito. Passamos juntos muitos bons momentos na cama, mas depois ela e os irmãos começaram a ficar gananciosos. Estavam sempre querendo mais.

Os dois ficaram ali num confortável silêncio.

— Já lhe disse que costumava viajar muito?

— Não.

— Sim. Estive na Suécia... Dinamarca... Alemanha. Já estive na Europa?

Lembrou-se do dia em que fora à agência de viagens.

“Estou ansiosa por conhecer Londres. Paris é para onde gostaria de ir. Quero passear ao luar numa gôndola em Veneza.”

— Não. Nunca.

— Devia ir.

— Talvez vá um dia.

— Julgo que não ganha muito dinheiro trabalhando num hospital como este, hem?

— Ganho o suficiente.

Anuiu para si mesmo:

— Sim. Tem de ir à Europa. Faça-me um favor. Vá a Paris... fique no Crillon, jante no Maxim, peça um bife grande e alto e uma garrafa de champanhe e, quando estiver comendo esse bife e bebendo o champanhe, quero que pense em mim. Faze-me esse favor?

Paige respondeu lentamente:

— Um dia farei isso.

John Cronin estudou-a:

— Muito bem. Agora estou cansado. Voltará amanhã para conversar comigo?

— Voltarei — respondeu Paige.

John Cronin adormeceu.

Ken Mallory acreditava piamente na dona sorte e, depois de ter conhecido os Harrisons, passou a acreditar ainda mais que esta estava do seu lado. Era impensável que um homem tão rico quanto Alex Harrison fosse alguma vez parar ao Embarcadero County Hospital. “Fui eu quem lhe salvou a vida e ele pretende demonstrar a sua gratidão”, pensou Mallory, jubiloso. Tinha pedido a um amigo que lhe fornecesse informações sobre os Harrisons.

— A palavra rico nem sequer o define bem — disse o amigo. — É uma dúzia de vezes mais rico do que qualquer milionário. E tem uma filha muito bonita. Já foi casada três ou quatro vezes. A última, com um conde.

— Já conhece os Harrisons?

— Não. Não se misturam com zés-ninguém.

Um sábado de manhã, Alex Harrison telefonou a Ken Mallory.

— Ken, acha que estarei em forma para dar um jantar daqui a uma semana?

— Se não abusar, não vejo qualquer objeção — respondeu Mallory.

Alex Harrison sorriu:

— Ainda bem. Você é o convidado de honra.

Mallory sentiu-se subitamente excitado. “O velho sentiu mesmo o que disse.”

— Bem... obrigado.

— Lauren e eu contamos com você às sete e meia do próximo sábado à noite. —

E deu a Mallory um endereço na Nob Hill.

— Lá estarei — afirmou Mallory. “Podem ter a certeza!” Tinha prometido levar Kat ao teatro nessa noite, mas seria fácil cancelar. Recebera o dinheiro da aposta e gostara de ter relações sexuais com ela. Várias vezes por semana, conseguiram escapar para um dos quartos para médicos de plantão ou um dos quartos vazios do hospital, para o apartamento dele ou para o dela. “O fogo dela estivera muito tempo guardado”, pensou Mallory, alegremente, mas quando a explosão surgiu... uau! Bem, um destes dias terei de lhe dizer *arrivederci*”.

Quando chegou o dia do jantar em casa dos Harrisons, Mallory telefonou a Kat:

— Más notícias, querida.

— O que se passa, amor?

— Um dos médicos está doente e pediram-me que o substituísse. Lamento, mas vamos ter de cancelar a saída de hoje.

Kat não quis que percebesse o seu desapontamento nem o quanto queria estar com ele. Disse em voz normal:

— Esse é o negócio dos médicos, não é?

— Sim. Hei-de compensar-te.

— Não tem de me compensar de nada — disse, calorosamente.

— Amo-te.

— Ken, quando vamos falar de nós?

— O que quer dizer com isso?

Sabia exatamente a resposta. Um compromisso. Eram todas iguais. “Utilizam a rata como isca, na esperança de convencer um parvalho a passar a vida com elas.” Bem, ele era demasiado esperto para cair numa dessas. Quando chegasse o momento, terminaria tudo, tal como já tinha feito uma dúzia de vezes.

Kat perguntou:

— Não acha que devíamos marcar a data, Ken? Tenho muitos planos a fazer.

— Claro. Faremos isso.

— Pensei em junho. O que é que acha?

“Não queira saber o que é que eu acho. Se jogar as cartas certas haverá um casamento, mas não será com você.”

— Falaremos disso mais tarde, querida. Agora tenho mesmo de ir.

A casa dos Harrisons era uma mansão só vista em cinema, situada num vasto e

muito bem cuidado terreno. A casa por si só parecia nunca mais acabar. Estavam lá cerca de duas dúzias de convidados e, no enorme salão de visitas, tocava uma orquestra. Quando Mallory entrou, Lauren correu para cumprimentá-lo. Trazia um vestido de seda de ombros caídos.

Apertou a mão de Mallory e disse:

— Bem-vindo, convidado de honra. Fico feliz por aqui estar.

— Também eu. Como está o seu pai?

— Muito vivo, graças a você. O senhor é um verdadeiro herói nesta casa.

Mallory sorriu modestamente:

— Apenas cumpri o meu dever.

— Julgo que é isso que Deus diz todos os dias. — Pegou-lhe na mão e começou a apresentá-lo aos outros convidados.

Estes pertenciam à alta sociedade. Encontravam-se ali o governador da Califórnia, o embaixador francês, um juiz do Supremo Tribunal e uma dúzia de outras pessoas, como políticos, artistas e grandes homens de negócios.

Mallory sentia o poder na sala e isso causou-lhe um calafrio. “É aqui que eu pertença”, pensou. “Exatamente aqui, no meio desta gente.” O jantar foi delicioso e elegantemente servido. No final da noite, quando os convidados começaram a sair, Harrison disse a Mallory:

— Não tenha pressa de sair, Ken. Gostaria de falar com você.

— Com todo o prazer.

Harrison, Lauren e Mallory foram para a biblioteca.

Harrison sentou-se numa cadeira próximo da filha.

— Quando no hospital lhe disse que achava que tinha um grande futuro, disse-o sinceramente.

— Agradeço muito a sua confiança, sir.

— Devia estar praticando clínica privada.

Mallory sorriu, autodesvalorizando-se:

— Infelizmente, não é assim tão fácil, senhor Harrison. É preciso muito tempo para se obter prática e eu...

— Vulgarmente, sim. Mas você não é um homem vulgar.

— Não compreendo.

— Quando terminar a residência, o pai quer montar-lhe a sua própria clínica — disse Lauren.

Por um momento Mallory ficou sem saber o que dizer. Era fácil demais. Sentiu que estava vivendo um sonho maravilhoso.

— Eu... nem sei o que dizer.

— Tenho vários amigos muito ricos. Já falei sobre você com alguns deles. Garanto-lhe que será famoso no minuto em que pendurar a sua tabuleta.

— Pai, os advogados penduram tabuletas — disse Lauren.

— É claro. De qualquer modo, gostaria de o financiar. Está interessado?

Mallory tinha dificuldade em respirar:

— Bastante. Mas... não sei quando poderei pagar-lhe.

— Você não entendeu. Eu é que estou a pagar-lhe. Você não irá ficar devendo-me nada.

Lauren olhou melancólica para Mallory:

— Por favor, diga sim.

— Seria estúpido se recusasse, não seria?

— Exato — respondeu Lauren, suavemente. — E tenho certeza de que não é estúpido.

A caminho de casa, Ken Mallory estava eufórico. “É o máximo que vai conseguir”, pensou. Mas estava errado. Tornou-se ainda melhor.

Lauren telefonou-lhe:

— Espero que não se importe de misturar os negócios com o prazer.

Sorriu para si próprio:

— De modo algum. O que tem em mente?

— Há uma festa de caridade no próximo sábado à noite. Quer acompanhar-me?

“Oh, filha, vou acompanhar-te durante toda a noite.

— Com todo o prazer. — Estava de plantão no sábado à noite, mas iria telefonar dizendo que estava doente e eles teriam de arranjar alguém que o substituisse.

Mallory era um homem que acreditava em planejamento antecipado e o que estava lhe acontecendo agora ultrapassava os seus mais remotos sonhos.

Dentro de poucos dias seria introduzido no círculo social de Lauren e a sua vida daria um enorme passo em frente. Iria dançar com ela metade da noite e esperar que os dias de hospital passassem. Cada vez havia mais queixas do seu trabalho, mas ele não se importava com isso.

“Em breve estarei fora daqui”, disse para consigo.

A ideia de deixar aquele medonho hospital estatal e possuir a sua própria clínica era suficientemente excitante, mas Lauren era o bônus que a dona sorte lhe tinha dado.

Kat estava tornando-se um estorvo. Mallory tinha de estar sempre arranjando desculpas para não vê-la. Quando ela o pressionava, ele respondia:

— Querida, estou louco por ti... claro que quero casar contigo, mas neste momento eu... — e inventava uma quantidade de desculpas.

Foi Lauren quem sugeriu que os dois passassem o fim-de-semana na casa de campo da família, em Big Sur. Mallory adorou a ideia. “Está tudo correndo num mar de rosas”, pensou. “Vou ser o dono de todo este mundo!”

A casa situava-se no meio de colinas cobertas de pinheiros e era uma construção de madeira, azulejos e pedra, virada para o oceano Pacífico. Tinha um amplo quarto de casal, oito quartos para convidados, uma espaçosa sala de estar com

lareira de pedra, uma piscina interior e um enorme tanque de água quente.

Tudo cheirava a dinheiro antigo.

Quando entraram, Lauren virou-se para Mallory e disse:

— Dei o fim-de-semana de folga aos empregados.

Mallory sorriu:

— Bem pensado.

Abraçou-a e acrescentou, suavemente:

— Estou louco por você.

— Demonstra-me — afirmou Lauren.

Passaram o dia na cama e Lauren era quase tão insaciável como Kat.

— Está acabando comigo! — disse Mallory rindo.

— Ainda bem. Quero que não consiga fazer amor com mais ninguém. —

Sentou-se na cama. — Não existe mais ninguém, existe, Ken?

— Claro que não — respondeu Mallory com sinceridade. — Para mim, não existe mais ninguém no mundo senão você. Estou apaixonado por você, Lauren.

Tinha chegado o momento de se atirar, de resolver o seu futuro de uma vez por todas. Uma coisa era ser um médico famoso com clínica própria e outra era ser o genro de Alex Harrison.

— Quero casar com você.

Susteve a respiração, até ouvir a resposta dela.

— Oh, sim, querido — respondeu Lauren. — Sim.

No apartamento, Kat tentava desesperadamente encontrar Mallory. Ligou para o hospital.

— Lamento, doutora Hunter, mas o doutor Mallory não está de plantão e não responde ao bip.

— Ele não disse onde poderia ser encontrado?

— Não temos nada aqui.

Kat desligou o telefone e voltou-se para Paige:

— Pressinto que lhe aconteceu alguma coisa. Caso contrário, já teria me ligado.

— Kat, pode haver centenas de motivos por ainda não ter te ligado. Talvez tivesse de sair subitamente da cidade, ou...

— Tem razão. Tenho certeza que haverá uma boa desculpa.

Kat olhou para o telefone e desejou que tocasse.

Quando Mallory regressou a São Francisco, telefonou para o hospital para falar com Kat.

— A doutora Hunter não está de plantão — informou a recepcionista.

— Obrigado. — Mallory ligou para o apartamento.

Kat estava lá.

— Olá, querida!

— Ken! Onde estiveste? Tenho estado preocupada contigo. Liguei para todo o lado à sua procura...

— Tive uma urgência familiar — disse lentamente. — Desculpa. Não pude avisar-te. Tive de sair da cidade. Posso ir aí?

— Sabe que sim. Fico feliz por saber que você está bem. Eu...

— Daqui a meia hora. — Pousou o auscultador e pensou, feliz: “Chegou o momento”, disse, “de falar de muitas coisas. Kat querida, foi muito bom, mas... sabe como é.”

Quando Mallory chegou ao apartamento, Kat agarrou-se-lhe ao pescoço:

— Tive tantas saudades suas! — Não podia lhe dizer como tinha estado tão desesperadamente preocupada. Os homens detestavam esse tipo de coisas. Afastou-se um pouco:

— Querido, parece absolutamente exausto.

Mallory suspirou:

— Estou acordado há vinte e quatro horas. “Essa parte é verdade”, pensou.

Kat abraçou-o:

— Pobrezinho. Quer que te arrume alguma coisa?

— Não, estou bem. Tudo o que preciso é de uma boa noite de sono. Vamos sentar-nos, Kat. Temos de ter uma conversa. — Sentou-se no sofá, ao lado dela.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Kat.

Mallory respirou fundo.

— Kat, ultimamente tenho pensado muito em nós.

Ela sorriu:

— Eu também. Tenho novidades para te dar...

— Não, espera. Deixa-me acabar. Kat, acho que estamos precipitando os acontecimentos. Acho... acho que te pedi em casamento demasiado cedo.

Ela ficou pálida:

— O que... que você está dizendo?

— Estou dizendo que acho que devíamos adiar tudo.

Ela sentiu que o chão lhe fugia. Tinha dificuldade em respirar.

— Ken, não podemos adiar nada. Vou ter um filho seu.

Paige chegou a casa à meia-noite, esgotada. Tivera um dia exaustivo. Nem sequer conseguira almoçar e ao jantar comera apenas sanduíches entre as operações. Caiu na cama e adormeceu instantaneamente. Foi acordada pela campainha do telefone.

Tonta de sono, pegou no aparelho e automaticamente olhou para o relógio da mesinha-de-cabeceira. Eram três da manhã.

— Doutora Taylor? Peço desculpa por incomodá-la, mas um dos seus pacientes insiste em que a quer ver imediatamente.

A garganta de Paige estava tão seca que mal podia falar.

— Já sai do plantão — murmurou. — Não consigo arranjar mais alguém...?

— Ele não fala com mais ninguém. Diz que tem de ser a senhora.

— Quem é?

— John Cronin.

Endireitou-se:

— O que foi que aconteceu?

— Não sei. Recusa-se falar com mais alguém a não ser com a senhora.

— Está bem — disse, fatigada. — Vou já.

Trinta minutos mais tarde, Paige chegou ao hospital.

Foi diretamente ao quarto de John Cronin. Ele estava deitado, mas acordado.

Tinha tubos ligados ao nariz e aos braços.

— Obrigado por ter vindo. — A voz soou fraca e rouca.

Paige sentou-se numa cadeira ao lado da cama. Sorriu:

— Não faz mal, John. De qualquer modo, não tinha mais nada para fazer a não ser dormir. O que é que posso fazer por você, que mais ninguém neste imenso hospital poderia ter feito?

— Quero que converse comigo.

Paige resmungou:

— A esta hora? Pensei que fosse alguma emergência.

— É. Quero partir.

Ela abanou a cabeça:

— Isso é impossível. Não pode ir para casa agora. Não poderia receber o tipo de tratamento...

Ele interrompeu-a:

— Não quero ir para casa. Quero partir.

Olhou para ele e disse lentamente:

— O que é que está dizendo?

— Você sabe o que estou dizendo. Os medicamentos já não atuam. Não consigo suportar esta dor. Quero acabar com tudo.

Paige inclinou-se para a frente e pegou-lhe na mão:

— John, não posso fazer isso. Vou dar-lhe um...

— Não. Estou farto, Paige. Quero ir para onde quer que seja e não quero ficar aqui sofrendo assim. Já estou farto.

— John...

— Quanto tempo me resta? Alguns dias mais? Já lhe disse, não suporto bem as dores. Estou aqui deitado como um animal encurralado, cheio destes malditos tubos. O meu corpo está sendo consumido por dentro. Isto não é viver; é morrer. Por amor de Deus, ajude-me!

Contorceu-se todo devido a um espasmo súbito. Quando tornou a falar, a voz

estava ainda mais fraca.

— Ajude-me... por favor...

Paige sabia o que tinha a fazer. Tinha de comunicar o pedido de John Cronin a Wallace Benjamin. Ele passá-lo-ia à comissão administrativa. Esta iria reunir um grupo de médicos para estudar o estado de Cronin e depois tomariam uma decisão.

Depois disso, teria de ser aprovado pelo...

— Paige... a vida é minha. Deixe-me fazer com ela o que me apeteecer.

Ela olhou para a figura indefesa que gemia de dores.

— Imploro-lhe...

Ela pegou-lhe na mão e segurou-a durante um longo tempo. Quando falou, disse:

— Está bem, John. Fá-lo-ei.

Ele conseguiu sorrir ligeiramente:

— Sabia que podia contar com você.

Paige inclinou-se e deu-lhe um beijo na testa:

— Feche os olhos e tente dormir.

— Boa noite, Paige.

— Boa noite, John.

John Cronin suspirou e fechou os olhos, com um sorriso beatífico no rosto. Paige ficou vendo-o, pensando naquilo que estava prestes a fazer. Lembrou-se de como tinha ficado horrorizada no seu primeiro dia de rondas com o Dr. Radnor. “Há seis semanas que ela está em coma. Os sinais vitais estão falhando. Nada mais podemos fazer por ela. Vamos desligar a máquina esta tarde.

“Que mal há em libertar um ser humano do sofrimento?” Lentamente, como se estivesse caminhando debaixo de água, Paige levantou-se e dirigiu-se a um armário do canto, onde estava guardado um frasco de insulina para ser utilizado em caso de emergência. Pegou no frasco e ficou olhando para ele. Em seguida, abriu-o. Encheu uma seringa de insulina e aproximou-se de John Cronin. Ainda tinha tempo para recuar.

“Estou aqui deitado como um animal encurralado... Isto não é viver; é morrer. Por amor de Deus, ajude-me!”

Paige inclinou-se para a frente e, lentamente, injetou a insulina no soro ligado ao braço de Cronin.

— Durma bem — sussurrou Paige. Nem sequer tinha percebido que soluçava.

Paige foi para casa e ficou acordada o resto da noite, pensando no que tinha acabado de fazer.

Às seis horas da manhã, recebeu uma chamada telefônica de um dos residentes do hospital.

— Lamento dar-lhe uma má notícia, doutora Taylor. O seu paciente John Cronin morreu de ataque cardíaco esta manhã, muito cedo. O médico de plantão nessa manhã era o Dr. Arthur Kane.

Numa das vezes que Ken Mallory fora ver uma ópera, tinha adormecido. Nessa noite estava vendo Rigoletto no São Francisco Opera House, com todo o prazer. Estava sentado num camarote com Lauren Harrison e o pai. Durante um intervalo, no vestibulo da casa de ópera, Alex Harrison apresentou-o a um grande número de amigos.

— Este é Ken Mallory, meu futuro genro e médico brilhante.

Ser genro de Alex Harrison era suficiente para o tornar brilhante. Depois do espetáculo, os Harrisons e Mallory foram cear na elegante sala de jantar principal do Hotel Fairmont. Mallory gostou da deferência com que o maitre tratou Alex Harrison quando os conduziu ao lugar. “Daqui em diante, poderei entrar em lugares como este”, pensou Mallory, “e todos irão saber quem sou”.

Depois de terem feito os pedidos, Lauren disse:

— Querido, acho que devíamos fazer uma festa para anunciar o nosso noivado.

— É uma boa ideia! — afirmou o pai. — Será uma festa à altura. O que é que acha, Ken?

Souu uma campainha de alerta na mente de Mallory.

Uma festa de noivado significaria publicidade. “Primeiro, tenho de terminar tudo com Kat. Algum dinheiro e o assunto ficará arrumado.” Mallory amaldiçoou a aposta estúpida que fizera. Por uns meros dez mil dólares, talvez todo o seu brilhante futuro estivesse em risco. Imaginava o que aconteceria se tentasse explicar a existência de Kat aos Harrisons. “A propósito, esqueci-me de dizer que já estou comprometido com uma médica do hospital. Ela é negra...” Ou: “Querem ouvir uma coisa engraçada? Apostei dez mil dólares com os rapazes do hospital que conseguiria foder esta médica negra...”; Ou: “Já tenho um casamento planejado...” “Não”, pensou, “tenho de descobrir uma forma de afastar Kat.”

Olhavam na expectativa para Mallory, que sorriu:

— Uma festa, parece-me uma ideia maravilhosa.

Lauren acrescentou, entusiasmadamente:

— Ainda bem. Vou fazer os preparativos. Vocês homens nem calculam o trabalho que dá organizar uma festa.

Alex Harrison voltou-se para Mallory:

— Já dei um empurrão em seu favor, Ken.

— Sir?

— Gary Gitlin, o diretor do North Shore Hospital, é um velho companheiro de golfe. Falei-lhe de você e ele disse-me que não via qualquer inconveniente em sabê-lo integrado no hospital. Isso é bastante prestigioso, sabe? Por outro lado, vou tratar da sua própria clínica.

Mallory escutou, sentindo uma enorme euforia.

— Maravilhoso.

— É claro que são precisos alguns anos para construir uma clínica verdadeiramente lucrativa, mas penso que conseguirá fazer duzentos ou trezentos mil dólares no primeiro ou segundo ano.

“Duzentos ou trezentos mil dólares! Meu Deus!” Pensou Mallory. “Diz isso como se fossem amendoins.”,

— Isso... seria muito bom, sir.

Alex Harrison sorriu:

— Ken, uma vez que vou ser seu sogro, deixemos os sir de fora. Trate-me por Alex.

— Certo, Alex.

— Sabe, nunca fui uma noiva de junho — disse Lauren. — Junho está bom para você, querido?

Lembrou-se da voz de Kat: “Não acha que devíamos marcar a data? Pensei em junho.”

Mallory apertou a mão de Lauren.

— Por mim está tudo bem. — “Isso dá-me bastante tempo para resolver o assunto com Kat”, decidiu. Sorriu para si. “Vou oferecer-lhe algum do dinheiro que ganhei por tê-la levado para a cama.”

— Temos um iate no Sul da França — dizia Alex. — Vocês gostariam de passar a lua-de-mel na Riviera Francesa? Podem ir de avião até ao nosso Gulfstream.

Um iate. A Riviera Francesa. Era como o sonho tornado realidade. Mallory olhou para Lauren.

— Passaria a lua-de-mel com Lauren em qualquer lugar.

Alex Harrison concordou:

— Bem, parece que está tudo resolvido. — Sorriu para a filha: — Vou sentir saudades, querida.

— Não está me perdendo, pai. Está ganhando um médico!

Alex Harrison concordou:

— E um muitíssimo bom. Nunca poderei agradecer o suficiente por ter salvo a minha vida, Ken.

Lauren afagou a mão de Mallory:

— Agradeço-lhe pelo senhor.

— Ken, porque não almoçamos juntos na próxima semana? — perguntou Alex Harrison. — Poderemos escolher um local decente para o seu consultório, talvez no Post Building, e marcar-lhe-ei um encontro com Gary Gitlin. Muitos dos meus amigos estão ansiosos por conhecê-lo.

— Acho melhor repetir isso, pai — sugeriu Lauren e voltou-se para Ken. — Tenho conversado sobre você com as minhas amigas e também elas não vêem o momento de conhecerem-no; só que eu não lhes vou permitir isso.

— Só estou interessado em você — respondeu Mallory, calorosamente.

Quando entraram no seu Rolls-Royce com motorista, Lauren perguntou:

— Onde podemos deixar-te, querido?

— No hospital. Tenho de ver alguns pacientes. — Não tinha a intenção de ver qualquer paciente. Kat estava de plantão no hospital.

Lauren afagou-lhe o queixo:

— Meu pobre querido. Trabalha demasiado.

Mallory suspirou:

— Não tem importância. Desde que ajude os outros...

Mallory foi rapidamente ao vestiário dos médicos e trocou o casaco de jantar.

Encontrou Kat na ala geriátrica.

— Olá, Kat.

Estava zangada:

— Tínhamos um encontro na noite passada, Ken.

— Eu sei. Desculpa. Não pude aparecer e...

— É a terceira vez numa semana. O que se passa?

Ela estava tornando-se um impecilho.

— Kat, tenho de falar com você. Há por aí algum quarto vazio?

Pensou por momentos:

— Saiu um paciente do quarto trezentos e quinze. Vamos para lá. Começaram a atravessar o corredor. Uma enfermeira aproximou-se deles.

— Doutor Mallory! O doutor Peterson tem andado à sua procura. Ele...

— Diga-lhe que estou ocupado. — Pegou no braço de Kat e conduziu-a até ao elevador.

Quando chegaram ao terceiro andar, percorreram silenciosamente o corredor e entraram no quarto 315. Mallory fechou a porta atrás deles. Estava arfando. Todo o seu futuro dourado dependia dos próximos minutos. Pegou na mão de Kat. Chegara o momento de ser sincero.

— Kat, sabe que sou louco por você. Nunca senti por ninguém o que sinto por você. Mas, querida, a ideia de termos agora um filho... bem... não vê que é o momento errado? Quero dizer... ambos trabalhamos dia e noite, não ganhamos o suficiente para...

— Mas nos arrançaremos — afirmou Kat. — Amo-te, Ken, e eu...

— Espera. Só estou pedindo para adiar tudo por uns tempos. Deixa-me terminar o estágio no hospital e começar a praticar clínica privada em qualquer lugar. Talvez voltemos para o leste. Dentro de alguns anos já estaremos em condições para casar e ter um filho.

— Dentro de alguns anos? Mas já te disse que estou grávida.

— Eu sei, querida, mas só passaram quantos... dois meses? Ainda tem muito tempo para fazer um aborto.

Kat olhou para ele, chocada:

— Não! Não farei nenhum aborto. Quero que nos casemos imediatamente. Já.

“Temos um iate no Sul de França. Gostariam de passar a lua-de-mel na Riviera Francesa? Podem ir de avião até ao nosso Gulfstream.”

— Já disse a Paige e a Honey que vamos nos casar. Elas serão as minhas damas de honra. E já lhes contei tudo sobre o bebê.

Mallory sentiu um calafrio a percorrer-lhe o corpo. As coisas estavam fugindo do seu controle. Se os Harrisons soubessem disto, acabariam com ele.

— Não devia ter feito isso.

— Porque não?

Mallory forçou um sorriso:

— Quero manter privada a nossa vida particular. — “Vou montar a sua própria clínica... Deve conseguir fazer duzentos a trezentos mil dólares no primeiro ou segundo ano.” — Kat, vou pedir-te pela última vez. Faz um aborto? — Esperava que ela dissesse sim e fez a pergunta tentando esconder o desespero que sentia.

— Não.

— Kat...

— Não posso, Ken. Conte-te o que senti no aborto que fiz quando era garota. Jurei que nunca mais passaria pelo mesmo. Não me peça isso.

E foi nesse momento que Ken Mallory percebeu que não podia correr riscos. Não havia alternativa. Teria de a matar.

Todos os dias Honey sentia-se ansiosa por ver o paciente do quarto 316. Chamava-se Sean Kelly e era um irlandês bem-apegoado, de cabelos e olhos negros muito brilhantes.

Honey calculava que ele tivesse cerca de quarenta anos.

Quando o conheceu numa das rondas, olhou para o prontuário dele e disse:

— Vejo que está aqui devido a uma colecistectomia.

— Pensei que fosse me tirar a vesícula biliar.

Honey sorriu:

— É a mesma coisa.

Sean fixou nela os seus olhos negros:

— Podem tirar tudo o que quiserem, menos o meu coração. Esse pertence-lhe.

Honey desatou a rir:

— Os elogios hão-de levá-lo a todos os lados.

— Assim o espero, querida.

Sempre que Honey tinha tempo, ia ao quarto para conversar com Sean. Era encantador e divertido.

— Vale a pena ser operado só para a ter por perto, queridinha.

— Não está nervoso por causa da operação? — perguntou.

— Não, se for você a operar, amor.

— Não sou cirurgiã. Sou interna.

— Os internos têm permissão para jantar com os seus pacientes?

— Não. Há uma regra contra isso.
— Os internos cumprem sempre as regras?
— Sempre — respondeu Honey sorrindo.
— Acho-a bonita — disse Sean.
Nunca ninguém tinha lhe dito isso. Ficou corada.
— Obrigada.
— Você me faz lembrar o orvalho fresco da manhã nos campos de Killarney.
— Já esteve na Irlanda? — perguntou Honey.
Ele riu-se:
— Não, mas prometo-lhe que iremos até lá juntos. Verá.
Era uma ridícula bajulação irlandesa e, no entanto...

Quando nessa tarde foi ver Sean, Honey perguntou:

— Como se sente?
— Melhor, só de a ver. Já pensou no nosso jantar?
— Não — disse Honey. Estava mentindo.
— Pensei que, depois da minha operação, a pudesse convidar. Não é comprometida, casada ou qualquer coisa estúpida dessas, é?
Honey sorriu:
— Nada dessas coisas estúpidas.
— Ainda bem! Nem eu. Quem havia de me querer?
“Muitas mulheres”, pensou Honey.
— Se gosta de comida caseira, acontece que sou boa cozinheira.
— Veremos.

Quando foi ver Sean na manhã seguinte, ele disse:

— Tenho um pequeno presente para você. — E entregou-lhe uma folha de papel de desenho. Nele estava um esboço leve e idealizado de Honey.
— Está lindo! — disse Honey. — Você é um artista maravilhoso! — E subitamente lembrou-se das palavras da médium: “Você vai apaixonar-se. Ele é artista.” Olhou de forma estranha para Sean.
— Passa-se algo de errado?
— Não — respondeu Honey, lentamente. — Não.

Cinco minutos mais tarde, Honey entrava no quarto de Frances Gordon. A médium estava sempre sendo readmitida para fazer uma série de exames.

— Aqui vem a virgem!

Honey perguntou:

— Lembra-se de ter me dito que iria apaixonar-me por alguém... por um artista?
— Sim.
— Bem, eu... eu penso que acabei de o conhecer.
Frances Gordon sorriu:

— Vê? As estrelas nunca mentem.

— Pode... pode falar-me um pouco sobre ele? Sobre nós?

— Existem cartas de tarot naquela gaveta além. Pode trazê-las, por favor?

Quando Honey entregou as cartas, pensou: “Isto é ridículo! Não acredito nisto!”

Frances Gordon estava espalhando as cartas. Abanava constantemente a cabeça, abanava e sorria e subitamente parou.

O rosto ficou pálido.

— Oh, meu Deus! — Olhou para Honey.

— O que é... que aconteceu? — perguntou Honey.

— Este artista. Diz que já o conhece?

— Penso que sim.

A voz de Frances Gordon soou triste:

— Pobre homem. — Fitou Honey. — Lamento... lamento muito.

Sean Reilly tinha a operação marcada para a manhã do dia seguinte. Oito e quinze da manhã. O Dr. William Radnor já se encontrava na SO dois preparando-se para a operação.

Oito e vinte e cinco da manhã. Um caminhão que transportava o carregamento semanal de bolsas de sangue parou na entrada das urgências do Embarcadero County Hospital. O condutor levou as bolsas para o banco de sangue. Eric Foster, o médico residente de plantão, estava tomando café com uma bonita e jovem enfermeira, de nome Andrea.

— Onde quer isto? — perguntou o condutor.

— Deixe-os aí — respondeu Foster, apontando para um canto.

— Certo. — O condutor pousou as bolsas e puxou de um formulário. — Preciso do seu autógrafo.

— Certo. — Foster assinou o formulário. — Obrigado.

— Não tem de quê. — E o condutor saiu.

Foster virou-se para Andrea:

— Onde estávamos?

— Estava dizendo-me como sou adorável.

— Exato. Se não fosse casada, andaria atrás de você — disse o residente. — Nunca sai por aí?

— Não. O meu marido é pugilista.

— Oh. Tem alguma irmã?

— Na realidade, tenho.

— Ela é tão bonita quanto você?

— Ainda mais.

— Como é que se chama?

— Marilyn.

— Porque não saímos os quatro numa destas noites?

Enquanto conversavam, a máquina de fax começou a fazer barulho. Foster ignorou-a.

Oito e quarenta e cinco da manhã. O Dr. Radnor começou a operar Sean Reilly. No início, tudo correu bem.

A sala de operações funcionou como uma máquina bem oleada, conduzida por profissionais que sabiam o que estavam fazendo.

Nove e cinco da manhã. O Dr. Radnor atingiu o canal cístico. Até esse momento, a operação corria como mandavam os livros. Quando começou a extirpar a vesícula biliar, a mão escorregou-lhe e o bisturi cortou uma artéria. O sangue começou a correr.

— Meu Deus! — disse, tentando parar a hemorragia.

O anestesista avisou em voz alta:

— A pressão arterial acaba de cair para noventa e cinco. Vai entrar em estado de choque!

Radnor voltou-se para a enfermeira auxiliar:

— Mande vir mais sangue para cima, stat!

— Imediatamente, doutor.

Nove e seis da manhã. O telefone tocou no banco de sangue.

— Não vá embora — disse Foster a Andrea. Passou pela máquina de fax, que tinha parado de fazer barulho, e atendeu o telefone: — Banco de sangue.

— Precisamos de quatro unidades do tipo O para a sala de operações dois, stat.

— Certo.

Foster desligou o telefone e dirigiu-se ao canto onde fora depositado o novo sangue. Pegou em quatro bolsas e colocou-os na prateleira superior do carro de transporte metálico, utilizado em caso de emergência. Tornou a verificar as bolsas.

“Tipo O”, disse em voz alta. Mandou chamar um funcionário.

— O que se passa? — perguntou Andrea.

Foster olhou para o horário à sua frente.

— Parece que um dos pacientes está dando trabalho ao doutor Radnor.

Nove e dez da manhã. O funcionário entrou no banco de sangue.

— O que temos aqui?

— Leve isto à sala de operações dois. Estão à espera.

Ficou vendo o funcionário afastar-se com o carro e depois voltou-se para Andrea:

— Fala-me da sua irmã.

— Também é casada.

— Oh...

Andrea sorriu:

— Mas sai de vez em quando.

— Sai mesmo?

— Estou só brincando. Tenho de voltar para o trabalho, Eric. Obrigada pelo café.

— De nada. — Ficou vendo-a sair e pensou: “Que cu tão bom!”

Nove e doze da manhã. O funcionário esperava pelo elevador que o levaria ao segundo andar.

Nove e treze da manhã. O Dr. Radnor tentava tudo por tudo para minimizar a catástrofe.

— Onde está o maldito sangue?

Nove e quinze da manhã. O funcionário bateu à porta da SO dois e a enfermeira auxiliar abriu-a.

— Obrigada — disse. Levou as bolsas para a sala.

— Aqui está, doutor.

— Comecem a fazer a transfusão. Rápido!

No banco de sangue, Eric Foster terminou o café enquanto pensava em Andrea. “Todas as mulheres bonitas são casadas. “

Quando se dirigiu à secretária, passou pela máquina de fax. Puxou a mensagem e leu:

Chamada de Alerta 687, Junho 25: Glóbulos Vermelhos, Plasma Fresco Congelado. Unidades CB83711, CB800007. Community Blood Bank of California, Arizona, Washington, Oregon. Foram distribuídos produtos sanguíneos repetidamente examinados e provado serem reativos ao Anticorpo HIV tipo 1.

Olhou um momento para o fax, depois aproximou-se da secretária e pegou na fatura que assinara quando os sacos de sangue foram entregues. Olhou para o número desta. O número do alerta era idêntico.

— Oh, meu Deus! — disse. Pegou no telefone. — Ligue-me para a sala de operações dois, rápido!

Atendeu uma enfermeira.

— Daqui fala o banco de sangue. Acabei de mandar para cima quatro unidades do tipo O. Não utilizem! Vou já mandar outro sangue. A enfermeira respondeu:

— Lamento, mas já é demasiado tarde.

O Dr. Radnor deu a notícia a Sean Reilly.

— Foi um erro — disse Radnor. — Um erro terrível. Dava tudo para que não tivesse acontecido.

Sean olhou para ele, chocado:

— Meu Deus! Vou morrer.

— Só saberemos se é HIV positivo dentro de seis a oito semanas. E mesmo que

seja, isso não significa necessariamente que irá ter AIDS. Iremos fazer tudo o que pudermos.

— Que mais poderão fazer por mim que já não tenham feito? — perguntou Sean em tom amargo. — Sou um homem morto.

Quando Honey soube da notícia, ficou arrasada.

Lembrou-se das palavras de Frances Gordon. “Pobre homem.”

Sean Reilly estava dormindo quando Honey entrou no quarto.

Sentou-se ao lado da cama durante muito tempo, olhando para ele. Quando abriu os olhos, viu Honey:

— Sonhei que estava sonhando e que não ia morrer.

— Sean...

— Veio ver o cadáver?

— Por favor, não fale assim.

— Como é que isto pôde acontecer? — gritou.

— Alguém cometeu um erro, Sean.

— Meu Deus, não quero morrer de AIDS!

— Algumas pessoas com HIV nunca sofrem de AIDS. Os Irlandeses são tipos com sorte!

— Quem me dera poder acreditar em você.

Honey pegou na mão dele e disse:

— Tem de acreditar.

— Não sou homem para rezar — disse Sean —, mas pode ter certeza de que passarei a fazê-lo a partir deste momento.

— Rezarei com você — afirmou Honey.

Ele sorriu de esguelha:

— Julgo que podemos esquecer aquele jantar, eh?

— Oh, não. Não se livra dele com essa facilidade. Estou ansiosa por isso.

Estudou-a por momentos:

— Está dizendo a verdade, não está?

— Pode crer que sim! Aconteça o que acontecer. Lembre-se, prometeu levar-me à Irlanda.

— Sente-se bem, Ken? — perguntou Lauren. — Parece tenso, querido.

Estavam sós na ampla biblioteca de Alex Harrison.

Uma criada e o mordomo tinham servido um jantar de seis pratos e, durante a refeição, ele e Alex Harrison (“Trate-me por Alex”) tinham conversado sobre o seu brilhante futuro.

— Porque está tão tenso?

“Porque a puta de uma negra grávida espera que me case com ela. Porque a qualquer momento irá espalhar-se a notícia do nosso noivado e ela ficará

sabendo e deitará tudo por terra. Porque todo o meu futuro poderá ser destruído.”

Pegou na mão de Lauren:

— Acho que estou trabalhando demais. Para mim, os meus pacientes não são apenas pacientes, Lauren. São seres que sofrem e eu não consigo deixar de me preocupar com eles.

Ela afagou-lhe o rosto:

— Essa é uma das coisas que adoro em você, Ken. Preocupa-se tanto.

— Acho que foi por isso que nasci.

— Oh, esqueci-me de te dizer. O editor social da Chronicle e um fotógrafo vêm cá na segunda-feira para fazerem uma entrevista.

Foi como um soco no estômago.

— Há alguma possibilidade de poder estar aqui comigo, querido? Querem tirar uma fotografia sua.

— Gostaria... de poder, mas tenho muito trabalho marcado no hospital. — O raciocínio corria veloz. — Lauren, acha boa a ideia de dar uma entrevista agora? Quero dizer, não devíamos esperar até...?

Lauren deu uma gargalhada:

— Não conhece a imprensa, querido. São como sanguessugas. Não, é melhor acabar com isso de uma vez.

“Segunda-feira! “

Na manhã seguinte, Mallory encontrou Kat num quarto utilitário. Parecia cansada e abatida. Não trazia maquiagem e o cabelo não estava enrolado. “Lauren nunca sairia assim”, pensou Mallory.

— Olá, querida!

Kat não respondeu.

Mallory abraçou-a:

— Tenho pensado muito em nós, Kat. Ontem à noite nem consegui dormir. Para mim, não existe mais ninguém. Você tinha razão e eu estava errado. Acho que a notícia foi uma espécie de choque para mim. Quero que tenha o nosso filho.

Reparou no brilho súbito que surgiu no rosto de Kat.

— Sente mesmo o que diz, Ken?

— Pode crer que sim.

Atirou-se ao pescoço dele:

— Graças a Deus! Oh, querido. Estava tão preocupada. Não sei o que faria sem você.

— Não tem de se preocupar com isso. Daqui em diante, tudo vai ser maravilhoso. — “Nem calcula como.” — Estou de folga no domingo à noite. Estará livre?

Apertou-lhe a mão:

— Farei tudo para estar livre.

— Ótimo! Jantaremos num lugar sossegado e depois iremos para sua casa, para uma última bebida. Acha que consegue livrar-se de Paige e Honey? Quero estar sozinho com você.

Kat sorriu:

— Não há problema. Não calcula como me fez feliz. Já alguma vez te disse o quanto te amo?

— Eu também te amo. Mostrar-te-ei quanto no domingo à noite.

Analisando tudo de novo, Mallory decidiu que o plano era infalível. Tinha-o preparado até ao menor detalhe. De maneira alguma poderia ser acusado da morte de Kat.

Era demasiado arriscado conseguir o que queria da farmácia do hospital, pois a segurança tinha sido reforçada depois do caso de Bowman. Assim, no domingo de manhã muito cedo, Mallory foi procurar uma farmácia longe das redondezas onde morava.

Grande parte delas estavam fechadas. Percorreu várias até encontrar uma que estivesse aberta.

O farmacêutico atrás do balcão disse:

— Bom dia. Posso servi-lo?

— Sim. Vou ver um paciente nesta zona e quero aviar-lhe uma receita. — Tirou o bloco de receitas e escreveu algo.

O farmacêutico sorriu:

— Atualmente, poucos são os médicos que fazem visitas domiciliares.

— Eu sei. É pena, não é? Já ninguém se preocupa. — Entregou a folha de papel ao farmacêutico.

Este leu e anuiu com a cabeça:

— Isto leva apenas alguns minutos.

— Obrigado.

Primeiro passo.

Nessa tarde, Mallory deu um pulo no hospital. Não esteve lá mais de dez minutos e, quando saiu, transportava um pequeno pacote.

Segundo passo.

Mallory tinha combinado encontrar-se com Kat no Trader Vic para jantar e já estava à espera quando ela chegou. Viu-a aproximar-se da mesa e pensou: “É a sua última ceia, puta.”

Levantou-se e sorriu-lhe calorosamente:

— Olá, boneca. Você está linda. — Teve de se render: tinha um aspecto sensacional. “Poderia ter sido modelo. E é ótima na cama. Tudo o que lhe falta”, pensou Mallory, “são cerca de vinte milhões de dólares, mais coisa ou menos

coisa”.

Kat percebeu mais uma vez como as outras mulheres do restaurante olhavam para Ken, invejando-a. Mas ele só tinha olhos para ela. Era o velho Ken, amoroso e atencioso.

— Que tal foi o seu dia? — perguntou ele.

— Tive muito trabalho — suspirou Kat —, três operações de manhã e duas à tarde. — Inclinou-se para a frente. — Sei que ainda é muito cedo, mas podia jurar que senti o bebê dando um pontapé quando estava vestindo-me. Mallory sorriu:

— Talvez queira ir para fora.

— Devíamos fazer uma ecografia para saber se é menino ou menina. Nessa altura, já poderei começar a comprar-lhe as roupinhas.

— Boa ideia.

— Ken, podemos marcar a data de casamento? Gostaria de casar o mais depressa possível.

— Não há problema — respondeu Mallory com a maior das facilidades. — Podemos pedir uma licença para a próxima semana.

— Maravilhoso! — De repente, teve uma ideia: — Talvez pudéssemos tirar uns dias para irmos a qualquer lugar passar a nossa lua-de-mel. Num local não muito longe... até Oregon ou Washington.

“Errado, querida. Eu estarei em lua-de-mel em junho, no meu iate e na Riviera Francesa.”

— A ideia parece-me ótima. Vou falar com Wallace.

Kat apertou-lhe a mão:

— Obrigada — disse baixinho. — Serei para você a melhor esposa do mundo.

— Tenho certeza disso. — Mallory sorriu: — Agora coma os seus legumes. Queremos que o bebê seja saudável, não é assim?

Saíram do restaurante às nove da noite. Quando se aproximavam do prédio onde Kat vivia, Mallory perguntou:

— Tem certeza que Paige e Honey não estarão em casa?

— Certifiquei-me disso — respondeu Kat. — Paige está de plantão no hospital e disse a Honey que queríamos estar sozinhos.

“Merda!”

Kat notou a expressão no rosto dele:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, querida. Já tinha lhe dito, gosto de manter a nossa privacidade! — “Preciso ter cuidado”, pensou. “Muito cuidado.” — Vamos depressa.

A impaciência dele excitou Kat.

Já no apartamento, Mallory pediu:

— Vamos para o quarto.

— Parece-me uma ótima ideia — concordou Kat.

Mallory viu Kat despir-se e pensou: “Ainda tem um corpo magnífico. Um bebê iria estragá-lo.”

— Não vai se despir, Ken?

— Claro. — Lembrou-se do dia em que ela o fez despir-se e depois o abandonou. Bem, iria pagar por isso. Tirou lentamente a roupa. “Saberei fazer teatro?” pensou. Quase tremia de nervoso. “O que vou fazer é culpa dela. Não minha. Dei-lhe a oportunidade de voltar atrás e ela foi demasiado estúpida em não aceitar.” Deitou-se ao seu lado na cama e sentiu-lhe o corpo contra o seu. Começaram a acariciar-se um ao outro e ele sentiu que estava ficando excitado. Penetrou nela e ela começou a gemer de prazer.

— Oh, querido... é tão bom — Ela começou a mover-se cada vez mais depressa.

— Sim... sim... oh, meu Deus!... Não pare... — O seu corpo começou a mover-se bruscamente, em seguida estremeceu e permaneceu imóvel nos seus braços.

Virou-se para ele e perguntou, ansiosa:

— Você...?

— Claro — mentiu Mallory. Estava demasiado tenso. — Que tal uma bebida?

— Não. Não devo beber. O bebê...

— Mas, amor, isto é uma celebração. Uma pouco de bebida não vai fazer mal.

Kat hesitou:

— Está bem. Bem pouco. — Kat começou a levantar-se. Mallory impediu-a:

— Não, não. Você fica na cama, “mamã”. Tem de se habituar a ser mimada.

Kat olhou para Mallory enquanto este se dirigia à sala de estar e pensou: “Sou a mulher com mais sorte do mundo! Mallory aproximou-se do pequeno bar e colocou um pouco de uísque em dois copos. Espreitou o quarto para se certificar de que não podia ser visto e depois dirigiu-se ao sofá, onde pousara o casaco. Tirou um pequeno frasco do bolso e colocou o conteúdo na bebida de Kat. Voltou ao bar, misturou a bebida e cheirou-a. Não havia qualquer odor. Levou os dois copos para o quarto e entregou um a Kat.

— Vamos fazer um brinde ao nosso filho — pediu Kat.

— Certo. Ao nosso filho.

Ken viu Kat tomar um gole da bebida.

— Havemos de encontrar algures um bom apartamento — disse ela, com ar sonhador. — Montarei um berçário. Vamos estragar o nosso filho com mimos, não vamos? — Deu outro gole.

Mallory concordou:

— Absolutamente. — Examinou-a. — Como se sente?

— Maravilhosa. Tenho estado tão preocupada conosco, querido, mas agora já não estou.

— Ainda bem — afirmou Mallory. — Não tem de se preocupar com nada. Os olhos de Kat estavam ficando pesados.

— Não — disse. — Não tenho de me preocupar com nada. — As palavras

começaram a fugir. — Ken, sinto-me esquisita. — Começava a desfalecer.

— Não devia ter ficado grávida.

Olhou para ele, espantada:

— O quê?

— Você estragou tudo, Kat.

— Estraguei...? — Tinha dificuldade em concentrar-se.

— Meteu-se no meu caminho.

— O quê...”

— Ninguém se mete no meu caminho.

— Ken, sinto-me tonta.

Ficou ali, vendo-a.

— Ken... ajuda-me, Ken... — A cabeça caiu sobre a almofada.

Mallory olhou de novo para o relógio. Ainda tinha muito tempo.

Honey foi a primeira a chegar ao apartamento e a encontrar o corpo mutilado de Kat caído numa poça de sangue no chão do banheiro, de frios azulejos brancos.

A seu lado, uma cureta suja de sangue. Tinha-se esvaído em sangue pelo ventre.

Honey permaneceu ali em estado de choque.

— Oh, meu Deus! — A voz soou como um sussurro estrangulado.

Ajoelhou-se ao lado do corpo e, tremendo, colocou o polegar contra a carótida.

Não havia pulsação.

Honey correu para a sala de estar, pegou no telefone e discou 115. Uma voz masculina respondeu;

— Um-um-cinco, urgências.

Honey ficou paralisada, incapaz de falar.

— Um-um-cinco, urgências... Está aí...?

— So... corro! Eu... está aqui... — Engasgara-se com as suas próprias palavras.

— El... ela está morta.

— Quem está morta, miss?

— Kat.

— A sua gata (em inglês, cat) morreu?

— Não! — gritou Honey. — Kat está morta. Mande alguém para cá, imediatamente.

— Minha senhora...

Honey desligou o telefone. Com os dedos tremendo, discou o número do hospital.

— A doutora Taylor. — A voz parecia um murmúrio de agonia.

— Um momento, por favor.

Honey apertou o telefone e esperou dois minutos até ouvir a voz de Paige:

— Doutora Taylor.

— Paige! Tem... tem de vir imediatamente para casa!

— Honey? O que aconteceu?

— A Kat está... morta.
— O quê? — A voz de Paige soou incrédula. — Como?
— Parece... parece que tentou fazer ela mesma um aborto.
— Oh, meu Deus! Está bem. Estarei aí o mais depressa possível.

Quando Paige chegou ao apartamento, estavam lá dois policiais, um detetive e um inspetor. Honey estava no quarto dela, com uma grande dose de calmantes. O inspetor estava inclinado sobre o corpo nu de Kat. O detetive levantou a cabeça quando Paige entrou no banheiro ensanguentada.

— Quem é a senhora?

Paige olhou para o corpo sem vida. Estava pálida.

— Sou a doutora Taylor. Moro aqui.

— Talvez a senhora possa ajudar-me. Sou o inspetor Burns. Já tentei falar com a outra senhora que vive aqui. Está histérica. O médico deu-lhe um calmante.

Paige desviou o olhar da terrível cena que estava no chão.

— O que... que deseja saber?

— Ela morava aqui?

— Sim.

“Vou ter o filho de Ken. Até que ponto será bom?”

— Parece que ela tentou livrar-se da criança e estragou tudo — disse o detetive.

Paige ficou ali, com a cabeça rodando. Quando conseguiu falar, disse:

— Não acredito nisso.

O inspetor Burns estudou-a por momentos:

— Porque é que não acredita nisso, doutora?

— Ela queria ter o bebê. — Começava de novo a pensar com clareza. — O pai é que não queria.

— O pai?

— O doutor Ken Mallory. Trabalha no Embarcadero County Hospital. Não queria casar-se com ela. Ouça, Kat é... era... — tornava-se doloroso dizer que “era” — médica. Se ela quisesse fazer um aborto, de modo algum tentaria fazê-lo ela própria no banheiro. — Paige abanou a cabeça. — Aqui há algo errado. O médico levantou-se, afastando-se do corpo.

— Talvez tivesse tentado sozinha por não querer que mais ninguém soubesse da existência do bebê.

— Isso não é verdade. Foi ela quem nos contou.

O inspetor Burns olhou para Paige e perguntou:

— Ela passou a noite sozinha?

— Não. Tinha um encontro com o doutor Mallory.

Ken Mallory estava deitado, revendo cuidadosamente os acontecimentos dessa noite. Reviu todos os passos, certificando-se de que não havia pontas soltas.

“Perfeito” decidiu. Permaneceu deitado, pensando no porquê da polícia levar tanto tempo a chegar e, enquanto pensava nisso, a campainha tocou. Mallory deixou-a tocar três vezes e depois levantou-se, vestiu um roupão e dirigiu-se à sala de estar.

Aproximou-se da porta:

— Quem é? — A voz soou ensonada.

Alguém perguntou:

— Doutor Mallory?

— Sim.

— Inspetor Burns. Departamento da Polícia de São Francisco.

— Departamento da Polícia? — Deu a voz o tom de surpresa exato. Mallory abriu a porta.

O homem que ali se encontrava mostrou o distintivo.

— Posso entrar?

— Sim. O que se passa?

— Conhece uma doutora Hunter?

— Claro que sim. — Surgiu-lhe no rosto uma expressão de alarme. — Aconteceu alguma coisa a Kat?

— Esteve com ela esta noite?

— Sim. Meu Deus! Diga-me o que aconteceu! Ela está bem?

— Lamento, mas tenho uma má notícia. A doutora Hunter morreu.

— Morreu? Não posso acreditar. Como?

— Aparentemente, tentou fazer sozinha um aborto e correu mal.

— Oh, meu Deus! — disse Mallory. Afundou-se numa cadeira. — A culpa é minha.

O inspetor examinava-o:

— Sua culpa?

— Sim. Eu... A doutora Hunter e eu íamos casar. Disse-lhe que achava que não era muito boa ideia ter um filho agora. Quis esperar e ela concordou. Sugeriu-lhe que fosse para o hospital para cuidarem dela, mas ela deve ter decidido... não... não consigo acreditar.

— A que horas saiu, doutor Mallory?

— Deviam ser cerca das dez horas. Deixei-a à porta e parti.

— Não entrou no apartamento?

— Não.

— A doutora Hunter falou sobre o que tinha planejado fazer?

— Quer dizer, sobre o...? Não. Nem uma única palavra.

O inspetor Burns tirou um cartão do bolso.

— Doutor, se se lembrar de mais alguma coisa que possa ser útil, agradeço-lhe que me telefone.

— Com certeza. Eu... nem calcula o choque que isto foi.

Paige e Honey passaram toda a noite acordadas, conversando sobre o que sucedera a Kat, revendo tudo uma e outra vez, sem conseguirem acreditar. Às nove horas, apareceu o inspetor Burns.

— Bom dia. Quis comunicar-lhes de que falei ontem à noite com o doutor Mallory.

— Ele está mentindo — assegurou Paige. Ficou pensativa: — Espere! Encontraram algum vestígio de sêmen no corpo de Kat?

— Sim, de fato encontraram.

— Bem, então — disse Paige, excitada —, isso prova que ele está mentindo. Ele levou-a mesmo para a cama e...

— Esta manhã fui falar com ele sobre isso. Diz que tiveram relações antes de saírem para jantar.

— Oh. — Não iria desistir. — As impressões digitais dele estarão na cureta que utilizou para a matar. — A voz soou ansiosa. — Encontrou impressões digitais?

— Sim, doutora — respondeu, pacientemente. — Eram dela.

— Isso é imp... Espere! Então, ele usou luvas e quando terminou, colocou as impressões dela na cureta. O que é que acha?

— Acho que alguém andou vendo demasiados episódios da série televisiva Crime. — Disse ele.

— O senhor não acredita que Kat foi assassinada, não é?

— Lamento, mas não.

— Já fizeram a autópsia?

— Sim.

— E?

— O médico classificou a morte de acidental. O doutor Mallory disse-me que ela decidiu não ter o bebê, por isso aparentemente ela...

— Foi para o banheiro e golpeou-se a si própria? — interrompeu Paige. — Por amor de Deus, inspetor! Ela era médica, uma cirurgiã! De modo algum faria uma coisa dessas a si própria.

O inspetor Burns perguntou, pensativamente:

— Acha que Mallory a persuadiu a fazer um aborto, tentou ajudá-la e depois saiu quando as coisas correram mal?

Paige abanou a cabeça:

— Não. Não podia ter acontecido assim. Kat nunca teria concordado. Ele matou-a premeditadamente. — Estava pensando em voz alta: — Kat era forte. Teria de estar inconsciente para que ele... conseguisse fazer o que fez.

— A autópsia não apresenta sinais de pancada ou de qualquer outra coisa que pudesse tê-la deixado inconsciente. Nenhuma nódoa negra na garganta...

— Havia vestígios de soníferos ou...?

— Nada. — Reparou na expressão do rosto de Paige. — Não me parece que

tivesse sido um assassinato. Julgo que a doutora Hunter fez um mau juízo e... desculpe.

Viu-o dirigir-se para a porta.

— Espere! — disse Paige. — O senhor tem um motivo.

Ele voltou-se.

— Nem por isso. Mallory diz que ela concordou em fazer o aborto. Isso não nos deixa muita coisa, não é?

— Deixa-vos com um assassinato — respondeu Paige, insistentemente.

— Doutora, o que não temos é qualquer prova. É a palavra dele contra a da vítima e esta morreu. Lamento muito.

Paige viu-o retirar-se.

“Não deixarei que Ken Mallory escape desta”, pensou, desesperada.

Jason foi visitar Paige.

— Soube o que aconteceu — disse. — Nem consigo acreditar! Como é que ela foi capaz de fazer o que fez?

— Não foi ela — disse Paige. — Foi assassinada. — E contou a Jason a conversa que tivera com o inspetor Burns” — A Polícia não vai fazer nada quanto a este assunto. Pensam que foi um acidente. Jason, foi por minha culpa que Kat morreu.

— Sua culpa?

— Além do mais, fui eu que a persuadi a sair com Mallory. Ela não queria. Tudo começou com uma brincadeira estúpida e ela depois... apaixonou-se por ele. Oh, Jason!

— Não pode sentir-se culpada por isso — disse com firmeza.

Paige olhou em volta, desolada:

— Não consigo continuar vivendo neste apartamento. Tenho que sair daqui.

Jason abraçou-a:

— Vamos nos casar imediatamente.

— Ainda é muito cedo. Quero dizer, Kat nem sequer foi...

— Eu sei. Esperaremos uma ou duas semanas.

— Está bem.

— Amo-te, Paige.

— Também te amo, querido. Não é estúpido? Sinto-me culpada porque tanto Kat como eu nos apaixonamos, mas ela está morta e eu estou viva.

A fotografia surgiu na primeira página do San Francisco Chronicle de terça-feira. Mostrava Ken Mallory sorrindo, com o braço à volta de Lauren Harrison. No título lia-se: “Herdeira vai casar com médico.” Paige olhou, incrédula. Kat tinha morrido há apenas dois dias e Ken Mallory já anunciava o seu noivado com outra mulher! Embora estivesse sempre prometendo casar-se com Kat, já estava

planejando fazê-lo com mais alguém.

“Foi por isso que matou Kat. Para a afastar do caminho!”

Paige pegou no telefone e discou o número da Polícia.

— O inspetor Burns, por favor.

Pouco depois, conversava com o inspetor.

— Sou a doutora Taylor.

— Sim, doutora.

— Já viu a fotografia que está no Chronicle desta manhã?

— Sim.

— Bem, aí está o seu motivo! — exclamou Paige. — Ken Mallory teve de calar Kat antes que Lauren Harrison soubesse da existência dela. O senhor tem de o prender. — Estava quase gritando ao telefone.

— Espere aí. Acalme-se, doutora. Talvez tenhamos um motivo, mas, como lhe disse, não temos a menor prova. A senhora mesmo disse que a doutora Hunter teria de estar inconsciente para que Mallory pudesse fazer-lhe o aborto. Depois de ter falado com você, conversei novamente com o nosso patologista legal. Não havia qualquer sinal de pancada que pudesse ter causado inconsciência.

— Então ele deve ter-lhe dado um sedativo — insistiu Paige. — Provavelmente hidrato de cloral. Atua rapidamente e...

O inspetor Burns respondeu, pacientemente:

— Doutora, não havia vestígios de hidrato de cloral no organismo. Lamento, lamento sinceramente, mas não podemos prender um homem só porque vai se casar. Tinha mais alguma coisa para me dizer?

“Tudo.”

— Não — disse Paige. Furiosa, desligou e sentou-se pensativa.

“Mallory tem de ter dado alguma droga a Kat. O lugar onde ele a poderia ter adquirido mais facilmente era a farmácia do hospital.”

Quinze minutos mais tarde, Paige estava a caminho do Embarcadero County Hospital.

Pete Samuels, o farmacêutico-chefe, estava atrás do balcão.

— Bom dia, doutora Taylor. Em que posso ajudá-la?

— Penso que o doutor Mallory esteve aqui há alguns dias atrás e levou um medicamento. Ele disse-me o nome, mas esqueci-me qual era.

Samuels franziu as sobrancelhas:

— Não me lembro de ter visto aqui o doutor Mallory há pelo menos um mês.

— Tem certeza?

Samuels anuiu:

— Absoluta. Lembrar-me-ia dele. Conversamos sempre sobre futebol.

Paige ficou deprimida.

— Obrigada.

“Deve ter entregue uma receita em uma outra farmácia.” Paige sabia que a lei obrigava a que todas as receitas de narcóticos fossem feitas em triplicado — uma cópia para o paciente, outra para ser enviada ao Bureau of Controlled Substances e uma terceira para os ficheiros da farmácia.

“Algueres”, pensou Paige, “Ken Mallory passou uma receita. Existem provavelmente duzentas ou trezentas farmácias em São Francisco. Não tinha qualquer possibilidade de descobrir a receita. O mais provável era que Mallory a tivesse aviado pouco antes de ter assassinado Kat. Isso teria acontecido num sábado ou num domingo. Se foi no domingo, talvez haja uma possibilidade”, animou-se ela. “Poucas são as farmácias que abrem aos domingos. Isso diminui a lista.” Subiu ao gabinete onde se guardavam as folhas de plantão e examinou a correspondente a sábado. O Dr. Mallory tinha estado de plantão nesse dia e, assim sendo, a hipótese era de ele ter aviado a receita no domingo. Quantas farmácias estavam abertas no domingo em São Francisco? Paige levantou o telefone e ligou para a associação de farmácias.

— Daqui fala a doutora Taylor — disse Paige. — No domingo passado, uma amiga minha entregou uma receita numa farmácia. Ela pediu-me para levantar os medicamentos, mas não consigo lembrar-me do nome da farmácia. Será que me podem ajudar?

— Bem, não sei como, doutora. Se não sabe...

— Grande parte das farmácias estão fechadas nos domingos, não é assim?

— Sim, mas...

— Agradecia que me fornecessem uma lista das que abrem.

Houve uma pausa.

— Bem, se isso é importante...

— É muito importante — garantiu-lhe Paige.

— Aguarde um momento, por favor.

Na lista constavam trinta e seis farmácias, espalhadas pela cidade. Teria sido mais simples se ela pudesse ter pedido ajuda à polícia, mas o inspetor Burns não acreditava nela.

“Honey e eu teremos de fazer isto sozinhas”, decidiu.

Explicou a Honey o que tinha em mente.

— É realmente um caso difícil, não é? — disse Honey.

— Nem sequer sabe se ele passou a receita no domingo.

— É a nossa única esperança. — “E também de Kat.”

— Vou verificar as de Richmond, Marina, North Beach, Upper Market, Mission e Potrero; tu verificas as da zona de Excelsior, Ingleside, Lake Merced, Western Addition e Sunset.

Na primeira farmácia onde entrou, Paige identificou-se e disse:

— Um colega meu, o doutor Ken Mallory, esteve aqui no domingo para aviar uma receita. Ele foi para fora da cidade e pediu-me para levantar mais uma

dose do medicamento, mas esqueci-me do nome. Importa-se de verificar, por favor?

— Doutor Ken Mallory? É só um momento. — Regressou minutos mais tarde.

— Lamento, no domingo não aviamos qualquer receita do doutor Mallory.

— Obrigada.

Paige obteve a mesma resposta nas quatro farmácias seguintes. Honey não estava a ter melhor sorte.

— Sabe, temos aqui milhares de receitas.

— Sei, mas esta foi no domingo.

— Bem, não temos nenhuma receita desse tal doutor Mallory. Lamento.

As duas passaram o dia indo de farmácia em farmácia.

Ambas estavam ficando desencorajadas. Só no final da tarde, pouco antes da hora de fechar, é que Paige encontrou o que procurava numa pequena farmácia do distrito de Potrero.

O farmacêutico disse:

— Oh, sim, aqui está. Doutor Ken Mallory. Lembro-me dele. Ia fazer uma visita médica a um paciente. Fiquei impressionado porque atualmente poucos são os médicos que fazem isso.

“Um residente nunca faz visitas médicas.”

— A receita era para quê?

Paige ficou em suspense.

— Hidrato de cloral.

Quase tremia de excitação:

— Tem certeza?

— Pelo menos, é o que diz aqui.

— Quem era o paciente?

Ele olhou para a cópia da receita e disse:

— Spyros Levathes.

— Importa-se de me dar uma cópia dessa receita? — perguntou Paige.

— De modo algum, doutora.

Uma hora mais tarde, Paige encontrava-se no gabinete do inspetor Burns. Pousou a receita na mesa.

— Aqui está a sua prova — disse Paige. — No domingo, o doutor Mallory foi a uma farmácia longe do local onde vive e aviou esta receita de hidrato de cloral. Ele colocou o hidrato de cloral na bebida de Kat e, quando ela ficou inconsciente, esfaqueou-a de forma a parecer acidental.

— Existe apenas um problema, doutora Taylor. Não havia qualquer vestígio de hidrato de cloral no organismo dela.

— Tem de haver. O seu patologista cometeu um erro. Peça-lhe para verificar de novo.

O inspetor começava a perder a paciência:

— Doutora...

— Por favor! Sei que tenho razão.

— A senhora está fazendo com que todos percam tempo.

Paige sentou-se à frente, com os olhos fixos nele.

O inspetor suspirou:

— Está bem. Vou falar outra vez com ele. Talvez tenha cometido mesmo um erro.

Jason foi buscar Paige para jantarem juntos.

— Vamos jantar em minha casa — disse. — Tenho uma coisa que gostaria que visse.

Durante o trajeto, Paige contou a Jason tudo o que descobrira.

— Hão de descobrir o hidrato de cloral no organismo dela — disse Paige. — E Ken Mallory há de receber o que bem merece.

— Lamento tanto tudo isto, Paige.

— Eu sei. — Pegou na mão dele e encostou-a em seu próprio rosto. — Graças a Deus que você existe.

O carro parou em frente à casa de Jason.

Paige olhou pela janela e deu um salto. À volta do relvado havia uma vedação branca.

Estava sozinha no apartamento, com as luzes apagadas. Ken Mallory utilizou a chave que Kat lhe tinha dado e dirigiu-se rapidamente ao quarto. Paige ouviu os passos na sua direção mas, antes de poder se mover, já ele saltara sobre ela e colocara as mãos em volta do seu pescoço.

— Sua cabra! Está tentando destruir-me. Bem, não vai vasculhar mais nada. — Começou a apertar com mais força. — Fui mais esperto do que todos vocês, não fui? — As mãos apertaram ainda mais. — Ninguém conseguirá provar que matei Kat.

Ela tentou gritar, mas era impossível respirar. Lutou para se libertar e, subitamente, acordou. Estava sozinha no seu quarto. Paige sentou-se na cama, tremendo.

Passou o resto da noite acordada, à espera da chamada do inspetor Burns. Esta chegou às dez da manhã.

— Doutora Taylor?

— Sim. — Susteve a respiração.

— Acabei de receber o terceiro relatório do patologista legal.

— E? — O coração começou a bater mais depressa.

— Não havia nenhum vestígio de hidrato de cloral ou de qualquer outro sedativo no organismo da doutora Hunter. Nenhum.

Isso era impossível! Tinha de ser. Não havia sinais de pancada ou qualquer outra

coisa que a tivesse deixado inconsciente. Nenhuma nódoa negra na garganta. Nada daquilo fazia sentido. Kat tinha de estar inconsciente quando Mallory a matou. O patologista legal estava errado.

Paige decidiu ir falar ela própria com o patologista.

O Dr. Dolan estava irritado:

— Não gosto que duvidem assim — disse. — Verifiquei três vezes. Disse ao inspetor Burns que não havia qualquer vestígio de hidrato de cloral em nenhum dos órgãos dela, e realmente não havia.

— Mas...

— Mais alguma coisa, doutora?

Paige olhou para ele, desolada. Tinha perdido a sua última esperança. Ken Mallory iria safar-se do assassinato que cometera.

— Julgo... que não. Se não encontrou nenhum produto químico no organismo dela, eu não...

— Não disse que não tinha encontrado nenhum produto químico. Olhou um momento para ele:

— Encontrou alguma coisa?

— Apenas um vestígio de tricloroetileno.

Na descrição lia-se: Um líquido volátil, incolor e transparente, com a gravidade específica de 1,47 a 59 graus F. E um hidrocarbono halogenizado, com a fórmula química C_2Cl_2 , CHCl .

E finalmente, no último minuto, ela encontrou o que procurava. “Quando o hidrato de cloral se metaboliza produz tricloroetileno como subproduto.”

— Inspetor, está aqui a doutora Taylor.

— Outra vez? — Sentiu vontade de não a receber. Estava obcecada com a ideia do assassinato. Tinha de acabar com aquilo. — Mande-a entrar. — Quando Paige entrou no gabinete, ele adiantou-se: — Olhe, doutora, acho que isto já foi longe demais. O doutor Dolan queixou-se de que...

— Eu sei como é que Ken Mallory fez tudo! — A voz soou bastante excitada. — Havia tricloroetileno no organismo de Kat.

Ele anuiu:

— O doutor Dolan disse-me isso — concordou Burns. — Mas também me disse que não podia tê-la deixado inconsciente. Ele...

— O hidrato de cloral transforma-se em tricloroetileno! — disse Paige, triunfante. — Mallory mentiu quando disse que não regressou com Kat ao apartamento. Colocou o hidrato de cloral na bebida dela. Não tem sabor quando misturado com álcool e leva apenas alguns minutos para atuar. Depois, quando ela ficou inconsciente, matou-a e fez com que parecesse um aborto mal sucedido.

— Doutora, peço desculpa pelo que vou dizer, mas isso é muita especulação junta.

— Não, não é. Ele escreveu a receita para um paciente chamado Spyros Levathes, mas nunca lhe deu.

— Como sabe isso?

— Porque não podia. Verifiquei o Spyros Levathes. Sofre de erythropoietir porphyria.

— O que é isso?

— É um problema metabólico genético. Causa fotossensibilidade e lesões, hipertensão, taquicardia e alguns outros sintomas desagradáveis. É o resultado de um gene defeituoso.

— Ainda não compreendo.

— O doutor Mallory não deu hidrato de cloral ao paciente porque matá-lo-ia! O hidrato de cloral é contra-indicado para a porphyria. Teria causado convulsões imediatas.

Pela primeira vez, o inspetor Burns ficou impressionado.

— A senhora trabalhou mesmo bem, não foi?

Paige continuou:

— Porque é que Ken Mallory iria a uma farmácia distante aviar uma receita a um paciente que sabia que não podia tomar esse medicamento? O senhor tem de o prender.

Tinha as mãos apoiadas na secretária:

— Não é assim tão simples.

— O senhor tem de...

O inspetor Burns levantou uma mão:

— Está bem. Digo-lhe o que irei fazer. Entrarei em contato com o gabinete do promotor público e verei se acham que temos aqui um caso.

Paige sabia que tinha feito tudo o que podia.

— Obrigada, inspetor.

— Falarei com você depois.

Assim que Paige Taylor saiu, o inspetor Burns ficou pensando na conversa. Não havia qualquer prova inofismável contra o Dr. Mallory, mas apenas a suspeita de uma mulher persistente. Reviu os poucos fatos que possuía. O Dr. Mallory tinha se comprometido com Kat Hunter.

Dois dias depois de ela ter morrido, estava comprometido com a filha de Alex Harrison. Interessante, mas não contra a lei.

Mallory dissera que deixara a Dra. Hunter à porta do apartamento e que não entrara. Foi encontrado sêmen no corpo dela, mas ele deu uma explicação plausível para isso.

Depois surgiu o hidrato de cloral. Mallory tinha aviado uma receita desse

medicamento para um paciente que, se o tivesse tomado, morreria. Era culpado de assassinato? Ou não?

Burns chamou a secretária através do intercomunicador.

— Bárbara, marque-me uma reunião com o promotor público para esta tarde.

Estavam quatro homens no gabinete, quando Paige entrou: o promotor público, o seu assistente, um homem chamado Warren e o inspetor Burns.

— Obrigada por ter vindo, doutora Taylor — agradeceu o promotor público. — O inspetor Burns falou-me do seu interesse na morte da doutora Hunter. Admiro isso. A doutora Hunter era sua companheira e a senhora quer que a justiça seja cumprida.

“Então, apesar de tudo, vão prender Ken Mallory!”

— Sim — afirmou Paige. — Não há qualquer dúvida. O doutor Mallory matou-a. Quando o prenderem, ele...

— Lamento, mas não podemos fazer isso.

Paige ficou pálida a olhar para ele:

— O quê?

— Não podemos prender o doutor Mallory.

— Mas porquê?

— Não temos caso.

— É claro que têm! — exclamou Paige. — O tricloroetileno prova que...

— Doutora, no tribunal, a ignorância da lei não é desculpa. Mas ignorância em medicina é.

— Não compreendo.

— É simples. Significa que o doutor Mallory poderia afirmar que cometeu um erro ou que não sabia que efeitos o hidrato de cloral causaria ao paciente com porphyria. Ninguém conseguiria provar que estava mentindo. Isso pode provar que é um péssimo médico, mas não provaria que é culpado de assassinato.

Paige olhou para ele, frustrada:

— Vai deixá-lo escapar do que fez?

Ele estudou-a por momentos:

— Vou dizer-lhe o que pretendo fazer. Já conversei sobre este assunto com o inspetor Burns. Se nos autorizar, enviaremos alguém ao seu apartamento para ir buscar os copos do bar. Se encontrarmos vestígios de hidrato de cloral, daremos o passo seguinte.

— E se ele os lavou?

O inspetor Burns respondeu, secamente:

— Não acredito que ele tivesse tempo para utilizar detergente. Se tiver apenas passado os copos por água, descobriremos o que estamos à procura.

Duas horas mais tarde, o inspetor Burns falava ao telefone com Paige.

— Fizemos uma análise clínica de todos os copos do bar, doutora — disse Burns.

Paige estava tão desapontada que ficou estática. — Encontramos um com vestígios de hidrato de cloral.

Paige fechou os olhos e fez uma silenciosa oração de agradecimento.

— E havia impressões digitais nesse copo. Vamos compará-las com as do doutor Mallory.

Paige sentiu uma onda de excitação.

O inspetor continuou:

— Quando a matou, se realmente a matou, calçava luvas para que as suas impressões digitais não fossem encontradas na cureta. Mas não podia ter servido a bebida com as luvas calçadas e talvez não as tivesse quando voltou a colocar os copos no lugar, depois de os ter passado por água.

— Não — disse Paige. — Não podia, pois não?

— Tenho de admitir que, no início, não acreditei que a sua teoria resultasse em alguma coisa. Agora penso que o doutor Mallory pode ser o nosso homem. Mas prová-lo vai ser outro assunto. — E continuou. — O promotor público tem razão. Será difícil levar Mallory a tribunal. Ainda pode afirmar que a receita era para o paciente dele. Não existe qualquer lei contra um erro médico. Não vejo como...

— Espere aí! — disse Paige, excitada. — Acho que sei como!

Ken Mallory ouvia o que Lauren dizia ao telefone.

— O pai e eu encontramos um escritório que você vai adorar, querido! É um local magnífico do Post Building quatrocentos e noventa. Vou contratar uma recepcionista para você; alguém que não seja muito bonita.

Mallory deu uma gargalhada:

— Você não tem de se preocupar com isso, doçura. Para mim, não existe mais ninguém no mundo senão você.

— Estou ansiosa que o veja. Consegue sair agora?

— Saio dentro de duas horas.

— Maravilha! Porque não vem me buscar em casa?

— Está bem. Estarei aí. — Mallory desligou o telefone. “É impossível tornar-se melhor do que isto”, pensou. “Existe não um deus mas uma deusa, e ela adora-me.”

Ouviu o seu nome no sistema de altofalantes: “Dr. Mallory... Quarto 430... Dr. Mallory... Quarto 430.” Deixou-se ficar sentado sonhando acordado e pensando no futuro dourado que o esperava. “Um local magnífico do Post Building 490, cheio de velhas ricas e ansiosas por lhe atirarem o seu dinheiro.” Ouviu de novo o seu nome. “Dr. Mallory... Quarto 430.” Suspirou e levantou-se. “Muito em breve estarei longe desta maldita casa de loucos”, pensou.

E dirigiu-se ao quarto 430.

Um residente esperava-o no corredor, junto ao quarto.

— Julgo que temos aqui um problema — disse. — É um dos pacientes do doutor Peterson, mas o doutor não está aqui. Tive uma discussão com um dos outros médicos.

Entraram. Estavam mais três pessoas no quarto: um homem deitado, uma enfermeira e um médico que Mallory nunca tinha visto antes. O residente apresentou-os:

— Este é o doutor Edwards. Precisamos dos seus conselhos, doutor Mallory.

— Qual é o problema?

O residente explicou:

— Este paciente sofre de erythropoietic porphyria e o doutor Edwards insiste em dar-lhe um sedativo.

— Não vejo onde está o problema.

— Obrigado — disse o Dr. Edwards. — O homem não dorme há quarenta e oito horas. Receitei-lhe hidrato de cloral para que possa descansar e...

Mallory olhou para ele, incrédulo:

— Está louco? Isso pode matá-lo! Teria convulsões, taquicardia e provavelmente acabaria por morrer. Onde diabo estudou medicina?

O homem olhou para Mallory e respondeu calmamente:

— Não estudei. — Puxou do distintivo. — Trabalho no Departamento de Polícia de São Francisco, Homicídios. — Voltou-se para o homem que estava deitado. — Captou tudo?

O homem retirou um gravador colocado debaixo da almofada:

— Tudo.

Mallory olhava de um para o outro, de sobranceiras franzidas:

— Não compreendo. O que é isto? O que se passa? O inspetor voltou-se para ele:

— Doutor Mallory, o senhor está preso pelo assassinato da doutora Kat Hunter.

Na primeira página do San Francisco Chronicle lia-se: MÉDICO PRESO NUM TRIÂNGULO AMOROSO. A história por baixo era bastante longa, para relatar em pormenor os fatos lúbricos do caso.

Mallory leu o jornal na cela. Atirou com ele para o chão.

O companheiro de cela disse:

— Tudo indica que você foi apanhado em cheio, amigo.

— Não acredite nisso — disse Mallory, confidencialmente. — Tenho bons conhecimentos e eles irão contratar o melhor advogado do mundo. Sairei daqui dentro de vinte e quatro horas. Só tenho de fazer um telefonema.

Os Harrisons liam o jornal à mesa do café da manhã.

— Meu Deus! — exclamou Lauren. — Ken! Não posso acreditar!

O mordomo aproximou-se com o tabuleiro do café da manhã.

— Desculpe, Miss Harrison. O doutor Mallory está ao telefone. Julgo que está

telefonando da cadeia.

— Eu atendo.

Lauren começou a levantar-se da mesa.

— Você fica aqui tomando o café da manhã— disse Alex Harrison com firmeza.

Virou-se para o mordomo:

— Não conhecemos nenhum doutor Mallory.

Paige leu o jornal enquanto se vestia. Mallory iria ser castigado pelo terrível ato que cometera, mas isso não causou satisfação a Paige. Nada do que lhe pudessem fazer traria Kat de volta.

A campainha da porta soou e ela foi atender. Deparou-se-lhe um estranho. Vestia terno escuro e trazia uma pasta.

— Doutora Taylor?

— Sim...

— Chamo-me Roderick Pelham. Sou advogado da Rothman Rothman. Posso entrar?

Paige estudou-o, confusa:

— Sim.

Ele entrou no apartamento.

— O que deseja de mim?

Viu-o abrir a pasta e retirar alguns papéis.

— Tem conhecimento, claro, de que é a principal beneficiária do testamento de John Cronin?

Paige ficou branca a olhar para ele:

— Do que é que está falando? Deve haver algum erro.

— Oh, não existe qualquer erro. O senhor Cronin deixou-lhe a soma de um milhão de dólares.

Paige afundou-se na cadeira, estupefata, tentando lembrar-se. “Tem de ir à Europa. Faça-me um favor. Vá a Paris... fique no Crillon, jante no Maxim’s, peça um bife grande e espesso e uma garrafa de champanhe e, quando estiver comendo o bife e bebendo o champanhe, quero que pense em mim.”

— Se fizer o favor de assinar aqui, poderemos tratar de toda a papelada necessária.

Paige levantou a cabeça:

— Eu... não sei o que dizer. Eu... ele tinha família.

— De acordo com os termos do testamento, eles receberão apenas o restante dos bens, que não perfazem uma importância muito grande.

— Não posso aceitar isto — disse-lhe Paige.

Pelham olhou para ela, surpreso:

— Porque não?

Não soube responder. John Cronin tinha querido que ela ficasse com esse

dinheiro.

— Não sei. De... certa maneira, isso parece-me pouco ético. Ele era meu paciente.

— Bem, vou deixar o cheque aqui. A senhora poderá decidir o que fazer com ele. Assine aqui, por favor.

Paige assinou o papel ainda confusa.

— Adeus, doutora.

Acompanhou-o à porta e sentou-se pensando em John Cronin.

A notícia da herança de Paige era tema de conversa em todo o hospital. Por um lado, Paige desejava que ninguém soubesse do assunto. Ainda não tinha decidido o que fazer com o dinheiro.

“Não me pertence”, pensou. “Ele tinha família.”

Paige ainda não estava emocionalmente apta a regressar ao trabalho, mas os pacientes precisavam dela. Tinha uma operação marcada para essa manhã. Arthur Kane esperava por Paige no corredor. Nunca mais tinham falado um com o outro, desde o incidente das radiografias invertidas. Embora Paige não tivesse provas de que fora Kane, o acontecimento tinha-a marcado profundamente.

— Olá, Paige. Vamos esquecer tudo o que se passou. O que diz a isso?

Paige encolheu os ombros: — Está bem.

— Não acha terrível o caso de Ken Mallory? — perguntou.

— Sim — respondeu Paige.

Kane olhou para ela, pelo canto do olho:

— Consegue imaginar um médico matando deliberadamente um ser humano? É horrível, não acha?

— Sim.

— A propósito, — disse — parabéns. Soube que é milionária.

— Não vejo...

— Tenho bilhetes para a peça de teatro desta noite, Paige. Pensei que pudéssemos ir os dois.

— Obrigada — agradeceu Paige. — Estou comprometida com outra pessoa.

— Então, sugiro que quebre o compromisso.

Olhou para ele, surpreendida:

— Como disse?

Kane aproximou-se mais dela:

— Mande fazer uma autópsia em John Cronin.

Paige sentiu que o coração batia mais depressa:

— Sim?

— Não morreu de ataque cardíaco. Alguém lhe deu uma dose excessiva de insulina. Acho que esse alguém em particular não contou com uma autópsia.

A boca de Paige ficou subitamente seca.

— Você estava presente quando ele morreu, não estava?

Hesitou:

— Sim.

— Só eu sei disso e só eu tenho o relatório. — Deu-lhe uma palmadinha no ombro. — E a minha boca está selada. Agora, quanto aos bilhetes desta noite...

Paige afastou-se dele:

— Não!

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo?

Respirou fundo:

— Sim. Agora, se me der licença... — E afastou-se.

Kane olhou para ela e o rosto endureceu. Deu meia volta e dirigiu-se ao gabinete do Dr. Benjamin Wallace.

O telefone acordou-a à uma da manhã, no apartamento.

— Foi outra vez muito malandra.

Era de novo a mesma voz rouca, tentando disfarçar falando num sussurro, mas desta vez Paige reconheceu-a.

“Meu Deus”, pensou, eu tinha razão em ter medo.

Na manhã seguinte, quando Paige chegou ao hospital, dois homens esperavam-na.

— Doutora Paige Taylor?

— Sim.

— Tem de nos acompanhar. Está presa pelo assassinato de John Cronin.

Era o último dia do julgamento de Paige. Alan Penn, o advogado de defesa, expunha o seu sumário ao júri.

— Senhoras e senhores, já ouviram muitos testemunhos acerca da competência ou incompetência da doutora Taylor. Bom, a juíza Young dirá a vocês que não é esse o assunto que Estamos neste julgamento. Tenho a certeza que, para cada médico que não aprovou o trabalho dela, poderíamos arranjar uma dúzia que aprovou. Mas não se trata disso. Paige Taylor está sendo julgada pela morte de John Cronin. Admitiu tê-lo ajudado a morrer. Fê-lo porque ele sofria muito e porque lhe pediu que o fizesse. Isso é eutanásia, cada vez mais aceita em todo o mundo. No ano passado, o Tribunal Superior de Califórnia defendeu o direito de um adulto mentalmente competente recusar ou exigir a retirada de qualquer tipo de tratamento médico. É o indivíduo que tem de viver ou morrer durante o curso do tratamento escolhido ou rejeitado. — Olhou para o rosto dos jurados: — A eutanásia é um crime de compaixão, de misericórdia, e atrevo-me a dizer que acontece de uma ou outra maneira em hospitais de todo o mundo. O advogado de acusação apela à pena de morte. Não o deixem confundir o assunto. Nunca

houve pena de morte para a eutanásia. Sessenta e três por cento dos Americanos acreditam que a eutanásia devia ser legal e, em dezoito estados deste país, é legal. A pergunta é: temos o direito de obrigar pacientes indefesos a viver com dores, forçá-los a manterem-se vivos e a sofrer? A pergunta tornou-se complicada devido aos grandes avanços ocorridos na tecnologia médica. Entregamos a máquinas os cuidados a ter com os pacientes. As máquinas não são misericordiosas. Se um cavalo partir uma pata, acabamos com o seu sofrimento dando-lhe um tiro. Com um ser humano, condenamo-lo a metade da vida, o que é infernal.

“A doutora Taylor não decidiu quando é que John Cronin deveria morrer. John Cronin é que decidiu. Não confundam o caso; o que a doutora Taylor fez foi um ato de misericórdia. Assumiu toda a responsabilidade desse ato. Mas podem ter a certeza de que ela nada sabia da herança que lhe fora deixada. O que fez, fê-lo num espírito de compaixão. John Cronin era um homem de coração fraco com um câncer incurável que se espalhara por todo o corpo, causando-lhe agonia. Perguntem-se a vós próprios. Nessas circunstâncias, gostariam de continuar vivendo? Obrigado.” — Deu meia volta, regressou à mesa e sentou-se ao lado de Paige.

Venable levantou-se e aproximou-se do júri:

— Compaixão? Misericórdia? — Olhou para Paige, abanou a cabeça e tornou a virar-se para o júri: — Senhoras e senhores, exerço direito em tribunais há mais de vinte anos e devo dizer-lhes que, durante todos esses anos nunca, mas nunca, vi um caso tão claro de assassinato deliberado a sangue-frio e só por dinheiro.

Paige, tensa e pálida, escutava cada palavra.

— A defesa falou de eutanásia. Será que a doutora Taylor fez o que fez por compaixão? Não acredito. A doutora Taylor e outros testemunharam que o senhor Cronin tinha apenas mais alguns dias de vida. Porque é que ela não o deixou viver esses dias? Talvez tenha sido porque a doutora Taylor receou que a senhora Cronin viesse a saber das alterações ao testamento do marido, e assim acabou com o problema.

“É uma coincidência bastante notável que, imediatamente após o senhor Cronin ter alterado o testamento e deixado à doutora Taylor a soma de um milhão de dólares, ela lhe dê uma dose excessiva de insulina para o matar. Uma e outra vez, a ré condenou-se a si mesma com as suas próprias palavras. Afirmou que tinha um relacionamento amigável com John Cronin, que ele gostava dela e a respeitava. Mas ouviram testemunhas afirmarem que ele odiava a doutora Taylor, que a chamou de “aquela puta” e lhe disse para manter a merda das suas mãos longe dele.”

Gus Venable olhou novamente para a ré. Notava-se um ar de desespero no rosto de Paige. Voltou-se para o júri:

— Um advogado testemunhou que a doutora Taylor disse, sobre o milhão de

dólares que lhe tinham sido deixados: “É pouco ético. Ele era meu paciente.” Mas aceitou o dinheiro. Precisava dele. Tinha em casa uma gaveta cheia de revistas de viagens... Paris, Londres, a Riviera. E não se esqueçam de que ela não voltou à agência de viagens depois de receber o dinheiro. Oh, não, planejou essas viagens antes. Tudo o que precisava era de dinheiro e de uma oportunidade; e John Cronin forneceu ambas as coisas. Um homem indefeso e moribundo a quem podia controlar. Tinha à sua mercê um homem que admitiu estar sofrendo muito... isto é, estava em agonia, segundo o que ela mesmo admitiu. Quando se sofre assim, pode-se imaginar como é difícil pensar com clareza. Não sabemos como é que a doutora Taylor persuadiu John Cronin a alterar o testamento, retirando a família a quem amava e tornando-a na sua principal beneficiária. O que realmente sabemos é que a chamou para junto de si nessa noite fatal. De que é que falaram? Terá ele oferecido um milhão de dólares para que ela acabasse com o seu sofrimento? É uma possibilidade que temos de encarar. Em qualquer dos casos, foi um assassinato a sanguefrio. Senhoras e senhores, sabem quem foi a testemunha mais redundante de todas, durante este julgamento? — Apontou um dedo acusador a Paige: — A própria ré! Ouviram-na testemunhar que nunca violara o sagrado juramento de Hipócrates, mas mentiu. Ouvimos testemunhos de que ela fizera uma transfusão ilegal e mais tarde falsificara o registro. Afirmou nunca ter matado qualquer paciente à exceção de John Cronin, mas ouvimos testemunhos de que o doutor Barker, um médico respeitado por todos, a acusara de ter matado um seu paciente.

“Infelizmente, senhoras e senhores, Lawrence Barker sofreu um infarto e não pode estar aqui hoje para testemunhar contra a ré. Mas permitam que vos recorde a opinião que o doutor Barker tinha da ré. Este é o doutor Peterson, que testemunha sobre um paciente a quem a doutora Taylor operou.

Leu a transcrição:

— “O doutor Barker entrou na sala de operações durante a cirurgia?”

— “Sim.” E o doutor Barker disse alguma coisa?

— Resposta: “Voltou-se para a doutora Taylor e disse: Você matou-o.

— Esta é da enfermeira Berry. “Conte algumas coisas específicas que ouviu o doutor Barker dizer à doutora Taylor.

— Resposta: “Disse que ela era incompetente... Em outro dia afirmou que não a deixaria operar o seu cão.”

Gus Venable levantou a cabeça:

— Ou existe alguma conspiração, onde todos estes médicos e enfermeiras de boa reputação mentem acerca da ré, ou a doutora Taylor é uma mentirosa. Não só mentirosa, como patologicamente...

A porta do fundo da sala de tribunal abriu-se, dando passagem a um ajudante. Parou um momento à entrada, tentando tomar uma decisão. Em seguida, percorreu a passagem entre as cadeiras e aproximou-se de Gus Venable.

— Sir...

Gus Venable voltou-se, furioso:

— Não vê que eu...?

O ajudante segredou-lhe ao ouvido.

Gus Venable olhou para ele, abismado:

— O quê? Isso é maravilhoso.

A juíza Young inclinou-se para a frente e disse muito baixinho:

— Perdoem a interrupção, mas o que estão exatamente fazendo?

Gus Venable virou-se para a magistrada, excitado:

— Meritíssima, acabei de ser informado que o doutor Lawrence Barker está no lado de fora desta sala. Veio numa cadeira de rodas, mas está em condições de testemunhar. Gostaria de o chamar ao banco das testemunhas.

Levantou-se um murmúrio na sala.

Alan Penn levantou-se:

— Protesto! — gritou. — A acusação está a meio do seu sumário. Não há motivo para chamar uma nova testemunha numa hora tão tardia. Eu...

A juíza Young bateu com o martelo:

— Queiram fazer o favor de se aproximarem da tribuna.

Penn e Venable dirigiram-se à tribuna.

— Isto é bastante irregular, meritíssima. Oponho-me...

A juíza Young disse:

— Tem razão quando diz ser irregular, doutor Penn, mas está enganado quando diz não haver motivo. Posso citar uma dúzia de casos por todo o país, onde as testemunhas materiais foram autorizadas a testemunhar em circunstâncias especiais. Na realidade, se está tão interessado em motivos, deverá ler o caso que teve lugar nesta sala há cinco anos. Aconteceu que fui eu a juíza.

Alan Penn engoliu em seco:

— Isso significa que vai autorizar que ele testemunhe? A juíza Young ficou pensativa:

— Uma vez que o doutor Barker é uma testemunha material para este caso e estava impossibilitado de testemunhar mais cedo, no interesse da justiça vou permitir que ele apresente o seu testemunho.

— Exceção! Nada prova que a testemunha é competente para testemunhar. Exijo uma equipe de psiquiatras...

— Doutor Penn, nesta sala de tribunal, nós não exigimos. Nós pedimos. — Voltou-se para Gus Venable. — Pode mandar entrar a sua testemunha.

Alan Penn permaneceu imóvel, sentindo-se derrotado.

“Acabou tudo”, pensou. “Tudo se desmoronou.”

Gus Venable virou-se para o ajudante.

— Mande entrar o doutor Barker.

A porta abriu-se lentamente e o Dr. Lawrence Barker, numa cadeira de rodas,

entrou na sala de tribunal. Tinha a cabeça inclinada e num dos lados do rosto notava-se um ligeiro ricto.

Todos olharam para a figura pálida e frágil sendo empurrada até à frente da sala. Quando passou por Paige, levantou a cabeça e olhou para ela. Nada havia de amigável no seu olhar, o que fez com que Paige se lembrasse das suas últimas palavras: “Quem raio julga que...?”

Quando Lawrence Barker já se encontrava perante o banco, a juíza Young inclinou-se para a frente e perguntou gentilmente:

— Doutor Barker, está em condições de testemunhar hoje?

Quando Barker falou, mal se lhe ouviam as palavras:

— Estou, meritíssima.

— Está totalmente ciente do que se passa nesta sala de tribunal?

— Sim, meritíssima. — Olhou para onde Paige estava sentada.

— Aquela mulher está sendo julgada pelo assassinato de um paciente.

Paige estremeceu. “Aquela mulher!”

A juíza Young tomou a decisão. Virou-se para o almoxarife.

— Por favor, pode fazer a testemunha prestar juramento?

Depois de o Dr. Barker ter prestado juramento, a juíza Young disse:

— Pode ficar na cadeira, doutor Barker. A acusação poderá prosseguir e irá permitir que a defesa contra-interrogue.

Gus Venable sorriu:

— Obrigado, meritíssima. — Aproximou-se da cadeira de rodas.

— Doutor, não vamos empatá-lo muito tempo e o tribunal agradece-lhe sinceramente que tenha vindo testemunhar nestas circunstâncias tão penosas. Tem conhecimento de algum dos testemunhos que aqui foram apresentados durante o último mês?

O Dr. Barker anuiu:

— Tenho seguido o caso pela televisão e através dos jornais e ficado enojado com tudo.

Paige tapou o rosto com as mãos.

Era tudo o que Gus Venable podia fazer para esconder a sensação de triunfo.

— Tenho a certeza de que muitos de nós se sentem da mesma maneira, doutor — disse a acusação, respeitosamente.

— Vim aqui porque quero que a justiça seja feita.

Venable sorriu:

— Exatamente. Tal como nós.

Lawrence Barker respirou fundo e, quando falou, a voz soou cheia de fúria:

— Então, por que raio levou a doutora Taylor a julgamento?

Venable julgou ter entendido mal:

— Como disse?

— Este julgamento é uma farsa!

Paige e Alan Penn olharam-se entre si, abismados.

Gus Venable empalideceu:

— Doutor Barker...

— Não me interrompa — afirmou Barker. — O senhor utilizou o testemunho de muitas pessoas tendenciosas e invejosas para atacar uma cirurgia brilhante. Ela...

— Um momento! — Venable começava a entrar em pânico. — Não é verdade que criticou as capacidades da doutora Taylor de tal forma que a deixou pronta para deixar o Embarcadero Hospital?

— Sim.

Gus Venable começou a sentir-se melhor:

— Bem, então — disse em tom benevolente — como pode afirmar que Paige Taylor é uma médica brilhante?

— Porque acontece que é a verdade.

Barker virou-se para olhar para Paige e, quando tornou a falar, conversava com ela como se estivessem somente duas pessoas na sala:

— Algumas pessoas nascem para ser médicas. Você é uma dessas raridades. Desde o início que percebi como você era capaz. Dificultei-lhe a vida, talvez demais, porque você era boa. Fui duro para si porque quis que fosse mais dura consigo mesma. Quis que fosse perfeita porque, na nossa profissão, não existe espaço para erros. Nenhum.

Paige olhava para ele, assustada, com a mente às voltas. Tudo estava acontecendo muito depressa.

A sala ficou silenciosa.

— Nunca permitiria que deixasse o hospital.

Gus Venable começava a sentir que a vitória lhe fugia.

A sua grande testemunha tinha-se tornado o seu pior pesadelo.

— Doutor Barker... foi testemunhado que o senhor acusou a doutora Taylor de ter matado o seu paciente Lance Kelly. Como...?

— Disse-lhe isso porque ela era a cirurgia encarregada. Era a sua grande responsabilidade. Na realidade, o anestesista é que causou a morte de Kelly.

Nesse momento, a sala ficou em alvoroço.

Paige ficou boquiaberta.

O Dr. Barker continuou falando lentamente, mas com esforço:

— E quanto ao fato de John Cronin ter lhe deixado dinheiro, a doutora Taylor nada sabia disso. Eu próprio falei com o senhor Cronin. Disse-me que iria deixar essa quantia à doutora Taylor porque odiava a família e também me disse que iria pedir-lhe que o libertasse da sua agonia. Eu concordei.

Houve um enorme alvoroço entre os espectadores.

Gus Venable permaneceu ali, com uma expressão de fúria.

Alan Penn ergueu-se:

— Meritíssima, peço que este assunto seja encerrado.

A juíza Young bateu com o martelo:

— Silêncio! — gritou. Olhou para os dois advogados: — Venham ao meu gabinete.

A juíza Young, Alan Penn e Gus Venable encontravam-se no gabinete da magistrada.

Gus Venable estava em estado de choque:

— Eu... nem sei o que dizer. Ele está obviamente doente, meritíssima. Está confuso. Quero uma equipe de psiquiatras para o examinar e...

— Não pode querer tudo, Gus. Tudo indica que o seu caso se transformou em fumo. Vamos evitar-lhe mais situações embaraçosas, está bem? Vou retirar a acusação de assassinato e encerrar o caso. Alguma objeção? Houve um silêncio prolongado. Finalmente, Venable concordou:

— Julgo que não.

A juíza Young afirmou:

— Bem decidido. Vou dar-lhe um conselho. Nunca, mas nunca chame uma testemunha sem saber o que ela irá dizer.

O tribunal estava novamente em sessão. A magistrada disse:

— Senhoras e senhores membros do júri, obrigada pelo vosso tempo e paciência. O tribunal vai retirar todas as acusações. A ré está livre.

Paige virou-se para atirar um beijo a Jason e depois correu até onde o Dr. Barker estava sentado. Ajoelhou-se e abraçou-o.

— Não sei como lhe agradecer — sussurrou.

— Em primeiro lugar, nunca devia ter-se envolvido nesta confusão — resmungou. — Que coisa tão estúpida para se fazer. Vamos sair daqui e vamos a qualquer lado onde possamos conversar.

A juíza Young ouviu. Levantou-se e disse:

— Pode utilizar o meu gabinete, se quiser. É o mínimo que podemos fazer.

Só Paige, Jason e o Dr. Barker se encontravam no gabinete da juíza. O Dr. Barker disse:

— Lamento que não tivessem me deixado vir aqui mais cedo. Sabem como são estes malditos médicos.

Paige estava prestes a romper em lágrimas:

— Não sei como dizer o que...

— Então, não diga nada! — replicou ele, grosseiramente.

Paige estudou-o, lembrando-se subitamente de algo.

— Quando é que falou com John Cronin?

— O quê?

— O senhor ouviu-me. Quando é que falou com John Cronin?

— Quando?

Ela respondeu lentamente:

— O senhor nem sequer viu John Cronin. Não o conheceu.

Surgiu um ligeiro sorriso nos lábios de Barker:

— Não. Mas conheço você.

Paige inclinou-se para a frente e deu-lhe um forte abraço.

— Não seja piegas — resmungou. Olhou para Jason. — Às vezes torna-se piegas.

Cuide bem dela, ou terá de se haver comigo. Jason respondeu:

— Não se preocupe, sir. Cuidarei bem dela.

Paige e Jason casaram-se no dia seguinte. O Dr. Barker foi o padrinho.

Epílogo

Paige Curtis abriu um consultório particular e está filiada no prestigioso North Shore Hospital. Paige utilizou o milhão de dólares que John Cronin lhe deixara para criar na África uma fundação médica em nome do pai.

Lawrence Barker partilha um escritório com Paige, como consultor de cirurgia. Arthur Kane viu a sua licença ser-lhe retirada pela Ordem dos Médicos de Califórnia.

Jimmy Ford se recuperou completamente e casou-se com Betsy. Deram à sua primeira filha o nome de Paige.

Honey Taft foi viver na Irlanda com Sean Reilly e trabalha como enfermeira em Dublin.

Sean Reilly é um artista famoso e não apresenta quaisquer sintomas de AIDS, pelo menos por enquanto.

Mike Hunter foi condenado a prisão por assalto à mão armada e ainda cumpre a pena.

Alfred Turner juntou-se a um grupo da Park Avenue e tem tido bastante êxito.

Benjamin Wallace foi despedido do cargo de administrador do Embarcadero County Hospital.

Lauren Harrison casou-se com um tenista profissional.

Lou Dinetto foi condenado a quinze anos de cadeia sonegar impostos.

Ken Mallory foi condenado a prisão perpétua. Uma semana após a chegada de Dinetto, Mallory foi encontrado morto à punhalada na sua cela.

O Embarcadero Hospital ali continua, à espera do próximo terremoto.

Fim

Table of Contents

[Nada Dura Para Sempre](#)

[São Francisco - Primavera de 1995](#)

[São Francisco - Julho de 1990](#)

[Epílogo](#)